

Minha vida
~~*não*~~ é uma
comédia
romântica

Lola
Salgado

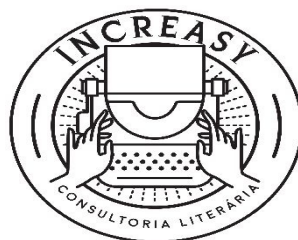
da mesma autora de
Sol em Júpiter &
A linguagem do Amor



Minha vida
é uma
comédia
romântica

Copyright © 2018 Lola Salgado

Capa: *Lola Salgado*
Diagramação: *Lola Salgado*
Imagens: *Shutterstock e Freepik*
Coaching: *Alba Milena*
Revisão: *Grazi Reis*
Increasy Consultoria Literária



Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes — tangíveis ou intangíveis — sem autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

SUMÁRIO

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

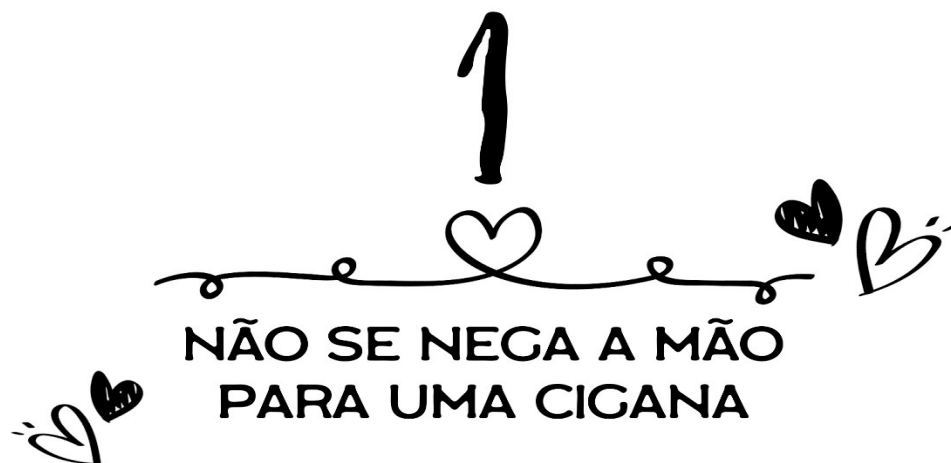
[Capítulo 19](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Júpiter em Sol \(um conto exclusivo de Sol em Júpiter\)](#)

[Sobre a Autora](#)



— QUE SUSTO, TALES! — BERREI, sem me importar com o fato de estarmos no meio de uma loja lotada de pessoas.

Alguns pescoços se torceram em nossa direção, mas nem liguei. Não quando estava ardendo de raiva do meu melhor amigo. Ainda mais com sua tranquilidade calculada. O olhar sereno e inocente convenceria qualquer pessoa que não o conhecesse bem o bastante para notar os lábios ligeiramente curvados para cima.

Ele *adorava* me provocar. Mais de dez anos de amizade e eu estava cansada de saber — Tales fazia o possível para me deixar nervosa. Argh. Como eu odiava aquele menino.

— Idiota — rosnei, espalmando meu peito quando a respiração voltou ao normal.

— Oi pra você também — respondeu e, sem dizer uma palavra, pegou os vinte cabides que eu segurava com dificuldade. — Nossa, Chloe. Vou precisar esperar você provar tudo isso? Estou *morrendo* de fome.

— Ainda faltam essas três araras — avisei, indicando-as com a cabeça.

Ele dirigiu o olhar para os cabideiros abarrotados de roupas, soltando um suspiro desanimado.

— Você me dá um trabalho, viu...

Apesar do tom cansado, ele sorria.

Aproveitei sua descontração e o estudei por um momento.

Seu cabelo negro e muito sedoso batia na altura do pescoço. Seria um ponto muito positivo em sua aparência, caso não vivesse com ele preso e despenteado. Parecia um ninho de rato. Não adiantava nada brigar com ele, Tales apenas não se importava.

Os olhos cinzentos eram, de longe, o que tinha de mais bonito. Não só

pela cor incomum, mas também pelo tamanho — as íris pareciam duas luas cheias e atraíam a atenção como um ímã. Mas de nada adiantava ter olhos tão lindos, ainda mais quando a atenção se voltava um pouquinho mais para baixo... mais precisamente para a pelugem rala que ele chamava de barba.

Tales nasceu com uma fissura labial que resultou em uma cicatriz sobre o arco do cupido. Eu só sabia disso pelas fotos de infância, porque nunca tinha visto. Ele se envergonhava dela. Particularmente, eu achava um charme. Mas não adiantava falar. Se tinha aprendido uma coisa sobre ele em todo aquele tempo era que, meu Deus, como era teimoso.

Por isso ele mantinha a barba. Se é que podia ser chamada dessa maneira. O problema era que meu amigo fazia parte do seletor grupo de homens desprovido de pelos. Até eu era mais peluda. Eu costumava *adorar* homens barbados, afinal barba era a maquiagem dos homens. Mas a regra não se aplicava nesse caso. Pelo contrário, dava uma sensação terrível de desleixo.

E nem era só isso. Embora eu amasse aquele garoto irritante, não conseguia não me incomodar com aquela despreocupação com a aparência. Por exemplo, naquela tarde, ele vestia uma calça de moletom surradíssima, com os joelhos saltados para frente. Um dia foi preta, agora, no entanto, tinha ficado com um cinza escuro esquisito, cor de elefante.

Depois tinha aquela regata de academia, muito cavada e feita em um tecido brilhante e esquisito. E Tales *nem fazia* academia. Ele era magro e esguio. Parecia prestes a voar a qualquer brisa um pouco mais forte.

Fisquei o lábio inferior, sabendo que pisava em um terreno perigoso:

— Por que não aproveita e compra umas roupinhas melhores?

— Meu Deus, de novo isso? — Ele uniu as sobrancelhas, formando um vinco profundo na testa. — Sério? Já não conversamos mil vezes sobre não julgar as pessoas por coisas supérfluas?

— Mas é que você está passando uma impressão *muito* errada. E eu me importo demais com você para deixar isso acontecer. — Tirei um vestido da arara e estendi em minha frente, decidindo se gostava ou não. — Aliás, é por isso que você está solteiro, sabia?

Olhei para ele de relance e o peguei revirando os olhos.

— Diferente de você, essa não é a minha maior preocupação, Chloe.

Devolvi o vestido na arara, ficando de frente para ele outra vez.

— Duvido que você não queira nem um pouquinho assim encontrar alguém. — Fiz uma pinça com os dedos para reforçar a ideia. — Se apaixonar. Sentir borboletas no estômago e todo o resto.

Tales passou as mãos no cabelo como se quisesse arrancá-los, estalando a língua com impaciência.

— Porra — retrucou, e sua expressão comprovava isso. — Você é muito chata!

Bati com o meu ombro no dele, rindo. E, por uma fração de segundo, tive a sensação de que meu amigo enrijeceu quando nossos braços se encontraram. Balancei a cabeça, descartando a ideia, e tentei me concentrar ao que de fato importava — eu tinha um assunto mais urgente para ocupar minha atenção.

Por isso, voltei à difícil tarefa de encontrar a roupa perfeita. Afinal, a ocasião pedia. Nunca estive tão perto de arrumar um namorado. Deus, como estava feliz. Pouquíssimas vezes consegui chegar tão longe quando se tratava de relacionamentos. Ainda mais quando começavam em aplicativos. Mas com Eduardo as coisas estavam fluindo. Era possível enxergar uma luz no fim do túnel. No dia seguinte, completaria um mês que estávamos saindo juntos. Isso era quase um recorde para mim.

Uhuuu! Não vou morrer solteirona!

Uma hora e dez cabides depois, caminhamos em direção aos provadores juntos. Sua cara era de pouquíssimos amigos e eu sabia por que: Tales ficava de péssimo humor quando sentia fome. Dava para ver em sua expressão: ele poderia me assassinar a qualquer instante. Ainda mais se eu continuasse pegando todas as roupas da loja para provar.

Para agilizar o processo, decidi mostrar para ele só as minhas peças prediletas. Porém, tinha alguma coisa estranha com Tales, porque cada vez que eu aparecia em sua frente, era bombardeada por comentários esquisitos e mecânicos como “adorei o... *caimento* do tecido”, “esse decote é muito... hum... *interessante*” ou “esse vestido va-valoriza sua silhueta”. Fora que ele ficava todo sério, pálido, como se estivesse passando mal. Talvez fosse culpa da fome e do seu humor que piorava de maneira exponencial.

O último vestido me deixou com um friozinho na barriga. O tecido amarelo vibrante era salpicado por flores brancas e azul marinho. Justo até a cintura e depois se abria em uma saia rodada. Eu me admirei por um momento no espelho, imaginando a cena com detalhes no dia seguinte: Eduardo pedindo um espumante, eu engasgando ao tomar o primeiro gole e descobrindo a aliança no fundo da taça, ele segurando a minha mão e deixando um beijo úmido antes de dizer as palavrinhas mágicas. Ai, ai, seria perfeito!

Quando saí do provador e caminhei até o final do corredor, onde Tales permanecia esparramado nos pufes esperando, ele se empertigou inteiro e esfregou as bochechas.

— Uau! Até parece gente — brincou, mas o rosto continuou um pouco pálido. Mostrei o dedo do meio e nós dois rimos em uníssono.

— Também gostei. — Suspirei, alisando a cintura. — Acho que é esse.

Tales ergueu as mãos no ar, com dramaticidade.

— Nem acredito que vamos comer! É o dia mais feliz da minha vida.

— Depois *eu* sou a chata — resmunguei, rindo, e voltei para o provador saltitante.

Pesquei o celular de dentro da bolsa e tirei mil *selfies* em frente ao espelho. Mamãe era costureira, então minhas idas as lojas se resumiam a provar e tirar fotos para ela reproduzir em casa. Eu e minhas irmãs tínhamos pouquíssimas peças compradas. E a melhor parte em ter roupas sob medida era que... bom, eram feitas sob medida. Além de vestirem superbem, ninguém mais tinha igual.

Fugi do olhar reprovador da atendente quando devolvi todos aqueles cabides e informei que não ficaria com nenhuma peça. Ajeitei minha saia e me encontrei com um Tales irritadíssimo, de braços e pernas cruzados.

— Pronto — informei, com um sorriso no rosto. — E para compensar você pela demora, vou te deixar escolher onde vamos almoçar.

— Vai precisar de muito mais que isso — respondeu, levantando-se em um pulo.

— Hum... vamos ver. — Coloquei a mão no queixo, pensando em como recuperar seu bom humor. Ao menos um pouco dele, afinal, aquele era Tales. — Que tal um mousse de maracujá de sobremesa? E por minha conta.

Ele parou por um segundo, encarando-me com os olhos estreitos.

— Ok, agora você jogou baixo. — Então me surpreendeu com um sorriso.

Sorri junto, satisfeita. Tales era fascinado por qualquer coisa feita de maracujá. Acho que ele poderia viver só disso. Nunca vi alguém gostar tanto de uma fruta. Meu amigo quase venerava. Se já não conhecesse sua casa, poderia jurar que ele teria um altar cultuando o maracujá. Era bem a cara dele.

Sáímos da loja em silêncio e demos com o calçadão de Presidente Prudente. As pessoas andavam de um lado para o outro em um verdadeiro caos, parecendo formigas correndo por todas as direções.

— Estou a fim de comer porcaria — informou. — E você?

Em dia normais, eu teria protestado, mas como prometi a ele que poderia escolher, então me limitei a sorrir. Percebi, em sua expressão satisfeita, que era uma provocação.

— Pode ser porcaria. Assim você entope suas artérias, morre mais cedo e para de me perturbar.

— Aham. Você banca a durona, mas não ia durar um dia sem mim, e nós dois sabemos disso. — Tales sorriu, coçando o pescoço enquanto caminhávamos entre pessoas que pareciam não fazer a menor noção de para que direção andar.

— Eu fiquei pensando em uma coisa enquanto você provava a loja inteira...

— Você pensa?! — interrompi e, como resposta, ele cutucou minhas costelas.

— Só de vez em quando. Você *não precisa* de um namorado. Sabe disso, né?

Parei no lugar de supetão e acabei trombando com uma senhorinha de muletas. Mortificada de vergonha, repeti uma sucessão de *meu deus do céu, me desculpa*, até ela estar longe o suficiente para não me escutar mais. Só então me virei de frente para Tales, sem nem tentar esconder o meu olhar estupefato.

— Como assim *não preciso*? — perguntei, desconfiada. — É claro que não preciso! Eu preciso de ar. De comida. De doze horas de sono, ou mais. Eu *quero* um namorado, é diferente.

Ele me puxou pelo braço, me fazendo retomar a caminhada.

— Tá, tá. Não precisa ficar nervosa. Só não entendo essa sua obsessão. Essas coisas não deveriam acontecer naturalmente?

— Elas *estão* acontecendo naturalmente — falei, entre dentes.

Esse era outro assunto delicado entre nós. A verdade era que nem mesmo eu conseguia entender de onde vinha toda aquela carência. Como podia ansiar tanto por uma coisa que eu nem ao menos sabia muito bem como era?

— Tudo bem que Eduardo e eu nos conhecemos em um aplicativo, mas depois disso foi pura química e atração e paixão louca. Francamente? Acho que é o amor da minha vida.

— Ahnnn... qual a cor favorita dele? — perguntou, com uma expressão impagável de deboche.

— Aí você me pegou... — Fiz uma careta. — Não sei. Mas isso não import...

— Qual a sobremesa favorita dele? — Tales me cortou.

Expirei o ar dos pulmões com impaciência.

— E daí se eu ainda não sei tudo? Vai fazer um mês, não uma vida.

— Não estou dizendo nada... — Ergueu as mãos no ar, mas a expressão permanecia petulante. — Só acho estranho seu parâmetro para *amor da sua vida*. Do jeito que as coisas andam, semana que vem aquele cara ali vai ser o amor da sua vida. — Ele apontou para um morador de rua tocando sanfona em uma esquina.

Lancei um olhar feio para Tales, mas se notou, fingiu que não. Apenas parou em frente ao Batatas & Burger e fez uma curta reverência, indicando a porta com a cabeça.

— Damas primeiro.

Revirei os olhos, passando pela cortina de ar e marchando em direção a

uma das mesas livres. Ele me seguiu, em passo silenciosos, mas perto o bastante para eu sentir sua presença.

Arrastei uma cadeira e me sentei, cruzando os braços sobre a mesa.

— Você não entende nada sobre amor! Vai virar um daqueles tiozões solteiros que fazem piadas escrotas e tentam disfarçar dizendo *é só minha opinião*.

Tales sentou sem nenhuma pressa, e só então se deu ao trabalho de me responder.

— Hum, e daí? Tirando a parte das piadas, não tem problema ser solteiro. Eu hein?! Você está cada vez pior, devia procurar uma psicóloga.

Seu tom era sério, quase como se me repreendesse. Fiquei bastante irritada.

— Eu *acredito* no amor! Melhor que você, que tem aversão a relacionamentos — atirei, erguendo o queixo para dar mais efeito.

— Eu não tenho aversã... — começou, mas deixou a voz morrer no ar quando a atendente parou ao nosso lado, com uma caderneta nas mãos.

— Boa tarde — cumprimentou, sorridente. Então seus olhos migraram para o meu cabelo. Pressenti o pior muito antes de seu rosto se acender. — Que cabelo diferenteeee. Posso ver? — perguntou, e foi logo tocando, antes mesmo de eu conseguir responder.

— Não — murmurei, em um sussurro. Mas só Tales pareceu ouvir. Ele tinha um olhar preocupado no rosto, porque me conhecia bem o bastante para saber o quanto eu odiava isso.

Era uma das coisas mais irritantes em ter cabelo crespo, para ser honesta — as pessoas achavam que podiam tocar, como se eu fosse um objeto exposto em um museu. Bem, não era. Depois que fiz mechas azuis turquesa, então, as coisas só pioraram. Era quase um ímã para mãos curiosas de pessoas sem nenhum senso de espaço pessoal. Nossa, que ranço!

— Muito lindo. Eu adoro essa cor — disfarçou ela, reparando em meu desconforto.

Tales deve ter percebido algo de perigoso em minha expressão, porque sua mão cobriu a minha e deixou um aperto suave, ganhando minha atenção. Nossas peles faziam um contraste interessante. A dele, branca como papel. A minha, retinta. Sorri de leve.

— Vai querer o de sempre? — perguntou, com um tom cuidadoso.

Pisquei algumas vezes, voltando para o mundo real.

— É. Pode ser.

— Nós vamos querer um Senhor Burger e um Burger Louco. E duas cervejas, por favor.

Esperei a garçonete se afastar para conseguir relaxar. Não era um sentimento muito bonito, eu sabia, mas tinha ficado com um pouco de raiva dela. Foi para o lado pessoal.

— Ei, calma. Nenhuma mão malvadona vai te pegar. Prometo.

— Você fala isso porque as pessoas não ficam encostando em você sem serem convidadas. — Suspirei, recostando-me na cadeira e ajeitando o cabelo.

— Eu *sei* como é ter algo diferente. — Dei de ombros, e o indicador contornou a cicatriz por cima daquele bigodinho horroroso.

Encolhi os ombros, com as bochechas queimando.

— Enfim... — resmunguei.

— Enfim — ele concordou, sorrindo. — Sua mãe vai conseguir terminar esse vestido até amanhã?

— Vou trancar ela no ateliê e só solto quando estiver pronto. Direitos da filha esquecida.

Tales riu e foi difícil não acompanhar. Sua risada era alta e envolvente. Além disso, ele tinha uma mania que eu adorava, de bater palmas quando achava alguma coisa muito engraçada. Eu queria ter uma risada gostosa assim, mas parecia uma hiena resfriada e apanhando.

Ele soltou um suspiro e esfregou o rosto, assumindo uma expressão mais comedida.

— Vai ficar muito brava se eu retomar aquele assunto proibido?

— Vai ficar muito bravo se eu reclamar da sua aparência? — rebati, arqueando uma sobrancelha.

Ele deu de ombros, rindo.

— Você já faz isso, então é ponto pra mim.

— Afff, tá bom. Desembucha logo.

— É que... não tenho nada a ver com isso, mas você começou a ficar tão desesperada com essas coisas. E do nada. Tenho a impressão de que você vai aceitar qualquer um só pra poder dizer que é comprometida.

Ele fisgou os lábios, parando de falar abruptamente. Olhei por cima do ombro e vi a atendente voltando com nossas cervejas. Esperamos ela se afastar para brindar nossas garrafas e tomar o primeiro gole.

— Sei lá. Eu já tenho vinte e cinco anos... — Dei de ombros, como se isso encerrasse o assunto. Ele arregalou os olhos, perplexo.

— Eu sei?

— Sei lá — repeti, rodando a garrafa na mesa. — Pra você não tem tanta pressão, você é homem. Mas pra mim... eu tinha vários planos pra minha vida. Com vinte e cinco eu já deveria estar prestes a casar, pra dar tempo de curtir um pouco. Porque a idade boa para ter filhos é por volta dos vinte e oito. Até

porque, eu quero três. — Dei outro gole na cerveja, balançando a cabeça em negativa. — Mas nada disso aconteceu. Eu nem tenho um emprego legal. Nem tirei minha habilitação. Não tenho nada.

— Ei, que papo louco é esse? — Tales cruzou os braços sobre a mesa, me imitando. Para ele a vida parecia ser bem mais simples. Fazia sentido, para alguém que estudava química e resolvia contas que ocupavam cadernos inteiros, as questões da humanidade deveriam parecer pequenas e enfadonhas. Pessoas de exatas eram tão interessantes... — Eu também não tenho um emprego legal.

— Mas você já mora sozinho. E está terminando a faculdade.

— Faz só um ano que moro sozinho. E você só não achou o curso certo ainda.

— E se não tiver curso certo? — gemi, frustrada.

— Não sei. — Ele voltou a segurar minha mão. — Talvez não tenha nada certo na vida. Talvez ninguém saiba muito bem o que está fazendo. Mas você precisa relaxar um pouco, Chloe. Ou vai morrer do coração, mesmo comendo comida saudável.

— Isso seria uma puta de uma ironia.

— E, por isso, superprovável de acontecer — completou, com uma piscadela acompanhada de um sorrisinho torto que me deixou desconcertada.

Eu tinha a sensação de que Tales não enxergava o seu potencial. Aquele olhar prateado e gigante... ele poderia deixar uma menina louca com aquelas piscadas que lançava despretensiosamente, quase sem perceber. Em momentos assim, a barba rala e ridícula *quase* não me incomodava. Quase.

No fim das contas, comer hambúrguer era tudo o que eu precisava para ficar animada de novo. De vez em quando, as paranoias me cercavam de uma só vez, e ficava quase impossível ignorá-las. Todo mundo dizia ser normal. Crise dos vinte e cinco, eles afirmavam. Mas eu achava que ia muito além. As coisas estavam uma confusão, nada caminhava do jeito que eu queria. Aquela sensação de que a vida vinha correndo rápido demais e eu não tinha aproveitado da maneira correta era uma merda. Eu só queria dar um jeito em tudo. E viver um grande amor parecia uma boa maneira de começar.

Durante o almoço, Tales me contou um pouco sobre as matérias do novo semestre. Eu assentia enquanto ele tentava me explicar como se falasse com uma criança de três anos, mas mesmo assim não conseguia compreender nada. Era como se falasse em outro idioma.

A Batatas e Burger também servia mousse de maracujá e, dessa forma, bebi mais duas cervejas enquanto ele tinha um orgasmo culinário com sua sobremesa.

— Preciso ir — falou de repente, passando a língua nos lábios enquanto

conferia as horas no relógio de pulso.

— Por quê? — indaguei, distraída.

Era nossa folga. E Tales não tinha uma vida muito agitada. Ele era do time que preferia ficar embaixo dos cobertores, acompanhado da boa e velha Netflix e muita comida com alto teor de gordura e açúcar.

— Porque sim, ué. — Sua voz saiu rouca. Ele pigarreou, desconcertado.

— Ei! — Procurei seu olhar, boquiaberta. — Desde quando temos segredos?

— Desde quando não quero te contar tudo. Sua enxada.

Ele arrastou a cadeira para trás e lançou uma piscadela, mas não saiu do lugar.

— Não é justo! — choraminguei. — *Eu* te conto tudo.

— É, eu sei. — Tales arregalou os olhos, forjando uma expressão traumatizada.

Estapeei seu braço, soltando a maldita risada de hiena apanhando.

— Anda. Fala logo. O que você vai aprontar?

Levantamos e caminhamos juntos em direção ao caixa. Tinha uma pequena fila à nossa frente, por isso me recostei no balcão, ficando de frente para ele. Apesar de parecer tranquilo, dava para perceber o quanto estava inquieto.

— Eu meio que... tenho um encontro — respondeu em um fiapo de voz.

— Quê? — Arregalei os olhos. — Você tem...?

— Falei que não era avesso a relacionamentos. — Tales esfregou os braços, desconcertado.

— Primeiro: quem fala *encontro*? Segundo: oi?

Precisamos interromper a conversa quando nossa vez chegou. Tales foi primeiro. Notei seus dedos tamborilando no balcão enquanto a mulher calculava o troco.

— Vinte e dois, moça — informou, de repente, como se não pudesse aguentar mais nem um segundo.

— Perdão? — Ela ergueu o rosto, confusa.

— Eu dei cinquenta. O troco é vinte e dois.

— Ah.

Mordi a bochecha para não rir ali. Caramba, como Tales era chato. Eu ainda não entendia como tinha conseguido aguentá-lo por tantos anos.

Ele saiu da loja e ficou me esperando do lado de fora. Tentei entregar o dinheiro trocado, para evitar mais uma espera desnecessária — até porque, diferente dele, eu era incapaz de fazer cálculos de cabeça.

Tales me esperava recostado na parede, os braços cruzados sobre o peito. O observei por um momento, demorando para encontrá-lo. O vento bateu,

levando uns fios soltos sobre o rosto. Distraído, ele soltou o cabelo e enterrou as mãos várias vezes, tentando domá-lo. E então, quando conseguiu deixar aquela manta negra e escorrida arrumada, a prendeu outra vez.

De que adianta ter cabelo comprido se vive preso?

— Ah, até que enfim. — Ele me flagrou. — Já estava quase entrando pra te buscar.

— Não adianta mudar de assunto. Não vou sossegar. Como assim encontro? Faz tempo que vocês estão saindo? E o mais importante: você *não ia* me contar?

— Que é isso, Chloe. Nem a minha mãe faz esse interrogatório todo.

— Tá, eu não sou sua mãe. Se você não falar, vou descobrir. Sabe disso, né? — ameacei, apontando o dedo em riste. — Minhas habilidades de *stalker* são ótimas. Aliás, se existisse um emprego para *stalkers*, eu estaria feita.

Tales esfregou o rosto, soltando um suspiro longo e pesado, como se lidar comigo fosse seu maior fardo. Então, sem mais nem menos, enfiou as mãos no bolso e começou a andar em um ritmo tão apressado que faltava muito pouco para correr.

— Eu ia esperar pra te contar — resmungou, irritado. Tales odiava ser contrariado, e isso fazia com que contrariá-lo fosse uma das minhas atividades favoritas. Céus, acho que se existisse uma competição entre nós para descobrir quem era mais chato daria empate. — Esperar pra... hum... ver se ia dar certo.

Isso respondia mais de uma pergunta.

— Então vocês não se conhecem?

— Pessoalmente não.

Um sorriso iluminou meu rosto.

— Nossa! — cantarolei, sem esconder o deboche. — Parece que alguém se rendeu aos aplicativos de relacionamento! Meu Deus, seria esse um sinal para o fim do mundo?

— Cala a boca, Chloe. — Ele bateu com o ombro no meu, diminuindo o ritmo sem nem perceber.

— Ainda não. — Meu sorriso aumentou. — Deixa eu curtir um pouquinho mais essa sua hipocrisia.

— Ok, me rendi. Paguei com a língua. Você venceu. — Ele tentou lançar um olhar recriminatório, mas o sorriso tímido o traiu. — Em minha defesa, eu estava entediado. E sempre achei legal a parte de deslizar pra direita ou pra esquerda.

Era verdade.

Tales já tinha selecionado meus pretendentes mais de uma vez. O que eu mais gostava era de ouvir seus comentários como “esse cara parece sujo”, ou

“esse aqui não vai te tratar bem”. Mas o melhor de todos ele disse balbuciando: “não parece que esse aqui sa-sabe... hum... transar”, que me rendeu uma crise de riso e um melhor amigo com cor de tomate. Eu adorava a maneira como ele ficava tímido com certos assuntos e então seu vocabulário se tornava superformal e esquisito.

— Bom, eu mereço os créditos. — Dei de ombros. — E como ela é?

— Legal.

Olhei para ele, notando suas bochechas levemente coradas.

— Qual é, Tales? Preciso de mais detalhes.

Tales revirou os olhos e aproveitou para encarar o relógio. Então, enrijecendo inteiro, ficou de frente para mim. Suas mãos foram parar nos meus ombros, apertando-me com um pouquinho de força. Engoli em seco.

— Prometo que te conto depois, tá bom? — foi logo falando. — Conto tudo. Com detalhes. Sério.

— Aham. — Arqueei as sobrancelhas, com ceticismo.

— Se eu não cumprir minha promessa, deixo você montar meu guarda-roupa, igual naquele programa que você adora...

— Esquadrão da moda? — perguntei, boquiaberta.

— Isso. Mas eu preciso mesmo ir. Se perder o ônibus das quatro e quinze, estou fodido.

Pisquei para ele, me rendendo a um sorriso.

Tales podia ser irritante até dizer chega, mas tinha um coração enorme. Por isso, depois que nossos caminhos se cruzaram, há dez anos, foi impossível deixá-lo ir embora. Qualquer menina que conseguisse conquistar seu coração era uma menina de muita sorte.

— Vai lá. Bom encontro. Espero que ela não seja uma maluca psicótica que vai te fatiar em pedacinhos, congelar, e depois te comer, não no bom sentido, pelo resto do mês.

— Também espero que não. — Ele deixou um beijo na minha testa e, antes que eu pudesse falar qualquer outra coisa, correu na direção oposta, sumindo do meu campo de visão entre aquele mar de gente.

Esfreguei os braços, sem saber muito bem o que fazer.

Sempre que passávamos um tempo juntos e depois nos separávamos, ficava um vazio para trás. Apesar de passarmos a maior parte do tempo implicando um com o outro, sua companhia era incrível. Desde que nos conhecemos, todo mundo sempre disse que parecíamos amigos de outras vidas. Nossa conexão foi imediata. Com o tempo só se fortaleceu, de forma que era até estranho passar um dia sequer sem trocar uma mensagem. Aquele chato de galochas era uma parte muito importante da minha vida.

Eu ainda não queria voltar para casa, parecia um desperdício gastar minha folga presa. Aproveitei que estava no centro e decidi matar o tempo. Olhar as vitrines. Espairar. Não que eu tivesse muita coisa para me preocupar. Eu *não era* uma pessoa estressada. Para resumir bastante, a única coisa que fazia era trabalhar. E nem era o emprego dos meus sonhos — esse era o problema, não havia um.

Fisquei o lábio inferior, desanimada. Não tinha um dia em que aquelas incertezas não viessem com tudo. Massageei o pescoço, encarando meu reflexo na vitrine de uma loja. Pessoas passavam por mim, imersas em suas rotinas cheias. Eu queria ser assim. Queria ser uma daquelas mulheres *workaholics* de filmes de comédia romântica, correndo em saltos altíssimos com um copo de café *Starbucks* na mão, para não se atrasarem para o emprego incrível delas.

O problema era que se eu tentasse correr em um salto, com toda certeza quebraria uma perna. Fora que nem tinha *Starbucks* na minha cidade. E eu já tinha desistido de três cursos. Que, por sinal, não tinham nada em comum. Ah, droga, não era fácil ser eu. Por isso eu *precisava* de um namorado. Talvez, se tivesse alguém ao meu lado me apoiando e servindo de alicerce, as coisas ficariam mais fáceis. Bom, ao menos era assim nos filmes de comédia romântica. Mas aquilo não era um filme. Se fosse, eu seria minha irmã mais velha, ou a mais nova. Nunca a do meio. Porque os irmãos do meio são sempre os esquecidos.

Imersa em pensamentos, dei um encontrão em uma mulher que vinha em minha direção. Pisquei os olhos, desnorteada, quando ela segurou minha mão direita com força. Tentei puxar o braço, mas ela apertou ainda mais meu pulso, impedindo.

A princípio, pensei que estivesse me assaltando. Mas então, em um segundo que abrigou uma eternidade, consegui estudá-la. Tratava-se de uma mulher não muito mais velha que eu. Tinha longos cabelos negros caindo em cascata até a cintura e usava um lenço laranja vibrante bordado com moedas douradas que tilintavam suavemente conforme se mexia. No corpo, um vestido volumoso terminando no tornozelo, com muitas camadas e babados em tons vibrantes de laranja, azul-turquesa e roxo. Os braços repletos de pulseiras com penduricalhos e os dedos adornados com anéis de pedras grandes e coloridas arrematava sua aparência incomum. Coloquei meu cérebro para trabalhar, no entanto a mulher foi mais rápida. Seus olhos amendoados se voltaram para a palma da minha mão, enquanto com o dedo indicador, ela traçava as linhas.

— Ah... sim... — sussurrou. — Vejo um futuro interessante...

— Ei! — arquejei, atônita. — Você é cigana!

Ela ergueu o rosto para encontrar o meu olhar.

Na minha família, todo mundo costumava falar sobre a vez em que minha avó bebeu demais e acabou ofendendo uma família de ciganos por puro preconceito, e sobre a maldição que a deixou na miséria por anos e anos. Eu tinha um pouco de medo de ciganos. Claro que minha avó também não foi a pessoa mais legal do mundo, mas sei lá. Esse negócio de maldição mexia comigo. Quero dizer, se tudo já estava uma porcaria, imagina só com um empurrãozinho. Ia virar uma catástrofe.

— Sou sim. — Ela sorriu, mas o olhar permaneceu enigmático. — Estou lendo sua mão.

Um arrepio percorreu minha espinha, gelado como um cubo de gelo a deslizar pela pele. Estremeci.

— Mas eu não te pedi isso! — exclamei, ofendida, e aproveitei sua distração para puxar minha mão com força.

Ela franziu o cenho, sem esconder o quanto ficou ofendida com a minha reação. Cruzei os braços sobre o peito, tentando criar uma barreira entre nós. A cada segundo que passava, mais desconfortável eu ficava.

— Tem certeza? — perguntou, com a voz fria. — Não se nega a mão pra uma cigana.

— É só você não sair pegando a mão das pessoas, ué! Daí ninguém vai negar. — respondi, meio sem pensar, e lamentei a porcaria da minha língua solta.

A cigana me examinou, um sorrisinho de deboche pincelando os lábios.

Não gostei nada daquilo. Recuei um passo, querendo acabar com aquela experiência bizarra o quanto antes. Até aquela tarde, meu medo de ciganos era puro preconceito, graças as histórias de família. Mas agora eu tinha lá meus motivos. Que doida de pedra!

— Você é igualzinha à sua avó. Curioso tanto preconceito, ainda mais vindo de você. — Seus olhos passearam pela minha pele. No mesmo segundo, senti vontade de vomitar. Caramba, como ela podia saber de vovó? O nervosismo me acorrentou no lugar, impedindo-me de sair correndo dali. — Você vai aprender a ser menos arrogante com as pessoas.

Estreitei os olhos, chocada.

— Sai de perto de mim! Eu hein... não fiz nada pra você.

Apesar de tentar imprimir segurança na voz, minhas palavras soaram fracas e assustadas.

— Mas eu vou fazer: vou tirar algo que quer muito. E só devolver quando você se tornar uma pessoa melhor.

É oficial: essa mulher é louca.

— Como assi...

— Vai precisar enxergar o que realmente importa se não quiser morrer

solteira, querida. Até lá, vou me divertir um pouco com você.

Boquiaberta, limitei-me a encará-la. Como diabos ela sabia que eu queria um namorado? Esse maluca estava me perseguindo ou o quê?

— Vai jogar uma praga em mim?! — perguntei, revoltada.

— Não, meu bem. — Ela abriu um sorriso cínico. — Eu *já* joguei.

E, antes que eu pudesse responder à altura, ela me abandonou. Observei-a abordar outra garota da minha idade que, diferente de mim, aceitou ter a mão lida.

Repousando as mãos na cintura, balancei a cabeça em negativa.

— Que absurdo... — resmunguei, ainda estupefata.

Poxa, eu até entendia minha avó ter levado uma praga. Mas eu não tinha ofendido ninguém! Isso era injusto. Só não queria ninguém lendo a droga do meu futuro. Imagina só se ela me dissesse que tudo ia continuar na mesma? Eu não podia lidar com isso. Queria uma guinada na minha vida.

Ainda trêmula, mirei de novo para o lado e me surpreendi quando não a encontrei ali. Olhei ao redor, buscando-a com os olhos, mas já tinha se misturado ao mar de pessoas.

Eu devia ter ido embora com o Tales, isso sim. Foi besteira perambular sozinha no centro. Era pedir para uma maluquice dessas acabar acontecendo. Pesquei o celular na bolsa para conferir as horas e vi a notificação de uma mensagem.

Era Eduardo.

Mordisquei o lábio inferior, sorrindo satisfeita.

Morrer solteira... Ah, tá.

Revirei os olhos, rindo da cigana. Se ela soubesse o quanto eu estava perto de mudar meu status no *Facebook* para *relacionamento sério*... Tudo bem que ela tinha acertado sobre vovó e sobre meu desejo de encontrar um namorado. Mas, pensando bem, ela vivia disso. Devia ter sido um chute muito certo.

Abri a mensagem, empolgada. Será que ele também estava ansioso para o dia seguinte? Eu estava sentindo, a intuição corria pelas minhas veias — ele me pediria em namoro.

Admirei a foto de perfil de Eduardo por uns segundos antes de me ater às palavras. Então, quando meus olhos bateram no textão, foi como um mau presságio. Eu o conhecia o suficiente para saber que não era muito de falar, ainda mais por mensagens. Suas respostas vinham em, no máximo, três palavras. E abreviadas, ainda por cima.

Olhei por cima do ombro, com a estranha sensação de estar sendo observada. Mas não tinha ninguém ligando para mim. Eu era apenas mais um

pontinho naquele calçadão movimentado. Fui até o ponto de ônibus, intercalando os passos com espiadas rápidas na mensagem.

Mas foi só quando me sentei no banco metálico que consegui ler com calma.

*chloe, eaí?
sei q amanhã a gente ia jantar pra comemorar 1 mês juntos e td mais...
só q eu andei pensando e percebi q ã to nessa vibe, sabe? vc é divertida e linda, certeza q vai encontrar alguém legal
mas esse alguém ã sou eu...
foi mal se te dei a ideia errada
se cuida, hein*

Meu queixo caiu.

Olhei para cima, atônita, mas não vi nada. Meu cérebro usava toda sua energia para tentar absorver o que tinha acabado de ler.

*Como assim?
Que tipo de pessoa termina pela merda do celular?
Por que ele não esperou pra fazer isso amanhã?
Esse... esse... babaca! Não sabe o que está perdendo! Foi ponto pra mim, isso sim.*

Espumando de raiva, voltei a encarar o celular, pronta para digitar todos os palavrões cabeludos que conhecia. Dizer que ele tinha um pau pequeno e nem sabia me fazer gozar, entre outras coisas que eu sabia que machucavam o ego de um homem.

Mas então um pensamento piscou lá do fundinho da mente e eu congelei no lugar.

A cigana.

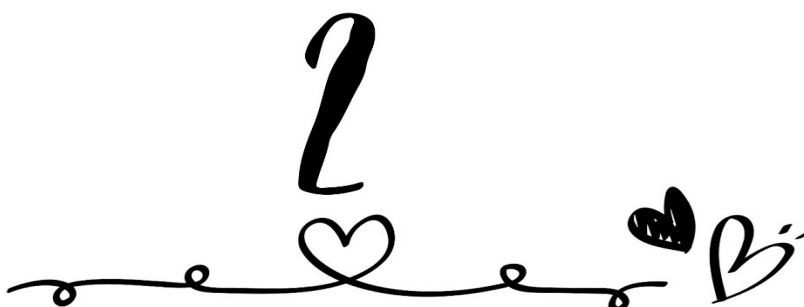
Meu Deus, a cigana!

Ela disse que eu ia morrer solteira se não aprendesse minha lição. Seja lá que lição fosse essa.

Meu Deus. E se eu nunca descobrisse a lição?

MEU DEUS. Eu estava tão ferrada.

Ah, inferno, onde é que fui me meter?



O PRENÚNCIO DE ALGO MUITO RUIM



TUDO BEM.

Eu precisava pensar com racionalidade em vez de me deixar abalar pelas emoções. *Obviamente* tratava-se de uma coincidência bizarra. Não existia esse tipo de coisa na vida real. Eu assistia a tantos filmes de comédia romântica que as vezes pensava viver em um. Mas não. Muito pelo contrário. E por isso mesmo precisava parar de viajar.

Coincidência.

Só isso.

Cruzando com a cigana ou não, Eduardo mandaria a mensagem de qualquer jeito. Massageei as têmporas, tentando me acalmar. Términos sempre me abalavam, mesmo quando fazia pouquíssimo tempo de relacionamento. Eu me apegava fácil demais. Esse era um dos meus principais defeitos — confiava em todo mundo cegamente, sem ter um filtro me ajudando a antever quem merecia minha confiança ou não. Mamãe vivia dizendo que eu precisava ouvir mais o meu sexto sentido. Mas que sexto sentido? Eu não fazia a menor ideia de como isso deveria funcionar. Será que era uma voz soprando baixinho na minha mente?

Enfim, não importava. Eu tinha problemas maiores com os quais me preocupar. Como, por exemplo, o fato de ter voltado para a estaca zero. Sem pretendentes, sem pedidos de namoro iminentes. Que, na verdade, nunca devem ter sido iminentes. Droga, por que eu não tinha sorte no amor? Aquele ditado diz *sorte no amor, azar no jogo*, e vice-versa. Mas eu tinha azar *nos dois*. Só isso. Não havia um equilíbrio na minha vida.

Pulei para fora do ônibus e soltei um suspiro cansado. Ajeitei a alça da bolsa no ombro, olhando para a rua estreita onde morava. Uma nuvem de amargura pairava sobre mim e parecia aumentar conforme me aproximava de

casa. Fechei o punho com força, soltando fumaça pelas narinas.

Eu podia ter qualquer tipo de aspiração absurda. Qualquer uma. Desde viajar para o espaço até ganhar o Nobel da paz. Mas eu só queria uma tampa para minha panela. A metade da minha laranja. Um *crush* correspondido. Era pedir demais?

Sempre fui romântica. Cresci assistindo filmes de romance e imaginando quando teria a sorte de esbarrar com aquele sentimento esmagador e grande demais para comportar em um só coração. Em ficções era sempre tão fácil. Os homens eram príncipes encantados completinhos — bonitos, educados, estilosos, ricos e, hum... bem-dotados. Alguns até sabiam cozinhar. Tudo para encher de esperança o coração de meninas bobinhas como eu. Que injusto! Na vida real as coisas eram bem diferentes. A gente dava sorte quando encontrava alguém aceitável. E olhe lá. Sempre tinha uma coisa ou outra para relevar. A maioria não sabia nem onde ficava o clitóris. E quando sabiam... puff. De que adianta ter um brinquedo se você não faz ideia de como brincar com ele?

Fora que os homens corriam de compromissos como o diabo corre da cruz. Assim como animais farejando o medo, se um cara tivesse a mais remota sensação de que você queria algo sério, pronto. Já era. Ele inventava alguma desculpa tosca e fugia o mais rápido possível. E isso complicava um pouco a minha situação. Porque eu estava *desesperada*. Era notável. Todas as minhas conhecidas entravam e saíam de relacionamentos com a mesma facilidade com que trocavam de roupa. Parecia tão fácil. Menos para mim. Nunca tinha conseguido namorar sério. Só pequenos rolos aqui ou ali. Era como se tivesse algo de errado em mim. Talvez eu fosse fedida. Talvez... minha voz fosse irritante? Não sei. Só precisava dar um jeito nisso. Da maneira mais discreta possível, cheirei meu sovaco, conferindo se o desodorante estava ok. Logo depois foi a vez de testar o hálito, com uma baforada entre as mãos, em concha. De fato não estava tão legal, mas qual é, nada que uma balinha não resolvesse.

Parei em frente de casa, tateando os bolsos a procura do molho de chaves. Pelo canto dos olhos, notei o fluxo de clientes entrando e saindo da Pão Quentinho, a padaria de papai.

A padaria era construída em frente a nossa casa, por isso era preciso atravessar um corredor estreito até os fundos, onde ficava nosso sobrado. Enquanto me aproximava da entrada, ouvi uma voz que fez os pelinhos da minha nuca eriçarem um a um.

Tia Célia.

Ah, não...

Seu timbre agudo feriu meus tímpanos, sobretudo quando ela soltou aquela risada alta e horrorosa, que fazia até a *minha* parecer agradável. Respirei

fundo e ajeitei a roupa e o cabelo, preparando o meu psicológico.

Quando entrei na sala, deparei com ela e mamãe sentadas no sofá, conversando animadas. Elas eram irmãs gêmeas. Sempre foram muito unidas, mesmo depois de casadas. Não passava uma semana sequer sem que uma visitasse a outra.

O problema era que tia Célia sabia ser implicante como ninguém... ainda mais comigo. Era tão desgastante.

— Ué, Chloe — foi a primeira coisa que disse quando seus olhos vieram parar em mim —, ainda não deu um jeito nesse cabelo? Achei que fosse uma coisa de momento!

Enterrei os dedos nos fios crespos e azuis, engolindo em seco.

De todas as coisas que ela falava, aquela era uma das mais dolorosas. Mamãe, tia Célia e minhas duas irmãs tinham os cabelos crespos e volumosos como os meus, mas, diferente de mim, os usavam lisos.

Eu mesma tive o cabelo liso por muito tempo. Mamãe me levou ao salão pela primeira vez quando eu tinha uns nove anos de idade para fazer minha primeira progressiva. Mas antes disso, passei vários e vários anos fazendo escova. Cresci sem saber muito bem como era o meu cabelo até conhecer um canal no *Youtube*, *Delírios de Juba*, que me ajudou a passar pela transição capilar há pouco mais de dois anos. Quando me vi no espelho com o cabelo natural, foi como se tivesse me reconhecido pela primeira vez na vida. *Essa é a Chloe*, pensei, com lágrimas nos olhos.

Mas minha família não concordava comigo. Muito pelo contrário, eles faziam torcida para que eu voltasse para a progressiva e não poupavam comentários sobre o quanto eu ficava bem mais bonita com ele alisado.

— Eu disse que não era — respondi, usando todas as minhas forças para não demonstrar o quanto ela me afetava. Não queria dar o braço a torcer. Tia Célia não fazia por mal, eu sabia, mas machucava da mesma forma. — Gosto mais assim.

— Cansei de falar pra ela, Célia. Não adianta. Expliquei que nosso cabelo é duro e quebra. Não nascemos pra usar o cabelo natural... mas a Chloe não aceita.

Mano do céu...

Fechei os olhos, ignorando o que tinha acabado de ouvir. Era tão triste que mamãe pensasse isso. Tão triste que ela odiasse uma parte dela porque alguém tinha ensinado assim.

Eu só podia torcer para ela enxergar um dia que não tinha nada de errado com seu cabelo. Ele não tinha nada de duro. Duras eram suas palavras.

— E ainda pintou de azul... ai, ai, ai... — Minha tia balançou a cabeça em

desaprovação. — Assim não vai arrumar um emprego decente nunca.

Segurei o nariz, mordendo o lábio inferior para me impedir de soltar um palavrão. Dei uma risadinha baixa, de quem não se importa muito com o que estão dizendo. Mas eu me importava, sim. Ah, como me importava.

— O que tem de errado com o meu emprego, tia? — perguntei por fim. A voz saiu tremida de raiva.

— Pfff... — Ela soltou aquela risada bisonha. — Chloe? Você tem potencial, querida. Não pode se conformar com as coisas ou então nunca vai sair do lugar.

Aguenta só mais um tiquinho.

Só mais um minutinho.

Olhei para minha mãe, suplicando silenciosamente por uma forcinha. Mas ela não fez nada. Porque, no fundo, partilhava das mesmas opiniões de tia Célia.

— Sua prima já tinha comprado o apartamento dela com a sua idade. Com o próprio dinheiro!

— Hum... legal, hein? — respondi, desinteressada, depois de ouvir aquilo pela vigésima vez.

Tentei não revirar os olhos, apesar da vontade imensa.

— E a Cíntia já estava tirando a OAB, no último ano de faculdade!

— Pois é, que coisa. — Abri um sorriso amarelo.

— Isso sem falar na novidade da Camille! — insistiu ela, como se tivesse um prazer sádico em me deixar chateada.

Nossa família era o exemplo claro da teoria de que o irmão mais velho é o mais inteligente e o mais novo, o mais bonito.

Cíntia, minha irmã mais velha, era advogada. Passou em primeiro lugar no vestibular e foi uma das primeiras da turma. Ela não morava mais com a gente. Tinha casado ano passado e estava grávida do primeiro filho. Era a filha dos sonhos. Que pai não gostaria de ter uma Cíntia?

Depois vinha Camille, minha irmã mais nova. Muito mais alta, as pernas longilíneas e torneadas. Tão bonita que foi parada na rua por um olheiro no começo do mês anterior e agora fazia parte do *casting* da maior agência de modelos de Presidente Prudente.

Os irmãos mais velhos são os que têm mais liberdade. Os mais novos são os mais mimados.

E os do meio? Nada. Nunca sobra nada para nós. Não somos *mais* em nada. Não temos direito a nada. Na verdade, existia até uma pesquisa sobre os irmãos do meio serem os mais problemáticos.

Bom, até nisso minha família era modelo, pelo jeito.

Mudei o peso do corpo de uma perna para outra, pestanejando enquanto esperava ela despejar aquele monte de besteira.

— Você acredita que ela abandonou outro curso, Célia?

— Tá brincando? — Ela colou as mãos nas bochechas, abrindo a boca de maneira exagerada.

Meu Deus, será que era errado desejar a morte de um parente?

Mordi a língua, repreendendo-me. E então, cansada daquela tortura, empertiguei-me no lugar, acenando para as duas.

— Vou subir, estou morrendo de dor de cabeça. Foi bom te ver, tia Célia. Volte mais vezes. — Abri um sorrisinho mordaz, antes de virar nos calcanhares e disparar para a escadaria.

Mas o que eu queria ter dito mesmo era um punhado de palavras mal-educadas.

Corri até o meu quarto, fechando a porta com delicadeza e passando a chave. Joguei minha bolsa na cadeira de computador e me atirei na cama, agarrando o travesseiro como se dependesse disso para viver.

E então o choro veio.

Com a cara afundada na fronha, coloquei para fora todo aquele veneno. Se elas soubessem da missa um terço... eu já era minha maior inimiga, o que menos precisava era desse monte de críticas e pressão em cima de mim.

Chorei até ficar com dor de cabeça. Ao menos agora não era mentira a razão de eu estar ali trancafiada. Tia Célia sempre conseguia arruinar o meu dia. Mas naquela tarde tudo já estava tão horrível que suas palavras foram insuportáveis.

Fungando sem parar, agradei aos céus por ter o quarto só para mim. Quando Cíntia ainda morava com a gente, Camille e eu dividíamos o quarto. Para piorar, nossa cama era um beliche. Depois de cair três vezes durante o sono, troquei a cama de cima pela de baixo. O problema era que minha irmã mais nova tinha o sono leve como uma pluma e, ao menor suspiro, sua cabeça aparecia para me espiar. Não soube o que era privacidade até minha irmã mais velha casar e eu reivindicar seu quarto para mim.

O celular apitou com uma notificação. Abri os olhos, sobressaltada, e me sentei na cama com o coração martelando no peito. Usando as costas das mãos, esfreguei os olhos até varrer todo o sono para longe. Tinha adormecido sem nem perceber.

Soltei um suspiro, chateada. Eu odiava dormir à tarde. Era o mesmo que pegar meu dia e jogar no lixo. Mas não tinha muito o que fazer agora. Tomei um impulso para levantar e percorri o quarto até a escrivaninha, onde meu celular estava.

Meu coração apertou quando descobri que já passava das onze da noite.

Merda.

Que dia mais bosta!

Afundando-me cada vez mais naquele mau humor, desbloqueei o telefone e me deparei com as mensagens de Tales.

cheguei!

já trancou sua mãe no ateliê para fazer o vestido?

tá aí?

ei

como vou te contar td se vc sumiu?

Voltei para cama, atirando-me nela e sentando com as costas apoiadas na cabeceira. Com um meio sorriso tomando os lábios, apressei-me em digitar a resposta:

meu dia foi um lixo

nem precisei me preocupar com o vestido... to mais solteira q nunca

e pode tratar de contar td!!

nossa... :(q foda

oq aconteceu?

ele terminou cmg por mensagem

q tipo de pessoa sem coração faz isso?

e pra ajudar minha tia veio em casa... ¬¬

Tales demorou uma vida inteira para responder.

Deu tempo de acessar o *Instagram* do Eduardo e descobrir que tinha ido para uma festa.

Ele não perdeu tempo.

Se era possível, fiquei ainda mais emburrada. Expirei o ar dos pulmões, revirando os olhos como se tivesse mais alguém além de mim no quarto. Meu celular vibrou, desviando minha atenção da raiva que eu cultivava. Tales tinha respondido depois de uma década.

to indo aí

q?

agora?

aham

mas amanhã a gente trabalha

eu sei?

COMO vc está vindo?

o vinícius me emprestou o carro

fica pronta, a gente vai sair

ahn???

tales, vc tá louco???

Fiquei olhando para a tela do celular um tempão, esperando sua resposta. Como ela não veio, pulei da cama e me apressei em ficar pronta, mesmo sem nem imaginar o que aquele maluco tinha em mente.

Depois do banho mais rápido de toda a minha vida, vesti as primeiras roupas que encontrei pela frente. Tales era superpaciente, mas se tinha uma coisa que o tirava do sério era esperar. Peguei minha bolsa e, ao passar pela sala, encontrei mamãe vendo tevê no escuro, com um saco de pipoca na mão.

Sentei ao lado dela e, sem dizer uma palavra, enfiei a mão no saco, pegando um punhado de pipoca. Deslizei pelo encosto do sofá, até estar quase deitada.

— Por que ninguém me acordou pra jantar?

— Você disse que estava com dor de cabeça... — mamãe se esquivou, com um tom sentido. — Não queria incomodar.

— Tia Célia sempre me deixa com dor de cabeça — resmunguei, baixinho.

— Chloe! — repreendeu, e só então desviou o olhar da televisão para me encarar. — Ela só quer o seu bem... Aonde você vai uma hora dessas?

— Não sei. — Dei de ombros. — O Tales tá vindo aí.

Mesmo no escuro, seu olhar se iluminou. Mamãe o amava. Talvez mais do que *me* amava. No coração dela, ele era o melhor pretendente de todos. Ela não escondia o quanto tinha esperança de que a gente se casasse e tivesse meia dúzia de filhos.

— Ah, é? — perguntou, sem esconder a empolgação.

— Não se anima, não — adverti, com a boca cheia de pipoca. — Ele saiu com uma menina hoje. Está vindo aqui pra me contar como foi.

Ela murchou na mesma hora.

— Mas precisava ser assim tão tarde?

Abri a boca para responder, mas me calei quando dois toquinhos de buzina irromperam a sala. Levantei em um pulo, batendo as mãos na calça para limpar.

— Tarde é relativo, mamãe — respondi, enfim. — Pro papai, seis horas da tarde é quase madrugada.

Antes que ela pudesse responder, apressei-me em fugir dali o mais rápido possível. Minha mãe amava ter a última palavra, assim como eu. E isso era um dos maiores problemas entre nós — éramos muito parecidas.

Antes de sair, dei um pulo na padaria e peguei dois pães de queijo para Tales. Cercada pelas silhuetas destacadas na escuridão, senti uma pontada de culpa. Não tinha visto papai o dia todo.

O fato de ele ter uma padaria era bom em muitos aspectos. Por exemplo, sempre tinha pão fresquinho no café da manhã. E quando a fome da madrugada batia, era só descer e surrupiar um salgado ou alguns biscoitinhos de nata. A parte ruim era que os horários do meu pai eram todos estranhos. O dia dele começava por volta das três da madrugada, quando acordava para fazer a primeira fornada de pães. Depois disso, trabalhava até a hora do almoço, que era quando meu tio — marido da tia Célia — chegava para trabalhar. Eles eram sócios.

Lá pelas cinco da tarde, ele subia para o quarto e depois não o víamos mais. Era estritamente proibido fazer barulho a partir de então, porque esse era o horário que ele deitava para dormir. E, assim como Camille, meu pai tinha o sono muito leve. Acordava com qualquer ruído.

Quando abri o portão e saí para aquela noite estrelada e muito abafada, deparei com um Tales andando inquieto de um lado para o outro. As mãos nos bolsos. Parei por um momento, boquiaberta.

— Sério que você demorou tudo isso pra colocar uma roupa? — perguntou em um resmungo irritado.

— Eu nem sabia que você tinha uma calça jeans — sussurrei, distraída.

Estava tão acostumada a ver o meu melhor amigo de qualquer jeito que era um choque quando ele se arrumava um pouquinho mais, só para variar. Tales vestia uma camiseta lisa de gola V e jeans desbotados. Não era a roupa mais bonita do mundo, mas, nossa... Só de não ver os pelos do soto dele e nem aqueles joelhos saltados para frente, já era um avanço e tanto.

— O quê? — Ele parou e olhou para baixo. — Ah. Você pega tanto no meu pé com essas coisas que tentei me ajeitar um pouquinho mais.

— Fez bem. Já não parece mais um maltrapilho. — Ele deu um sorriso tímido. — Também não está lá aquelas coisas. Mas não se pode esperar um milagre, né? — concluí, sem poder perder a oportunidade de provocá-lo.

Tales deixou um beliscão na minha cintura antes de contornar o carro e entrar no banco do motorista. Nós vivíamos trocando *carícias* como aquela, mas dessa vez ele tinha mirado a mão um pouco mais para baixo, de modo que seus dedos tocaram o ossinho do quadril, uma área muito sensível para mim. Um calafrio percorreu minha espinha. Engoli em seco e balancei a cabeça, acordando de um transe. Eu andava tão carente... qualquer coisinha já me tirava do sério. Também pudera, fazia uns quatro meses que eu não sabia o que era sexo. Estava quase ficando virgem de novo, e entrando naquela fase que até a costura do jeans deixa as coisas interessantes. Caramba.

Quando entrei no carro, Tales me lançou um olhar confuso.

— Que foi?

— Na-nada — respondi em um fiapo de voz. Amassei o pacote com força e, lembrando da existência dele, estendi em sua direção. — Trouxe pra você.

Ele abriu e espiou lá dentro.

— Ah, cara! Como te amo.

— Aham. Só me ama quando te dou comida.

Meu rosto esquentou no mesmo instante. Fugi do seu olhar, passando o cinto pelo meu corpo sem a menor pressa.

— Valeu mesmo. Mas estava pensando na gente comer em algum lugar... — comentou, estendendo o braço para deixar o pão de queijo no meu colo. — Já jantou?

Minha nossa, Tales.

Por que você foi fazer isso agora?

Enrijei inteira e mordi o lábio inferior, repreendendo-me. Por que isso agora? Tudo bem que eu estava desesperada... mas aquele era o meu melhor amigo.

Percebendo o meu desconforto, ele uniu as sobrancelhas.

— Você está muito estranha.

— Hum... é fome — tentei disfarçar. — Aonde vamos?

Ele tamborilou os dedos no volante, com um olhar desconfiado. Só depois de alguns segundos desistiu de extrair alguma coisa dos meus olhos. Tales girou a chave na ignição, ligando o motor e dando partida em seguida.

— Escolhi o almoço. Você decide a janta.

Inclinei a cabeça para o lado, quando me ocorreu uma coisa.

— Achei que tivesse saído pra jantar?

— Era um desses lugares chiques que servem a comida em porções pequenas pra cacete.

Tales me olhou, sério. Sustentei o olhar por um segundo e então caímos na risada. Como bom taurino, comer era uma das coisas mais importantes para ele. Tales era, literalmente, conquistado pelo estômago.

— Que tal na Panquecaria Casa da Vó? — sugeri, e ele assentiu, permanecendo calado. — Você vai me contar como foi o *encontro*?

— Aham. Mas primeiro quero saber o que aconteceu hoje. O Euclides...

— Eduardo — corriji, mas ele nem pareceu ouvir.

— Ele só terminou com você, sem mais nem menos?

Deslizei pelo banco, soltando um suspiro longo e cansado. Eu queria e não queria falar disso com ele. Era complicado. Sempre quando levava um fora, ficava com a terrível sensação de que nunca encontraria alguém capaz de me aguentar. Fora que, droga, nunca tive a oportunidade de dar o pé na bunda de alguém. Os meus *crushs* eram sempre mais rápidos.

Era tão exaustivo ficar naquela busca incessante por uma pessoa que eu nem ao menos sabia como era. Queria *alguém*. Mas quem?

— É... Ele mandou uma mensagem falando que não estava nessa *vibe*. Que eu ia encontrar alguém, mas esse alguém não era ele. — Estalei a língua nos dentes, cruzando os braços sobre o peito. — Sabe qual é o problema, Tales? Devo ter repelente pra homens.

— Isso não existe, Chloe — resmungou ele.

— Tá. Mas como você explica eu ter vinte cinco anos e nunca, *nunca* ter tido um relacionamento com duração razoável?

Ele bateu com as mãos no volante e estreitou os olhos.

— Sei lá. Deve ter um milhão de motivos. Tipo você estar chata pra

caralho de uns tempos pra cá. Você nunca ligou pra isso, cara. O que tá acontecendo, hein?

— Já te falei! Está tudo uma bosta. Minha vida está estagnada.

— E daí você precisa de um namorado por quê? — Ele arqueou as sobrancelhas, sem esconder a expressão de quem me achava a maior louca da cidade.

— Você vai rir se eu disser.

— Tenta, ué.

Fugindo do peso do seu olhar, girei o tronco em direção à janela e usei o indicador para traçar desenhos invisíveis no vidro, tentando acompanhar o borrão que as luzes dos postes deixavam para trás.

— Nos filmes de comédia romântica a vida das protagonistas sempre está uma bagunça... até elas encontrarem o amor. Depois disso é como se tudo se alinhasse, sabe?

Tales fez um barulho horroroso. Parecia uma mistura bizarra de guincho exasperado com uma risada atônita. Olhei para o lado e o encontrei com uma expressão irritada.

Ele tinha ficado *bravo* comigo?

Argh, que melhor amigo de bosta eu tinha arrumado.

— Isso é sério? Tipo, sério *mesmo*?

Lancei um olhar ameaçador para ele, que deve ter surtido efeito, porque Tales ficou em silêncio até paramos em um semáforo e ele pôde me olhar nos olhos.

— Chloe, isso é ridículo! Foi mal, mas é — disse, passando o polegar sobre o bigodinho de pagodeiro, onde deveria estar a cicatriz. — Você está se ouvindo? Ninguém vai resolver sua vida além de você mesma.

— Você não entende... — Soltei o ar dos pulmões, prestes a chorar de novo.

— Entendo, sim. — Ele me surpreendeu ao segurar minha mão com ternura. — As coisas não estão legais e você tem direito de ficar frustrada. Mas a vida não é um filme e você não precisa de ninguém para te salvar. Nunca precisou. Não estou te reconhecendo de uns tempos pra cá...

Usei o punho para secar uma lágrima teimosa que pulou para fora do olho direito, mesmo depois de usar todas as minhas forças para tentar impedir.

— Tia Célia ficou falando que eu não vou arrumar um emprego decente. Que todo mundo é melhor que eu e aquele blá, blá, blá de sempre. — Esfreguei os braços, numa tentativa frustrada de me acalantar. — E minha mãe ainda me disse que ela só faz isso porque quer o meu bem!

— É errado eu odiar sua tia? — perguntou ele, com um sorrisinho tímido

nos lábios. Dei risada, negando com a cabeça. Tales deixou um apertão no meu joelho. Meu coração perdeu uma batida. — Vai ficar tudo bem, prometo. Estou aqui para o que der e vier, você sabe.

— Eu sei — respondi, porque sabia mesmo.

Em todos aqueles anos de amizade, Tales nunca me decepcionou. Sempre estive ao meu lado quando mais precisei. Isso não mudaria nunca, ele era a pessoa com quem eu mais me importava no mundo. Se eu descobrisse o dia da minha morte, iria querer passar meus últimos momentos com ele, por mais mórbido que isso parecesse.

A família dele sempre foi meio nômade. Tales já tinha morado em várias cidades e, depois que se mudaram para Presidente Prudente, mudou de casa quase todos os anos.

Ironicamente, sua família se mudou para a rua de cima da minha e depois disso nunca mais saíram de lá. Foi como nos conhecemos. O ponto de ônibus mais próximo de casa ficava na rua dele. Quando Tales se mudou para a vizinhança, passamos a pegar os mesmos ônibus para ir e voltar das nossas escolas.

Trocávamos olhares curiosos durante todo o percurso, mas demorou algum tempo até rompermos a barreira imensa que existe na adolescência. Apesar de tímido, foi ele quem tomou a iniciativa.

Fazia um dia chuvoso e abafado, no ápice do verão prudentino. Eu tinha improvisado um leque com a capa do caderno e me abanava freneticamente, quase deitada no banco. Apesar do ônibus quase vazio, Tales entrou e caminhou com determinação em direção ao meu assento, jogando-se no lugar vago ao meu lado.

Empertiguei-me no mesmo instante, lançando a ele um olhar atônito. Tales já tinha o bigodinho cobrindo a cicatriz. Na época era bem mais ralo. Se o Cebolinha tivesse bigode, quase certeza de que seria como o dele.

— Também gosto de *Friends* — disse, apontando para a capa do meu caderno e dando uma de suas piscadelas seguidas por um sorrisinho torto. — Você quem fez? — perguntou.

Olhei para meu próprio caderno, roçando o polegar pela colagem. Minha família nunca foi rica. Embora eu sonhasse com os cadernos caros de capas personalizadas, precisava me contentar com os genéricos que usavam fotos de pessoas surfando. E por isso sempre fazia o que podia para deixá-los com a minha cara.

Sorri para ele, mirando nos olhos prateados. Nossa amizade começou assim. Depois disso, eu contava as horas para encontrá-lo no ônibus na manhã seguinte, quando passaríamos todo o trajeto fazendo brincadeiras que só tinham

graça para nós e implicando um com o outro.

Não demorou para ele começar a me acompanhar até em casa. Nós dois sentávamos no quintal e passávamos a tarde conversando sobre tudo e nada. Tales narrava, com detalhes, os episódios de algum programa qualquer do *Discovery Home & Health*. Eu contava para ele sobre os filmes ou livros de comédia romântica do momento.

Sempre funcionou. Engraçado como, apesar de parecermos tão diferentes, compartilhávamos muitas coisas. Tales também nunca tinha namorado sério. Ele dizia que não era o foco. Que tinha outras coisas para pensar primeiro. Mas sei lá. Nunca me convenceu. Acho que no fundo ele tinha medo.

— Chloe? — Sua voz me buscou para a realidade. Olhei para o lado, encontrando sua expressão confusa. — Está tudo bem?

— Foi mal, me distraí.

— Deu pra perceber. — Ele sorriu. — Nós chegamos.

Olhei para fora, fiquei tão imersa em meus pensamentos que sequer prestei atenção no trajeto, de forma que pareceu durar um segundo.

Deixei o pão de queijo no banco e pulei para fora do carro de Vinícius, o colega de apartamento de Tales. Nós costumávamos fazer tudo de ônibus, ou então dividir o preço do Uber quando era preciso. Mas sempre que Tales pedia, Vinícius não hesitava em emprestar o carro. Eu achava isso muito legal. O que fazia de Vinícius um pretendente e tanto. Pena que Tales nem considerava a ideia. Ele nunca me deixava nem tocar no assunto. Dizia que as coisas poderiam ficar estranhas e mais um monte de desculpas esfarrapadas. Eu só podia pensar que a intenção de Tales era que eu virasse uma solteirona com vinte gatos.

Andamos lado a lado, em passos preguiçosos. A brisa mansa trouxe seu perfume amadeirado com fundo oriental. Inspirei fundo, deliciando-me com aquele cheiro. A maior qualidade de Tales era que não importava a hora do dia, ele estava sempre cheiroso. Podia se vestir como um maluco, mas pelo menos era um maluco com cheiro muito bom.

A Panquecaria Casa da Vó era em uma casa ampla, com as paredes internas pintadas de verde pistache e cobertas de quadrinhos de tamanhos variados. Alguns com mensagens positivas, outros com ilustrações fofinhas. A iluminação do restaurante vinha de abajures e lustres, todos diferentes uns dos outros, mas que juntos tinham certa harmonia.

Escolhemos uma mesa ao lado da ampla janela de madeira, com cortinas de crochê. As mesas eram de quatro lugares e cada uma das cadeiras tinha uma cor diferente, todas em tons pastéis. Suspirei, olhando ao redor, e anotei mentalmente que quando tivesse a oportunidade de morar sozinha, queria que minha casa tivesse a mesma decoração.

— Eu amo esse lugar — comentei, cruzando as mãos e apoiando o queixo nelas.

Tales sorriu. Já tinha ouvido isso um milhão de vezes, mas nunca cortava o meu barato. Demorei mais alguns minutos sonhando acordada, pensando na vida que eu queria para mim, mas que, infelizmente, ainda parecia distante demais.

Só quando o garçom parou ao lado da mesa e nos cumprimentou foi que acordei para a realidade e olhei para o Tales.

— O mesmo de sempre? — perguntei, sem nem precisar conferir o cardápio.

Éramos amigos há tanto tempo que já sabíamos tudo o que o outro gostava. E como estávamos quase sempre nos mesmos lugares, não era difícil adivinhar.

— É, pode ser.

Sorri para ele e fiz nosso pedido. O garçom anotou tudo em comandas de papel — o que demorou um bocado —, e então abandonou nossa mesa em passos apressados. Empertiguei-me no lugar, esticando a mão para alcançar a de Tales.

— Ok. Chega de enrolação, quero saber tudo.

— Estava pensando quanto tempo você ia aguentar.

— Andaaaa! — Revirei os olhos, mas não consegui segurar a risada. Tales me acompanhou, piscando sem nem perceber.

— Tá bom, calma! — Ele ergueu as mãos no ar. — O nome dela é Milene. Faz duas semanas que a gente conversa...

— Duas?! — arquejei. — Tudo isso? E você não me falou?

— Já expliquei o porquê — rebateu, ofendido. — Não gosto de ficar apresentando cada hora uma pessoa diferente... tem que ser alguém especial pra valer a pena.

Fisquei o lábio inferior, ao mesmo tempo achando fofo e ficando ofendida. Era fofo que ele tivesse essa preocupação comigo, porque eu sabia que fazia o mesmo com a família — Tales achava falta de respeito envolver as pessoas que amava com rolos. Mas também fiquei ofendida porque, bem... eu era o tipo de pessoa que mostrava todos os *crushs*. *Todinhos*. Se eu conversasse por mais de um dia, já contava para Deus e o mundo.

Balancei a cabeça, decidindo ignorar isso. Ele já estava tentando se esquivar do assunto a todo custo, se eu desse motivos para distraí-lo, nunca saberia sobre essa tal de Milene.

— E como ela é?

— Um pouco tímida — ele fez uma careta embaraçada. — Dois tímidos

não fazem uma soma muito boa.

Dei risada, balançando a cabeça em negativa. Caramba, eu entendia muito bem. Sair com alguém e não ter assunto era o tipo mais doloroso de morte.

— Mas foi ruim?

Ele passou as mãos no cabelo, encabulado, e se aprumou na cadeira. Abriu os ombros e cruzou os braços sobre o peito.

— Não foi o melhor — um sorrisinho envergonhado surgiu nos lábios —, mas ela é interessante. Sei lá... acho que quero conhecer um pouco mais.

— Hummm... — Arqueei as sobrancelhas. — Só isso?

Tales deu de ombros, desconcertado.

— Como assim só isso? Que mais você quer saber?

— Tudo?

— Tipo...?

— Tipo tudo — insisti. — Como ela é fisicamente? O que ela faz da vida? O que você já descobriu nessas duas semanas conversando?

Tales abriu a boca para responder, mas parou quando o garçom voltou com nossas cervejas. Meu amigo ergueu a dele no ar, com um sorrisinho torto pincelando os lábios. Brindei com ele e demos o primeiro gole.

— Às nossas vidas amorosas — murmurei baixinho, só para provocá-lo.

— Às nossas vidas, ponto — retrucou, revirando os olhos.

Dei outro gole na minha cerveja, umedecendo os lábios demoradamente. Tales tossiu de um jeito estranho e abaixou o rosto, fingindo mexer no celular. Digo fingindo, porque dava para notar que estava passando os aplicativos muito rápido. Nem devia estar prestando atenção no que fazia.

— Como eu disse... aversão a relacionamentos.

— Vou te ignorar para o bem da nossa amizade — disse, voltando a me encarar. Apesar do tom sério, ele sorria. — Respondendo o interrogatório: ela é... hum... baixinha. Morena. Tem um braço fechado de tatuagens... — Ele brincou com a garrafa de cerveja, os olhos perdidos em lugar nenhum. — Faz faculdade de moda. E não é daqui. Veio pra estudar.

— Então ela mora sozinha... — concluí, azeda.

— Mora em uma república — respondeu, sem perceber minha mudança repentina de humor.

Soltei um suspiro, balançando a cabeça para afastar aqueles sentimentos que ultimamente não me abandonavam nem por um segundo. Não era justo descontar minhas frustrações no Tales. Ainda mais quando as coisas pareciam estar engrenando para ele.

— Bom — falei, com os lábios escondidos por trás da garrafa — a primeira coisa que vou fazer quando chegar em casa é procurar o perfil dela.

Sabe disso, né?

— Depois de todos esses anos, não é bem uma surpresa. — Ele deu de ombros, despreocupado.

— E depois que descobrir até onde ela estudou na primeira série, vou te chamar pra gente conversar melhor.

Ele soltou uma risada gostosa, balançando a cabeça com incredulidade.

— Já que vou ser interrogado de novo depois, que tal a gente parar de falar sobre mim e você me contar do *seu* dia?

— Já contei, ué... — falei, entediada. — Levei um fora, minha tia me chateou e chorei abraçada no travesseiro até cair no sono. Apenas uma quarta-feira normal na minha vida.

Sustentamos o olhar por uma fração de segundo antes de nossas risadas se fundirem. A melhor maneira de superar as frustrações era por meio de piadas autodepreciativas. E eu era mestre nisso.

Tales adorava minha risada feia e por isso começou a bater palmas, daquele jeito que só fazia quando a piada era muito boa. O que me fez rir ainda mais e nos levou a uma bola de neve muito barulhenta. Algumas pessoas nos lançaram olhares curiosos. E teve até um casal que ficou incomodado com nosso barulho e pediu pra mudar de mesa.

Com os olhos lacrimejando, soltei um suspiro, tentando recompor a postura. Então um *flash* piscou em minha mente e me lembrei de outro acontecimento do dia. A cigana. Tia Celia tinha me afetado tanto que acabei esquecendo daquele bizarro encontro.

Endireitei a postura, cruzando os braços sobre a mesa, olhando para ele como se tivesse acabado de ter uma epifania que mudaria o sentido da vida.

— Nossa, lembrei de uma coisa que aconteceu hoje. Uma coisa bizarra pra cacete. Você nunca vai adivinhar!

Tales estreitou os olhos, aceitando o desafio. Essa era uma das nossas brincadeiras favoritas. Podíamos passar horas tentando adivinhar o que o outro queria dizer.

Com as mãos cruzadas sobre a boca, ele pensou por um momento. Então se empertigou, animado.

— Seu pai saiu pra comprar cigarro e não voltou mais?

— Que horror! — respondi, meio rindo, meio em choque. — E meu pai nem fuma.

— Ah, é. Fora que tem cigarro na padaria dele. Hum...vamos ver... — Ele estalou os dedos no ar. — Você achou o bilhete premiado da Mega-sena, igual naquele episódio de *Friends*!

Dei risada, torcendo um cacho de cabelo no dedo indicador.

— Não. Mas bem que eu queria.

— Já sei! Você se deu conta de que seu plano para sobreviver em um apocalipse zumbi não é nem de longe tão bom quanto o meu.

— Ah, tá — falei com ironia. — Isso é questionável. E não, não foi nada disso. Eu esbarrei com uma cigana depois que você foi embora.

Sua expressão se transmutou de brincalhona para interessada. Tales piscou os olhos, entortando a cabeça para o lado.

— Sêrio?

— Sim! Não só esbarrei, como ela tentou ler minha mão e eu neguei.

— Quê? Como assim negou?

— Negando? — Arregalei os olhos, confusa. — Eu tenho um pouco de medo por causa do que aconteceu com a minha avó... Não queria ninguém bisbilhotando a minha vida. Ainda mais coisas que nem aconteceram!

Dei um longo gole na minha bebida, para me acalmar. Eu tinha sido um pouco rude, mas agora já era tarde para me arrepender.

— Mas Chloe... todo mundo sabe que não é uma boa negar a mão pra uma cigana.

— Pois é, fiquei sabendo. — Apoiei o queixo nas mãos. — Pelo visto eu era a única desinformada. Ela jogou uma praga em mim.

Foi só depois de falar isso que percebi que ele estava brincando esse tempo todo. Bem que eu tinha achado sua reação estranha. Tales era supercético para esse tipo de coisa mística. Ele não acreditava nem em signos. Vivia tirando sarro de mim e pegando no meu pé. O que ele não admitia é que era a personificação do signo de touro. Tudinho mesmo. Mas o principal era a teimosia.

— Olha, eu também achei besteira. Mas ela disse que eu ia ficar solteira até aprender minha lição, e logo em seguida o Eduardo mandou a mensagem e...

— Afff, você não está falando sério, né? — ele me interrompeu, fisingando o lábio inferior para não rir, mas falhou miseravelmente. — Acreditou mesmo nisso?

— Sim — respondi. — Não. Sei lá. Não foi muita coincidência?

— Exato! *Coincidência*.

Assenti, ocupando-me em descascar o esmalte do polegar. Por um lado, eu achava que era loucura acreditar naquilo. Quero dizer, meu deus, qual a chance do fora do Eduardo ser por causa da cigana? Mas, não sei... tinha um pedacinho de mim, um pedacinho bem pequeno mesmo, que ficava arrepiado só de lembrar da risada debochada dela, de quem mal podia esperar para ver eu voltar implorando por perdão.

Cala a boca, Chloe.

Que absurdo!

Fui arrastada para a realidade pelo garçom, que chegou com nossas panquecas. Somente ao sentir o cheiro delicioso de molho branco foi que me dei conta do tamanho da minha fome. E pelo jeito Tales também, porque ele não hesitou em atacar seu prato como se fosse um animal depois de um longo período hibernando.

Durante o tempo em que devoramos nossas comidas, só se ouvia o som baixinho de talheres tilintando. Essa era a parte boa da intimidade — eu não precisava me preocupar em encontrar assuntos quando a fome me corroía por dentro. Fora que falar com medo de que tenha uma sujeirinha no dente é a pior coisa que existe. Mas ali, com meu melhor amigo, eu poderia estar com um pé de alface grudado na boca que ele não ligaria. No máximo, daríamos risadas juntos.

Soltei um suspiro chateado, pensando em como queria alcançar esse estágio com outro cara. Eu queria me apaixonar, sentir saudade no primeiro segundo longe da pessoa, ficar com as pernas trêmulas ao lembrar dela... e mais um monte de coisas do tipo. Mas o que eu queria mesmo era me sentir eu mesma. Sem precisar ficar pisando em ovos.

Ergui o rosto outra vez, encontrando seu olhar. Tales estava limpando a boca com o guardanapo. Alguns fios do cabelo negro caíam sobre o olho sem que ele se importasse. *Ah, se ele soltasse esse cabelo...*

— Assim... hipoteticamente falando... — comecei. Tracei desenhos na toalha, com nervosismo. — E se a cigana jogou mesmo uma praga em mim? E se eu nunca descobrir o que preciso fazer e acabar morrendo solteira com vinte gatos em casa?

Tales deu de ombros, me encarando despreocupado.

— Você vai precisar aprender a gostar da própria companhia. E como é minha amiga, me sinto na obrigação de dizer que é uma ótima companhia.

Soltei uma risadinha esganiçada.

— Mesmo? — Ele concordou com a cabeça.

— Só não tem a menor noção do que fazer em um apocalipse zumbi... mas isso a gente releva. — Ele piscou daquele jeito bem Tales, e logo o sorrisinho iluminou seu rosto.

E mesmo rindo junto dele, por dentro tudo o que senti foi uma pontada. Uma pontada que serviu como prenúncio de algo muito, muito ruim.



ENCERREI A LIGAÇÃO, SOLTANDO UM suspiro de desânimo. Por mais que tentasse não me abalar com o trabalho, era impossível não ficar estressada de vez em quando. Eu era humana, afinal. E tinham clientes que pareciam fazer o possível para arrancar lágrimas de quem estava do outro lado da linha. Eu até entendia a irritação deles com a empresa, mas, poxa, por que eles se esqueciam de que éramos pessoas?

Massageei os punhos e tentei encontrar uma posição em que a coluna não doesse. Trabalhar sentada era bem melhor que em pé, mas também tinha suas desvantagens. Minha lombar nunca mais foi a mesma depois que entrei para o telemarketing.

Percebendo que eu estava livre, Thaís esticou o pescoço para me olhar por trás das divisórias. Seu olhar tinha um brilho malicioso e eu soube, antes mesmo dela abrir a boca, que o assunto era do meu interesse. Se havia alguém mais desesperada para namorar do que eu, com toda certeza era ela.

— Já viu os funcionários novos? — sussurrou, e os lábios se curvaram em um sorrisinho satisfeito.

— Ainda não. — Inclinei-me um pouco mais para perto dela. — Estava numa ligação infinita.

— Olha lá! — Ela lançou um olhar para a minha direita. — Acabaram de descer.

Descer.

Era o termo usado para quando concluíamos o treinamento de um mês e enfim começávamos no atendimento.

Já contavam meses desde que eu tinha entrado na empresa, e ainda suava frio quando lembrava da primeira semana de trabalho. Sobre tudo do primeiro dia. O nervosismo era tão grande que fiquei com dor de barriga e precisei intercalar as idas ao banheiro com as ligações. Um terror. Eu estava morrendo de

medo. Odiava falar por telefone, fora que a fama de telemarketing não era muito boa.

Segui o olhar para a direção que Thaís mirava, e não demorei a adivinhar quem eram os novatos. A mistura de confusão e pânico que tomava suas feições eram como luminosos, destacando-os dos demais. Como sempre, a maioria dos funcionários novos eram mulheres. Com exceção de três homens. Um deles era muito velho para ser quem Thaís queria me mostrar. E o outro tinha uma aliança dourada tão reluzente no dedo que quase me cegava. Então só podia ser o japonês cheio de tatuagens que estava a três mesas de mim.

— Uau! — Apoiei o queixo nas mãos, examinando-o com calma.

Os braços eram fechados com desenhos coloridos que se estendiam até o pescoço. Imaginei se seu dorso também era todo desenhado e minha imaginação viajou longe... pensei em minhas mãos traçando os desenhos no final da barriga, e então deslizando para dentro da calça de jeans que ele vestia...

Pigarreei, sentindo o rosto esquentar.

Droga, Chloe.

Faz literalmente dois segundos que você viu o cara e já está imaginando como ele é na cama.

— Aham — Thaís concordou, despertando-me para a realidade. — Eu sei.

— Nossos filhos seriam tão lindos... — Sonhei acordada, imaginando crianças com a pele de ébano e olhos amendoados.

— Preciso discordar — retrucou Thaís, fingindo-se de ofendida. — Acho que combino muito mais com ele. Fora que vi primeiro.

— Bom, eu ainda não tirei meu intervalo. Você já, né? — provoquei, com um sorriso vitorioso. — Então talvez eu dê a sorte de tirar o intervalo junto com ele... e talvez esbarre nele sem querer. E talvez use isso para puxar assunto. *Talvez.*

Thaís revirou os olhos, fazendo uma careta azeda.

— Você é muito pedreira, sabia?

Dei de ombros.

— Quem não arrisca, não petisca. Fora que eu sou mais velha que você. Minha situação é mais crítica — e, ao ouvir minhas próprias palavras, imaginei qual seria a reação de Tales se ele também estivesse ali. Provavelmente estaria me julgando. Ele simplesmente não conseguia entender.

Thaís torceu o cabelo e o prendeu em um coque, usando uma caneta para segurar. Seu rosto desapareceu por poucos segundos antes de ela voltar a se inclinar para dentro da minha divisória, com uma expressão acusatória.

— Você não disse que vai sair com um cara do tinder essa semana?

— Disse — concordei, fazendo pouco caso. — E daí?

Thaís abriu a boca, chocada.

— Chloe!

— Ué? — Examinei minhas unhas, olhando-a de soslaio. — Exclusividade é um privilégio de quem colocar um anel desse dedinho aqui. — Balancei o dedo anelar no ar.

— Eu te odeio — respondeu, em meio a risadinhas.

Abri a boca para responder, mas então vi um de nossos supervisores vindo em nossa direção e, por isso, tratei de voltar ao trabalho. Com um olho no computador e outro no funcionário novo, as horas passaram voando. Como uma lunática, observei cada movimento dele. A maneira como roía as unhas quando ficava nervoso, ou o tique de passar as mãos no cabelo o tempo todo. Os desenhos das tatuagens faziam uma combinação interessante com os músculos tensionados. Eu só podia imaginar o monumento que devia ser por baixo daquelas roupas folgadas.

Meu estômago estava revirando de fome quando o vi levantar para o intervalo. Resolvi atender mais uma chamada antes de segui-lo para o refeitório. O nervosismo começou a aparecer em pequenos sinais, como meus dedos tamborilando sem parar, e a perna subindo e descendo rapidamente.

Balancei a cabeça, concentrando-me na ligação. Atendi a chamada com os cumprimentos padrões, parecendo um robô ao falar. E então, do outro lado da linha, um gemido irrompeu.

— Que voz gostosa... — A voz masculina chegou aos meus tímpanos, deixando-me com o estômago embrulhado. — Estou aqui imaginando como você é...

Essa não...

Congelei inteira, com o rosto queimando.

Caramba, aquilo era horrível.

Desde que comecei a trabalhar na CarreTel, já tinha cansado de ouvir falar sobre o Tarado do Telefone. Ele ligava todos os dias para realizar as fantasias sexuais nojentas. Se um homem atendia, Tarado desligava e tentava de novo, até cair com uma atendente. Eu ainda não havia tido o azar de atendê-lo. Só ouvia todas as minhas colegas de trabalho reclamando sobre a situação desconfortável. Mas, bem, para tudo existia uma primeira vez.

— Fala mais alguma coisa, vai... — ele gemeu e fechei a mão em punho, morrendo de ódio. Por regra da empresa, nós não podíamos desligar a ligação em hipótese alguma. Mas depois de tantas reclamações das meninas, haviam liberado para que silenciássemos a chamada.

Não esperei nem mais um segundo para fazer isso. Apertei a tecla para

bloquear o meu microfone e deslizei os fones para fora do ouvido.

— Que nojo... — sussurrei baixinho, ainda em choque.

Thaís se inclinou para trás, com os fones encaixados na orelha, e me lançou um olhar complacente.

— Era o tarado? — perguntou, sem emitir nenhum som. Concordei com a cabeça, ainda tentando organizar os pensamentos. — Ai, tadinha... — Ela esfregou a mão no meu braço, antes de voltar para sua divisória.

Assim como eu, ela ainda não tinha passado pela experiência. Bom pra ela, eu queria poder voltar no tempo. Estava me sentindo violada. Precisei esperar mais dez minutos até Tarado desligar a chamada. Só então fiquei livre para fazer meu intervalo.

Enquanto pegava minha bolsa embaixo da escrivaninha, lembrei do funcionário novo com certo desânimo. Ele já tinha saído há um tempinho, e nós só tínhamos meia hora de almoço. Corri em direção ao refeitório, fazendo cálculos mentais.

Ele estava sentado sozinho em uma das três mesas do refeitório, com um fone de ouvido vermelho que, de tão grande, parecia um abafador. Enquanto comia, sua cabeça balançava devagarzinho, acompanhando o ritmo da música que ouvia. Me perguntei que estilo musical ele curtia e deixei um sorriso escapar ao imaginar as opções.

Abri minha bolsa, procurando o sanduíche natural. Caminhei em direção a mesa onde ele se encontrava. Ainda com a cara enfiada na bolsa, sentei ao lado dele, fazendo o possível para fingir que tinha sido por um mero acaso do destino. Demorei alguns segundos vasculhando a bolsa de mentirinha, antes de tirar o sanduíche lá de dentro. E então bati o cotovelo nele de levinho, tal como havia planejado.

Eu era um desastre em várias coisas, mas ninguém podia negar o quanto eu era ótima em agir *casualmente* quando queria flertar com um cara. Praticamente tinha nascido para isso. Talvez por isso fosse tão fácil arrumar pretendentes — o difícil era fazer virar algo mais.

Fiz cara de surpresa ao virar na direção dele.

— Nossa, foi mal. — Sorri.

Ele tirou os fones, olhando-me com curiosidade. E foi então que percebi que meu amigo era mestiço. Seus olhos eram do verde mais lindo que eu já tinha visto e me segurei para não soltar um suspiro.

— Sem problemas — ele assentiu, retribuindo o sorriso.

— Nunca te vi por aqui antes — comentei, abrindo meu lanche sem nenhuma pressa. — Começou agora?

— Aham. — Ele batucou as pontas dos dedos na superfície de madeira

da mesa sem nem perceber. — Primeiro dia. Quero dizer, já faz um mês que trabalho aqui... fazendo o treinamento. V-você sabe — concluiu, com um sorrisinho desconcertado.

Ele ficava adorável todo atrapalhado. Parecia tímido. O que era ponto para mim, já que meu melhor amigo também era. Eu estava para lá de acostumada.

Dei uma mordida no meu almoço, assentindo para ele.

— E aí? Já deu tempo de assustar? — perguntei depois de engolir e usei as costas da mão para limpar a boca.

Ele arregalou os olhos verdes e me surpreendeu com uma risada sincera e diria até um pouco aliviada. Eu entendia bem. Embora todo mundo imaginasse que não se tratava de um emprego fácil, viver na pele era uma experiência única. Levava um tempinho para se acostumar. Ou não. Uma porcentagem enorme de pessoas desistia nos primeiros dias que eram para valer.

— Cara... muito. Achei que estava preparado, mas esqueci um monte de coisa. Parece que deu um branco muito louco... enfim. Foi punk.

Dei risada dele, reconhecendo-me em seu pavor.

— É normal. Logo você acostuma e fica tudo meio robótico.

— Tomara. Quando as pessoas percebem que você está perdido, a coisa toda piora muito.

Dei outra mordida no sanduíche, aproveitando cada segundo para engoli-lo com os olhos. Não era culpa minha ele ser tão bonito. Ele tinha os dentes da frente um pouco encavalados, de um jeito charmoso. Eu ficava esperando um sorrisinho só para poder contemplar um pouco mais.

— Vai melhorar — garanti, com um meio sorriso. Aproveitei o momento para enterrar os dedos no cabelo, ajeitando-o como quem não quer nada. Mas a verdade é que cada movimento meu era premeditado. Cada mísero movimento.

Ele cruzou os braços sobre a mesa, debruçando-se sobre ela de forma que ficamos ainda mais próximos.

Isso!

— Faz tempo que trabalha aqui?

— Uns oito meses. E sobrevivi — brinquei, toda cheia de sorrisos e risadinhas. — Nossa, nem me apresentei, né. Meu nome é Chloe Tavares. — Falar o nome completo não passava de uma tática que anos de stalker tinham me ensinado.

— Bruno Yoshihiro. — Ele estendeu a mão com um sorrisinho meio tímido, meio debochado. — Espero sobreviver também. Preciso desse emprego — revelou, enquanto me cumprimentava com um aperto firme.

Quando me soltou, girou o punho para conferir as horas e se empertigou

inteiro.

— Caraca, deu minha hora e eu nem percebi — disse, levantando em um pulo. — Preciso voltar. Até mais! — Soprou, com um sorriso no rosto, pouco antes de se afastar em direção a saída.

Busquei o celular na bolsa, e então me atirei na mesa, relaxando os músculos. Não demorei nem cinco minutos para encontrar seu Facebook. Bruno Yoshihiro. Sorri com satisfação ao descobrir que estava solteiro e desimpedido, assim como eu. Fisguei o lábio inferior enquanto descia pela sua linha do tempo, descobrindo um pouco mais sobre ele. Bruno era vegetariano, fazia pole dance — o que eu achava bem inusitado, mas que explicava o corpo atlético dele —, e cursava cinema.

Expirei o ar dos pulmões, com o humor nas nuvens. Então lembrei de Tales e senti *necessidade* de provocá-lo um pouquinho.

acabei de conhecer o amor da minha vida

*pela vigésima vez...
quantos amores vc tem???*

me deixa

eu deixo, vc que não consegue ficar longe

tales, é estranho um homem fazer pole dance?

*acho q não?
tem homem que faz ballet
a propósito:
vc me assusta com sua habilidade de stalkear, é sério*

*ufa, que bom
tava com medo de não ter chance com ele*

vc pode continuar não tendo chance, mesmo ele sendo hétero

*ai, sai pra lá
chato*

então vc me chamou só pra isso mesmo?

*vc é meu melhor amigo,
tá no contrato q precisa aguentar esse tipo de coisa*

affff chloe

*mas vou aproveitar pra te contar: o q eu mais temia aconteceu hj
adivinha*

hmmm

ficou com dor de barriga no trabalho e não consegui segurar?

meu deussss, não!!!

o ônibus parou de uma vez e vc caiu sentada no colo de alguém?

hahahah não, ainda bem

*tem a ver com telefones
e gemidos...*

O TARADO TE LIGOU???

*pois é
q merda*

vc xingou ele?

*bem q queria
não posso*

poxa... meus pêsames

*td bem
depois te conto td
preciso voltar*

O resto do expediente passou em um piscar de olhos. Thaís me obrigou a

narrar os mínimos detalhes da minha conversa com Bruno, embora não tenha sido tão longa. Esticando o pescoço para olhar pela barreira da divisória, contei para ela tudo o que já havia descoberto sobre ele em minha breve investigação. No dia seguinte, esperava ter muito mais para contar.

— Então ele faz pole dance, é? — perguntou, com um sorrisinho malicioso estampando o rosto.

Assenti, rindo baixinho de sua reação. Diferente de mim, ela não achou nem um pouquinho estranho.

— Nossa, imagina só a flexibilidade dele... — Sonhou acordada, os olhos mirando para lugar nenhum.

— Não é? E eu que vou tirar a prova, pelo jeito. — Fingi examinar minhas unhas, para provocá-la.

— O que não acho nada justo, se quer saber minha opinião. Ele faz mais o *meu* tipo.

Entreabri os lábios, surpresa com sua cara de pau.

— Nem vem! Pra ser seu tipo, basta ser homem. Nós duas sabemos disso.

— Sabemos porque somos iguais, né? — Deu de ombros, sem negar minha acusação.

Quando nosso turno acabou, caminhamos juntas até o ponto. O ônibus dela sempre chegava primeiro e, por isso, eu aproveitava meus minutos sozinha para dar uma conferida nos aplicativos de relacionamento.

Sentei no banco metálico, ao lado de uma senhorinha ocupada com o seu tricô, e peguei o celular na bolsa como se fosse a coisa mais importante da minha vida. Os minutos se atropelaram enquanto eu escolhia meus pretendentes como quem olha um cardápio de pizza e decide de qual sabor gosta mais. Era fácil entender Tales e sua implicância com aplicativos. Ele insistia que não eram naturais. Bom, eles facilitavam *bastante* a coisa, isso eu não podia negar. Mas como também não era muito o tipo de pessoa que frequenta festas, essa era minha melhor alternativa para conhecer gente nova.

Quase deixei o ônibus passar, de tão entretida. Navegar pelas terras desconhecidas do Tinder era sempre uma aventura surpreendente. Tinha de tudo. Homens se achando a última bolacha do pacote; os engraçadinhos com a biografia cheia de piadas; caras casados que deixavam bem claro o desejo de sexo casual... era como procurar agulha no palheiro, ou escolher feijão. Eu gostava. Sentia uma pequena realização sempre que dava *match*, imaginando todas as possibilidades. Pessoas eram universos complexos e particulares, eu ficava extasiada pensando na soma incrível que um relacionamento resultava.

Cheguei em casa com a cabeça nas nuvens e, para minha surpresa,

encontrei papai acordado vendo tevê. Quero dizer, não sei se era seguro afirmar que estava mesmo acordado. Parecia prestes a despencar no sofá. Os olhos injetados e estreitos pareciam não focar em nada e ele não mexia um músculo. Parecia uma daquelas estátuas de cera bizarras.

— Papai? — perguntei, sem esconder a surpresa. Ele costumava estar no décimo sono quando eu chegava do trabalho. Por isso sempre almoçávamos juntos. Bem, *quase* sempre.

Ele piscou, tentando se situar. Então abriu um sorriso largo que me aqueceu por dentro.

— Ei, aí está você — saudou, abrindo os braços no ar.

Joguei-me no sofá, aceitando o afago de bom grado. Era tão melhor ser recebida por ele do que por mamãe ou tia Célia, sempre pegando no meu pé.

— O que está fazendo acordado? — afastei-me para encará-lo nos olhos.

— Queria te ver um pouquinho. A gente tem se desencontrado...

Abri um sorriso largo e tomei impulso para voltar a abraçá-lo.

— Que fofo, ficou parecendo uma mistura de zumbi com estátua de cera só para me esperar voltar do trabalho!

Papai deu uma risada gostosa e se ajeitou no sofá.

— Se tivesse demorado mais um pouquinho, eu não teria aguentado.

— Mas você não aguentou! — brinquei. — Estava mais pra lá do que pra cá.

Ele encolheu os ombros, com uma expressão divertida. Então me surpreendeu ao esticar o braço e colocar uma mecha do meu cabelo atrás da orelha.

— Como foi seu dia?

Recostei-me no sofá, cruzando os braços sobre o peito.

— Deixa eu ver... um menino gatinho começou a trabalhar lá. Tirei o intervalo com ele e aproveitei pra jogar meu charme — concluí, pestanejando.

Nós tínhamos um relacionamento bem aberto. O que eu sempre via por aí eram meninas próximas das mães. Mas, lá em casa, eu nem ousaria contar para mamãe os assuntos que conversava com ele. E o melhor de tudo era que papai não tinha ataques esquisitos de ciúmes, nem nada do tipo. Ele me respeitava e entendia que eu já não era mais uma criança, diferente de mamãe e tia Célia. Aliás, era estranho a maneira como elas me viam. Para algumas coisas, eu era uma criança. Para outras, era grandinha o bastante para arcar com as responsabilidades. Nunca entenderia...

Meu pai uniu as sobrancelhas, sem esconder a confusão do rosto.

— Mas você já não está conversando com o rapaz do aplicativo?

Enrolei um punhado de cabelo ao redor do dedo anelar.

— Vamos sair essa semana. Se não der certo, pelo menos já tenho um plano B.

Revirando os olhos, ele soltou uma risada incrédula.

— Você não perde tempo, hein?

— Não posso. Já tenho vinte e cinco. Se continuar tranquila, vou morrer titia.

— Filha, vinte cinco anos *não é* o final da vida. — Papai tinha uma expressão chateada e preocupada ao mesmo tempo. — Nem trinta. Nem quarenta. A vida é muito longa, dá tempo de fazer muita coisa. Você está neurótica — concluiu, apertando os lábios até quase sumirem.

Bati com os braços no corpo, frustrada com o quanto ele se parecia com Tales às vezes.

— É claro que estou neurótica! — arquejei, sentindo-me incompreendida. — Papai, a maioria das meninas da minha escola já estão ou formadas, ou casadas, ou viajando para a Europa nas férias do emprego incrível delas.

Um silêncio cheio de significado pairou pelo ar, enquanto papai me observava com os olhos de um verde pálido. Ele segurou meus punhos e os afagou com os polegares.

— Cada um tem uma régua que só consegue medir a própria vida, meu amor. Não tente usar a régua dos outros. Você ainda não encontrou a faculdade certa e talvez nunca encontre... tem gente, tipo eu, que não se formou em nada. E olha só pra mim, nada mal, né? — Ele deu um sorriso bondoso. — O que estou tentando dizer é que as coisas acontecem no momento certo.

Desviei o olhar para ele não perceber as lágrimas. Fiz um esforço absurdo para não deixar nenhuma delas cair antes de voltar a encará-lo.

— Obrigada — sussurrei.

— Agora, sério, você precisa relaxar. Ou vai morrer do coração.

Pela segunda vez, foi como estar de frente para o meu melhor amigo. Sorri para meu pai, e só então algo me ocorreu:

— Cadê a mamãe e a Camille?

— Foram na agência. Sua irmã teve um *casting* de última hora. Parece uma coisa boa... vamos ficar na torci... — Papai deixou um longo bocejo escapar e esfregou os olhos.

— Você precisa deitar ou não vai aguentar acordar na hora — falei, acariciando seu braço.

— Está me dispensando, é?

— Aham. — Deixei um beijo em sua bochecha. — Para o seu próprio bem. Te amo.

— Eu também. Mais do que consigo colocar em palavras — disse, levantando-se. E então se arrastou para o andar de cima.

Demorei-me um tempo no sofá, absorvendo nossa conversa.

Eu queria acreditar em suas palavras, agarrar-me a elas e parar de sofrer com coisas das quais eu não possuía controle. Mas meu cérebro e meu coração não entravam em consenso. Saber que era besteira me preocupar com tudo aquilo e parar de sofrer eram coisas muito diferentes.

Eu tinha a sensação de que era mais fácil para as outras pessoas. A maioria dos meus amigos de escola tinha absoluta certeza do que gostaria de fazer pelo resto da vida. Enquanto eu ainda tentava entender todo o lance de amadurecer e passar pela transição da adolescência para a vida adulta. Nunca tive a menor ideia. E ainda não tinha, para o meu completo desespero.

Assim que concluí o ensino médio, comecei a trabalhar em uma rede de *fast-food*, com a ajuda de Tales, enquanto meus pais concordaram em pagar pelo cursinho — na verdade só papai —, para eu ter mais tempo de avaliar minhas possibilidades. Foi quando pensei ter nascido para o jornalismo. Por algum motivo idiota, enfiei isso na cabeça e acreditei piamente. Fiz vestibular, passei e cursei dois anos, tentando me convencer dia após dia de que era isso. Um dia eu sentiria o *click* e perceberia o quanto era feliz. Mas esse dia nunca chegou. Pelo contrário, conforme o tempo passava, mais torturante era estudar matérias que nada tinham a ver comigo.

Demorei para conseguir entender que o jornalismo nunca ia acontecer. Não para mim. Depois, levei mais um século para contar para minha família. Ainda lembrava da decepção estampada nos olhos de mamãe. Ela insistiu que eu precisava seguir os passos de Cíntia e ser bem-sucedida como ela. Que direito era um curso tradicional e dificilmente eu ficaria sem emprego. Mas eu não queria. *Também* não era isso.

No ano seguinte, prestei vestibular de novo. Dessa vez, escolhi cursar Design de Moda. Achava ter tudo a ver comigo. Como mamãe era costureira, eu conseguia andar por dentro das tendências, e ainda por cima customizar algumas peças para deixar com a minha cara. Mas descobri da pior maneira que a faculdade não se tratava só disso, e sim mais um punhado de áreas que me faziam sentir como um peixe fora d'água. Desisti depois do primeiro semestre — o mais sofrido da minha vida.

Coloquei na cabeça que só faria faculdade quando tivesse certeza absoluta do curso. Mas o tempo foi passando e eu continuava sem saber. Por isso, no começo do ano, tentei estudar História. E, bem, se meu desastre fosse um gráfico, estaria em uma decrescente desenfreada, porque só consegui durar uma semana naquela porcaria.

A família toda já tinha perdido as esperanças em mim, é óbvio. E eu nem podia culpá-los, isso era o pior, pois continuava sem a menor noção de qual rumo escolher. Quando criança, olhava para as pessoas mais velhas e me perguntava se seria igual. Todos pareciam tão decididos, inteligentes e independentes... Mas eu continuava a mesma criança assustada, presa no corpo de um adulto. Era frustrante.

Fiz uma varredura pelo meu quarto vazio. Os pôsteres de filmes preenchendo as paredes, do tempo em que locadoras eram comuns e eu precisava passar todos os dias implorando para guardarem um para mim. A cama tinha um punhado de roupas jogadas em cima, as quais peguei e realoquei para a cadeira do computador. Os móveis cheios de adesivos guardavam um milhão de memórias e sensações distintas. Eu amava aquele cantinho, amava aquela casa, amava a minha família. Mas queria tanto ter mais. Queria *ser* mais. Expirei o ar dos pulmões, soprando uma mecha do cabelo. Usei os pés para desembolar o tapete de crochê cobrindo o piso de madeira corrida e tateei os bolsos a procura do celular.

Não adiantava. Tales até podia achar minha companhia agradável, mas eu *odiava* ficar sozinha. Odiava não ter alguém por perto. Porque estar sozinha era ter um lembrete constante das coisas que me deixavam insatisfeitas, e eu não queria isso.

Sentei no chão, recostando as costas na cama, e abri a conversa com o meu melhor amigo, me apressando em digitar:

q horas vc sai da aula hj?

Ele devia estar com o celular na mão, pois sua resposta levou poucos segundos para chegar.

*21h
tenho só as 2 primeiras
pq?*

*q tal um filme hj?
até deixo vc escolher
menos ação, pq daí vou acabar dormindo*

*nossa, vc nunca me deixa escolher o filme
quem é vc???
cadê a chloe???*

ha ha

eu ia adorar, mas já tenho compromisso :/

*isso é jeito de me dispensar?
inventa uma desculpa melhor
compromisso no meio da semana? depois da aula?*

*hahaha
é difícil de acreditar, eu sei, mas é vdd
vou sair com a milene
:)*

*hummm olha só!!
q legal!*

depois vai me contar tudo, né?

na medida do possível, rs

tá bom, divirta-se!

vc tbm <3

ps.: se quiser maratona alguma série na netflix, recomendo breaking

bad

até vc, tales???

*é boa, ué
assista
e me diga oq achou*

*ok, vou pensar
bjsss*

Olhei para a tela do celular, sentindo um vazio enorme.

O que vou fazer agora?

O que vai ser de mim se o Tales começar a namorar?

Massageei as têmporas, tentando me livrar da irritação subindo em

espirais e me paralisando. Era egoísta pensar assim e, acima de tudo, escroto. Se alguém no mundo merecia ser picado pelo mosquitinho do amor, esse alguém era ele, com toda certeza. E nem só pela sua felicidade e tudo mais, mas principalmente porque Tales precisava morder a própria língua.

Mas... não sei. Precisava ser com Milene? E bem *agora*? Quando eu ainda continuava solteira? Caramba, ele era minha companhia para tudo. Era quase uma extensão de mim. Fazia tantos anos que eu era grudada com esse menino, nem conseguia imaginar o buraco que ele deixaria em minha vida.

Está sendo ridícula, Chloe.

E dramática.

É só um encontro.

Esfreguei o rosto, lutando para ficar calma. Não dava, estava irritadíssima. Estava... *desesperada*. O que era ridículo. Mas isso deixaria de me incomodar quando tivesse um anel de compromisso no meu dedo, tinha certeza.

Bom, ao menos era do que eu tentava me convencer.



O PIOR LUGAR DO PIOR BAR

FRANZI O CENHO QUANDO O Uber parou em frente ao suposto lugar onde eu me encontraria com Joaquim.

Não pode ser aqui...

— Será que coloquei o endereço errado? — perguntei, incerta, para o motorista. — Existe outro *Desordem Bar*?

— Não, esse é o único. — Ele encolheu os ombros, como se pedisse desculpas. Talvez meu desapontamento fosse evidente.

Agradei e pulei para fora do carro, alisando meu vestido com movimentos nervosos. Aproveitei e fiz uma varredura pelo lugar apinhado de gente, tentando me convencer de que não era tão ruim assim para um primeiro encontro. Tratava-se de um espaço amplo, com chão de cascalho, coberto por uma tenda vermelha.

A música vinda lá de dentro era tão alta que quase encobria o zumbido constante de muitas pessoas conversando e rindo ao mesmo tempo. As mesas e cadeiras eram de plástico e parecia não haver um único lugar desocupado. Era como se todas as pessoas daquela cidade tivessem resolvido ir para lá, afinal de contas, quem não gostaria de ficar espremido em um lugar barulhento?

Soltei um suspiro, caminhando a passos lentos em direção à entrada. Meus olhos miraram as lâmpadas fluorescentes e fiz uma careta de desaprovação. De quem tinha sido a ideia terrível de colocar aquela luz fria horrorosa em um bar? Causava uma sensação sinistra e um pouco melancólica, como nos bares de filmes de terror.

Ajeitei a bolsa no ombro enquanto passava pela entrada e então me ocorreu um detalhezinho de nada — como encontrar uma pessoa que mal conhecia naquela multidão?

Senti o coração comprimir no peito e desejei pegar um Uber de volta

para casa e vestir meu pijama mais confortável para assistir a algum filme bem água com açúcar. Pelo menos em filmes não acontecia esse tipo de coisa. Nunca vi uma protagonista precisar procurar o mocinho no primeiro encontro. Mas se eu ficasse em casa, nunca conseguiria resolver meu problema. Porque os caras não aparecem de paraquedas no nosso quintal, para minha infelicidade.

Saquei o celular da bolsa, apressando-me em digitar uma mensagem para Joaquim.

*oiii, cheguei...
onde vc está?*

Ajeitei os cabelos, usando todas as minhas forças para não desanimar com a escolha péssima de Joaquim. Poxa, ele pareceu um cara tão legal enquanto conversávamos... ainda bem que eu já tinha começado a investir em Bruno, do trabalho, porque aquela noite mal tinha começado e eu já me sentia bastante desanimada.

*q top!
to perto da banda
minha camisa é verde*

Senti uma guinada no peito e, no mesmo instante, minhas mãos suaram frio. Guardei o celular na bolsa, preparando meu psicológico. Embora adorasse toda a coisa da paquera, não podia negar o friozinho na barriga sempre que estava prestes a conhecer um novo *crush*. Mesmo passando dias trocando mensagens, estar cara a cara com uma pessoa era muito imprevisível. Nem sempre rolava química, ou o santo batia. Eu morria de medo do silêncio constrangedor. Morria de medo de fazer piadas e receber o silêncio em troca... morria de medo de várias coisas, para ser honesta.

Caminhei entre as mesas, desviando de garçons apressados com as bandejas cheias de garrafas de cerveja. Conforme me aproximava da banda, mais insuportável o volume ficava.

*Maravilha.
Vai ser show conversar hoje.*

Avistei Joaquim em uma mesa cercada perto da rua, que, para ajudar, também tinha o som dos carros passando. Não bastasse ser o pior bar para o primeiro encontro, ele tinha conseguido escolher o pior lugar também. Devia ser um dom. Anotei mentalmente que se surgisse um segundo encontro, era melhor eu ficar encarregada do lugar.

Aproximei-me sem nenhuma pressa, aproveitando para o engolir com os

olhos. Pelo menos era gato. Sua beleza compensava qualquer gosto duvidoso.

Os cabelos eram de um cobre escuro muito bonito, que contrastavam com a pele leitosa salpicada por sardas, que lembrava um sorvete de flocos. Ah, eu não me importaria de lamber cada uma delas. A camisa polo verde destacava ainda mais a cor do cabelo. Ele batucava os dedos no tampo da mesa com nervosismo, olhando para todas as direções à minha procura.

Deixei um sorriso escapar. Ele era tão lindo, nem dava para acreditar que um cara assim precisasse recorrer a aplicativos de relacionamentos... isso era para reles mortais, como eu.

Deve ter alguma coisa errada...

Tipo esse péssimo gosto para lugares.

Parei em frente à mesa e, quando nossos olhares se encontraram, ele ficou em pé em um pulo. Joaquim segurou minha cabeça para beijar meu rosto, o que achei fofo. Ao se afastar de mim, deixou um rastro de perfume no ar.

— Uau! Você está muito bonita — exclamou, quase gritando para se fazer ouvir.

Sorri para ele, sentindo as bochechas esquentarem.

Melhor que sair com um cara gato, era ser *elogiada* por ele.

— Obrigada — respondi o mais alto que consegui. — Você também.

Ele afastou uma cadeira para mim, fazendo um gesto para eu me sentar. Deslizei minha bolsa para fora do ombro, colocando-a em uma das cadeiras livres. Joaquim deu a volta, sentando-se logo em seguida.

— Demorei muito para chegar? — perguntei e ele fez uma cara confusa, de quem não tinha conseguido entender. Por isso repeti a pergunta, mexendo minha boca com exagero para o caso de ele tentar leitura labial.

— Ah, não. — Joaquim sorriu, abanando a mão no ar como quem diz “não se preocupe”. — Também acabei de chegar. Nós demos sorte, hoje é dia de sertanejo aqui no bar... não é sempre que tem música ao vivo.

Meu sorriso ficou amarelo.

— Pois é, que *sorte*... — resmunguei, espiando os músicos por cima do ombro.

Não que a banda fosse ruim ou eu tivesse algum problema com aquele gênero musical. Não era nada disso. Mas, caramba, ele achava *mesmo* que aquilo era sorte? Minha garganta já estava ardendo, e não fazia nem cinco minutos. Imagine só depois de uma noite inteira berrando? Eu não podia me dar ao luxo de ficar rouca. Não quando dependia da minha voz para trabalhar.

Como se o universo quisesse tirar sarro da minha cara, a banda começou a tocar Evidências, que é o hino dos bêbados. E, se o barulho já era grande, ficou quase insuportável quando várias pessoas começaram a entoar junto com o

vocalista.

Tentei fazer o possível e o impossível para não revirar os olhos.

— Já tinha vindo aqui antes? — indagou, com um bom humor inabalável.

— Não sou muito de sair — menti, encolhendo os ombros. Bom, não era de todo mentira. Eu até saía. Com o Tales. Para comer. Mas barzinhos e balada nunca foram nossa praia.

— Também sou mais caseiro... — Sua voz morreu no ar quando o garçom passou ao nosso lado. — Amigo, a gente quer pedir, por favor.

O garçom nos olhou com certo desespero antes de voltar e tirar uma comanda e uma caneta de dentro do bolso do avental.

— Pois não?

Seu sorriso era um pouco assustador, como se os lábios estivessem sido esticados por linhas invisíveis. Também pudera, com aquele tanto de pessoas para atender, ainda mais naquele barulho infernal, era de se esperar que precisasse forçar um sorriso. Em seu lugar, eu estaria bem menos amigável.

Olhei para a mesa e só então reparei no cardápio esquecido na extremidade. Usei a ponta dos dedos para buscá-lo, mas nem pude abrir, pois Joaquim se adiantou em pedir:

— Vamos querer uma cerveja. E... hum... uma porção de fritas.

Crispei os lábios, confusa.

Estava acostumada com Tales fazendo os pedidos por mim, mas isso porque ele me conhecia há tempo o suficiente para saber tudo de que eu gostava. Não lembrava de já ter comentado com Joaquim o que gostava de comer. Ele nem tinha perguntado. E se eu não bebesse? E se fosse alérgica a batatas?

O garçom abandonou nossa mesa, apressado, e continuei atônita. Abri a boca para comentar algo a respeito, mas ele me olhou com um sorriso tão lindo no rosto que me desarmou por completo.

Ele só quer te agradar.

Para de ser tão chata.

— Estou tão feliz em te conhecer... — Ele inclinou o tronco para ficar mais perto de mim e me surpreendeu com uma carícia no rosto. — Você é ainda mais linda ao vivo.

Senti meu corpo derreter até virar uma poça.

Como eu era boboca... um punhado de palavras e já ficava toda boba por um cara que mal conhecia. Mas, em minha defesa, era muito difícil não me derreter inteira com aquele rostinho lindo. Ah, como era!

Desenhei espirais na superfície da mesa, só para fugir do seu olhar abrasador.

— Eu já ia dizer o mesmo sobre você — brinquei, aproveitando a oportunidade para me aproximar mais.

Sustentamos o olhar pelo que pareceu uma eternidade. Não conseguia parar de imaginar o sabor do seu beijo e o quanto queria que ele não demorasse nem mais um segundo para percorrer a distância entre nós dois.

Joaquim mirou em minha boca, parecendo ouvir meus pensamentos. Ele umedeceu os próprios lábios, aproximando-se um pouquinho mais. Sua respiração quente tocava minha pele como uma pluma. Fiquei sem fôlego.

— Com licença. — A voz entediada do garçom quebrou o clima.

Droga! Nem pra chegar cinco minutinhos mais tarde.

Empertiguei-me, morrendo de vergonha. Joaquim se recostou na cadeira, cruzando os braços atrás da nuca enquanto o garçom abria a cerveja e nos servia. Esperou ficarmos sozinhos para erguer o copo no ar.

— À essa noite.

— À essa noite — ecoei, com um sorriso bobo.

Levei o copo aos lábios, tomando um gole demorado da cerveja supergelada. Ao menos uma coisa boa naquele lugar.

Notei seu olhar sobre mim e sorri para ele, aproveitando o momento para jogar um charminho. Como quem não quer nada, enrosquei o indicador em um cacho, enrolando-o no dedo como o fio de um telefone.

Seus olhos castanhos seguiram meus movimentos, sem esconder o interesse. Queria que o garçom tivesse esquecido o nosso pedido... pelo menos estaríamos fazendo algo bem mais interessante. Eu não sabia quando surgiria outra oportunidade de me atirar no pescoço dele. Não quando aquele era, possivelmente, o lugar menos intimista de Presidente Prudente.

— Você trabalha com *telemarketing*, né? — perguntou, por fim.

Entendi cada palavra, mas decidi usar aquela barulheira a meu favor e, por isso, fiz cara de confusa e aproveitei para me inclinar para mais perto dele. Seu perfume refrescante de menta me envolveu e eu me vi ansiosa para ter aquele cheiro em mim, impregnando minhas roupas e minha pele, depois que a gente... ahn... caramba, quatro meses sem transar era muito tempo. Eu *não conseguia* pensar em outra coisa.

Joaquim repetiu a pergunta, alheio à minha estratégia maliciosa. Aquele era outro ponto para ele. Muitos caras nem tentavam disfarçar a total falta de interesse. Só falavam um monte de trivialidades, sem nunca aprofundar o assunto. Como se para deixar o aviso de que não queriam ficar íntimos demais. Sei lá. Homens têm algum bloqueio com relacionamentos sérios. Eu não era contra sair com pessoas só por diversão, nem nada do tipo. Na verdade, era tão a favor que esse foi o motivo principal de nunca ter namorado. O problema era

que, como agora fazia parte do time que buscava a tampa da panela, tinha percebido que as tampas não tinham interesse nenhum nisso. E eu me recusava a continuar destampada.

— Aham. Tem uns oito meses. — Ergui o queixo, orgulhosa de mim mesma.

Quando comecei naquele emprego, minha família — vulgo, tia Célia e mamãe —, jogou na minha cara diversas vezes que eu não daria conta. Que o trabalho era difícil, desgastante. Que eu ficaria chateada com os clientes. E, claro, tinham um milhão de exemplos para provar o próprio ponto. Como a sobrinha da vizinha que entrou em depressão, ou do cunhado do João do mercado, que não aguentou um mês.

Por isso, estar na CarreTel há tanto tempo era uma vitória pessoal. De fato, não se tratava de um trabalho fácil e eu tinha planos de seguir outros caminhos. Mas, naquele momento, fazia sentido para mim. Era o dinheiro que eu tinha para gastar comigo mesma.

— E é tudo isso que pintam por aí? — perguntou, divertido.

— Ahhh... — Cocei o queixo, pensando a respeito. — Acho que é tipo telefone sem fio, sabe? Todo mundo acrescenta um pouquinho. Tem umas coisinhas chatas aqui ou ali, mas que emprego não tem?

Joaquim sorriu, com um brilho diferente no olhar.

— Verdade. — Ele girou a tulipa, distraído. — Sempre achei meio íntimo falar pelo telefone. Não sei por quê.

Foi a minha vez de sorrir.

— Sério?

— Sério — disse, cruzando os braços sobre a mesa e ficando ainda mais próximo. — Tem toda essa coisa de que você consegue ouvir superbem a pessoa. Até a respiração dela. Mas não vê. Então tem meio que imaginar como ela está do outro lado da linha.

Estreitei as sobancelhas, ainda sorrindo. Aproveitei para dar um gole na minha cerveja, enquanto tentava absorver suas palavras com mais calma. Talvez ele tenha percebido, porque deu uma risadinha tímida e perguntou:

— Sou muito estranho?

— Não te contei que tenho um fraco por gente estranha? — brinquei, dando uma picadela. Empertiguei-me na cadeira, olhando em seus olhos. — Nunca pensei dessa forma... acho que é porque não gosto muito de falar no telefone.

— Verdade?

Seu rosto perfeito era surpresa pura.

— Já sei, vai dizer que é irônico eu trabalhar com isso. — Joaquim

ergueu as mãos no ar, se entregando. — Mas continuo não curtindo muito. Fora do trabalho não atendo nunca o celular. Às vezes até deixo no modo avião, só pra não precisar inventar nenhuma desculpa depois.

— Está contando seus segredos de guerra pra mim. Não vai poder usar comigo depois, hein?

Desviei o olhar do dele, sem conseguir evitar o sorriso.

Não poder usar com ele depois implicava que ele *estava pensando* em um depois. E isso me deixava feliz.

— Eu dou um jeito. — dei de ombros, como se seu último comentário não fosse nada demais. — Mas, voltando ao assunto, eu nunca imagino o que as outras pessoas estão fazendo do outro lado da linha?

A não ser, é claro, quando o cara está gemendo no telefone.

Mas daí nem preciso imaginar nada.

Balancei a cabeça, afastando a lembrança horrível do tarado do telefone.

Joaquim passou os dedos pelo cabelo cor de cobre e, ao descer a mão, a repousou sobre o meu joelho. Meu coração perdeu uma batida. O calor de sua pele na minha concentrava todo o sangue naquela região. Minha perna parecia em brasa.

Como um gesto tão inocente podia ser tão enlouquecedor?

Até que o bar barulhento não tinha sido má ideia... talvez tivesse sido até uma estratégia. Eu nunca tinha ficado tão pertinho de um cara logo no primeiro encontro.

Joaquim, seu espertinho...

— Sei lá, acho que isso é uma coisa minha. Tenho a imaginação fértil... — Ele deixou um aperto leve pouco acima do joelho e, no mesmo instante, um arrepio percorreu minha espinha.

Ok, eu tinha entendido a indireta. Se bem que estava mais para direta.

Eu me escondi por trás do copo de cerveja, tomando quase metade de uma vez só. Coragem nunca era demais. Mas Joaquim continuou me queimando com seu olhar desconcertante. De um jeito que não dava para ignorar. Senti o friozinho na barriga que sempre precedia o primeiro beijo e, sem conseguir evitar, umedeci meus lábios. Se o beijo dele fosse tão bom quanto ele era bonito, então eu queria passar o resto da noite grudada nele, como uma sanguessuga. Ok, isso não foi muito sutil, mas foi muito verdadeiro.

Agora vai!

Sem ousar piscar, movi a cabeça bem devagar em sua direção, tomando a iniciativa. Não conseguia desgrudar os olhos de sua boca linda, que naquele momento tinha os cantinhos torcidos em um sorrisinho travesso.

Quando rocei a pontinha do nariz no dele e estava prestes a cobrir seus

lábios com os meus, ouvi um pigarro alto muito próximo de nós, como se alguém pedisse para esperarmos só um pouquinho para nos agarrarmos. Afastei-me dele, querendo morrer pela segunda vez da noite.

Mas se pensei que encontraria o garçom plantado ao nosso lado, como antes, não podia estar mais errada. Em vez disso, havia um homem na calçada, logo ao lado da nossa mesa, caindo de bêbado. Dentre todas as mesas que aquele cara poderia ter escolhido, ele tinha parado na nossa. Meu Deus. O que eu tinha feito para merecer? Apoiado na grade com os cotovelos, ele pendia o tronco para frente como se estivéssemos em uma longa conversa de amigos.

— Vocês são namorados? — perguntou, com a voz embolada, mas precisou repetir três vezes até entendermos suas palavras.

Era um senhor franzino, com os cabelos grisalhos escorridos e um terno todo amarrotado, a camisa desabotoada quase que por completo. Ele cheirava a álcool e cigarro e, mesmo parado, continuava cambaleando, como se o mundo rodasse ao seu redor. Joaquim e eu trocamos um olhar constrangido, com sorrisinhos amarelos no rosto. Essa pergunta era o terror para pessoas que ainda estavam se conhecendo. Ainda mais quando era a droga do primeiro encontro.

Tudo rolava ladeira abaixo e eu só queria chorar em posição fetal.

No entanto, nem precisamos nos dar ao trabalho de responder. Isso porque o andarilho apontou o dedo em riste e disse, com uma expressão toda séria:

— Porque eu acho que... hic... não deveriam.

Ah, era só o que faltava.

O cara é antinamoro.

Deve ter levado um chifre, por isso está caindo de bêbado.

Olhei ao redor, tentando localizar outra mesa para trocarmos de lugar. Se fosse em qualquer outra ocasião, eu teria entrado na brincadeira e rido daquilo tudo. Se estivesse com Tales então, tenho certeza de que teríamos descoberto a vida inteira daquele cara. Mas, caramba, eu só queria que as coisas dessem certo na medida do possível. E, com sorte, eu resolveria meu problema sobre os quatro meses ainda aquela noite.

— Tem tanta gente por aí... e ela... hic... não é bonita o suficiente pra você.

Meu queixo caiu.

Até esqueci o que procurava. Empertiguei-me na cadeira, sem acreditar. Pelo canto dos olhos, vi o rosto de Joaquim empalidecer.

— Oi? — indaguei, tentando não parecer tão irritada como me sentia.

Mas nosso amigo nem notou minha existência. Parecia apaixonado pelo meu *crush*. Soltei o ar dos pulmões, contando até dez.

Não surta.

Fica calma.

Vocês vão rir disso tudo depois.

O pensamento me arrancou um sorriso. Seria uma história e tanto para contar para os nossos netos.

— E-eu não acho — Joaquim resmungou. — Ela é linda.

— Besteira! — Ele deu uma risadinha debochada. — Olha só pra você. Poderia trabalhar na tevê, se quisesse.

Meu rosto começou a esquentar.

Bebi a cerveja toda de uma vez, em um gole só, desejando com todas as minhas forças que um meteoro caísse ali. E até podia me levar junto.

Fiquei dividida. Parte de mim queria ser escrota e mandar ele fazer coisas não muito agradáveis com certa parte do corpo. A outra parte sabia que ele não estava pensando com racionalidade, senão nunca diria coisas como aquela. Pelo menos tentava me convencer disso.

— É o que eu sempre falo... tem mulheres pra gente aproveitar. Tem outras que são pra coisas sérias. Você precisa encontrar a garota certa.

Ah, não.

Aquilo foi demais para mim.

Percebi o olhar preocupado de Joaquim, ao mesmo tempo que ele repousou a mão no meu braço.

— Quer sair daqui? — sibilou, mas eu já estava espumando de raiva. Impossível voltar atrás.

— Por que o senhor acha que não sou a *garota certa*? — perguntei, um pouco ríspida.

Foi a primeira vez que ele se dirigiu a mim.

Encolheu os ombros e cambaleou outra vez, segurando-se com força nas barras de metal da grade.

— Não é nada contra... é que mulheres morenas são mais... hic... fogosas na cama. Sabe como é.

Minha nossa senhora.

Afastei a cadeira de uma vez, levantando-me para ficar na altura dele.

— Não, não sei. Primeiro: não sou morena. Sou *negra*. E o senhor é muito idiota, sabia? — rosnei, entre dentes. — Não pode sair por aí ofendendo as pessoas sem nem as conhecer. — *seu pau no cu*, completei em minha cabeça.

Branco como um papel, Joaquim nitidamente não fazia a menor ideia de como agir. Soltei um suspiro exausto e, por alguma razão, lembrei da cigana. Não só porque nossa noite tinha sido o maior desastre, mas também pelas minhas palavras que ainda pairavam pelo ar, pesadas. Eu tinha sido idiota

também. Talvez merecesse mesmo uma praga.

Não que acreditasse naquelas coisas.

Claro que era só uma maré ruim.

Mas mesmo assim...

— Foi mal, perdi a fome — falei para Joaquim e nem esperei por sua resposta. Apenas levantei e tentei andar pelas mesas apinhadas.

Não precisei andar muito para sentir seus dedos se fecharem ao redor do meu braço. Meu coração apertou de culpa, mas eu me recusava a continuar ali depois daquilo. Estava me sentindo mal e jamais fingiria o contrário só para agradar alguém.

— Ei. Nossa, sinto muito. Nem sei o que dizer.

— Não foi culpa sua — *talvez um pouco por escolher essa espelunca.* — Só não estou mais no clima.

— Eu entendo... aquele cara só *bostejou*. Não fica assim. Eu cancelo a porção e a gente vai pra outro lugar, pode ser?

Abracei meu próprio tronco, criando uma barreira entre nós.

— Acho que quero ir pra minha casa, mesmo. — Ele abriu a boca para responder, mas me adiantei e falei primeiro: — Vou chamar um Uber, não precisa se preocupar. Foi mal. É que... eu só... eu não...

Minha voz morreu no ar, deixando um clima esquisito entre nós.

Sua expressão ficou séria. Joaquim deslizou as mãos para dentro dos bolsos, sem esconder o desapontamento.

— Poxa, que pena.

— Pois é. — Dei um sorrisinho fraco e, pela segunda vez na noite, dei as costas para ele.

Com um misto de humilhação e raiva, esperei o motorista do lado de fora do barzinho, lamentando que as coisas já tivessem dado errado antes mesmo de começarem.

Qual a chance dele querer sair comigo de novo depois disso?

Então, como em todas as outras vezes em que eu pensava na minha idade e no tempo passando rápido demais para acompanhar, fui nocauteada pela ansiedade. Comecei a descascar o esmalte das unhas para me distrair e, quando o carro chegou, já tinha destruído quase todas.

O percurso para casa foi silencioso e triste. Fiquei me perguntando quantas pessoas no mundo já tinham passado por uma coisa parecida. Quero dizer, meu deus! Que situação bizarra! Aquele encontro todo tinha sido uma esquisitice só. E, embora eu tentasse usar a lógica e pensar que a vida era assim mesmo, cheia de altos e baixos, só conseguia lembrar da cigana. Meus braços arriaram ao pensar nela pela segunda vez.

Não que eu considerasse sua praga, mas... e se fosse mesmo uma praga?

E se eu continuasse passando por coisas assim pelo resto da vida?

Segurei a base do nariz, fechando os olhos por um momento.

Qual é, Chloe.

Você está cansada e chateada.

Para de ir por esse caminho ridículo.

Cheguei em casa e fui direto para o quarto, me trancando lá dentro como se, com isso, pudesse me esconder de todos os meus problemas. Olhei para o celular e pensei em mandar uma mensagem para Tales.

Cheguei a pegar o telefone na mão, mas mudei de ideia no último segundo.

Talvez ele estivesse certo em não falar nada para ninguém até que as coisas engrenassem de vez. Eu já tinha até perdido as contas de quantas vezes contei para ele que estava mais solteira que nunca. O que era idiota, considerando que nunca estive de outra forma.

Decidi não o incomodar, pelo menos não àquela hora, quando estava exausto depois de um dia de trabalho e aula. E então, sem entender muito bem o porquê, o imaginei trocando mensagens madrugada adentro com Milene e cerrei os dentes.

Era injusto que ele nem quisesse uma namorada e estivesse a um passo de arrumar uma. E era mais injusto ainda que eu tivesse aqueles sentimentos esquisitos ao pensar no assunto, quando deveria ficar feliz por ele.

É recente.

Você vai se acostumar.

Repeti para mim mesma, enquanto deitava na cama e abraçava o travesseiro com força. E, imersa em pensamentos conflitantes, acabei pegando no sono.



Soltei o ar dos pulmões com desânimo, dando uma espiadela na marmita que tinha levado e que continuava esquecida sobre a mesa do refeitório desde que eu havia me sentado ali.

Depois do desastre que foi o encontro com Joaquim, só me restava investir em Bruno. Aquela era minha única chance no momento. E, para isso, eu precisava passar o máximo de tempo possível perto dele.

Como se meus pensamentos o tivessem atraído, Bruno irrompeu pela porta, andando em passos despreocupados. As mãos escondidas nos bolsos da calça, a marmita presa no braço. Seus olhos fizeram uma varredura pelo salão, até recaírem sobre mim. Com a sombra de um sorriso nos lábios, ele percorreu a distância entre nós e sentou ao meu lado. Não tão próximo quanto eu gostaria, mas já era alguma coisa.

— E aí? — cumprimentei com um sorriso sincero.

— Vi você saindo para o almoço e resolvi tirar o meu intervalo também — confessou, encolhendo os ombros.

Meu estômago deu cambalhotas de excitação.

Olhei para minhas mãos cruzadas sobre a mesa para fugir do seu olhar. Minhas bochechas queimaram, mas o sentimento era bom. Pelo menos com eles as coisas pareciam genuínas, como diria Tales. Estavam apenas acontecendo.

— Legal — falei, tentando parecer casual.

E só então minha marmita pareceu atrativa. Abri o pote de plástico, revelando uma salada com frango grelhado. Se meu melhor amigo estivesse ali, reviraria os olhos com um muxoxo exasperado e faria algum comentário tirando sarro da minha alimentação saudável.

Balancei a cabeça, afastando-o da memória. Bruno abria sua própria marmita, revelando uma tapioca recheada com queijo coalho. Contive um sorriso, mas não pude evitar o pensamento de que talvez estivesse almoçando com minha alma gêmea.

Agora vai.

Vou ter filhos mestiços e lindos.

— Você estava certa... — Sua voz me buscou de meus pensamentos malucos. — Hoje foi um pouco mais fácil. Não fiquei tão nervoso.

Dei de ombros, lançando um sorriso torto.

— Quase sempre estou certa.

Bruno riu baixinho, as bochechas ganhando um tom suave de rosa. Era tão fofinho ele ser tímido... Ainda mais porque esse traço de sua personalidade batia de frente com outras coisas. Como suas tatuagens fechando os braços, ou o fato dele fazer pole dance, que é um exercício bem raro de encontrar praticantes homens.

— O foda é que eu odeio falar no telefone. Então, sei lá, tenho medo de nunca conseguir ficar totalmente à vontade.

Pelo amor da deusa.

Nascemos um para o outro.

— Eu também odeio. Não conta pra ninguém, mas tenho um repertório de desculpas pra quando o telefone toca.

Com as bochechas cheias, ele se empertigou, lançando-me um olhar animado.

— Nossa, sim! — exclamou, de boca cheia. — Estou cansado de ouvir *por que você tem telefone?*

— Aham, e todo mundo acha que é porque não gosto de falar com desconhecidos. Mas, no caso, odeio falar com qualquer pessoa. Até com minha família.

Bruno tinha uma expressão engraçada no rosto, como se tivesse acabado de encontrar uma nota de cinquenta reais dando bobeira na calça jeans.

— Ah, Chloe. Logo vi que a gente se daria bem. Não confio em quem adora falar pelo telefone.

Dei risada, sem ligar para o fato de parecer uma hiena resfriada.

Não que eu estivesse criando expectativas. Longe de mim fazer isso.

Eu só tinha pensado no nome dos nossos três filhos. Clara, Lorena e Vicente, a propósito. Mas, assim, só por brincadeira.

Não tinha nenhuma expectativa em relação ao nosso futuro.

E, mesmo assim, eu concordava com ele. Logo vi que a gente daria certo. Era quase possível sentir a estática no ar. Se eu apurasse os ouvidos, dava para ouvir os estalos suaves precedendo algo muito duradouro.

Eu adoraria falar para os meus netos que nos conhecemos no trabalho. Talvez Thaís pudesse até ser a madrinha, por ter unido duas almas que nasceram para se encontrar...

Meu celular vibrou, fazendo um barulhão sobre o tampo da mesa. O rosto lindo de Joaquim estampou a tela e, antes que Bruno pudesse ver, tomei o telefone, os dedos tremendo de adrenalina.

Da maneira mais discreta que pude, abri a mensagem, incapaz de aguentar mais um segundo. Para minha sorte, Bruno aproveitou para conferir o próprio celular, dando-me mais privacidade e menos peso na consciência.

desculpa por ontem...

tô me sentindo péssimo com oq aconteceu

Deixei um sorrisinho escapar. E, trouxe como era, meu coração mole derreteu um pouco mais por aquele ruivinho lindo.

não foi culpa sua

só daquele bêbado sem noção

devia ter escolhido outro lugar...

não sou bom com essas coisas

Quanto a isso, eu não podia discordar.

esquece isso

eu já esqueci

q bom

pq eu não esqueci vc

vou te ver outra vez?

só depende de vc ;)

então ainda vamos nos ver bastante

me avise quando for sua próxima folga, tá?

combinado

Bloqueei o celular sem conseguir esconder a empolgação. Foi bem a tempo de ver Thaís atravessar a porta do refeitório. Ela tinha acabado de puxar a caneta que costumava usar para segurar o coque, fazendo os longos cabelos castanhos caírem em cascatas que terminavam na cintura.

Estreitei os olhos, lançando um olhar feio.

Então esse vai ser o jogo dela.

Thaís piscou para mim, com um sorriso inocente nos lábios quando se sentou de frente para nós dois.

— Que saudade de passar os intervalos com minha bff — comentou, pestanejando.

— Hum... nem me fala — respondi, com um sorriso amarelo. E, aproveitando sua atenção voltada para mim, lancei meu olhar mais ameaçador.
— Você está fodida — sibilei, sem emitir som, ao que ela apenas sorriu.

— Foi difícil sair junto com você, mas fiz um esforço em nome da nossa

amizade tão pura. — Dava para ver, em cada centímetro de seu rosto, o quanto estava se divertindo com a coisa toda. Thaís cruzou os braços sobre a mesa, inclinado o tronco para se aproximar de nós. — Mas, vem cá, não vai me apresentar ao funcionário novo, não?

Vou te matar, Thaís!

Bem devagar.

E usando os dentes.

Só então vislumbrei Bruno e me surpreendi com sua mudança de temperamento. Se antes estava todo relaxado e cheio de sorrisos, agora parecia uma estátua de mármore. O rosto tinha ficado sério, e ele quase não desviava o olhar de sua marmita.

Uni as sobrancelhas, estranhando.

— Cl-claro. Esse é o Bruno. Ele ama falar ao telefone e escolheu trabalhar aqui por isso — brinquei, na tentativa de arrancar um sorrisinho. Mas nem isso. Parecia ter entrado por um ouvido e saído por outro. — Essa é a Thaís. Minha *melhor amiga da vida inteira* — dei ênfase nas últimas palavras, sem esconder a ironia.

Ela estendeu a mão para ele, ao mesmo tempo em que dava uma jogada dramática com a cabeça, de modo que os cabelos deslizaram pelo ombro, em ondas perfeitas.

Quis revirar os olhos, mas me segurei.

A garota conseguia ser quase pior que eu. Que droga.

— É um prazer! — disse, quase cantarolando.

Bruno fez um esforço absurdo para subir o olhar e um maior ainda para apertar a mão dela. Era como se os dedos de Thaís estivessem cheios de cocô e Bruno usasse de todas as suas forças para não vomitar.

— O-oi — balbuciou, desinteressado.

Ela também percebeu, porque murchou um pouquinho no mesmo instante. E, embora parte de mim comemorasse o fato de ele claramente não estar interessado, a outra metade era um misto de curiosidade e exasperação. Tudo bem que ele era tímido, mas, caramba, precisava tratar minha amiga assim?

— Vocês viram o vexame que o Aroldo deu mais cedo? — perguntei, com uma animação falsa, só para tentar me livrar da atmosfera pesada que nos cercou.

O rosto de Thaís se iluminou. Se existia algo de que ela gostasse mais que homens com toda certeza era de confusão.

— Meu deus, sim! — Ela cobriu os lábios com a mão direita, sem tentar disfarçar o prazer.

— Quem é Aroldo? — Bruno perguntou, com os olhos grudados em mim.

Minhas bochechas esquentaram.

— Aquele cara calvo, que começou a esmurrar a mesa?

Ele balançou a cabeça, com uma expressão confusa.

— Nossa, você não ouviu? — Thaís arqueou as sobrancelhas, incrédula.
— O escritório quase parou.

Bruno esfregou o rosto, olhando de uma para outra como se estivessemos contando que o Silvio Santos tinha dado uma visitinha no trabalho, cheio de aviãozinho de dinheiro.

— Ele começou a berrar no telefone e xingou até os avós do cliente. Tiveram que arrancar o telefone da mesa dele. Depois disso ele sumiu com os supervisores e não voltou mais. Sério, *como* você não viu?

— Não sei... eu sou meio distraído — desculpou-se, encolhendo os ombros.

— Mas, Bruno — exclamou Thaís —, ele berrou muito, muito alto mesmo. Meio que ninguém mais conseguiu trabalhar.

Ele olhou para ela por um segundo, quase como se estivesse ofendido com suas últimas palavras. Então, esfregando o braço com nervosismo, olhou para o relógio do celular e levantou em um pulo.

— Foi mal, deu minha hora. Até mais — e, antes que qualquer uma de nós pudesse responder, disparou para longe dali.

Eu sabia que era uma mentira deslavada, porque eu tinha tirado o intervalo antes dele e ainda tinha cinco minutos. Por isso, limitei-me a lançar um olhar complacente para minha amiga.

— Ele me odeia. — Suspirou, desanimada.

— Ele é tímido.

— Não, Chloe. Ele nem me encarava nos olhos. E com você ficou normal — ela usou a caneta para me bater no braço —, sua sortuda do cacete.

— Ai! — reclamei, mas fui traída por um sorriso satisfeito. — Vamos ter filhos lindos, né?

— Espero que sejam umas pestes malcriadas — respondeu, cruzando os braços e revirando os olhos. — Do tipo que se jogam no supermercado pra fazer birra. E comem cocô.

Tombei a cabeça para trás, gargalhando. Thaís não resistiu e se juntou a mim, desfazendo-se de sua carranca irritada.

Cobri suas mãos com as minhas, segurando-a com ternura. Ela me encarou com surpresa.

— Prometo que te ajudo a encontrar um namorado. Daí você vai poder

ter suas próprias pestinhas também — provoqueei, ainda rindo.

— É bom mesmo! — Ela sorriu. — É um que não seja tão distraído igual ao Bruno. É capaz da casa pegar fogo e ele morrer carbonizado.

Levantei em um pulo, ao descobrir que já tinha dado a minha hora.

— O bom é que daí posso começar tudo de novo — falei, lançando uma piscadela antes de dar as costas para ela.

5



A VIDA NÃO PRECISA SER TANTO

— VOCÊ NÃO CANSA DE assistir isso, não? — indaguei, atirando uma pipoca na boca.

— E tem como? — Tales me lançou uma olhadela rápida e, em cada centímetro do seu rosto, sua satisfação se fazia notável.

Nunca entendi muito bem a razão dele gostar tanto da programação do *Discovery Home & Health*. Para mim, era apenas ok. Mas para ele era algo mais. Tales adorava cada programa, mesmo com as dublagens duvidosas e as mil propagandas repetidas. Poderia perder tardes inteiras assistindo — e até *já tinha* perdido várias. Se existia uma certeza além da morte e do seu amor pelo maracujá, era que esse canal vinha logo em seguida.

Embora estivéssemos no auge do verão, fazia um clima fresco graças a chuva ininterrupta dos últimos dias. O que era muito bom, pois os programas caseiros ficavam ainda mais gostosos. Aconcheguei-me na coberta e recostei minha cabeça em seu ombro. Fui agraciada pelo cheiro delicioso de Tales.

O ruído baixo e constante da chuva batendo da janela tornava o ambiente ainda mais aconchegante. Dei uma espiada no vidro salpicado de gotículas que deixavam rastros finos quando escorriam e encontrei a luz pálida e sem vida do fim da tarde. Soltei um suspiro satisfeito. Em meio as inúmeras incertezas me assolando, eu era agraciada por momentos como aquele, sem nada de especial e, mesmo assim, com tudo. Estar ali com meu melhor amigo, comendo pipoca e assistindo seu programa favorito pela milionésima vez era a coisa mais trivial da minha vida e, no entanto, conseguia aquecer o coração e me deixar feliz. A vida não precisava ser tanto, só precisava ser.

Na televisão, *Irmãos a Obra* voltava do comercial. Tales enterrou a mão na bacia de pipoca, enfiando tudo de uma só vez na boca. Ficou parecendo um esquilo com as bochechas estufadas. Fisguei o lábio inferior para segurar a

risada e voltei a atenção para o programa.

Tratava-se de um reality show que acompanhava irmãos gêmeos, um corretor de imóveis e o outro arquiteto. Eles ajudavam famílias a encontrarem a casa perfeita e depois a reformavam para atender suas expectativas. Era um dos favoritos de Tales.

— Se você fosse aparecer no programa deles agora, o que ia querer? — perguntei, enquanto o casal do episódio ajudava na reforma.

Ele me encarou com um sorrisinho travesso que logo sumiu, dando lugar a uma expressão pensativa. Ficou em silêncio por um tempo e aproveitou para se servir de mais pipoca. Seu cotovelo raspou de leve na minha barriga, deixando-me sem ar por um momento. Em seguida, senti meu rosto queimar, como se estivesse com um secador de cabelo apontado para ele.

— Humm... — murmurou, voltando a olhar para a tevê. — Ia querer um apartamento mesmo, eu acho. Pequeno, pra não dar muito trabalho. Um quarto só. — Ele coçou o pescoço, distraído. — Ia pedir aqueles móveis funcionais, que são uma coisa e viram outra. E queria uma cozinha americana. Acho charmoso.

Dei risada baixinho, batendo com o ombro no dele. Tales abaixou a cabeça e ficou duro e esquisito por alguns segundos.

— Desde quando você acha alguma coisa charmosa? Você é o maior ogro.

— Sou obrigado a discordar. — Ele alcançou uma almofada, colocando-a sobre o colo e a abraçando. — É você que só se importa com frivolidades.

— Vai se ferrar — retruquei, e nós caímos na risada.

Ele se desvencilhou de mim e se esparramou um pouco mais no sofá surrado.

— E você? — perguntou.

— Eu o quê?

— Como seria sua casa? — Mas antes que eu pudesse responder, ele me lançou um olhar divertido. — Já sei, igual a *Panquecaria Casa da Vó*?

— Affff! Não tem graça você me conhecer tanto! — Fiz um biquinho e ele alargou o sorriso, com um ar vitorioso. — E, sim, ia ser daquele jeito. Toda moderninha e colorida. Mas não queria morar em apartamento. Prefiro uma casinha aconchegante, com um quintal grande pra eu poder fazer churrasco com a galera.

Ele franziu o cenho, confuso.

— Que galera?

— Sei lá. A do trabalho incrível que eu vou ter um dia.

Revirando os olhos, Tales soltou uma risada exasperada.

— Não pode ser pra gente mesmo?

— Não? — Balancei a cabeça, sem esconder minha incredulidade. — Pra que vou sujar um monte de coisa se a gente pode só almoçar em algum lugar?

— E é diferente se for *pra galera* por quê...?

— Por quê? — Soltei o ar dos pulmões. — Porque é *pra galera*, ué.

— Ah, tá — concordou, teatralmente, com as sobrancelhas arqueadas.

— Nossa, você é muito chato comigo. Já percebeu?

— Aham. — Ele enterrou os dedos nas minhas costelas, me fazendo contorcer o corpo feito uma minhoca que saiu da terra. — Você gosta, por isso eu continuo.

Entre risadinhas, me inclinei para frente, a fim de colocar o balde de pipoca vazio no chão. Tales se recostou contra o sofá, cruzando os braços atrás do pescoço. Um silêncio confortável se expandiu pela sala, rondando-nos como um cobertor macio.

Irmãos a Obra tinha acabado e dado lugar a *Eu Não Sabia que Estava Grávida*. Sem dizer uma palavra, Tales me estudou pelo canto dos olhos e então deslizou pelo sofá, repousando a cabeça em meu colo.

Engoli em seco, observando os fios negros de cima. Eram lisos e brilhantes. Eu sentia os dedos coçando de vontade de se enterrarem naquele cabelo sedoso. Mas não. Seria estranho. Mesmo para nós.

Ajeitei-me, ignorando o peso de sua cabeça em meu colo e usando todas as forças para prestar atenção na televisão. Uma mulher loira, de bochechas muito rosadas, narrava com detalhes o dia em que acabou fazendo um parto normal sozinha, pensando se tratar de uma dor de barriga.

Aos poucos, fui envolvida pelo programa a ponto de me esquecer de Tales deitado em mim. A situação toda era tão absurda que beirava o ridículo. Como uma pessoa não percebia uma gravidez? No entanto, de alguma forma inexplicável, eu não conseguia nem piscar. Fiquei vidrada.

— Cara, isso é um verdadeiro filme de terror dos tempos modernos — Tales murmurou, em um tom sombrio.

Olhei para baixo e percebi sua expressão séria e concentrada em cada palavra. Não consegui segurar a risada.

— Será que é verdade? — perguntei. — Como essa mulher não percebeu um *bebê* dentro dela?

— Não sei? Mas se tem um programa sobre isso, deve ser mais comum do que a gente imagina.

Neguei com a cabeça, sem me deixar abalar.

— Mas, Tales... é um bebê. Várias coisas mudam. O peito fica inchado, a menstruação para de descer. E tem aquele detalhezinho da barriga, né?

Ele deu risada, mas não me olhou. Continuou atento ao programa.

— Só fico pensando... deve ser foda ter um filho sem nem esperar. Imagina? Você sai de casa pensando que está com gastrite e volta com *uma criança*? — Tales enfim ergueu o rosto, encontrando meu olhar com suas íris cinzentas. — E daí não tem nada na sua casa. Nem fralda, nem berço... *nada*. Se isso não é um filme de terror, não sei o que é.

— Bobo — falei, rindo. A verdade é que eu tinha um sonho tão grande de ser mãe que nem mesmo em uma situação extrema isso me assustava. — Ainda acho que é tudo conversa.

Ele abriu a boca para responder quando ouvimos o barulho da fechadura. A porta de entrada ficava na cozinha. Era preciso passar por ela para chegar na sala, onde estávamos.

Tales tomou impulso para se sentar outra vez, esticando as pernas para frente e cruzando os pés de maneira despreocupada. Ficamos em silêncio, esperando Vinícius falar alguma coisa, mas tudo o que ouvimos foram xingamentos baixos. Peguei o controle e diminuí o volume, para tentar compreender suas palavras. Foi em vão. Seja lá o que estivesse dizendo, não era para mais ninguém ouvir.

Trocamos um olhar de cumplicidade pouco antes de Vinícius aparecer na sala só de cueca, enquanto esfregava o rosto com uma toalha. A pele bronzeada cintilava sob a luz fluorescente. Os cabelos pingavam, encharcados.

Com rosto ainda escondido, ele rosnou:

— A merda do meu carro foi estragar logo agora, no meio da chuva. Precisei vir andando. E tá um frio do caralho lá fora.

— Putz — Tales murmurou, percebendo meu olhar vidrado em seu amigo de apartamento. Ele fez uma expressão ameaçadora, mas nem liguei e me mantive concentrada em não deixar a baba escorrer. — Que foda! Quebrou muito longe daqui?

— Cinco quadras — respondeu, indignado, já de costas para nós. Nem chegou a me ver. Umedeci os lábios, deleitando-me da visão privilegiada do seu bumbum redondinho e no quanto aquela cueca vermelha contrastava com a cor de sua pele.

Soltei um suspiro sonhador, imaginando tantas coisas envolvendo nós dois que até esqueci onde estava. Pensei em suas mãos deslizando pela minha cintura, em sua boca de lábios carnudos beijando a pele sensível do meu pescoço...

Minha nossa...

Como esquentou nessa sala.

— Por que você não pediu um Uber? — perguntei, sem conseguir me conter.

Ele ficou em silêncio por um segundo antes de sua voz vir abafada de dentro do quarto.

— Ch-chloe. Nem vi você aí — seu rosto apareceu na porta, com uma expressão indecifrável. — Sei lá. Fiquei tão puto, nem pensei nisso. Só vim andando na chuva. Mas acho que nem tenho limite no cartão, de toda forma... — Vinícius esfregou o rosto, pálido. — Tô muito ferrado.

— Fica tranquilo — Tales respondeu. — A gente divide. Daí não fica pesado.

— Cara...

— Você sempre me empresta o carro — meu amigo encolheu os ombros. — Nada mais justo.

Vinícius assentiu, os olhos deixando transparecer o quanto tinha ficado sentido.

— Depois a gente vê isso... — sussurrou, como se pensasse em voz alta. — Vou tomar um banho. Tô congelando.

E então desapareceu para dentro do banheiro.

Pigarreei, puxando a gola da camiseta para afrouxar o pescoço.

— Nossa. Eu imaginava que ele era gostoso, só não sabia o quanto — deixei escapar, esquecendo, por um segundo, o quanto Tales odiava tocar nesse assunto.

Foi dito e feito. Em questão de segundos, uma carranca emburrada tomou suas feições.

— Hum.

Continuei com os olhos fixos nele, medindo sua reação. Porém nada mudou, Tales olhava para frente como se nada mais no mundo importasse. Ele nem ao menos tentava esconder o quanto meu interesse em Vinícius o irritava.

— O que foi? — indaguei, fingindo inocência.

Ele deu de ombros.

— Nada não.

— Ficou bravo comigo? — perguntei, acariciando seu antebraço. Tales enfim desviou a atenção da televisão, mirando em minha mão tocando sua pele.

Seu pomo de Adão subiu e desceu ao passo em que os lábios crispavam.

— Bra-avo? — balbuciou, buscando meu olhar. — Você está equivocada. É só que o programa voltou do comercial, e ainda não tive a oportunidade de apreciar esse episódio...

Assenti, soltando seu braço e me ajeitando no sofá, e me senti culpada por ter dissipado o clima agradável entre nós. Eu só não conseguia entender qual era o problema em achar Vinícius um gato e deixar minha imaginação alçar voo quando se tratava dele... quero dizer, ele nem era comprometido nem nada do

tipo. E os dois se davam superbem.

Fora que minha relação com Tales tinha tantos anos que eu duvidava que isso pudesse prejudicar de alguma forma. E, mesmo se as coisas com Vinícius seguissem o rumo de todas as minhas tentativas de relacionamento e dessem errado, era só não visitar mais o meu melhor amigo em sua casa. Nada de mais. A gente podia superar numa boa.

Isso só confirmava minha suspeita de que Tales não tinha o menor interesse em me ajudar a não morrer solteira. Aquele hipócrita. Vivia afirmando que relacionamentos não eram a sua prioridade e lá estava ele de namorinho com a Milene. Argh.

Empertiguei-me no sofá, ao me lembrar dela.

Não sabia se era muito seguro abordar o assunto com o atual humor dele, mas valia a pena arriscar. Eu não sabia explicar a razão para seus assuntos pessoais martelarem tanto em minha cabeça nos últimos dias. Nunca me importei com quem Tales escolia para trocar saliva. Na verdade, me surpreendia uma menina querer ter a língua dele — e outras coisas mais — em sua boca, mas quem era eu para julgar? Tinha maluca para tudo no mundo. Então por que agora isso não saía da minha cabeça? Por que eu não parava de pensar nele com uma garota que eu nunca tinha visto? Por que não parava de me perguntar sobre o que eles conversavam, e se já tinham tanta intimidade como nós?

Droga, eu estava mesmo com ciúmes do meu melhor amigo? Que era quase um irmão para mim?

Pelo amor de Deus, Tales tinha razão, tinha me tornado uma pessoa insuportável e carente. Acho que uma coisa estava ligada a outra, para falar a verdade.

Cocei a garganta, olhando-o de esguelha. Sua carranca emburrada tinha dado lugar a uma expressão perplexa. Também pudera, a mulher enquadrada na tela narrava com detalhes o parto surpresa de sua primeira filha.

— Ahn... Tales? — chamei, em um sussurro.

— Hum?

— Tava aqui pensando... como estão as coisas com a Milene e tudo mais?

Ele pigarreou e girou o tronco para me encarar. Seus olhos cinzentos tinham o mesmo tom pálido do céu chuvoso lá fora. Senti o coração apertar. E, mesmo sem querer, imaginei crianças negras com olhos claros correndo pelo jardim.

Minha nossa, Chloe!

Meu Deus.

O que há com você, hein?

— Tudo ok, eu acho — ele roçou o polegar sobre o bigodinho ralo. Seu olhar era desconfiado.

— Só isso?

Sorri para ele e nem tentei esconder minha expectativa. Tales soltou o ar dos pulmões, percebendo que eu não desistiria tão fácil.

— A gente conversa todo dia. Ela é... legal. — E, ao perceber meu olhar ameaçador, completou: — Vamos sair de novo essa semana.

— Mesmo? — Cocei meu queixo, estudando-o com atenção em busca dos menores sinais. Nessas horas queria ser o tipo de pessoa que consegue ler os sinais corporais como quem lê um livro. Precisava saber mais. — Uau, quem diria, hein? Meu amigo avesso a relacionamentos está namorando!

Ele negou com a cabeça.

— *Não estamos* namorando. Estamos só vendo onde isso vai dar... — Um sorriso torto surgiu em seus lábios. — Ainda não sei se ela é o amor da minha vida nem nada do tipo. — Tales abanou a mão no ar. — Mas enfim. E você e o Jonas? Alguma novidade?

— Joaquim — corriji.

— Tanto faz! — Ele esfregou o pescoço, a cara era pura petulância.

Eu tinha total consciência de que ele fazia isso de propósito, só para me provocar. Aquele insuportável!

— Está tudo bem, pra sua informação. Ele quer sair comigo de novo. Espero que dessa vez escolha um lugar melhor! — Arqueei as sobrancelhas, lembrando do nosso desastroso primeiro encontro.

— Ou *você* podia escolher, né? — sugeriu, distraído, enquanto soltava o elástico do cabelo.

Umedeci os lábios, incapaz de mexer um músculo sequer enquanto Tales penteava os fios longos com os dedos. Ele jogou algumas mechas para trás, que caíram em cascatas suaves e bagunçadas na medida certa. Era como se tivesse passado um tempão em frente ao espelho para deixar o cabelo daquele jeito.

Um nó imenso se formou em minha garganta enquanto meus olhos passeavam pelos detalhes tão conhecidos de seu rosto. E, de repente, nem mesmo a barbicha ridícula me incomodou tanto. Eu estaria mentindo se negasse que meu amigo era bonito. Ele só precisava se cuidar um pouquinho mais para que esses detalhes viessem à tona. Como, por exemplo, o maxilar bem definido. Ou o nariz reto e fino. E também as sobrancelhas grossas e retas.

Sem pensar muito, estendi a mão e fechei os dedos ao redor do seu punho, fazendo-o parar com o braço no ar antes que pudesse juntar tudo para trás e prender outras vez.

— Você fica parecendo um modelo com o cabelo solto — comentei, um

pouco amortecida pelo momento. Afrouxei o aperto, mas não o soltei. Tales fiou todo sério. Seu olhar era como um oceano profundo e cheio de segredos que me convidavam a mergulhar. Pena que isso estava fora de questão. — Se eu fosse você não prendia nunca. A Milene te acharia ainda mais bonito se te visse assim.

Meu melhor amigo abriu e fechou a boca algumas vezes, antes de se empertigar e mudar a posição no sofá.

— Obrigado — falou, como se eu fosse uma desconhecida. — É a primeira vez que... hum... enaltecem o meu cabelo.

— É porque você só anda com ele preso, não dá pra ver direito! — Dei de ombros, aproveitando sua distração para alcançar o controle remoto e procurar outra coisa na tevê. — Não entendo pra que um cabelo comprido se nunca solta... é tipo ter esses olhos e viver de óculos escuros.

— O que tem meus olhos? — seu tom foi cauteloso, como se ele pisasse em ovos.

Eu queria entender por que Tales ficava tão mecânico e esquisito comigo de vez em quando. Queria entender por que, de repente, passávamos de pessoas com muita intimidade para completos desconhecidos. Tudo bem que ele era tímido, mas pensei que já tivéssemos passado dessa fase.

— São bonitos pra cacete! — Olhei de soslaio para ele, sem parar de mudar os canais. — Meio que são a coisa que mais chama a atenção em você, por sinal.

Tales arregalou os olhos e suas bochechas ficaram tão vermelhas que pareciam queimadas do sol. Achei graça, mas não consegui sorrir. Só fiquei séria, fitando-o, enquanto tentava entender o friozinho na barriga surgindo de uma só vez.

Eu hein.

— Eu... hum... — Ele esfregou o rosto, parecendo prestes a se enfiar nas almofadas do sofá. — Obrigado?

Ele pigarreou e se remexeu um pouco mais ao meu lado, sem nem se dar conta de que não estávamos mais assistindo ao *Discovery Home & Health*. Seus olhos miravam para frente, mas os pensamentos vagavam longe.

— Por que você nunca comentou que prefere meu cabelo solto? — perguntou de repente, sobressaltando-me.

— Porque você não me escuta — respondi, um pouco ofendida. — Faz quantos anos que tento melhorar seu visual e você nem dá ouvidos?

— Mas é diferente.

— Por quê? — Arqueei as sobrancelhas, confusa.

— Sei lá, só é. — Tales esfregou os braços. — Você nunca me elogiou

assim antes. O mais perto disso foi dizer que eu não parecia mais um andarilho.

Apesar de perplexa, não consegui segurar a risada. Porém, ao perceber que ele falava sério, me aprumei no sofá, ficando de frente para ele.

— Você também não é muito de fazer elogios. De vez em quando até sai um *Você está muito formosa*. Mas eu nem considero, porque quem é que fala formosa em pleno século vinte e um? — atirei, na defensiva.

Ele ergueu as mãos no ar e depois deixou cair ao lado do corpo, demonstrando sua frustração.

— Caralho, você é muito irritante, sabia? — sussurrou, lançando um olhar feio para mim.

— Você gosta, por isso eu continuo — parafraseei o que ele tinha dito ainda há pouco.

Sustentamos o olhar por um minuto antes de rirmos em uníssono. Nossas risadas ocuparam a sala, fazendo com que o clima voltasse a ficar confortável.

— A diferença é que eu não pego no seu pé igual você pega no meu.

— Ah, tá! — Mostrei a língua para ele.

Tales deixou o elástico de cabelo sobre o braço do sofá e o girou no lugar, distraído. O cabelo solto terminava pouco acima dos ombros e melhorava sua aparência em 70%. Se eu não era a melhor amiga do mundo, não sabia quem era.

— Eu também gosto do seu cabelo — murmurou, um pouco sem jeito, ainda ocupado em brincar com o elástico.

— Ahnn... que bom? — brinquei. — Entramos no momento elogio, é isso?

— Aham. Você disse que meus elogios não valiam. Tô tentando fazer certo agora. — Tales ergueu o rosto por um segundo, o suficiente para lançar uma de suas piscadelas desconcertantes, seguida de um sorrisinho. — Não concordo com sua tia quando ela diz que era mais bonito antes. — Ele segurou uma molinha azul do meu cabelo. — Esse é o cabelo mais... bonito que você já teve. — Ele fisgou o lábio inferior, como se pensasse nas palavras certas para usar. — Tem... hum... tudo a ver com você.

Minhas bochechas esquentaram, ao mesmo tempo em que um quentinho estranhamente agradável se instalava em meu peito. Podia parecer bobeira, mas ouvir aquilo de Tales foi reconfortante. Estava tão acostumada a ser criticada por tia Célia. E, embora tentasse me fazer de durona, a verdade é que ser paparicada não fazia mal algum.

— Agora entendi por que você disse que era diferente — comentei em voz alta, e ele me encarou sem esconder a confusão. — Agora há pouco você me perguntou por que eu nunca tinha falado que preferia seu cabelo solto, lembra?

Ele assentiu, cruzando as mãos sobre os joelhos.

— Você viu a diferença? — Seus lábios tinham a sombra de um sorriso. Assenti. — Não é de todo ruim quando fazem um elogio, só pra variar, né?

Seu tom petulante sugeriu que tentava fazer eu me sentir culpada. Revirei os olhos, deixando uma sucessão de tapinhas em seu ombro.

— Do jeito que você fala, parece que eu sou a pior amiga do mundo.

— Não é verdade. Do contrário eu não teria me mantido por perto todo esse tempo. — Ele enlaçou o braço ao meu redor, de maneira desajeitada, e me abraçou de lado por um momento.

Fechei os olhos, sendo embalada por seu perfume com fundo oriental. Estar com Tales era como estar em um porto seguro. Desde o cheiro conhecido às brincadeiras e implicâncias incessantes, tudo era leve e confortável.

Quando eu pensava no que um namoro perfeito deveria ter, era impossível não ansiar por uma relação semelhante.

Tomara que com Joaquim seja assim.

Meu celular vibrou dentro do bolso e me remexi para conseguir tirá-lo de lá. Sorri sozinha quando descobri que a notificação era dele.

Isso sim que é conexão. Com toda certeza somos almas gêmeas. Perfeitos um para o outro.

só penso em vc

quero mto te ver...

Fisquei o lábio inferior, impactada com sua intensidade. Não havia nada como homens diretos e que sabiam bem o que queriam. Bem diferente de *garotos* assustados com relacionamentos sérios. Não, Joaquim não era assim. Era um deus nórdico e lindo que seria todinho meu muito em breve.

em q vc tem pensado? ;)

na sua boca deliciosa

no seu perfume

e no que vc fez cmg pra me deixar assim

uau...

isso é jogo baixo hahah

foi vc q perguntou :9

tá ocupada hj?

*depende...
oq vc quer fazer?*

*ver vc
quer vir em casa?*

*humm
será?*

*a gente assiste um filme top
fica juntinho
e ngm vai aparecer pra atrapalhar*

só se eu puder escolher o filme

*combinado
passo na sua casa as oito?*

*blz
até daqui a pouco*

*até
vou contar os segundos*

Guardei o celular com os dedos trêmulos de adrenalina. Apesar de perder as contas de com quantos caras já tinha saído nos últimos anos, não me lembrava de ter tido a sorte de cruzar com um que fosse tão parecido com os de filmes e livros de romances. Além de lindo era todo direto ao ponto. Eu adorava isso. Já até podia imaginar sua pegada...

Com um calor inoportuno subindo pelo ventre, me dei conta do tempo escasso que tinha para estar em casa e me arrumar e por isso levantei em um pulo, calçando meu tênis com pressa sob o olhar atônito de Tales.

— Ei, já tá me trocando? — protestou, com a voz manhosa.

— Foi mal. Prioridades.

— Era o Josivaldo?

— Joaquim, Tales. Não é tão difícil — falei, alcançando minha bolsa esquecida sobre a mesa da sala. — E, sim. Era ele mesmo. Me chamou pra assistir um filme. Na casa dele... — Subi e desci a sobancelha várias vezes para me fazer entender.

— *Essas* são suas prioridades?

— É claro! Se você tivesse quatro meses na seca, como eu, estaria tão desesperado quanto.

— Quatro meses na... — Tales passou a mão pelo cabelo, jogando-o para trás de um jeito muito sexy. *Caramba, eu usei mesmo Tales e sexy na mesma frase?* — Você está há quatro meses sem...?

— Aham. Sem tchaca tchaca na butchaca. — Bati uma mão na outra bem rápido, fazendo sons sugestivos. — Sem nheco, nheco. Vuco-vuco. Lapada na rachada. Sem sassaricar. — Movi o quadril para frente e para trás algumas vezes, para o caso de ele ainda não ter entendido. — Quatro meses sem dar, Tales! Mais um pouquinho e fico virgem de novo — atirei as palavras, distraída em pedir um Uber. — Agora você entende por que é uma prioridade, né?

Ouvi alguém tossir com nervosismo e, ao me virar nos calcanhares, dei de cara com Vinícius.

— Ahn... você... eu... — Ele cruzou os braços, desviando o olhar para os próprios pés.

Fiquei mortificada no lugar.

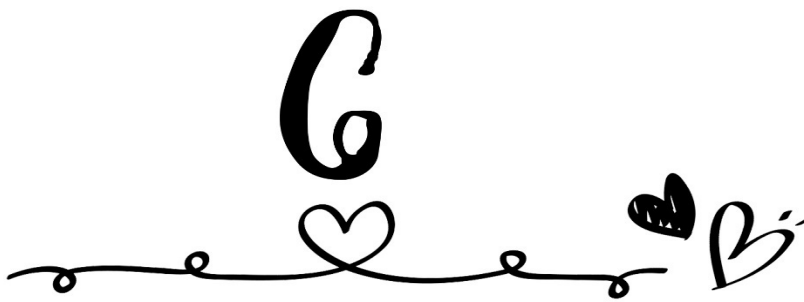
Caralho. Eu acabei de atirar uma variação enorme de gírias constrangedoras na frente desse gostoso.

Meu Deus.

Por quê?

Esfreguei o rosto e busquei Tales com o olhar. Ele estava muito desconcertado, mais ainda do que Vinícius. E me dei conta de que talvez tivesse dado informações demais.

— Bom... meu Uber chegou, então... — Alisei minhas próprias roupas, tentando encontrar uma maneira de tornar tudo menos constrangedor. Como não consegui, só me restou acabar o mais depressa possível com aquele momento. — A gente se vê! — E antes que um dos dois pudesse responder, fugi dali, com o coração bombeando sangue de maneira frenética.



MAS ELA MORREU MESMO DURANTE O BEIJO?



A BAIXEI PARA ESPIAR O INTERIOR do carro estacionado em frente de casa pelas janelas fechadas. Joaquim desceu o vidro e deixou uma fresta, dando um sorriso travesso que me deixou com os joelhos moles.

— Procurando alguém? — Piscou e foi impossível não me lembrar de Tales.

Afff, Chloe. Isso é hora de pensar no seu melhor amigo?

Foco se você quiser tirar o atraso!

— Já achei! — Retribuí o sorriso, inclinando o tronco para abrir a porta do banco de carona.

Fui recebida por um perfume fresco e muito marcante. Inspirei fundo, enquanto me ocupava com o cinto de segurança. Como já era de se esperar, Joaquim estava muito bonito. Vestia uma camiseta azul marinho que destacava os músculos por baixo dela. Engoli em seco, ansiosa para arrancá-la dele.

— Você tá ainda mais linda que da última vez. — Ele percorreu a distância entre nós, segurando minha cabeça daquele jeito fofo que fez no barzinho para deixar um beijo em minha bochecha.

Deixei uma risada baixa escapar.

— A gente tenta, né? — Aproveitei para torcer uma mecha de cabelo, fazendo meu charme.

E, pela segunda vez, a imagem de Tales ocupou meus pensamentos. Lembrei dele elogiando meus cachos e enroscando os dedos neles, igual eu fazia agora.

Mas que droga, hein?

Nem de longe esse insuportável me deixa em paz.

Joaquim assentiu, satisfeito, antes de ligar o carro e dar partida. Distraído, ele aproveitou para ligar a rádio do carro, e logo os acordes animados

de uma música sertaneja ocuparam cada centímetro lá de dentro. Em um volume alto demais para que possibilitasse qualquer tipo de comunicação entre nós, a propósito.

Qual é! O que esse cara tem com música alta, hein?

Revirei os olhos e, no mesmo instante, comecei a descascar o esmalte do polegar. Eu só esperava que ele não deixasse o filme no último volume também. Mas, pensando por outro lado, isso até poderia ser de bom proveito. Assim facilitava um pouco mais as coisas. Na falta de comunicação, só restava a *pegação...* e era nela que eu me mantinha focada.

Ajeitei-me no banco, sem conseguir parar quieta de tanta expectativa. Por alguma razão, a cigana me veio à mente. Enterrei as mãos nos cabelos, armando-os com paciência. Queria poder mostrar para ela o gato com quem eu estava prestes a me emaranhar, muitíssimo em breve. Quem sabe assim ela mordesse a língua grande e parasse de jogar praga nas pessoas.

No fim das contas, me sentia grata por ter dado errado com os outros caras. Porque, do contrário, não teria conhecido Joaquim. E ele era tão lindo e tão intenso... parecia a melhor pessoa para me tirar da seca.

Ficamos em silêncio por todo o percurso, até ele dar a seta e entrar no estacionamento de um prédio no centro. Senti o estômago dar cambalhotas e as palmas suarem frio. Limpei as mãos no meu vestido, fazendo o possível para não deixar transparecer o nervosismo.

Joaquim pulou para fora do carro super-rápido e abriu a porta para mim, estendendo a mão no ar.

Com as bochechas quentes, sorri feito boba e apertei sua mão, usando-a de apoio para descer. Queria ser o tipo de mulher que não se impressiona com facilidade. daquelas que o homem precisa ser o Chris Pratt lambuzado de brigadeiro para despertar algum sentimento. Mas eu não era. E, na verdade, já tinha me derretido inteira só pelo gesto simples. Por que eu precisava ser tão carente? Meu Deus. O cara respirava e eu já me apaixonava. Qual o meu problema?

— Como vão as coisas lá no trabalho? — perguntou, escondendo as mãos nos bolsos da calça.

Além de tudo é interessado na minha vida. Awnnn!

— Ah, você sabe... — Fiz um gesto de “deixa pra lá”. — Muitas ligações. Alguns clientes escrotos descontando as frustrações em nós... — *Isso sem contar o Tarado do telefone caindo na minha linha sem parar.* — Mas a maioria é de boa. É um trabalho tranquilo. Você faz o que mesmo? — perguntei, me dando conta de que não sabia muito sobre ele.

— Sou corretor de imóveis. — Joaquim sorriu, todo charmoso, abrindo a

porta de vidro com o ombro e me esperando passar.

— Nossa! — exclamei, lembrando de Tales pela enésima vez. Mas, droga, não tinha culpa que *Irmãos a Obra* era seu programa favorito e tínhamos passado as últimas horas assistindo. — Sério?

— Aham. — Ele coçou a barba por fazer. Era acobreada como seus cabelos.

— Que legal! — murmurei por fim, enquanto entrávamos no elevador.

Desejei que ele fosse direto como o Christian Grey e me atirasse contra as paredes, mas isso não aconteceu. A atmosfera pesou e sustentamos esse clima esquisito até pararmos no sexto andar. Deixei ele sair primeiro e então soltei o ar dos pulmões. *Minha nossa.*

— E c-como é ser um corretor? — indaguei, a voz fraca.

Em minha cabeça, o único pensamento rodando em *looping* era se demoraria muito para nossas bocas se unirem.

— É um desafio.

Joaquim destrancou a porta e a abriu, indicando a entrada com a cabeça.

— Licença — pedi, entrando pelo corredor estreito.

Ele apenas assentiu, com uma expressão ilegível.

— Vender imóveis não é como vender roupas, ou sei lá. As pessoas não saem na rua e pensam *nossa, hoje é um ótimo dia pra comprar uma casa* — falou com a voz suave como veludo, e veio logo atrás de mim.

Tombei a cabeça para trás, rindo um pouco *demais*.

Eu não conseguia agir com naturalidade. Não dava. Não quando só conseguia pensar que cada palavra, cada gesto, cada coisinha poderia culminar ou não em uma aliança no meu dedo. Era preciso me esforçar para fazer as coisas funcionarem.

— Pois é... — Ele encolheu os ombros. — Alguns meses são melhores que os outros. Preciso controlar bem o dinheiro pra não ficar na mão.

— Hummm... que responsável! — Pisquei para ele e voltei a olhar ao redor.

Seu apartamento era bastante arrumado e limpo. Eu diria até bem decorado. Nem parecia o lar de um homem solteiro. Quero dizer, não que a casa de Tales e Vinícius fosse um chiqueiro, mas era diferente. Por exemplo: Joaquim tinha um aromatizador na mesinha de centro! Aliás, ele *tinha* uma mesinha de centro, o que já era meio incomum.

Prendi a respiração, arriscando alguns passos pela sala pequena. Notei a estante abarrotada de livros e senti uma pontada entre as pernas. Não havia nada mais excitante do que um homem inteligente. Eu só conseguia ver qualidades. Até o momento, o único defeito era o péssimo gosto para barzinhos e, quem

sabe, uma audição danificada?

Encontrei o cara perfeito.

Caramba. Acertei na loteria.

Chupa, cigana!

— Vou preparando a pipoca pra gente, quer escolher alguma coisa na Netflix? — Sua voz me sobressaltou. Olhei por cima do ombro, assentindo.

— Pode deixar.

Joaquim abandonou a sala e não contive o impulso de comemorar com a dancinha da vitória. Balancei os quadris e lancei o braço direito no ar, como se tivesse acabado de fazer um gol surpreendente.

Alcansei o controle remoto na mesinha de centro e me joguei no sofá de camurça marrom-escuro. Era tão confortável, não seria nada mal começarmos ali. Pulei no lugar, testando as molas. Nada mal *mesmo*.

Meus olhos se perderam nos porta-retratos no móvel logo abaixo da televisão enorme. Fotos dele com a família, eu imaginava. Ele era o único ruivo. Mas todos eram muito bonitos. O que fazia total sentido, afinal ele precisava herdar aqueles traços perfeitos de alguém.

Antes de Joaquim voltar, adiantei-me em navegar pela Netflix, procurando um filme que me ajudasse a adiantar as coisas. Podia ser um terror bem assustador e eu me aproveitaria dos sustos para abraçá-lo. Se bem que isso já estava um pouco batido. Ou quem sabe uma comédia romântica. Homens, em geral, não costumavam se animar com o gênero. Se ele ficasse entediado logo, tomaria a iniciativa. Mas, não sei, talvez minhas intenções ficassem muito evidentes. Por isso acabei optando em procurar o filme menos interessante que encontrasse pelo caminho.

Quando Joaquim voltou à sala equilibrando uma bacia de pipoca, uma garrafa de vinho e duas taças nas mãos, eu já o esperava com *Sharkboy e Lavagirl* selecionado. Um sorriso teimava em surgir, mas fiz o possível para segurar, pois não queria entregar minhas reais intenções.

Depois de quatro meses, eu não tinha mais nenhuma paciência para seguir os passos que levavam ao *vamos ver*. Eu queria ir direto ao ponto. Se pudesse, teria arrancado minhas roupas e esperado no sofá como a Rose, de Titanic. Mas conhecendo as coisas como elas eram, eu até resolveria o meu *problema*, mas nunca mais cruzaria com Joaquim na vida inteira. Era injusto. Os homens podiam fazer sexo casual o tempo todo, enquanto as mulheres precisavam escolher suas prioridades.

Por isso, quanto antes enjoássemos do filme e partíssemos para a *pegação*, melhor. Por mim, ele não teria nem perdido tempo com a pipoca. Só o vinho já bastava. Mas como precisávamos de todo um roteiro, eu me conformava

em tentar burlar as regras.

Joaquim deixou as coisas sobre a mesinha de centro e se ajeitou do meu lado, soltando um suspiro.

— Olha, não é querendo me gabar, não, mas minha pipoca é foda. Todo mundo paga pau.

Sorri para ele, um pouco sem graça.

Era só pipoca, tinha como não acertar?

— Eu sou viciada em pipoca — contei, inclinando o tronco para alcançar a bacia.

Enfiei a mão e tirei um punhado que levei direto a boca. E isso foi um péssimo, um terrível equívoco. Estava meio úmida, com uma consistência horrorosa de isopor molhado que dava vontade de cuspir tudo sem me preocupar se isso o deixaria ofendido. Mas, para piorar, tinha gosto de...

Que tipo de ser-humano horrível coloca vinagre na pipoca?

— E aí? — perguntou, me encarando com expectativa.

— Hum... *noffa* — murmurei, de boca cheia.

Quanto mais mastigava, mais difícil engolir. A pipoca virou uma massa nojenta que eu atirava de um lado para o outro da boca, com a esperança de que isso a fizesse desaparecer.

Comecei a sentir um impulso enorme para vomitar.

Engole essa merda!

— Todo mundo fala de pipoca de cinema e tudo mais. Mas eu prefiro a minha.

Ele deu de ombros, como se estivéssemos falando de um prato muito elaborado e não de uma coisa que ele literalmente só precisasse colocar na panela e esperar. E, mesmo assim, tinha conseguido arruinar.

— Tá *realmentchi* muito boa. — Dei um sorrisinho fraco, rezando para não vomitar naquela sala limpinha e bem decorada.

Vamos lá, você consegue.

Joaquim se concentrou na garrafa de vinho e não percebeu minha cara de quem preferia a morte. Persisti com braveza na árdua batalha de engolir aquela gororoba horrorosa e, com muito esforço, consegui. Meus olhos lacrimejaram e tive dois refluxos, mas o pior não aconteceu.

Graças aos céus.

— Qual filme você escolheu? — perguntou Joaquim, entregando-me a taça cheia de vinho.

Tomei de sua mão com urgência, vertendo o conteúdo quase que de uma vez.

— Uau! — Ele sorriu, com os olhos brilhando. — Alguém está pra

maldade hoje — completou.

Dei uma risadinha baixa, abanando a mão no ar. Mas aproveitei para beber um pouco mais e tentar dissipar por completo o gosto terrível daquela atrocidade que ele chamava de pipoca.

— O filme é uma aventura. — Indiquei a tela com a mão, falando superséria. — O Sharkboy e a Lavagirl precisam salvar o planeta deles de extraterrestes.

Joaquim fez um o com os lábios, olhando com interesse genuíno para a menina de cabelo rosa e o menino com uma fantasia de tubarão muito tosca. Estreitei os olhos, confusa.

— Que massa! Esse eu ainda não conhecia. Parece ser bem top. — Ele repousou a mão no meu joelho, me fazendo estremecer inteira. — Pode dar play.

Ainda desconcertada, atendi ao seu pedido, torcendo para que ele estivesse sendo irônico. Quero dizer, que tipo de pessoa com mais de 10 anos de idade achava aquele filme interessante? Até eu conseguia fazer fantasias melhores em casa.

Ajeitei-me no sofá, bebendo mais um gole de vinho.

Comecei a fazer um bolão interno de quanto tempo demoraria até estarmos atracados um no outro. Esperava que não muito. Estava louca para sentir o sabor do seu beijo e ter sua mão sardenta subindo pela minha perna, até encontrar lugares mais interessantes. Fechei os olhos por um momento, tentando me controlar.

Calma, você tá quase lá.

Fitei seus dedos roçando meu joelho com suavidade, e desejei que ele ousasse um pouco mais. Subi o olhar em busca do seu e me dei conta de que Joaquim *estava* interessado no filme. Interessado mesmo. Não só por curiosidade, ou algo do tipo. A história tinha fispado sua atenção.

Pigarreei, sem conseguir acreditar. Eu tinha escolhido o filme mais improvável de todos. Esforcei-me para isso. E aparentemente tinha fracassado.

Joaquim me estudou de esguelha, dando um sorrisinho confuso.

— Não quer mais? — perguntou, indicando a bacia de pipoca.

— Tô comendo devagarzinho — e, para provar meu ponto, atirei uma única pipoca boca adentro, engolindo antes de conseguir sentir o sabor.

Assentindo, ele voltou a olhar para a tevê. Simples assim.

Ele tinha me convidado para assistir a um filme *de verdade*. Quem é que fazia isso? Pensei que tudo fosse só uma maneira sutil de me mostrar que queria transar. Beijar até ficar com os lábios dormentes. Não era para isso que as pessoas iam na casa uma das outras?

Cocei o pescoço como quem não quer nada, enganchando o dedo no

decote do vestido e puxando um pouquinho mais. Nada. Ele nem ligou. Depois, me remexi no sofá, tentando fazer sua mão deslizar um pouquinho mais para cima, mas parecia um peso morto porque mal se mexeu. Apelando para o último caso, repousei a minha mão sobre a dele, entrelaçando nossos dedos.

Joaquim desviou a atenção do filme por uma fração de segundo, deixando uma piscadela no ar. Mas antes que eu pudesse reagir, já tinha voltado a olhar para frente outra vez. Cruzei os braços sobre o peito e deslizei no assento, dando a batalha por vencida.

Ele ia *mesmo* ver o filme. Se eu soubesse disso teria escolhido um melhor, para aproveitar também. Soprei uma mecha de cabelo para cima, me perguntando o que tinha feito para merecer tanto azar.

Os minutos se arrastaram de maneira odiosa. E, para o tempo passar mais depressa, comecei a pontuar todas as coisas que achava ridículas. Como, por exemplo o cabelo rosa da protagonista. Se ela era a garota lava, por que não vermelho ou laranja? Qual o sentido daquela cor? Depois tinha os efeitos visuais tão toscos que poderiam chamar *defeitos visuais*.

Ao meu lado, Joaquim ria, vibrava e sofria com cada acontecimento. Era *bizarro*. Aquele deus nórdico todo intenso estava se divertindo com um filme infantil de gosto duvidoso. Seu mau gosto não se limitava a bares, afinal.

Quando os créditos começaram a subir na tela, foi impossível não deixar transparecer o meu alívio. Meus músculos pesavam, como se eu tivesse corrido uma maratona no dia anterior. Eu só queria voltar para casa, me enfiar nas cobertas e esquecer tudo envolvendo Joaquim.

Imaginei um desfecho muito diferente para aquele encontro. Mas agora já tinha descartado qualquer chance de avanço com ele, e por isso mesmo não via sentido nenhum em continuar fazendo sala. Comecei a inventar desculpas para me livrar dele quando fui surpreendida por mãos que me seguraram com certa urgência pelos ombros e me fizeram girar o tronco até estarmos de frente um para o outro.

Prendi a respiração, passeando os olhos pelas sardas em seu rosto. E depois pelas sobrancelhas e cílios ruivos. Nossa, ele era lindo demais! Joaquim também me engolia com os olhos. Ele se deliciou por um momento e então, quando eu menos esperava, avançou em minha direção, cobrindo sua boca com a minha...

... E seu beijo não era exatamente o que eu vinha esperando.

Um pouco apressado e ansioso, talvez. Lembrava os primeiros beijos no ensino médio, quando os meninos ainda não tinham muita ideia do que deveriam fazer com a língua.

Ele respirava de um jeito um pouco engraçado, como se estivesse sem

fôlego. Soltava lufadas de ar misturadas com gemidinhos esquisitos. Eu não costumava ficar incomodada com gemidos. Na verdade, achava muito excitantes. Mas aqueles pareciam fora de contexto.

Depois, tinha o fato de que ele babava *muito*. Eu odiava estar incomodada com tantos detalhes, mas, pelo amor de deus, parecia que eu me afogaria a qualquer momento. Eu temia pela minha vida. Seria uma causa de morte muito humilhante. Já conseguia visualizar a cena dos parentes cochichando ao lado do caixão “*mas ela morreu mesmo durante um beijo?*”, porque isso seria muito azar até mesmo para mim.

Minha nossa, para chegar ao ponto de eu imaginar a cena do meu velório, as coisas não estavam indo nada bem.

Tentei silenciar os pensamentos e me focar no presente.

Em mim. Beijando Joaquim. Aquele deus nórdico. Em sua casa. E prestes a acabar com uma longa e árdua seca de quatro meses.

Passei as mãos pelo seu corpo. Apalpei os bíceps retesados, deixando apertões aqui ou ali. Nada mal. Depois foi a vez da barriga, para descobrir o que ele escondia por baixo da roupa. Se fosse como resto, eu não esperava menos que a perfeição.

Joaquim correspondeu deixando uma mordida no meu lábio inferior. Foi um pouquinho forte demais e, antes que eu pudesse brincar no beijo com ele, fui surpreendida por sua língua apressada e sem ritmo. Beijar é como dançar — você precisa sentir o ritmo e se mover de acordo. Não dá para dançar valsa ao som de funk. Mas ele tinha faltado nas aulas, porque parecia que o mundo acabaria dali a cinco minutos e Joaquim estava desesperado para aproveitar da melhor maneira possível.

Então, sem mais nem menos, ele me soltou e se afastou alguns centímetros.

Mas já?

— V-vou colocar uma música.

Fisquei o lábio inferior, sem decidir se gostava muito da ideia. Se fosse qualquer outra pessoa, seria excitante. Mas aquele era o cara que tinha algum problema com volume moderado.

Joaquim interpretou mal a minha expressão, pois fez cara de quem estava morrendo de tédio enquanto colocava uma mecha do meu cabelo atrás da orelha. Se ele soubesse que a cada minuto eu desanimava um pouquinho mais, teria uma reação bem diferente.

Era só que... não sei. Nas mensagens ele parecia tão direto e seguro... como alguém que sabe o que está fazendo. Mas na vida real as coisas não eram bem assim. Ele tentava assumir a mesma segurança que passava online, mas

deixava alguns sinais do seu eu verdadeiro passarem batido. E esse Joaquim não era muito experiente e nem tinha muita pegada. Para ser honesta, eu já nem tinha certeza se queria seguir adiante.

E ele não ajudou nem um pouco quando ligou uma música sertaneja no *Spotify* no último volume. Novamente, não era nada contra o gênero musical — exceto pelo fato de que estava muito fora de contexto. Não se tratava nem de uma seleção romântica e calma. Era música de balada mesmo, com sanfonas animadas e letras sobre beijar o máximo de bocas que conseguisse.

Soltei um suspiro, desejando que viagens no tempo fossem possíveis. Eu adoraria voltar para o exato momento em que abandonei o sofá do meu melhor amigo para me encontrar com Joaquim e então dar um tabefe na minha própria cara e ver se eu aprendia a lição. O universo tentou me avisar de todas as maneiras que aquilo não daria certo, mas eu ignorei todos os sinais e só foquei na beleza de Joaquim e no meu desespero para desencalhar.

Voltamos a nos beijar e precisei me contentar com aquela língua perdida e muito molhada, que fazia movimentos estranhíssimos. Pelo menos com a música, os gemidos ficavam em segundo plano.

Joaquim segurou minha cintura com as duas mãos, um pouco duras demais, e não as moveu de lá um único centímetro. Suprimi outro suspiro, decidida a fazer algo para apimentar as coisas. Enfiei minhas mãos por baixo de sua camiseta, raspando as unhas em sua pele para ver se ele se animava um pouco.

E foi bem nesse momento que a música acabou e o que eu mais temia aconteceu — um comercial repercutiu por toda a sala.

— *Cansado de passar vergonha com anúncios em momentos inapropriados?* — perguntou uma voz masculina, em um tom todo pomposo e artificial.

— *Então que tal assinar Spotify Premium e ter música ilimitada de qualquer lugar?* — uma mulher continuou, parecendo falar com crianças de dois anos de idade.

Sério, qual era o maldito problema de Joaquim?

Ele achou mesmo que era uma boa ideia colocar música sem ter a assinatura que bania os anúncios?

Deus do céu, as coisas só pioravam.

O pior de tudo era que Joaquim nem pareceu ouvir. Ele estava ocupado fazendo alguma coisa no meu pescoço que era longe de ser excitante. Pelo contrário, eu só queria sair dali e tomar um banho para me livrar de tanta baba.

Crispei os lábios com força, morrendo de medo de deixar escapar uma gargalhada espalhafatosa. Porque, diante daquele mar de coisas dando errado, só

me restava rir. Já me via narrando tudo para Thaís e nós duas rindo feito loucas. Ao menos uma coisa boa eu tiraria de tudo.

Enterrei as mãos nos cabelos acobreados de Joaquim, tentando fazê-lo sair do pescoço da maneira mais sutil que consegui pensar. Além de não estar gostoso, sua barba por fazer pinicava a pele sensível e não de um jeito bom. Estava me deixando inteira ralada.

Puxei levemente, e foi quando ele fez um som que me deixou arrepiada dos pés até o último fio de cabelo. Um gemido de prazer muito vívido na memória.

Engoli em seco, assustada e confusa. Um alarme soou em minha mente, e eu não queria ignorar. Por isso repeti o puxão, querendo arrancar outros sons que me ajudassem a lembrar de onde eu reconhecia aquela voz.

Joaquim correspondeu com um gemido gutural alto e demorado, que roubou a força dos meus joelhos.

Não.

Não, não, não.

Isso não, por favor, universo!

— Isso... faz de novo... — pediu, em um rosnado cheio de tesão, e foi o bastante para que eu entendesse os sinais do meu corpo.

Eu *conhecia* aquela voz muitíssimo bem, mesmo sem nunca termos dado um amasso antes. E isso porque já tinha ouvido aqueles gemidos pelo telefone algumas vezes.

Não só eu, como a maioria das meninas da CarreTel.

Era o Tarado!

Minha nossa, eu não podia acreditar no tamanho do meu azar.

Isso explicava muita coisa, para falar a verdade. Inclusive o interesse dele em saber mais sobre o meu trabalho. Agora eu percebia suas reais intenções por trás das perguntas. Não tinha nada de fofo, tampouco romântico. Muito pelo contrário. Era perturbador.

Joaquim nem se deu conta do meu corpo inteiro enrijecido. Em vez disso, continuou fazendo o que quer que fosse no meu pescoço.

Acho telefones tão íntimos..., lembrei dele dizendo e meu impulso foi empurrá-lo pelos ombros de uma só vez. Joaquim arregalou os olhos, confuso e assustado.

— Que foi? — indagou, preocupado. E, dessa vez, foi impossível não perceber que era o Tarado.

Eu não sabia como não tinha me dado conta disso antes.

Então me dei conta de uma coisa bem pior: eu não só tinha saído com ele como estava prestes a... *Oh, caramba.*

Toquei os lábios com as pontas dos dedos, levantando do sofá. Ele arregalou os olhos, sem tentar esconder o choque.

— Chloe...?

Neguei com a cabeça, andando de costas em direção à saída. Pé ante pé, como se temesse que ele pulasse em mim a qualquer momento e me imobilizasse. Se bem que eu não duvidava de mais nada daquele nojento. Argh. Como eu tinha me metido nessa?

Presidente Prudente tinha duzentos mil habitantes e eu tinha saído com um tarado que ligava para call centers para se masturbar. Se eu não era a pessoa mais azarada daquela cidade, tinha dó de quem ocupava esse posto.

— Você é um nojento, sabia? — sussurrei, em nome das minhas colegas de trabalho, sem parar de me mover em direção à porta.

— Como é? — Joaquim ergueu as mãos, levando-as à cabeça. Seu rosto ficou com cor de papel. — Meu Deus, eu fiz alguma coisa? — perguntou, todo preocupado, no exato momento em que meu calcanhar bateu de levinho na porta.

— Ahn... vamos ver... — rosnei, morrendo de ódio. Jamais saberei apontar de onde tirei toda aquela coragem (e talvez um pouco de estupidez). — Quem sabe todas as vezes em que você ligou pra porcaria do meu trabalho e se masturbou no telefone, hein? Seu tarado babão e com péssimo gosto para barzinhos!

E, antes que ele pudesse reagir, abri a porta do apartamento e desatei a correr em direção ao elevador, fugindo dali.

7



UMA NAMORADA DESCOLADA. INDEPENDENTE E INCRÍVEL



OLHANDO POR CIMA DO OMBRO, temi que Joaquim me alcançasse, mas, por sorte, o elevador estava no andar de baixo e demorou poucos segundos para chegar.

Esmurrei o botão do térreo, morrendo de medo daquele lunático. Santo Cristo, era o Tarado! O Tarado, porra! Qual a chance de, dentro todos os homens daquela cidade com mais de duzentos mil habitantes, eu estar saindo com um maluco que ligava para uma agência de telemarketing e se masturbava com a voz das telefonistas? Incluindo *euzinha*?

Saí pela porta de entrada do prédio e corri o mais depressa que minhas pernas permitiram. Só depois de estar em uma distância segura do apartamento de Joaquim e ter certeza de que ele não me encontraria, tive coragem de sacar o celular e chamar um Uber.

Minhas mãos tremiam mais que britadeiras. A respiração ficou entrecortada. O estômago virou um nó. Agora tudo fazia sentido. Aquele homem bonito como era, educado, limpo e organizado, só podia ter alguma coisa errada para justificar o fato de ele estar solteiro. E não era um mero detalhezinho chato.

Fiquei tão perplexa que nem percebi quando o motorista parou em minha frente. Ele precisou buzinar três vezes e me chamar para que eu saísse do transe. Só conseguia pensar no que seria de mim se não tivesse percebido a voz. Talvez acordasse em uma banheira cheia de gelo sem os rins, como nos filmes de terror. Credo.

Entrei no carro com as pernas bambas e soltei um suspiro exausto. Eu me metia em cada uma. Caramba. Como não percebi que tinha algo de errado com Joaquim? Limpei o suor da testa e me senti mal por nem ao menos conseguir conversar com o motorista. Meu celular vibrou algumas vezes e, um pouco relutante, abri as notificações. Tinha várias mensagens. Todas de Joaquim, como eu já esperava.

cadê vc???

*não entendi oq vc falou...
acho q tá me confundindo com outra pessoa*

*não queria te assustar...
poxa, tava indo tudo tão bem*

desculpa?

chloe???

Soltei o celular no colo e massageei as têmporas. Minha garganta ficou seca, a língua grossa e áspera se assemelhava a uma lixa. Eu não sabia o que fazer, não sabia nem mesmo o que pensar.

Fiquei gelada de pavor. Uma sementinha de ódio começava a germinar dentro de mim, expandindo-se por todas as direções. A cigana! Era tudo culpa dela, eu tinha *certeza*.

Aquela maldita! Tinha me amaldiçoado de verdade. Ela deixou que eu chegasse bem perto, só para depois arrancar isso de mim e se deliciar com o meu sofrimento. Ela estava minando todas as minhas chances. Só porque não a deixei ler a porcaria da minha mão. Que merda. Que. Merda.

O celular começou a tocar. O rosto lindo de Joaquim surgiu na tela.

Pena que é tarado. E não no bom sentido.

Recusei a chamada e aproveitei para bloqueá-lo em todas as redes sociais. Não conseguia suportar olhar para a cara dele. Minha vontade era de fazer um B.O. pelo que ele nos fazia passar lá no trabalho.

O carro estacionou em frente a um prédio que eu conhecia muito bem. Mas que, infelizmente, não era onde eu morava.

— Aqui estamos — avisou o motorista.

Confusa, uni as sobrancelhas enquanto conferia no aplicativo qual destino eu havia escolhido. Suspirei de desânimo quando descobri que o erro tinha sido todo meu. Fiquei tão atordoada que preenchi com o endereço de Tales.

— Obrigada — resmunguei, pouco antes de sair do carro.

Cocei a nuca, constrangida e humilhada. Eu nem sabia como explicar para ele por que tinha voltado tão tarde da noite para sua casa. Ainda mais depois de passarmos o dia inteiro juntos.

Mas... já que estava lá, não faria mal aproveitar para ser reconfortada. Ao

menos um pouquinho. Era para isso que os melhores amigos serviam, no fim das contas. Toquei o interfone, antes que acabasse mudando de ideia.

Senti a visão enturvecer enquanto esperava. A brisa gélida deixou meus pelos arrepiados. Abracei meu próprio tronco, tentando me proteger do frio. Pisquei sem parar, decidida a não me entregar às lágrimas. Que tipo de pessoa chorava em uma situação assim? Eu tinha era que dar risada e contar para todo mundo a enorme coincidência. Mas então por que meu peito apertava cada vez mais, até se resumir ao tamanho de uma ervilha?

— Mhummm? — A voz sonolenta veio do outro lado da linha. Não entendi nada, mas soube sem sombra de dúvida que era Tales.

— Sou eu — grunhi. — Abre pra mim?

— Chloe?! — arquejou, confuso. — Er... claro. Te busco no elevador.

Sorri para ele, embora não pudesse ver. Ele já sabia que alguma coisa tinha dado errado. Deu para perceber no tom protetor e no fato de que ia me buscar no elevador, que era a, sei lá, dez passos do seu apartamento?

A porta da recepção abriu com um estalo alto e não hesitei em entrar. O interior do prédio estava com a temperatura bem mais agradável. Soltei os braços e caminhei com pressa para o elevador, prestes a desmoronar. E isso era o que me deixava mais brava na situação toda. Eu queria não me abalar tanto, mas caramba, que droga! Tudo dava errado na droga da minha vida. Eu não conseguia fazer a coisa que deveria ser a mais simples da minha lista de sonhos, que era encontrar alguém compatível comigo. As vezes até acreditava em Tia Célia e nas coisas que vivia dizendo... parecia mesmo que todo mundo era melhor que eu.

Tales cumpriu sua promessa e ficou mesmo plantado me esperando. Ao me ver, limitou-se a abrir os braços. Seus olhos injetados de sono entregavam que eu o tinha arrancado da cama. Também pudera, passava da meia noite. E ele costumava dormir cedo. Era o tempo de chegar da aula, comer e tomar banho.

Para o meu desespero, Tales não vestia nada além da calça de moletom. Ele tinha uma tatuagem enorme no peito, da qual eu até me esquecia às vezes, de tão raro que era encontrar meu amigo sem camisa. Tratava-se de asas mecânicas que se abriam até quase tocarem os ombros. No centro, os elementos B, Re, At, He, da tabela periódica formavam a palavra *breathe*, que, além do significado *respire*, era também sua música favorita do *Pink Floyd*. Era lindíssima. Dava vontade de contorná-la com o dedo indicador, bem de levinho, só para ver como ele reagiria.

Em vez disso, percorri a distância entre nós com certa urgência e o abracei. Seus braços se fecharam ao meu redor, apertando-me contra seu tronco. Tales enterrou a cabeça no meu pescoço enquanto suas mãos subiam e desciam

pelas costas. Sua respiração morna ricocheteou contra a pele sensível e me deixou inteira arrepiada. Aumentei a força do abraço, inspirando seu perfume que eu conhecia tão bem e que me despertava sentimentos bons e seguros. Com ele não havia frustrações, nem nada do tipo. Era só calma, amizade e risadas. Por que era tão difícil encontrar isso em outra pessoa?

Então, sem que eu pudesse evitar, a primeira lágrima escapou. *Não, não, não.* Então veio a segunda, a terceira e, quando dei por mim, chorava desenfreadamente. *Oh, não. Que grandessíssima merda!*

Tales deve ter se assustado com o meu choro, porque se afastou de mim poucos centímetros e segurou meus ombros. Seus olhos claríssimos me fitaram com atenção, tentando ler nas entrelinhas.

— Ei, não chora. — Ele usou os polegares para secar algumas lágrimas que rolavam pela bochecha.

E logo depois encaixou meu rosto entre as duas mãos. Eram macias e mornas. Liberei o ar dos pulmões, sentindo como se tivesse chumbo nos ombros.

— O que o Jonathas fez? — indagou baixinho e muito preocupado.

Dei de ombros, sem me preocupar em corrigir o nome.

— Ele parecia perfeito, Tales...

— Como todos os outros — murmurou com ironia, que resolvi ignorar.

— Era bonito, legal e tinha um apartamento todo limpinho e organizado. Tudo bem que era péssimo em escolher bares pra primeiros encontros, mas ainda assim parecia perfeito... — Deixei um soluço escapar e fiz um biquinho desolado.

— Mas...?

Raspei a ponta do pé no chão, odiando meu melhor amigo por me conhecer tão bem. Por saber tudo antes mesmo de eu contar. E, ao mesmo tempo, o amando ainda mais por isso.

— Era o Tarado.

— *COMO ASSIM ERA TARADO?* — Tales berrou, exasperado. — *O QUE ELE FEZ, CHLOE?!*

Mesmo sem a menor vontade de rir, me peguei fazendo exatamente isso. Em milésimos de segundo, Tales trancou o maxilar e cerrou os punhos, como um animal selvagem.

— Não um tarado, e sim o Tarado.

— Quê? Como assim o tar...? — Ele coçou o queixo e me lançou um olhar de quem estava quase ligando os pontos. Então se empertigou em um rompante, com os lábios entreabertos. — Não!

— Aham — choraminguei. — Ele mesmo.

Tales passou as mãos pelos cabelos — que, aliás, continuavam soltos —, fechando os olhos por um momento, como se tudo isso fosse demais para

conceber. Bem, era. Talvez agora ele entendesse a razão das minhas lágrimas.

— Você está dizendo o Tarado? Do telefone? — Tales apontou o dedo em riste, com uma expressão chocada. — Aquele que liga todo dia pra...

— O próprio! — Olhei para meus próprios pés, sem conseguir encarar meu melhor amigo.

Estava antevendo uma sucessão de piadas que só me dariam ainda mais vontade de chorar e isso era tudo o que eu menos queria. De repente, não pareceu uma ideia tão boa assim ter tocado o interfone. Eu devia ter chamado outro Uber e voltado para casa.

— Ah, Chloe... — Tales gemeu, com pesar, para minha surpresa.

Subi o olhar, encontrando o dele. Meu amigo tinha uma expressão séria, diria até soturna. Como se lamentasse muito.

— Por quê? Por que logo comigo?

Ele cruzou os braços sobre o peito. Continuávamos em frente ao elevador, no meio da madrugada, mas esse era um mero detalhe. Atrás dele, a porta do apartamento permanecia entreaberta, projetando um feixe de luz no chão.

— Ele fez alguma coisa?

Neguei com a cabeça, sem saber se queria mesmo falar sobre isso.

Eu me sentia uma idiota. Esfreguei meus braços, procurando minha voz, que tinha se dissipado.

— A gente quase... chegou lá. Mas eu reconheci a voz a tempo quando ele... hum... *gemeu*.

Tales cobriu a boca com as duas mãos, e reconheci o gesto na mesma hora — se segurava para não rir. Fisguei o lábio inferior e ergui o queixo, desafiando-o a soltar uma risadinha sequer. Ele resistiu o quanto pôde, mas seus olhos o entregaram. E, em questão de minutos, Tales deixou uma gargalhada escapar.

Quis ficar com raiva. Céus, como quis. Aquele idiota que não sabia a hora de brincar! Mas, por outro lado, era mesmo um motivo para rir. Não adiantaria nada ficar me lamentando. Pelo menos eu tinha conseguido perceber a tempo. A verdadeira catástrofe seria se tivéssemos mesmo ido além. Eu nem conseguia pensar na possibilidade de dormir com o Tarado.

Quando dei por mim, ria junto dele. Como uma hiena louca. Tales riu ainda mais alto, o que, por consequência, me fez aumentar o volume do riso também. As lágrimas voltaram a pulular dos olhos enquanto nossas risadas ocupavam o corredor. Dobrei o corpo para a frente, rindo e chorando ao mesmo tempo.

— Ah, cacete... — Gemeu ele, um pouco sem fôlego. — A gente vai

acordar os vizinhos. Vem cá! — E então agarrou minha mão, arrastando-me para dentro do seu apartamento.

Demorei mais alguns minutos até parar de rir por completo e normalizar minha respiração. Mesmo desolada, tinha acabado de ter uma crise de riso. Minha vida era mesmo uma bagunça.

Sentamos no sofá, um de frente para o outro, com as pernas cruzadas como índios. Tales apoiou o queixo nas mãos e os cotovelos nos joelhos. Ele me olhou com intensidade, sem dizer uma palavra. Senti um rastro quente por onde seus olhos passavam e, pela primeira vez na vida, eu me senti nua em sua frente e não sabia se gostava muito da sensação.

Para de me olhar assim.

Não está ajudando.

E, só para dissipar aquele ar rarefeito que começava a se formar entre nós, atirei as primeiras palavras que me vieram a cabeça:

— Acho que a maldição da cigana é real. — Antes que ele pudesse contestar, aponte o dedo para ele. — Tô falando sério.

Tales balançou a cabeça, como se tivesse despertado de um encanto. Ele umedeceu os lábios. Foi desconcertante.

— Chloe...

— Tá tudo dando muito errado. E não um errado aceitável, igual sempre foi. As coisas estão saindo do controle — disparei a falar, como uma matraca. — Parece que o universo está tirando com a minha cara. Tudo, exatamente tudo que pode dar errado, acontece. Tales! Sério, deixa o seu ceticismo de lado só um pouquinho. Tudo isso depois que eu esbarrei com aquela bruxa.

— Já parou para pensar que pode ser só coincidência? Aliás, você *conhece* essa palavra?

— Vá pro inferno — bufei, irritada.

— Vá você! — Ele piscou, daquele jeito charmoso e odiável que me tirava do sério. — Mas, sério, acho que só calhou de pegar uma maré de encontros terríveis logo depois que esbarrei com a cigana. E está procurando coisas onde não tem.

Esfreguei o rosto, incapaz de conseguir enxergar pela perspectiva dele. Naquele momento, só conseguia odiar a cigana, como se todas as infelicidades da minha vida fossem culpa dela. Não importa o quão irracional fosse, eu não dava a mínima. Tinha total direito de curtir a fossa. Dessa vez era supermerecido. O cara era um tarado afinal.

— Eu beijei a boca dele, Tales. Um monte — admiti, em um tom sombrio. — E nem era um beijo bom, ainda por cima.

Pensei que ele fosse gargalhar de novo, mas Tales se aproximou um

pouco mais, segurando meus punhos com ternura. Seus polegares massagearam a parte sensível de trás, o que ocasionou uma sucessão de calafrios. E não ajudava em nada o fato de ele estar seminu. Ainda mais agora com os cabelos negros soltos e contrastando com a pele alva, cheia de pintinhas espalhadas aqui ou ali, como constelações. Isso sem falar na maldita tatuagem. Porque, francamente, homens tatuados assinavam um atestado de *sou gostoso*.

— Você não tinha como saber — ele se limitou a dizer.

— Imagina só se a gente... meu deus. Quero morrer. Talvez morrer solteirona com vinte gatos não seja uma ideia tão ruim.

Ele encolheu os ombros, com um sorrisinho tímido pincelando os lábios.

— É o que eu sempre tento te falar.

— Eu achava que arrumar um namorado fosse a coisa mais fácil da minha lista. Mas, sei lá. Acho que me enganei. Isso não depende só de mim.

Tales fisgou o lábio inferior, com uma expressão pensativa. O cenho franzido evidenciava as sobrancelhas grossas e retas. Alguns fios rebeldes caíram sobre os olhos, deixando o seu olhar sensual de uma maneira perturbadora. Que droga esses pensamentos malucos que tinham começado a surgir. Eu não podia estar tão desesperada assim para começar a enxergar meu melhor amigo com outros olhos logo agora, depois de tantos anos.

— O problema é que você procura *demais* — ele aumentou a força com que segurava meus braços. Estremeci. — Sério, Chloe. Não quero ser chato, eu te amo e quero seu bem. Mas você *está* procurando demais. Essas coisas não são assim, elas só acontecem. E quando tem que acontecer, não importa quão desastroso seja. *Não importa*, sabe?

Coei a nuca, entendendo seu ponto. Mas sem querer dar o braço a torcer, ainda mais para ele, que ia se vangloriar disso depois.

— Pra você é fácil falar, né?

— Ahn? — Ele uniu ainda mais as sobrancelhas. — Como assim?

— Ué, você encontrou alguém.

— Mas esse é o ponto, Chloe! Eu não tava procurando. Só aconteceu.

— Não tava procurando? — Arqueei as sobrancelhas. — Pelo amor de Deus, você conheceu ela no Tinder! Se isso não é procurar, não sei o que é.

— Minha nossa! — Rosnou entre dentes, antes de segurar meu rosto e encostar a testa na minha. — Você é muito teimosa. E depois fala de mim.

— Falo porque você é. Todo mundo sabe que essa é a principal característica dos taurinos.

— Todo mundo sabe que signos são a maior baboseira.

Expirei o ar dos pulmões, cansada de discutir com ele. Conhecia Tales bem o bastante para saber que jamais chegaríamos a lugar algum.

— Tá bom, você venceu, vai — falei, bem baixinho, começando a ficar bastante consciente da nossa proximidade.

Tales também pareceu se dar conta, porque retesou os ombros, enterrando os dedos nos meus cabelos. Não ousei mover um músculo. Permaneci com a testa na dele, mirando em seus olhos cor de gelo e sentindo sua respiração tocar minha pele com suavidade.

Nunca, em todos nossos anos de amizade, senti algo parecido. Mas, naquele instante que abrigou uma eternidade, esqueci quem éramos. Não sei muito bem em que pensava, só parecia muito errado interromper aquela tensão cada vez maior entre nós.

— Quem era? — Uma voz surgiu na sala, buscando-me para a realidade outra vez. Era aguda e rouca, e tinha um tom sonolento que beirava o embolado.

Senti os ossos gelarem. Um pânico atravessou cada centímetro do corpo, ao passo em que eu tomava um banho de água gelada.

Sem pensar duas vezes, afastei-me do meu melhor amigo. *Não esquece, Chloe, melhor amigo.* Com os dedos trêmulos, olhei para o lado como se estivesse prestes a dar de cara com o *Predador*. Eu não me sentia preparada para conhecer Milene naquelas circunstâncias. Na verdade, nem sabia que ela estaria ali. *Dormindo* ali, isso era o pior.

Tales também partilhava do meu desconcerto. Além do mais, toda a cor do seu rosto tinha se dissipado e ele se concentrava em passar os dedos pelo cabelo com certo nervosismo.

Milene era muito bonita, essa foi minha primeira constatação. Parecia um *hobbit*, de tão baixa, mas era bonita. Tinha uma beleza meio rebelde e fora do comum. O braço fechado por tatuagens coloridas me fazia lembrar de Bruno, meu próximo e único alvo no momento. O cabelo preto e liso tinha o mesmo comprimento do de Tales, mas o corte era inteiro repicado e moderninho.

No entanto, o que roubou o ar dos meus pulmões foi o fato de que ela vestia só uma camiseta. E era dele. Como Tales era bem mais alto, servia como um vestido. Senti uma pontada nas têmporas e, por um segundo, pensei que fosse o começo de um AVC. Porque enfim me dei conta do que significava tudo aquilo. Os dois estavam dormindo juntinhos, no meio da semana, depois de terem claramente transado. O negócio tinha ficado sério.

Eu tinha perdido meu melhor amigo. E não conseguia apontar porque isso machucava tanto. Que merda! Era terrível que eu quisesse odiá-la, mas não conseguisse. Até porque não havia motivo algum para isso. Então por que eu também não conseguia *gostar* dela?

Milene não tinha culpa alguma por eu ser ridícula e nutrir um ciúmes igualmente ridículo pelo meu amigo. Ela não merecia que eu me sentisse assim

em relação aos dois. Nem ele. Mas, ainda assim, toda a torrente de sensações difíceis de entender me afogava bem devagar.

Eu *não queria* que Tales namorasse. Não agora. Não com ela, que era tão estilosa e já morava sozinha e estava na faculdade e blá, blá, blá.

Queria meu amigo solteiro para sempre. Disponível para ficar comigo, como sempre fora.

Argh, por que estou assim?

Milene me despertou para a realidade ao entreabrir os olhos em uma visível surpresa. Ela apontou para mim e depois se dirigiu ao Tales:

— Essa é a Chloe? — Ele mal assentiu e ela já tinha aberto um sorriso cheio de dentes. — Não acredito! Ah, caramba, tava louca pra te conhecer!

Milene saltitou até mim, envolvendo-me em um abraço esquisito. Ela tinha cheirinho de limão, que se misturava ao perfume amadeirado vindo da camiseta. Senti uma nova pontada no estômago, mas me obriguei a ser fofa com ela. Era o mínimo que poderia fazer.

— Tales fala muito de você — continuou, soltando-me e pestanejando sem parar.

— Ele fala de você, também. — Sorri. — Isso quando consigo arrancar alguma coisa.

Milene soltou uma risada supergostosa de ouvir, bem diferente da catástrofe que era a minha. Então se sentou no chão, de frente para o sofá, cruzando as pernas.

— Bom saber que ele também é assim com você. — Ela esticou o braço para deixar uma carícia no joelho dele. — Pensei que fosse só comigo.

— Ah, ótimo! Agora as duas vão se unir para me tirar do sério — ele soltou dramaticamente, e lançou um olhar carinhoso para ela.

— Desculpa acordar vocês. Na verdade, eu não tinha intenção nenhuma de atrapalhar, e...

— Para com isso! — Milene abanou a mão no ar. — Pelo menos consegui te conhecer. Achei que o Tales fosse me enrolar pra sempre.

— É que aconteceu uma coisa — continuei, ignorando suas palavras — e eu precisava desabafar. Mas já estou indo embora.

Ele me lançou um olhar confuso e se esticou para segurar meu braço outra vez.

— Não precisa. Fica aqui. Você ainda tá com cara de quem vai cair no choro.

Crispei os lábios, olhando de um para o outro sem parar.

Eu até queria ficar... queria mesmo. No entanto, me manter impassível era uma missão quase impossível. Era torturante ver a mão pequena de Milene

subindo e descendo pela coxa dele com uma cadência suave. Isso para não falar do sorriso bobalhão que ele dirigia a ela de vez em quando.

Santo deus, aquilo não ia funcionar.

Eu era um ser-humano horrível, mas fazer o quê? Precisava lidar com isso.

— Por favor — Tales sussurrou, me olhando. — Eu te levo depois.

Abracei minhas próprias pernas, recostando o queixo nos joelhos.

— Tá bom. Mas só por causa da carona.

Nós três rimos em uníssono. Minha risada desafinada se sobressaindo a deles.

Foi bom para aliviar um pouco a tensão e me livrar dos sentimentos confusos. Eu podia lidar com eles mais tarde. De preferência em casa, sozinha em meu quarto, enquanto chorava em posição fetal. Enfim.

— Você disse que veio desabafar... — perguntou Milene, quando o silêncio voltou a dominar a sala. — O encontro com o Júlio não deu certo?

— Joaquim — corriji, lançando um olhar feio para Tales. Eu não sabia se gostava tanto assim dele contando minhas intimidades para outra pessoa. Mesmo que essa pessoa estivesse a um passo de virar sua namorada.

Era a *minha* vida.

Fora que era um sacrifício arrancar alguma coisa dele sobre ela. Mas parece que o contrário não acontecia.

— Eu sempre confundo o nome — ele se justificou para ela, que tinha uma expressão confusa. — Comentei por cima que você tinha encontrado o amor da sua vida. Foi mal?

Respirei fundo, desenhando linhas imaginárias em minha própria perna, sem querer olhar para nenhum dos dois.

— Não tem problema. Nem deu em nada mesmo.

— Poxa, que chato! — Milene tocou em meu cotovelo. — Eu ia sugerir um encontro duplo. Seria legal, né?

Fechei os olhos e contei até dez.

Um encontro duplo. Sério que eu tinha chegado nesse nível? A garota mal me conhecia e já queria me ajudar a encontrar alguém. Que deprimente...

— Pena que não vai rolar — resmunguei, sem querer falar mais sobre o fiasco que era minha vida amorosa.

Percebendo meu humor cada vez mais sombrio, Tales pigarreou, remexendo-se no sofá até encontrar uma posição confortável.

— Chloe, eu te contei que a Mi faz moda?

Mi.

MI!!!

Acho que vou vomitar.

— Ahn... sim. — Dei um sorrisinho. — É muito bacana.

— Você também faaaaz? — Ela ficou toda empolgada, como se tivesse acabado de descobrir que acertou os seis números da Mega-sena.

— N-não. Acabei desistindo. Não era muito a minha praia. — Lancei um olhar feio para ele. Mas Tales tinha percebido seu deslize, porque permaneceu olhando para frente como se dependesse disso para viver. E dependia mesmo, eu estava morrendo de vontade de esganá-lo. — Tá curtindo?

— Muito! Sempre sonhei em ser estilista, desde pequenininha. As paredes do meu quarto eram forradas de croquis. — Milene repousou as mãos no colo, com um brilho diferente no olhar. — O curso é incrível. Ainda melhor do que eu imaginava.

— O Tales também sempre soube que queria ser químico... — resmunguei, um pouco frustrada com a minha indecisão. — Que inveja de vocês.

Ela me encarou com um olhar complacente meio bizarro. Como se eu fosse uma criancinha que acabou de ralar o joelho e ela tentasse me consolar. Não gostei nada disso. Nada mesmo.

— Mas você vai encontrar alguma coisa que te faça bem. Ainda tem a vida inteira pela frente. — *Ah, vá.* — Acho bem errado precisarmos escolher tão cedo. Aos dezessete anos a gente ainda é criança.

Ela falava como se fosse uma anciã.

— E mesmo assim a maioria consegue decidir. — Dei um sorriso mordaz, sem conseguir evitar.

Esse não era um assunto muito fácil para mim. Odiava me sentir menos que as outras pessoas. Tia Célia tinha enfiado uma sementinha em meu cérebro que a cada dia crescia mais e mais forte. Aos poucos, comecei a acreditar em suas palavras. E agora elas faziam parte de mim. Parecia que só as outras pessoas conseguiam, eu não. Pelo contrário, quanto mais nadava, mais me distanciava da praia. Já estava conformada que ia me afogar em todas aquelas incertezas. Era uma completa droga.

Incomodada com o silêncio constrangedor que seguiu, tomei impulso para me levantar.

— Está tarde, preciso mesmo ir. — Abracei meu próprio tronco, sentindo-me pequena e muito frágil. No mesmo instante, Tales começou a levantar também. — Não precisa esquentar, eu chamo um Uber de novo.

— Não vai dar trabalho nenhum te levar, para de ser teimosa! — Ele lançou um olhar duro para mim e fiquei com peso na consciência.

Será que ele conseguia imaginar o teor dos meus pensamentos? Será que Tales fazia alguma ideia de como era doloroso permanecer ali com os dois,

fingindo que aquilo não me incomodava nem um pouquinho quando eu nem conseguia compreender por quê?

— Eu vou junto — Milene levantou, daquele jeito saltitante dela.

Maravilha.

Vou ficar de vela. Num carro. Ouvindo barulho de saliva enquanto os dois se devoram na minha frente.

Eu odeio a minha vida.

— T-tudo bem. — Raspei os pés no chão, sem encontrar forças para recusar a carona.

Como bom taurino que era, Tales não desistiria tão fácil. E o que eu menos queria era uma discussão na frente de sua namorada descolada, independente e incrível.

Esperei os dois se vestirem, enquanto ouvia sussurros e risadinhas baixas vindas do quarto dele. Meus ombros pesaram muito, como se tivesse acabado de encaixar uma mochila de vinte quilos nas costas.

Vislumbrei as mudanças bem diante dos meus olhos e lamentei por cada uma antecipadamente. Eu não costumava lidar bem com coisas que fugiam do meu controle. Por tantos anos, Tales e eu fomos unha e carne. Era esquisito imaginar que, de agora em diante, eu precisasse me acostumar a dividi-lo com outra pessoa. Eu não queria. Parecia erradíssimo.

E o fato de que, assim como eu, ele também nunca ter namorado sério, só dificultava tudo. Eu não tinha me preparado. Era tudo uma novidade horrorosa que me recusava a aceitar. Mas não tinha esse direito. Ele era meu amigo e eu o amava muito. E, por amar, precisava vibrar pela sua felicidade.

O caminho até o carro de Vinícius foi silencioso e desconfortável. Mexi no meu cabelo mais do que gostaria, só para ter algo que fazer com as mãos. Joguei-me no banco de trás sem nenhuma vontade e assisti, com ciúmes, Milene estacionar a mão na perna dele, muito perto da virilha. Na verdade, ela só precisaria escorregar um pouquinho para esquerda se quisesse alcançar certas partes mais... interessantes.

Mordi o lado de dentro da bochecha, descontando minhas frustrações. Eles trocaram um olhar cheio de cumplicidade enquanto ele dava partida no carro. Então Tales lançou sua piscadela para ela, seguida de um sorriso muito safado. Eu conseguia imaginar tudo o que fariam quando se vissem livres de mim.

Deslizei no banco, quase deitando, e desci as pálpebras. Depois disso, contei cada segundo do trajeto até que meu melhor amigo estacionou em frente a padaria de papai.

— Essa é a famosa padaria? — Milene perguntou baixinho, para só ele

ouvir.

Famosa, é?

Era estranho ele falar tanto de mim para ela, quando eu mesma não sabia nadinha sobre aquela menina.

Com que direito esse idiota sai falando da minha vida sem a minha permissão?

— Aham — ele respondeu no mesmo tom baixo. — Já roubamos muito pão de queijo de madrugada. — E, ao dizer isso, me dirigiu um olhar de quebrar o coração em mil pedacinhos.

Tinha tanta cumplicidade e carinho que precisei segurar o choro.

Eu era uma vaca.

— Valeu pela carona, não vou mais atrapalhar vocês — disse, atrapalhada, fazendo o possível para não transparecer meu sofrimento. — E usem camisinha! — soprei, antes de pular para fora.

Só então me dei conta do que tinha acabado de falar.

Ah, droga.

Pela segunda vez no mesmo dia, tinha falado demais perto dele. Sem ousar olhar para trás, disparei em direção ao portão de entrada e sumi para dentro, com o coração em frangalhos.



A CENA MAIS CLICHÊ DAS COMÉDIAS ROMÂNTICAS

ESCOLHI UM VESTIDO AMARELO DE estampa floral para usar naquela tarde, porque Tales tinha dito uma vez que essa cor destacava a minha pele. E, por alguma razão que me recusava a entender, eu queria que ele gostasse do que via. Não era bem o pensamento que melhores amigas deveriam ter, mas era o único que eu tinha, por isso me contentaria com ele.

Passei as alças pela cabeça e senti o tecido criando certa aderência para descer. O verão estava em seu ápice, quase beirava o insuportável. Mesmo poucos minutos depois do banho, minha pele já tinha uma fina película de suor. A vontade era voltar correndo para o chuveiro. Mas, em vez disso, alisei a saia rodada e precisei concordar com Tales — amarelo de fato ficava muito bonito em mim.

Calcei uma sandália aberta, afinal não gastava horrores na manicure à toa. Conferi as horas no relógio do celular e descobri que ainda tinha uma hora antes dele chegar. Respirei fundo, pegando um dos meus cremes para cachos sobre a escrivaninha e começando o processo de finalização. Antes de assumir meu cabelo natural, eu usava a desculpa de que mantê-lo liso era mais fácil. Mais prático. Que eu não tinha tempo para cuidar dos cachos como eles mereciam.

Mas agora eu adorava. Mesmo exigindo muitos cuidados, eu sentia que aquele era o meu momento de cuidar de mim e me amar um pouquinho. Era inegável o quanto minha autoestima tinha mudado para melhor depois que comecei a me conhecer mais. Costumava brincar e dizer que eram meus *dates* comigo mesma. E, para uma pessoa que odiava ficar sozinha, era uma grande vitória. Era bom gostar de quem eu era, só para variar. Sem me sentir menos que ninguém.

Amassei os cabelos com uma camiseta de algodão quando ouvi alguém

bater na porta três vezes.

— Pode entrar — falei, distraída com a minha própria imagem refletida no espelho.

Como um xuxuzinho desse ainda não tem um moção pra chamar de seu? Eles não sabem o que estão perdendo.

A porta abriu devagarzinho, com um rangido irritante. Pela fresta que se formou, o rosto de Camille apareceu.

Cíntia, Camille e eu éramos todas muito parecidas — tínhamos puxado mamãe e tia Célia nos mínimos detalhes. Mas era inegável que Camille era a mais bonita. Ela era uma versão melhorada de todas nós. Bem mais alta, usava e abusava das pernas longas e torneadas em vestidos e shorts curtos. Não tinha medo de pintar os lábios grossos de cores vibrantes também, coisa com que eu ainda tentava me acostumar.

Diferente de mim, usava os cabelos lisos escorridos, que terminavam na cintura. Minha irmã mais nova era apegadíssima a ele. Eu até desconfiava que ela acordava no meio da madrugada só para se certificar de que continuava em sua cabeça.

— Tá ocupada?

— Não. — Sorri para ela. — Pode entrar — repeti.

Minha irmã mais nova obedeceu, fechando a porta atrás de si ao passar. Ela percorreu a distância até a cama em passos tranquilos, jogando-se no colchão com desânimo e um pouco de dramaticidade. Ficou deitada por alguns segundos antes de tomar impulso para se sentar. Procurei seus olhos pelo reflexo do espelho.

— Eu ia perguntar se tava tudo bem, mas já deu pra sacar que não — comentei, espremendo um pouco mais de creme na palma da mão.

— Não mesmo. — Ela expirou o ar dos pulmões bem alto. — Queria um conselho.

Aquelas simples palavras me deixaram com o coração mole.

Um *conselho* meu?

Eu era a decepção da família. A bagunça ambulante.

E mesmo assim minha irmãzinha queria um *conselho* meu?

— Claro! Irmãs servem pra isso, né?

— É que eu recebi uma proposta incrível de trabalho... — Ela gemeu, esfregando o rosto. — Meio que tudo o que sempre sonhei na vida.

Entreabri os lábios, desacreditada.

— Tá brincando? — perguntei, ao que ela negou. — Mas isso é maravilhoso!

— É. Só que não é só isso. Tem uma condição.

Ela deixou as palavras morrerem no ar e, pela cara dela, Camille esperava que eu achasse óbvio qual era a condição. Como Tales e eu amávamos adivinhar, entrei na brincadeira mesmo sem saber se *era* uma brincadeira.

— Hum... querem que você faça um comercial vestida de carne, igual a Lady Gaga?

Minha irmã era vegetariana.

— Não, né. Eu nem teria considerado.

— Então te pediram para fazer uma foto dentro de uma banheira de bebê cheia de miojo, com uma cara toda sexy, igual àquela que o Júnior, do Sandy & Júnior, fez quando era novinho.

— Ahn??? — Camille arregalou os olhos, sem esconder que não fazia a mais remota ideia do que eu estava falando.

— Deixa pra lá, não é do seu tempo. — Abanei a mão no ar. — Qual é a condição?

— É uma marca das grandes. Querem que eu seja a garota propaganda pelos próximos anos.

— Mas...?

— Preciso fazer a transição capilar. E *não é* negociável. Se eu não aceitar, vão escolher outro modelo com o cabelo crespo.

Massageei as têmporas, encarando-a nos olhos.

— Nossa. Nem sei o que falar...

Quero dizer, em circunstâncias normais, eu seria a primeira pessoa a incentivá-la a passar pela transição. Mas isso precisava partir dela, no fim das contas. E eu sabia o quanto gostava do cabelo liso. Bom, ela *achava* que gostava. Assim como eu também achava antes de passar pela transição. Fui ensinada que cabelos lisos eram bonitos, mas os meus não. Foi um processo demorado e cheio de altos e baixos até que eu chegasse aquele ponto de me amar do jeito que era. Camille só teria certeza depois de descobrir como era o próprio cabelo. Ela também tinha começado a alisar muito cedo, nem devia lembrar direito.

— Não é que eu não goste. Pelo contrário, você ficou linda com o cabelo natural. É tão você! — Suas palavras evocaram a imagem de Tales em minha mente. Ele tinha dito a mesma coisa. — É só que... sei lá. Me acostumei a me ver assim. Tô com medo, Chloe. É uma mudança e tanto. E se eu não gostar? — Minha irmã observou a própria imagem no espelho, penteando o cabelo com os dedos. — Queria te perguntar como foi que... como você...

Ficamos em silêncio por alguns minutos, enquanto eu tentava processar as palavras. Fiquei tão acostumada a viver na defensiva em se tratando da minha tia e de mamãe que era estranho me deparar com o pedido de ajuda da minha irmã mais nova.

Que ironia... queria que tia Célia soubesse disso. Queria ver a cara dela.

— Eu nunca gostei muito de alisar o cabelo — admiti, surpreendendo-me com a facilidade com que a resposta veio à ponta da língua. — Meus olhos ardiam, a cabeça coçava... e depois tinha todo aquele drama de quando a raiz começava a crescer. Mamãe e tia Célia insistiam que nosso cabelo não era feito para usar natural, mas havia tantas mulheres maravilhosas provando o contrário... Tipo a Taís Araújo? Ou a Sheron Menezes? E mais um monte no Instagram. E elas tinham o cabelo natural, sabe? Sei lá... fiquei pensando: como um cabelo não é feito para usar natural se ele nasce assim da minha cabeça?

Camille apertou os lábios de um jeito estranho. Era como se sorrisse e, ao mesmo tempo, fizesse uma careta de dor. Acho que estava se identificando com cada palavra. Por isso girei a cadeira e fiquei de frente para ela, antes de continuar:

— Eu não lembrava como eu era *antes*. Tinha umas fotos bem novinha, mas é diferente, né? — Ela assentiu. — Decidi testar, só pra ver se gostava. Só pra ver se me reconhecia no espelho. Na pior das hipóteses, era só eu alisar de novo... Mas, sabe, Camille, mesmo quando meu cabelo estava metade liso e metade crespo e eu não tinha a menor ideia do que fazer pra arrumar, não me arrependi um único dia. Porque essa sou eu. Não tem nada de errado comigo. Eu sou linda. Meu cabelo é lindo. — Respirei fundo, encaixando as mãos na cintura. — O dia que fiz o *big chop*, fiquei morrendo de medo. Sério mesmo. Fui achando que seria uma cena dramática igual a Carolina Dieckmann raspando o cabelo na novela, mas, cara... foi o oposto. Me olhei no espelho e foi a primeira vez que me vi. Louco, né?

Os olhos de minha irmã brilhavam com intensidade.

Ouvimos o som abafado de buzina. No mesmo segundo, meu celular começou a tocar. Tales nunca mudava o jeito apressadinho de ser. Olhei com ternura para a minha irmã mais nova, aproximando-me dela para afagar sua bochecha com as costas da mão.

— A decisão é sua, no fim das contas. Você precisa colocar na balança e descobrir o que quer. — Camille assentiu, sustentando o olhar. — Mas eu tô aqui de qualquer forma, se quiser conversar mais.

— Valeu mesmo. — Ela me surpreendeu com um abraço.

Nossa família não era do tipo que vive trocando carícias, por isso levei alguns segundos para reagir e corresponder ao abraço. Deixei um beijo no topo de sua cabeça, enquanto deslizava a mão em suas costas.

A buzina foi acionada mais algumas vezes, em soquinhos impacientes. E me peguei revirando os olhos.

— Preciso ir, antes que Tales tenha um derrame ou algo assim.

Camille soltou uma risada genuína. Até a risada da lazarenta era bonita. Se eu tivesse nascido no corpo de minha irmã mais nova, metade dos meus problemas estaria resolvida, tenho certeza.

— Vai lá. E boa sorte — falou, encolhendo os ombros.

Sorte.

Deus sabia o quanto eu precisava de um pouquinho de sorte. Só um pouquinho. Não aguentava mais aquela maré de azar que parecia não ter fim.

Peguei minha bolsa na cama e saí correndo pelo corredor. Do lado de fora, fazia um dia muito bonito: o céu limpo, sem nenhuma nuvem maculando o azul vibrante; o sol forte de verão fazendo parecer que o chão de asfalto estava molhado e estalando. Eu tinha certeza de que poderia fritar um ovo se quisesse, como costumava fazer na infância. Eram bons tempos, quando não existia nenhuma preocupação além de qual seria a brincadeira do dia.

O único defeito daquela tarde era o calor abafado. As árvores mal se mexiam, porque não ventava. Limpei o suor da testa com as costas da mão e saí pelo portão. A padaria se encontrava apinhada de gente. Espiei rapidinho por cima dos ombros e vi meu pai no caixa, todo cheio de sorrisos e cortesia. Acabei sorrindo também, porque dava muito orgulho o quanto ele amava atender os clientes. O quanto era feliz com sua profissão.

Tales me esperava do lado de fora, recostado no carro com os braços cruzados sobre o peito. Por mais apressado que estivesse, ele sempre tirava um tempinho para descer do carro e me receber. Eu adorava isso.

Ele estava bonito. Não que tivesse feito nada demais. Pelo contrário, vestia as roupas largadas de sempre. Naquela tarde, vestia uma bermuda jeans meio desbotada de tanto usar; uma camiseta branca que o deixava ainda mais pálido, destacando o cinza de seus olhos; e, nos pés, um *Vans* sem cadarço desgastado perto da sola branca. Mesmo assim, *estava* bonito. Principalmente com o cabelo solto, que conferia um ar rebelde e misterioso para ele.

Engoli em seco, tentando ignorar o friozinho maluco no estômago, e segui em sua direção.

Assim que me viu, Tales se empertigou, mas não antes de passar seus olhos bem devagar por mim. Foi em uma fração de segundo, mas, ao mesmo tempo, senti que tinha durado a vida inteira. O peso do seu olhar deixou rastros de calor. Minha pele ardeu, minha respiração falhou, minhas mãos suaram frio. Senti como se ele me despisse em sua imaginação. Senti como se, em seus pensamentos, ele tivesse imaginado milhares de desfechos para aquele dia, nenhum envolvendo roupas.

Mas, bem... talvez ele só tivesse me achado bonita. Sem a parte de ficar sem roupas. Talvez isso fosse coisa minha, e algo me dizia que eu estava indo

longe demais. Tales, embora não admitisse, estava, *sim*, em um relacionamento sério.

Balancei a cabeça, forçando-me a afastar todo o caos de dentro da cabeça.

— Oi — falei, esfregando o braço com nervosismo.

Ele tinha os lábios entreabertos, como se tivesse ficado fora de sintonia. Levou alguns segundos antes de pigarrear duas vezes e só então responder.

— Oi. — Sorriu, de um jeito tímido e bem fofo. — Você tá... hum...

— Formosa? — provoquei, mostrando a língua. Tales tombou a cabeça para trás, gargalhando com prazer.

— É. Pode ser.

— Valeu. Você também tá. — Apontei para suas roupas com o indicador. — Aliás, estamos indo pra uma mostra de profissões ou pra um encontro?

Ele piscou para mim, mas não respondeu nada. Limitou-se a sorrir com deboche e contornar o carro para entrar. Soltei o ar dos pulmões, sem entender a bagunça que meu corpo tinha virado. Meu estômago não parava de dar cambalhotas, e o coração acelerava de uma só vez a cada 5 minutos. E nós nem tínhamos saído da frente de casa ainda. Eu temia pelo resto da tarde.

Entrei no carro, passando o cinto de segurança ao redor do tronco. Tales permaneceu sentado, com as mãos sobre o volante e o rosto voltado para mim.

— É só que... é importante pra você? — ele murmurou, baixinho. — E eu... bem. Queria deixar tudo especial.

Meu deus, Tales.

Por que está fazendo isso comigo a essa altura do campeonato?

— Você se arrumou *por isso*? — perguntei, sem esconder o atordoamento. Ele apenas assentiu. — Uau... eu não... eu... — Bati com as mãos nas coxas, tentando clarear os pensamentos. — Tô me sentindo mal.

Ele permaneceu sorrindo por mais um segundo antes de transmutar sua expressão para pura surpresa.

— Ahn? — perguntou, batucando os polegares no volante sem nem perceber. — Como assim? Por que mal?

— Por quê...? Não sei. Você não precisava mudar seu jeito de verdade. Eu fico pegando no seu pé porque te amo e quero seu bem, mas não tem nada de errado com suas roupas. — Estalei a língua. — Quero dizer, além do fato de você parecer um maltrapilho, é claro. Mas meio que já me acostumei.

Nossas risadas ocuparam cada centímetro do carro.

Tales negou com a cabeça, repousando a mão na minha coxa. Sua pele na minha pele. Seu calor sendo transferido para o meu corpo. Todo o sangue se direcionando para aquele pedacinho pequeno.

Estou ferrada.

— Ah, não, você entendeu tudo errado — explicou em um tom brando. — Não me arrumei pra você achar o dia especial por isso. É que assim você vai perder menos tempo implicando comigo e mais tempo focada no que importa.

Ri dele, deixando um tapa em seu braço. Tales se demorou mais alguns segundos me encarando de uma maneira difícil de interpretar antes de se voltar para o volante e enfim dar partida. Ainda bem, porque o ar dentro do carro estava rarefeito demais para suportar.

Aproveitamos o percurso para colocar o assunto em dia.

Depois do meu encontro com o Tarado e de ter voltado correndo para a casa de Tales e topado com Milene lá, nós não tínhamos mais nos encontrado pessoalmente. É claro que também não passávamos um dia sem trocar mensagens, mas ainda assim... era diferente. Eu sentia sua falta. Sentia falta dos programas mais triviais ao seu lado. Tinha assistido *Discovery Home & Health* sozinha duas ou três vezes, só para sentir como se ele estivesse por perto. Mas jamais admitiria isso para ninguém.

A rotina de Tales era corrida, com o trabalho na farmácia e a faculdade de química cheia de relatórios e provas difíceis. Antes só havia eu para encaixar no tempo livre, então conseguíamos nos ver bastante. Mas agora tinha outra pessoa na equação. Uma pessoa com quem ele conseguia fazer coisas *mais interessantes* do que com sua melhor amiga.

Soltei um suspiro desanimado, que Tales interpretou errado.

— Não fica preocupada. É só pra gente conhecer os cursos e ver se algum te interessa. Mas se não interessar, tá tudo bem também.

Assenti, sem querer que ele percebesse que meu desânimo não tinha nada a ver com a mostra de profissões.

O estacionamento do salão de eventos se encontrava lotado. Rodamos três vezes antes de encontrarmos uma vaga. Tales estacionou o carro de Vinícius com facilidade, então desligou o motor e me fitou com uma expressão carinhosa.

— Eu só achei... uma boa ideia. Alguma coisa diferente pra te inspirar. — Ele encolheu os ombros.

— Eu sei.

— Não tô te pressionando, tá?

— Minha nossa, Tales. A gente vai sair do carro *hoje* pra ver a feira ou não?

Tales revirou os olhos e cutucou minhas costelas, arrancando risadas de hiena.

Lado a lado, seguimos o fluxo de pessoas que chegava para a mostra. Um arco de bexigas coloridas tinha sido colocado na entrada, junto com um cartaz

feito em cartolina moldurada por papel crepom, escrito V MOSTRA DE PROFISSÕES DE PRESIDENTE PRUDENTE.

— Os alunos que fazem isso? — perguntei, enquanto atravessávamos a porta.

— Aham. Pelo que sei, os calouros trocam o trote por essa mostra. E os veteranos ganham uma nota bônus em cada matéria, se participarem.

— Legal. — Sorri, olhando ao redor com expectativa.

O salão era grande e comprido. Parecia com uma feira de artesanato muito grande. Com a diferença de que as barraquinhas estavam enfeitadas de acordo com o curso. Algumas cheias de cartolinas, outras com pilhas de livros ou esculturas. Mas todas apinhadas de alunos, que distribuíam panfletos e chamavam os visitantes para conversar.

Para minha surpresa, parecia que toda a população de Presidente Prudente se encontrava lá. Pensei que só daria a gente, mas tinha me enganado — e muito. A maioria eram adolescentes acompanhados da família, mas também havia bastante gente da minha faixa de idade, para o meu alívio.

Na outra extremidade do salão de eventos, cinco barraquinhas de comida se assemelhavam a formigueiros, de tanta gente ao redor. Tales e eu trocamos um olhar cúmplice que dispensava palavras e foi o bastante para sabermos que passaríamos lá antes de ir embora.

— Quer começar por algum curso específico?

Tales me encarava com expectativa. Fiz uma varredura pelo evento, com as mãos no quadril.

— Acho que não... vamos seguir o fluxo.

— Por aqui — disse ele e, antes que eu percebesse o que estava acontecendo, me guiou com a mão na minha cintura.

O que, em tempos antigos, costumava ser o tipo de coisa mais comum entre nós. Vivíamos nos tocando, fazendo carícias, beliscando e estapeando um ao outro. No entanto ficava cada vez mais difícil me manter alheia ao seu contato. Por algum motivo, que eu me recusava a descobrir, a presença de Tales causava reações inéditas em mim.

Eu não sabia — ou não queria — apontar se isso era bom.

Mas pressentia que estava muito encrencada.

A primeira barraca era de Medicina, e não era nenhuma surpresa. Só de me lembrar de Tia Célia dizendo que esse, sim, era um futuro brilhante, me dava vontade de vomitar. Era como se só existisse meia dúzia de caminhos para a felicidade. E se você não estivesse em nenhum deles, você era um completo fracasso.

No entanto, a vida era bem diferente disso. Existiam infinitas

possibilidades. A felicidade não deveria caber em um molde pré-definido, mas, em vez disso, se adequar a cada pessoa.

Balancei a cabeça e peguei um panfleto na bancada. Mesmo tendo a certeza absoluta de que aquela não era a minha vocação, decidi mergulhar de cabeça naquela experiência. Queria passar em todos os estandes, pegar os panfletos, conversar com os alunos. Tales tinha razão, aquele podia ser o dia em que minha vida sofreria uma grande guinada. Só dependia de mim.

— Boa tarde — uma menina bem mais nova, cujo crachá dizia se chamar Maria, cumprimentou, abrindo um sorriso com aparelho. — Bem-vindos ao estande de Medicina. Algum de vocês está pensando em ser médico?

Abri a boca para responder, mas Tales foi mais rápido.

— Ela — disse, apontando para mim. — O sonho da vida dela é ser urologista.

Maria deixou o queixo cair, sem nem conseguir disfarçar a surpresa. Lancei o olhar mais ameaçador que consegui para Tales, que nem se abalou.

— Verdade?!

Ele assentiu, com uma expressão deslavada. Tales era muito cínico, pelo amor de deus.

— Uau. Que... *diferente*. Nunca conheci uma mulher que quisesse seguir essa área.

— Hummm... — Apesar da vergonha, decidi entrar na brincadeira. — Sempre foi o meu sonho. Desde pequena eu brincava de faz de conta, sabe? Examinava meus bonecos... se tava tudo ok com a próstata deles. E recomendava uma dieta rica em tomate pra prevenir o câncer e tudo mais.

Tales fitou os próprios pés, usando o cabelo para esconder o rosto. Eu sabia que estava rindo porque seus ombros balançavam um pouco. Mudei o peso do corpo de uma perna para a outra, durante o tempo em que Maria precisou para absorver todas as informações.

Foi o silêncio mais constrangedor de toda a história. E a pior parte é que, embora eu estivesse morrendo de vontade de dar risada, precisava continuar toda séria. Do contrário, seríamos desmascarados. Tales me metia em cada uma...

Depois de limpar a garganta duas vezes, Maria voltou a sorrir. Mas seu sorriso ficou um pouco esquisito depois da minha confissão. Ela pinçou um panfleto com a mão e estendeu para mim.

— Medicina é integral. São cinco anos, mais a residência... — começou a entoar o texto decorado, com cara de quem faria o possível para dissipar as imagens de sua cabeça para sempre.

Foi difícil prestar atenção. Só conseguia trocar olhares cheios de significado com Tales e usar toda a minha energia para não deixar a gargalhada

escapar.

No final da explicação, Maria perguntou se tínhamos alguma dúvida. Neguei com a cabeça, agradei pela atenção e puxei Tales pelo punho para longe dali. Mal saímos do campo de visão de Maria e já estávamos rindo feito duas crianças.

— Você tá *tão* ferrado, seu trouxa — briguei, mas sem conseguir parar de rir.

— Me conta mais sobre essa infância perturbadora, por favor — provocou, fisgando o lábio de uma maneira deliciosa. Desviei o olhar para minhas próprias mãos.

— Vou te fazer passar muita vergonha hoje. Ouça o que estou dizendo.

Tales usou o dedo indicador para erguer meu queixo. Seu olhar tinha um brilho travesso.

— Então isso é um desafio? Porque você sabe que sou competitivo. E criativo — concluiu, arqueando uma sobrancelha em desafio.

Estreitei os olhos para tentar intimidá-lo, mas Tales não moveu um único músculo. Continuou esperando minha resposta, com um sorrisinho debochado.

— Tá bom, eu topo. Uma barraca de cada. A próxima é minha.

— Fechado. — Ele estendeu a mão, esperando que eu a apertasse.

Fiz o que ele queria e, para minha surpresa, Tales me puxou para mais perto. As pontas dos nossos pés encostaram, e seu nariz ficou a poucos centímetros do meu.

— Não quero ninguém choramingando depois, hein? Não vou pegar leve.

Gargalhei teatralmente, revirando os olhos por mais tempo que o necessário, só para me fazer entender.

— Coitado! Você não vai mais querer sair de casa depois que eu acabar com você.

— Veremos. — Ele piscou e me soltou.

Só quando se afastou foi que percebi o quanto nossa proximidade tinha deixado meus joelhos fracos. Soltei um suspiro, me recompondo.

As horas se atropelaram ao lado de Tales. A cada barraca, inventávamos uma história diferente sobre o outro. As mais constrangedoras que conseguíamos. Era uma tortura segurar a risada até o abdômen ficar dolorido, mas a melhor parte era quando nos afastávamos e podíamos extravasar. Tales batia palmas, enquanto gargalhava até lacrimejar. Eu, por minha vez, atraía um ou outro olhar com minha risada ridícula.

No estande de Psicologia, contei para a aluna que Tales queria fazer o curso porque tinha mediunidade e entendia muito de signos. E que isso, com certeza, ajudaria muito os pacientes. O pior de tudo é que ele incorporou o

personagem, e até sabia uma coisa ou outra sobre astrologia — devia ser de tanto me ouvir falar.

No estande de Direito, ele me desafiou a convencer os alunos de que concurso público era o melhor caminho e que eu tinha uma prima que trabalhava dois dias por semana e ganhava 10 mil por mês. Foi terrível, mas lembrei dos discursos chatos de tia Célia e só repeti, como uma matraca.

Passamos de barraca em barraca, como duas crianças depois de muito açúcar. Em momentos como aquele, sua ausência em minha vida ficava ainda mais presente. Como pudemos passar dias sem nos encontrar? Caramba, era bom demais brincar e dar risada com ele, sem me importar com mais nada além do momento.

Quando dei por mim, tínhamos passado por todos os estandes. Meu estômago roncou de fome ao mesmo tempo em que me dei conta do quanto tinha cansado. Conferi as horas no celular e descobri que já estávamos ali há quase três horas.

— Tô varada de fome, Tales — choraminguei, lutando contra a pontada de ciúmes que senti ao vê-lo trocando mensagens com Milene.

— Também tô — respondeu, distraído. — Quer comer aqui ou ir em outro lugar?

Mirei em direção às barraquinhas de comida, estudando nossas possibilidades. Tinha crepe, churros, espetinho, *hot dog* e cocada. Todos por um preço absurdo. Quase o triplo do preço do resto da cidade. E, mesmo assim, um aglomerado enorme de pessoas se amontoava.

— Vamos em outro lugar? — sugeri, e só então ele ergueu o rosto.

— O que você tá a fim de comer?

— Sei lá — dei de ombros. — Aqui tá muito caro. E cheio.

Tales olhou para a multidão faminta, que mais pareciam zumbis tentando abocanhar um bom pedaço de carne fresca.

— Que tal o bolinho de bacalhau que tem lá no calçadão? — sugeriu, escondendo as mãos nos bolsos.

— Hummm. — Fechei os olhos por um segundo, quase sentindo o cheirinho inconfundível. — Perfeito. Vamos?

— Eu vou só dar um pulinho no banheiro primeiro — comentou, olhando ao redor à procura. — Você me espera?

— Vou pensar no seu caso — respondi e o observei girar nos calcanhares e se afastar.

Enterrei as mãos nos cabelos, olhando ao redor. A feira continuava cheia. Na verdade, parecia ter ainda mais gente do que quando chegamos. Nas paredes do salão, uma vasta exposição fotográfica contava a história da cidade. Caminhei

sem rumo, olhando as fotos emolduradas sem de fato enxergar nenhuma.

Meus pensamentos foram parar longe. Achei que sairia dali certa de qual seria a próxima faculdade. No entanto, apesar de render boas risadas, aquelas horas ao lado de Tales não me ajudaram muito na empreitada de decidir o meu futuro. Bom, pelo menos em parte. Porque de uma coisa eu tinha certeza — o que eu queria nada tinha a ver com nenhuma daquelas graduações. Aquela não era eu. E eu não entraria em outra faculdade só para desistir, como antes.

Segurei a base do nariz, tentando lutar contra o desânimo. Por que as coisas eram tão complicadas para mim? Por que eu não conseguia mirar em algo e acertar?

De toda forma, papai tinha dito que eu *não precisava* me formar em nada para ser bem-sucedida, tampouco para ser feliz. Ele era a prova viva disso. Papai nem ao menos tinha terminado o ensino médio.

O problema era que eu não conseguia enxergar qual caminhos podia seguir sem estudar. Não queria nem cogitar a ideia de continuar na CarreTel para sempre, lidando com clientes nervosos e, eventualmente, com um tarado que se satisfazia com a voz alheia.

Enfim... minha cabeça virou uma bagunça. Eu precisava organizar todos os pensamentos e tentar entender qual era a minha missão na terra.

Meu celular vibrou com uma notificação e, enquanto eu o tirava do bolso para descobrir quem tinha falado comigo, acabei trombando com tudo em outra pessoa.

Tentei me equilibrar, sem nenhum sucesso, e caí com tudo de bunda no chão.

— Aiii! — resmunguei.

E, pelo jeito, o homem que esbarrou em mim também estava distraído, porque, assim como eu, despencou no chão como uma fruta madura. Seus papéis se espalharam ao redor dele e me senti um pouco culpada.

Sem pensar duas vezes, ajoelhei-me e comecei a juntar tudo. Percebi, enquanto empilhava um sobre o outro, que se tratava dos panfletos sobre os cursos. Fisguei o lábio inferior e estiquei a mão para tomar o último. Mas o dono deles teve a mesma ideia e, assim, nossos dedos tocaram um no outro.

Puxei a mão, com as bochechas quentes de vergonha. Porque aquela tinha sido a cena mais clichê das comédias românticas. E isso só podia significar que eu tinha acabado de topar com a minha alma gêmea.

Calma, Chloe.

Se controla.

Vai com calma.

Subi o olhar, com medo do que encontraria.

Mas então meu mundo caiu. Porque se aquele não era o cara mais bonito do mundo, eu não sabia quem ocupava o posto. Ele parecia um pouco mais novo que eu. Também era negro, alto para caramba e tinha *dreads* terminando pouco abaixo dos ombros, amarrados para trás de uma maneira muito estilosa. Minha alma gêmea usava uma camiseta vermelha que combinava muito com sua pele retinta.

Senti meu coração batucar como a bateria de uma escola de samba.

— Opa! — Suspirei, com um sorrisinho encabulado. — Foi mal. Me distraí com o celular.

Ele continuou me encarando por mais alguns segundos com aquele olhar penetrante e então me surpreendeu com um sorriso de tirar o fôlego.

— Acho que também sou culpado — respondeu, indicando o próprio telefone.

Antes que eu pudesse elaborar uma resposta inteligente e engraçadinha e com duplo sentido, ele tomou impulso para levantar e estendeu a mão para me ajudar.

Nem precisei pensar duas vezes. Seu aperto era firme, mas sem machucar. Acabei errando a mira na hora de levantar e parei a pouquíssimos centímetros de distância. Ele cheirava a cereja e cigarro. Era uma combinação interessante.

— Isso é seu. — Entreguei os papéis para ele.

— Valeu — respondeu, segurando a outra extremidade do montinho, mas sem fazer nenhum movimento para se afastar.

O ar ficou cada vez mais rarefeito.

Eu não conseguia respirar.

Fora que, por deus, alguém tinha ligado um aquecedor ali naquele salão ou o quê?

— E aí... — comecei, um pouco sem jeito, e desviei a atenção para os meus próprios pés. — Conseguiu decidir o que quer fazer?

Ele soltou um suspiro, como se eu tivesse tocado em um assunto complicado.

Eu entendia bem demais como essa pergunta era frustrante.

— Ainda não. — Ele esfregou a nuca, balançando o corpo nos pés. — São muitas opções. Já desisti de dois cursos, preciso de uma escolha consciente dessa vez.

Senti como se fosse desmaiar ali mesmo.

Ergui o rosto outra vez, a tempo de captar sua expressão preocupada. E, naquele exato instante, quis beijá-lo na boca. Ali mesmo. Sem me importar com mais nada.

Eu vivia um paradoxo — ao mesmo tempo em que tentava me convencer a não criar expectativas, já tinha a imagem do nosso casamento formada na cabeça. Seria na praia, fim de tarde, só para os parentes e os amigos mais próximos. Pés descalços, roupas brancas, decoração feita por nós mesmos. Provavelmente pisca-piscas em toda parte. E garrafinhas com flores dentro. Talvez tivesse milho cozido como aperitivo, e outras comidinhas bem praianas.

— E você?

— Eu o quê? — perguntei, ainda distraída, sonhando acordada.

Em minha imaginação, os parentes jogavam arroz sobre nós para dar sorte.

Muito arroz.

Muito mesmo.

Porque sorte nunca era demais.

Ele deu uma risadinha confusa e mesmo assim muito linda. Balancei a cabeça, tentando voltar para a realidade.

— Decidiu o que fazer?

— Ah... — Enrolei uma mola de cabelo no dedo. — Também não. Estou no mesmo barco que você. Já desisti de três cursos.

Seu sorriso se alargou.

Eu me perguntei se ele também estava imaginando nosso casamento praiano.

Se bem que, pelo que eu conhecia dos homens, ele devia estar com outras imagens na cabeça. E elas nada tinham a ver com casamentos. Tampouco com roupas.

— Nossa, não sabe como fico feliz em encontrar alguém que me entenda. Não aguento mais minha família me julgando.

— Você também tem um primo que já foi pra lua duas vezes e inventou a cura do câncer? — perguntei, arqueando uma sobrancelha.

Sustentamos o olhar por um segundo antes de cairmos na risada.

— Tenho vários primos que já foram pra lua e descobriram a cura pro câncer. É um saco. Ainda mais quando o máximo que sei fazer é fritar um ovo sem sair gravemente ferido.

— Nem me fala — respondi, expirando o ar dos pulmões. Era reconfortante saber que eu não era a única aguentando parentes chatos me comparando a outras pessoas.

Ainda com um sorrisinho no rosto, ele esfregou o braço e então teve um estalo, como se tivesse acabado de lhe ocorrer uma coisa.

— Nem me apresentei. Meu nome é Heitor Oliveira. E o seu?

— Chloe Tavares — respondi, estendendo a mão para um aperto, sem

nem me importar se tínhamos acabado de fazer isso. Queria minha pele em contato com a dele o máximo de tempo possível.

— Vamos? — Tales surgiu do meu lado, como em um passe de mágica. Tinha o olhar vidrado na tela do celular.

Agora não, Tales. Mas que droga.

Heitor olhou de mim para Tales sem esconder o desapontamento. Percebendo meu silêncio, Tales ergueu o rosto, arqueando as sobrancelhas ao se deparar com Heitor. O olhar que me lançou dizia com todas as letras “*não posso te deixar sozinha nem por cinco minutos?*”.

— Esse é meu amigo, Tales. Tales, esse é o Heitor. Já desistiu de dois cursos. Acho que nos daríamos bem — concluí, com um sorriso maroto e, pelo canto dos olhos, tentei medir a reação de Heitor. Ele pareceu bem mais satisfeito ao ouvir minhas palavras, pois abriu um sorriso largo de tirar o fôlego.

Tales, por outro lado, ficou esquisito.

Esperei ele estender a mão para cumprimentar meu futuro marido, mas, em vez disso, ele as colocou nos bolsos da bermuda e se limitou a dar um sorriso sem vontade para Heitor.

Então ele virou o rosto para mim, sussurrando baixinho:

— Vamos? Tô faminto.

Assenti, incapaz de ficar irritada com ele, por mais que quisesse. Porque, no fim das contas, foi ideia dele visitar a feira de profissões. Nos meus votos de casamento, eu diria que foi tudo graças a ele. Tales foi o responsável por unir duas almas destinadas a se encontrarem.

— Bom, nós já vamos... — comentei, raspando a ponta do pé no chão e esperando que Heitor fosse do tipo que toma a iniciativa.

— Ah... tá bom. Você pode só passar o seu... hum... número? — perguntou, baixinho, e lançou um olhar desconfiado para Tales.

Minha vontade foi de gritar um *uhuuu* bem sonoro e correr em círculos pelo salão. Mas tenho quase certeza de que não pegaria muito bem. Por isso, contentei-me em pegar o celular que ele me oferecia e salvar meu telefone.

Devolvi o aparelho com uma piscadinha e me senti ousada por isso.

— Eu te ligo.

— Espero que ligue mesmo — soprei, acenando com a mão enquanto nos afastávamos. — Até mais.

— Até — respondeu Heitor.

Tales permaneceu em silêncio durante o percurso até o carro. O corpo inteiro rígido, como se estivesse virando uma estátua de pedra aos poucos. No rosto, uma carranca emburrada. As sobrancelhas grossas, unidas, os lábios crispados.

— Eu sei que você não é a pessoa mais simpática quando tá com fome — comecei, quando Tales começou a dar ré para sair do estacionamento —, mas parecia que tava tudo bem até cinco minutos atrás...

— Não é nada — resmungou, sem nem se dar ao trabalho de me encarar.

Seu tom foi rude. Fiquei ofendida com sua mudança de humor repentina sem motivo aparente.

— Não consigo entender você.

— Entender o quê?

— Num segundo tá todo sorridente, no outro fica com cara fechada e não me diz o porquê — expliquei, um pouco seca.

— Já falei que não é nada — Tales devolveu, balançando a cabeça de leve. — Enfim... deixa isso pra lá. Gostou da feira?

— Eu me diverti muito. Tava morrendo de saudade de passar um tempo com você.

Ele deixou escapar uma risada baixa.

— Desse jeito até parece que faz uns cinco meses que a gente não se vê.

— Não vai demorar pra chegar nesse ponto. Você mal começou a namorar e já me abandonou — atirei, sentindo-me um pouco ridícula por isso. Mas relaxei ao ouvir sua gargalhada debochada.

— Esqueci que sou amigo da rainha do drama... — Ele estacionou o carro e esfregou o próprio rosto. — Também me diverti muito. E também tava com saudade. Mas não é isso que perguntei. Quero saber se ajudou em alguma coisa.

No mesmo instante em que ouvi sua pergunta, senti meu pescoço retesar. Segurei com as duas mãos, tentando aliviar a tensão. E então girei o corpo, a fim de ficar de frente para Tales.

— Olha... ajudou. Mas não do jeito que você esperava — admiti. Ele fez uma expressão preocupada e, ao mesmo tempo, confusa. Estiquei o braço, tocando as costas da sua mão. — Percebi que não é nada disso que quero. Não é por esse caminho que vou encontrar a felicidade.

— Calma que perdi o foco... *qual* caminho exatamente?

— Fazendo faculdade. — Dei de ombros, sentindo-me mais leve ao ouvir minhas próprias palavras. No fim das contas, não era nenhum bicho de sete cabeças como parecia. — Conversei com o meu pai sobre como tudo isso me deixava angustiada, e ele me falou que tudo bem se eu nunca descobrisse um curso, porque algumas pessoas nunca se formavam e mesmo assim eram felizes. Tipo ele. Não tô dizendo que ninguém precisa se formar, nem nada do tipo. Só que eu não acho que isso seja pra mim. — Atropelei as últimas palavras umas nas outras, com medo de que ele me julgasse como tia Célia.

Eu já até podia imaginar o horror dela quando descobrisse minha decisão. No entanto, ao contrário do que eu imaginava, Tales deu um sorriso fraco e girou os punhos para entrelaçar os dedos nos meus.

— E já descobriu o que é pra você? — perguntou, com ternura.

Como pude achar que meu melhor amigo me julgaria?

— Ainda não. Mas sinto que estou quase lá.

— Pelo menos já descobriu o que *não quer*. — Ele deu de ombros. — Muita gente passa a vida inteira sem saber. Tô feliz que te ajudei de alguma forma.

— Ajudou muito. — Sorri, mergulhando em um mar de ternura muito intenso. Minha vontade era de abraçar Tales e não soltar mais.

— Mas por desencargo de consciência... teria sido diferente se a gente não tivesse passado a tarde tentando fazer o outro passar vergonha?

Tombei a cabeça, soltando uma gargalhada desafinada. Sem saber apontar a razão, ri tanto que minha barriga até doeu. Tales acabou rindo comigo. Acho que mais de mim do que qualquer outra coisa.

Precisei limpar algumas lágrimas que escaparam.

— Fica tranquilo. Eu acho que no fundo já sabia disso. Só precisava me dar conta.

— Ah, adoro essas coisas que a gente sabe sem saber.

— Ou sem querer saber — corrigi.

— São as melhores descobertas, que na verdade não descobrimos, porque já sabíamos.

— Ahn?? — Arregalei os olhos, sem entender nada. E isso rendeu mais uma explosão de risadas que se expandiu por todo o carro.

— Tales? — perguntei por fim, quando nossas respirações normalizaram e o silêncio se fez presente.

— Hum?

— Se no futuro eu me arrepender dessa decisão e acabar falida, vou poder morar com você? — Meu tom foi bem sério.

Tales me encarou, igualmente sério, e apertou minhas mãos com um pouco mais de força.

— Pode. Minha mansão estará de portas abertas pra você.

— Até mesmo se você tiver casado, com cinco filhos malcriados e dois cachorros que roem os sofás?

— Vou expulsar o filho mais novo do quarto dele, só pra você poder dormir lá, Chloe.

— Ah... — Soltei suas mãos e espalmei meu peito, de maneira dramática.

— Essa é a coisa mais linda que você já me falou. — E era mesmo. De um jeito

um pouco bizarro, mas era. — Mas, Tales... não acho que você vá morar em uma mansão. Você faz química, lembra?

— Tô vendo que você não assistiu *Breaking Bad*, né?

— Como você sabe? — perguntei, com um sorrisinho sem graça de quem tinha sido pega no flagra.

— Se tivesse visto, saberia que meu único objetivo ao escolher química foi aprender a fazer metanfetamina azul.

— Meu deus, Tales! — exclamei, e ele ergueu as mãos no ar, como se lamentasse. — Você ia mesmo virar traficante sem me contar?

Tales riu, um pouco incrédulo.

— Sério que *essa* é a sua preocupação?

— É claro! Precisei te aguentar por anos sendo um pé rapado. Daí você fica rico, tem uma mansão e tudo, e eu preciso dormir no quarto do seu filho caçula?

Tales me surpreendeu ao enlaçar seu braço em meu pescoço e me puxar em sua direção. Ele deixou um beijo estalado no topo da minha cabeça, enquanto eu tentava lidar com a tremedeira se espalhando pelo corpo todo.

— É por isso que te amo, sabia? — sussurrou, entre os meus cabelos.

— Porque eu sempre dou moral pras suas loucuras?

— Exatamente.

9



QUANDO UM GAROTO JUSTIFICA O FORA

— SÉRIO, THAÍS, PARECIA CENA de filme! — exclamei, sem conseguir esconder a empolgação.

Eu amava compartilhar minhas aventuras amorosas com ela, porque Thaís partilhava desse desejo de encontrar alguém especial. Ela era a única pessoa para quem eu podia desabafar sem me preocupar com julgamento.

Além disso, romântica como era, seus olhos brilhavam intensamente, enquanto eu narrava com detalhes exagerados o evento do dia anterior.

— Nossos dedos tocaram quando estava para pegar o último panfleto. Senti um arrepio correr pelo corpo inteiro, como se o universo me mostrasse que era ele.

— Ah, meu deus!!! — Ela bateu palmas, excitada.

Mordi meu sanduíche natural, só para fazer mais suspense e não entregar a história toda de uma vez. Thaís usou os dedos para pentear o cabelo longo antes de juntá-lo todo para trás e fazer um coque. Ela tirou a caneta esferográfica do bolso e, como sempre, usou para sustentar o penteado. Já tinha virado sua marca registrada.

— Ai, anda logo ou eu vou morrer! — Gemeu, enquanto eu tentava prolongar o desfecho ainda mais.

— Calma! — Ri baixinho, tomando um gole de suco de laranja. — Quando eu subi o olhar, quase morri do coração. Juro por deus, Thaís, mas o cara parecia ter vindo de Wakanda.

— De onde?

Balancei a cabeça, esquecendo que ela devia ser uma das poucas pessoas do universo que não acompanhava os filmes de super-herói.

— Sabe aquele ator que a gente acha gatíssimo? Que faz o vilão em Pantera Negra? — perguntei, estalando o dedo enquanto tentava lembrar o nome.

— O *Michael B. Jordan*.

Só então ela se deu conta a quem eu me referia.

Seu queixo caiu de uma maneira dramática. Thaís ficou me encarando, com uma expressão perplexa, até eu estalar o dedo em frente ao seu rosto de brincadeira.

— Tá me tirando, né?

— Nem tô. Heitor é uma sócia brasileira. A única diferença é que os dreads são maiores.

Ela cruzou os braços sobre a mesa, com o olhar distante de quem tentava formar a imagem na cabeça.

— Conta pra mim que bruxaria foi essa que você fez — murmurou, sonhadora.

Pisquei os olhos, sem entender seu comentário.

— Como assim?

— Primeiro o Bruno, depois o Joaquim...

— Que era o tarado — tentei refrescar sua memória, mas Thaís ignorou.

— Agora o Heitor. É injusto você sair passando o rodo nos caras mais gatos da cidade, Chloe!

Dei risada, dando um tapa no ombro dela.

— Dessa sua lista, só passei o rodo em um. E foi horrível.

— Você entendeu! — Ela massageou as têmporas. — Só esbarro com filhote de capeta. Um pior que o outro.

Sustentamos o olhar por um segundo, antes de cairmos na risada juntas. Era por isso que eu adorava passar o tempo com Thaís. Ela era como eu. Sem tirar nem pôr.

Peguei minha garrafinha de suco para dar outro gole e foi quando alguma coisa na entrada do refeitório me chamou a atenção. Desviei os olhos para lá bem a tempo de flagrar Bruno me fitando e vindo em minha direção.

Mas, então, seus olhos desviaram para Thaís e ele congelou no lugar por um segundo. Antes que eu pudesse fazer um gesto o chamando, Bruno mudou a direção do trajeto e se sentou na mesa mais distante da nossa. Soltei um suspiro cansado, feliz por pelo menos ela não ter visto o que tinha acabado de se desdobrar.

Bruno precisava aprender a lidar com ela, pois quando namorássemos, eu não seria o tipo de pessoa que abandona os amigos. Como o Tales, por exemplo. Então, se ele quisesse passar os intervalos juntinho de mim, precisaria ter uma boa relação com minha amiga.

— Pra onde você tá olhando? — Thaís perguntou, girando o tronco para seguir o meu olhar.

— Achei que o Bernardo tava passando mal — inventei a primeira coisa que passou pela minha cabeça.

Ela o procurou com o olhar.

— Ah, não. Ele tem essa cara de morto mesmo — comentou, abanando a mão no ar e precisei me segurar para não rir. — Às vezes fico olhando pra ele um tempão, tentando adivinhar se tá mesmo acordado. Ou vivo.

— Que horror, Thaís — brinquei, rindo.

— Pois é, eu sou esse tipo de pessoa — comentou, conferindo as horas no celular. E então se empertigou, espreguiçando-se no meio do refeitório. — Deu minha hora.

— Tomara que o Tarado seja sua primeira ligação — provoqueei, piscando para ela.

Thaís riu, mas não falou nada. Apenas levantou e, em passos preguiçosos, se afastou em direção à saída. Esperei ela atravessar a porta para me levantar também. Eu ainda devia ter uns cinco minutos de intervalo, não ia desperdiça-los sozinha quando Bruno continuava sozinho do outro lado do refeitório.

Juntei minhas coisas e fui até ele, sentando em sua frente. Bruno comia sua marmita, refugiado em seu próprio mundinho. Os fones de ouvido tão altos que dava para ouvir a música de longe.

Sem dizer uma palavra, estiquei a mão e puxei um dos fones para fora da sua orelha. Ele ergueu o olhar, sobressaltado, mas relaxou ao se dar conta de que era só eu.

— Chloe! — Ele abriu um sorriso largo. Devolvi com outro ainda maior.

— Por que você fugiu de mim? — perguntei em um tom leve, decidindo que ser direta era a melhor maneira de arrancar alguma informação dele. Era assim que funcionava com Tales.

— Ahn?! — Bruno tentou se fazer de desentendido, mas ele era um péssimo ator.

— Você é um péssimo ator! — Não aguentei guardar para mim mesma.

Ele não conseguia convencer ninguém de que não sabia do que eu estava falando. Na verdade, sua expressão parecia mais com dor de barriga do que confusão.

— Péssimo ator? Como assim? — *Oh, céus, ele vai mesmo insistir nisso.*

— Quando você entrou no refeitório, parecia que tava indo sentar comigo. Mas daí olhou para a Thaís e mudou de ideia.

— Hum... acho que não. Eu nem tinha visto vocês aqui.

— Oi? — Pisquei, sem acreditar que ele continuaria mentindo de maneira deslavada para mim. — Bruno, você trocou um olhar comigo. Logo que

entrou. Lembra?

Bruno estreitou as sobrancelhas, com uma expressão superséria e impassível. Ele cruzou as mãos embaixo do queixo como um psicólogo que fica quietinho ouvindo falar da sua vida.

— Acho que você deve ter me visto olhar pra outra pessoa e pensou que era você...

Seeeei.

Ele nem fala com ninguém do trabalho.

Expirei o ar dos pulmões, cansando daquele assunto.

Se ele não queria me contar e preferia se fingir de louco, tudo bem. Mas eu não deixaria barato quando ele fosse meu namorado. Ah, e como não. Se ele achava que trataria minha amiga com pouco caso, estava muito enganado.

— Tá bom, né. Se você tá dizendo... — murmurei, tateando o bolso do jeans em busca do celular. — Preciso ir. Até mais.

Apesar de não ser minha intenção, acabei soando um pouco seca. Como se levantar e ir embora tivesse sido apenas uma desculpa para me afastar dele.

Bruno me surpreendeu ao me segurar pelo punho. Foi rápido, durou só o tempo que eu levei para descer o olhar até sua mão. Então ele me soltou e limpou a garganta de um jeito bem feio e alto.

— Você... depois do... hum... — Bruno escondeu o rosto com as duas mãos e, quando voltou a aparecer, parecia exausto. — Vai fazer alguma coisa depois do trabalho?

— Acho que não...

— Tem um café bem legal aqui perto... Qu-quer ir comigo? — Ele atropelou as palavras. — Você g-gosta de café?

Sorri para ele, sem acreditar que tinha recebido a primeira investida depois de um confronto sobre Thaís. Era tão bonitinho ver Bruno todo nervoso e tímido por minha causa. Fiquei lisonjeada.

— Adoro café. E, sim, eu quero. — Segurei seu punho por um segundo, assim como ele tinha feito comigo há pouco. — Obrigada por convidar.

Tive que usar toda a minha energia para abandonar o refeitório com o mínimo de dignidade e não deixar transparecer o quanto eu me sentia eufórica com a perspectiva de que logo estaríamos em nosso primeiro encontro.

Mas algo em minha postura deve ter denunciado isso quando sentei em minha mesa, porque não demorou nem dois minutos para que Thaís passasse um bilhetinho para mim.

que foi?

Mordisquei o lábio inferior, enquanto encaixava o fone de ouvido e me ajeitava na cadeira. Eu adorava criar suspense. Ainda mais quando se tratava de Thaís, que devia ser, possivelmente, a garota mais curiosa da cidade.

Alcancei uma caneta, dentre as diversas espalhadas pela mesa, e rabisquei a resposta.

*encontrei o Bruno no refeitório...
... e ele me chamou para sair depois do expediente!!!!
(será que é hoje que eu descubro o lance da flexibilidade?)*

Cutuquei seu ombro com o indicador. Ela pegou o bilhete enquanto atendia uma ligação, e seus olhos passaram bem rápido pelas palavras. Quando Thaís esticou o pescoço para me procurar com o olhar, as sobrancelhas pareciam prestes a tocar a raiz do cabelo, de tão arqueadas.

Eu me concentrei no trabalho, incapaz de me desfazer do sorrisinho bobo insistindo em surgir nos lábios. Nem mesmo o Tarado conseguiria tirar meu bom humor naquela tarde.

Eu já tinha até esquecido do bilhete quando Thaís o devolveu para mim, vários minutos depois:

*sua bruxaaaaa
espero que ele seja broxa
e que não lave o pinto
espero que além de ser broxa,
ele tenha ejaculação precoce
(dá pra ser os dois ao mesmo tempo?)*

Precisei morder a parte macia da mão que ficava logo abaixo do polegar para não deixar escapar uma gargalhada de hiena resfriada. Quando consegui me controlar, amassei o papel e joguei no lixinho que ficava embaixo da mesa.

Bruno tinha acabado de voltar do intervalo e passou por nós, deixando um rastro de perfume masculino. Só aquele cheiro já me deixava maluca. Não desgrudei os olhos dele enquanto se ajeitava em sua estação de trabalho, sem conseguir parar de me perguntar por que ele odiava Thaís.



As horas se arrastaram de uma maneira odiosamente lenta. O tempo tem dessas coisas — quanto mais a gente anseia que ele passe rápido, mais devagar ele se move.

Eu só queria sair logo dali e conhecer Bruno. Conversar com ele longe do trabalho. Descobrir seu café favorito, e se ele era do time que bebe café preto sem frescura ou, assim como eu, adorava encher a bebida com tudo o que tinha direito. Desde chocolate até chantilly. Ele parecia ser como Tales — tímido e fechado no começo, mas, assim que conseguia se soltar, virava um chato de plantão. Bruno tinha jeito de ser brincalhão, meio capetinha até. Eu estava empolgada para ver esse seu lado aflorar em nossa relação.

Mas o universo não tinha compaixão por mim, porque eu encarava o relógio pensando já ter passado oitenta e quatro anos e descobria que, na verdade, eram só cinco minutos mesmo. Comecei a me remexer na cadeira. Era como se eu tivesse rolado em urtiga e agora meu corpo inteiro pinicasse.

Thaís mandou outro bilhetinho depois de um tempo:

*sossega a ppk aí
(e me passa o número do tal Heitor)*

Revirei os olhos, esticando o pescoço para encará-la.

— Sério? — perguntei em um sussurro e balancei o papelzinho no ar.

— Não custa tentar, né? — respondeu ela, com um sorrisinho levado.

E, bem nesse momento, nossa coordenadora passou por nós e arrancou o bilhete de mim antes que eu pudesse fazer alguma coisa. Um vinco se formou na testa de Janaína enquanto ele passava os olhos na letra redondinha de Thaís, que tinha o rosto vermelho vibrante.

— Que tal se *as duas* sossegarem a *pepeca* e voltarem a trabalhar? — perguntou, erguendo o queixo em desafio.

Assentimos em silêncio e logo nos ajeitamos em nossos lugares. Depois disso, se era possível, o dia passou ainda mais devagar com Janaína nos rondando com a atenção redobrada.

Quando deu nossa hora, levantei da cadeira em um pulo, sem conseguir

agir como uma pessoa normal. Afinal, eu estava *longe* de ser uma. Corri para o banheiro a fim de dar um jeito na minha aparência (meio acabadinha depois de um dia inteiro de trabalho naquele calor infernal). Enterrei os dedos nos cabelos, ajeitando os cachos uns nos outros. Depois cacei um batonzinho na bolsa e passei com cuidado. Era de um roxo vibrante que deixava meus lábios ainda maiores. Eu gostava.

Por sorte, tinha uma balinha esquecida no fundo da bolsa, que joguei na boca enquanto saía do banheiro. Para minha surpresa, Bruno me esperava. Inquieto, ele erguia e descia o corpo sem sair do lugar, como se estivesse fazendo algum exercício para a panturrilha.

Seus olhos verdes me estudaram com atenção antes dele sorrir.

— Vamos?

— Bora lá! — Tentei acompanhar o ritmo de seus passos e alinhar com os meus. — Vamos andar bastante?

— Duas quadras só — respondeu, e então pareceu se dar conta de algo. — Tem problema caminhar até lá? Qualquer coisa a gente chama um u...

— Relaxa. Tô acostumada a andar — expliquei, olhando-o de soslaio. — É a vida de quem não tem carro, né?

Bruno riu, concordando com a cabeça.

Abandonamos o prédio da CarreTel lado a lado e seguimos em direção oposta ao ponto em que eu pegava ônibus. O ônibus de Thaís ainda não tinha passado, mas ela não nos viu, sua atenção estava toda voltada para o celular. E, conhecendo ela bem, como eu conhecia, dava minha cara a tapa que era graças ao Tinder.

— E então... — Bruno esfregou o braço com nervosismo. — Você foi na feira de profissões ontem?

— Aham — respondi, orgulhosa por ele lembrar. — Um amigo meu que me chamou.

— Legal. E como foi lá?

Pensei em Heitor e nossa cena cinematográfica passou diante dos meus olhos outra vez. Senti o rosto esquentar tanto quanto se tivesse um maçarico apontado para ele.

— Huum... — *Pensa em outra coisa pra contar. Qualquer coisa. Anda logo!* — Não consegui prestar muita atenção, na verdade. Eu e meu amigo ficamos brincando de fazer o outro passar vergonha.

Bruno me lançou um olhar divertido.

— Ah, é? E como se brinca disso?

— Basicamente... você tenta fazer o outro passar vergonha. — Abri um sorrisinho petulante que arrancou uma risada dele.

— Faz sentido. Ah, é ali, ó.

Segui a direção em que Bruno apontava com o indicador e descobri que nunca tinha notado aquele café antes. Era uma portinha de nada, mas uma portinha muito bonitinha, pintada de rosa bebê.

Anotei mentalmente que se fosse bom, eu levaria Tales ali para conhecer. Isso se Milene desgrudasse dele para variar.

— O legal é que não é caro — Bruno comentou, abrindo a porta para mim, que acionou um sininho.

Eu achava um pouco brega e irritante lugares que colocavam campainhas na entrada, mas a decoração logo me fez esquecer esse pequeno detalhe. Lembrava uma cafeteria francesa. As paredes de tijolinhos à vista, as luminárias pendentes, e um quadro negro logo na entrada, rabiscado com o preço dos principais cafés. Era um lugarzinho pequeno, tinha apenas três mesinhas com duas cadeiras cada. E, no entanto, não precisava de mais nada além do que tinha ali. Era perfeito. Perfeito e tão, tão aconchegante.

Joaquim precisava aprender a escolher lugares com Bruno.

Sentei na cadeira em frente a parede e o observei sentar de frente para mim, com aquele jeitão descolado de quem não faz ideia do quanto é gostoso.

Bruno tamborilou os dedos no tampo da mesa, perdendo o olhar pelo lugar e, pela sua expressão, dava para notar o quanto ele gostava e se sentia à vontade ali. Senti vontade de sorrir. Era tão fofo que ele tivesse escolhido me levar ali para nosso primeiro encontro. Ainda mais levando em conta que tinha sido tudo muito impulsivo.

Era disso que eu estava falando! Homens com atitude eram tudo.

Um rapaz veio nos atender. Ele entregou um cardápio para cada um com um sorriso honesto no rosto.

— Sejam bem-vindos. Quando quiserem fazer o pedido, é só mandar um alô.

— Obrigado — respondeu Bruno, já focado em seu próprio menu.

Abri o meu, curiosa. Tinha uma variedade enorme, e Bruno não havia mentido quando falou sobre os preços serem bem justos. Escolhi um dos cafés mais caros e que, pela foto, parecia muito saboroso. Tinha a borda de nutella com chocolate granulado belga. Além de muito chantilly e alguns marshmallows.

— Vou querer esse aqui — mostrei com o indicador, deixando escapar um sorriso bobo.

Bruno esticou o pescoço para ler qual eu mostrava.

— Explosão de cafeína? — perguntou, lendo o cardápio de ponta cabeça. Assenti, alargando ainda mais o sorriso. Me sentia uma criança em uma loja de

brinquedos, sem limite para gastar. — É muito bom! Mas acho que hoje quero provar esse aqui...

O dedo dele indicava um café repleto de coisas, assim como o meu. Chamava Cafelícia e tinha morangos no fundo, assim como uma montanha de chantilly salpicada com raspas de chocolate. Quando busquei seu olhar, descobri que ele estava munido de um sorriso muito parecido com o meu.

— Acho que temos um gosto muito parecido — comentou, um pouco tímido.

— Confesso que o nome do seu café é muito mais legal que o meu.

Bruno se limitou a encolher os ombros, como se pedisse desculpa por ter escolhido o café com nome mais legal. E então ergueu a mão para chamar o rapaz outra vez.

Pensei em Tales ali. Ele costumava preferir cafés pretos, sem nada no meio. A bebida mais ousada que costumava pedir era mocha de chocolate. Mas eu duvidava que ele não ficasse tentado a escolher alguma coisa diferente ali, quando eu o levasse. Dava vontade de sair provando tudo.

Quando ficamos sozinhos de novo, deslizei pela cadeira, relaxando o corpo. Engraçado que, com Bruno, as coisas fluíam muito bem. Eu não precisava ficar fingindo nada. Era quase como estar com Tales.

— Eu trabalho na CarreTel faz um tempão e nunca tinha visto esse lugar — comentei, para puxar assunto.

— Descobri por acaso no dia em que fui fazer a entrevista. Queria comprar uma água e esse foi o primeiro lugar que achei... — Ele continuou tamborilando os dedos na mesa. — E, cara, quando entrei aqui, achei muito da hora. Nem parece que pertence a essa cidade.

— Não mesmo — concordei. — Quando eu crescer, quero uma casa desse jeito.

— Desculpa ser o cara que vai destruir seus sonhos, mas alguém precisa fazer isso... é que, quando você começar a morar sozinha, a última coisa que vai conseguir pensar é na decoração, vai por mim.

— Nossa, Bruno. Precisa esfregar a realidade cruel na minha cara? — choraminguei, e nós dois rimos em uníssono. — Você já saiu da casa dos seus pais?

— Moro sozinho desde os dezessete — respondeu sem nem piscar.

Precisei me segurar para não deixar o queixo cair.

Ele era tão interessante. Mesmo se não rolasse nada entre nós, e adoraria ser sua amiga. Mas, bonito como era, eu ainda preferia trocar uns beijos com ele.

— E já conseguiu decorar sua casa?

Antes que ele pudesse responder, nossos cafés chegaram. Bruno tomou

um gole demorado de sua bebida e então a ofereceu para mim. Aceitei sem nem hesitar e descobri que, além de bonita e barata, era também deliciosa.

Mas então tomei a minha e descobri que jamais um café poderia superar o Explosão de Cafeína. Impossível, porque aquele era, claramente, o melhor café do mundo. Deixei escapar um gemido de prazer que deixou Bruno desconcertado.

— Seu café pode até ter um nome mais legal, mas o meu é mais gostoso — falei, entre gemidinhos.

E, a cada segundo, mais Bruno aparentava querer enterrar a cabeça no chão, como um avestruz. Esse é o tipo de coisa que eu faria para conquistar um *crush*, mas naquele momento, não era por mal. Era uma reação verdadeira ao que eu estava sentindo. Só conseguia pensar em Tales e no quanto ele ficaria alucinado com aquele café.

— Obrigada por ter me trazido aqui. Acho que virou meu lugar favorito de todos. E era difícil desbancar a Casa da Vó.

Sua expressão se suavizou e Bruno abriu um sorriso surpreso.

— Eu adoro aquele lugar! Já comeu a panqueca de camarão?

Bati na mesa, sem conseguir esconder a empolgação.

— Meu deus, já! E, sinceramente, tá pra nascer um prato melhor. Acho que aquele restaurante devia ser decretado um ponto turístico. Uma parada pra lá de obrigatória, porque, nossa. O conceito de porn food nasceu de lá.

Bruno esfregou o rosto, desmanchando-se em uma risada gostosa e envolvente. Ri mais dele do que da piada. Aproveitei o momento para tirar uma foto do Explosão de cafeína e mandar para Tales.

*descobri o melhor café do mundoooo
preciso te trazer aqui*

!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

me passa o endereço q vou agora mesmo

*hahahaha
não posso*

pq não???
como vc tem coragem de me mostrar essa foto
e depois me negar o endereço???

foi mal, to no meio de um encontro

affffffff, chloe

¬_(ツ)_/

Guardei o celular no bolso e ergui o rosto, deparando-me com a expressão pensativa de Bruno. Ele deslizava o indicador pelas bordas do copo, com o olhar perdido, e mordiscava o lábio inferior de um jeito ansioso.

Alguma coisa na atmosfera mudou da água para o vinho. O clima gostoso e leve tinha se dissipado e deixado as coisas esquisitas. Apertei meu copo com mais força, temendo o que estava por vir.

— Hum... Chloe... — Bruno pigarreou, as bochechas ficando ruborizadas. — Na verdade eu... te chamei aqui porque queria conversar uma coisa.

— Tá bom, eu acho — brinquei, mas ele nem esboçou um sorriso.

Embaixo da mesa, comecei a balançar a perna para cima e para baixo em um tique nervoso de quem pressentia o futuro. Pelo rumo que as coisas tinham tomado desde meu encontro com a cigana, tinha certeza de que ele ia confessar que gostava de dormir em cemitérios ou sei lá.

— É que hoje, na hora do intervalo... eu meio que menti pra você. Eu tinha te visto, sim. Você tava certa. Se não fosse a Thaís, teria sentado com você.

Soltei o ar que nem sabia estar preso e um cacho voou para cima. Nossa, ele tinha me dado um baita susto! Se eu soubesse que a pauta seria essa, nem teria ficado preocupada.

— Ah, eu já tinha notado tudo. — Dei de ombros, com uma expressão sabichona do rosto.

Ele arqueou as sobrancelhas, surpreso.

— Me-mesmo?

— Você não suporta ela, né? — perguntei, tomando a mão dele entre as minhas. Bruno olhou para nossas mãos por um segundo, mas não pareceu se incomodar.

— Na ve-verdade... — começou, mas o interrompi:

— Percebi desde o dia em que a gente se conheceu... O jeito que você muda quando ela tá por perto não é muito discreto, sabe? Na verdade, até *ela* percebeu. Só que, Bruno, ela é uma pessoa incrível! — Aumentei a pressão nas mãos. — Sério! Thaís é uma das melhores coisas que me aconteceu na CarreTel. Você se surpreenderia se desse uma chance e a conhecesse melhor...

— Eu não odeio a Thaís — explicou, com uma expressão cheia de urgência. — Eu sou louco por ela, Chloe!

— Louco? — perguntei, sem entender muito bem.

— Eu sei, não parece... sou muito tímido. Faço tudo errado. Em vez de tentar me aproximar, vou lá e fecho a cara. Faço parecer o contrário — ele atirou as palavras, atropelando-as umas nas outras. — E agora ela acha que eu não gosto dela... por que eu sou assim, hein?

Engoli em seco, tentando organizar os pensamentos caóticos.

Nossa, eu tinha entendido tudo errado.

Tudo mesmo.

Pensei que tivesse alguma química rolando entre nós. Pensei que Tales se referia a isso quando dizia que as coisas precisavam acontecer naturalmente. Porque, caramba, era o que estava acontecendo ali. Desde o primeiro dia nós tínhamos nos dado superbem. Sem que eu precisasse pensar muito para agir ou dar risadas escandalosas. Estava apenas sendo eu.

Tudo isso para descobrir que ele tinha se apaixonado pela Thaís?

E o pior era que eu ia ajudar, óbvio, porque amava aquela garota e sabia que ela merecia alguém incrível. O que Bruno parecia ser, pelo pouco que eu conhecia dele.

— Calma... *o quê?* — perguntei, piscando sem parar. Só para ter certeza de que não tinha imaginado esse tremendo *plot twist*.

Ele esfregou as mãos, todo envergonhado.

— Você gosta dela? É isso? — insisti, chocada. — Você? Da Thaís? Aquela que você mal consegue olhar na cara?

— Isso mesmo, joga na minha cara — ele brincou, mas seu olhar ficou tristonho.

— Foi mal. É que... nossa! Por essa eu não esperava. Acho que muito menos ela.

Bruno crispou os lábios, desviando o olhar para seu café.

— Eu sei. Sempre passei por esse tipo de coisa... o que mais ouço é *achei que você fosse um cuzão, mas você nem é!* — Ele passou as mãos pelo cabelo, deixando-o espetado. — Sou muito tímido, *mesmo*. Então faço essa cara que é meio pra me proteger? Sei lá. Não faz muito sentido, se você for pensar bem.

Assenti, expirando o ar dos pulmões.

Tomei um gole do meu café, tentando lidar com a torrente de sensações conflitantes. Por um lado, estava feliz por Thaís. Por outro, era inevitável ficar chateada. Bruno era um partidão.

Balancei a cabeça, afastando os pensamentos.

A decisão já estava tomada.

— Ela vai me matar se souber disso — falei, mirando em seus olhos verdes —, mas mesmo com sua timidez, ela também é muito a fim de você. Te

acha o maior gato. E ficou interessada no negócio da... flexibilidade. Por causa do pole dance e tudo mais.

Foi só ao ouvir minhas próprias palavras que me dei conta de que tinha falado demais. Quis morrer no mesmo segundo. Bruno também, porque seu rosto virou um pimentão.

— Sério? — ele conseguiu perguntar, os olhos brilhando de expectativa.

— Sim. E, falando de coração, acho que vocês dão um casal bonito. Desses que todo mundo olha e pensa *nossa, que casal bonito*.

Ele riu da minha piada ruim e relaxou a postura, como se tivesse tirado um fardo dos ombros.

— Se você quiser uma ajudinha pra... hum... se aproximar? — Eu nem acreditava em minhas próprias palavras. — Vou ficar feliz em dar uma mãozinha.

Bruno abriu um sorriso.

Thaís, sua sortuda da porra.

— Na verdade, eu quero sim — disse, de um jeito tímido e fofo. Então, para minha surpresa, ele tomou minha mão e fez um sanduíche com as suas, do mesmo jeito que eu tinha feito com ele há pouco. — Obrigado. De verdade.

— Para com isso. Estou só sendo uma boa amiga. — *A melhor, no caso.*

— Eu sei que você tava... ééé... como se diz... — Bruno ficou vermelho outra vez e, por alguma razão, meu coração apertou de medo do que sairia de sua boca. Não sem razão, aliás. — Na minha?

— Euuuu? — eu me fiz de desentendida, enquanto pensava em um plano para fugir de Presidente Prudente para todo o sempre. Soltei uma risadinha que deixou transparecer um pouco do meu desespero.

Mas Bruno só continuou me olhando com complacência. Ele afagou as costas da minha mão com os polegares.

— Não tem problema. Sério. — Sua voz era quase um sussurro. — Você é linda. Com certeza teríamos filhos muito bonitos. Só acho que somos parecidos demais... acabaríamos enjoando um do outro.

— Ai, para! Pior do que levar um fora de um garoto bonito, só quando ele começa a justificar o fora. — Ele riu de mim. — Agora, calma, posso gravar você falando a parte dos filhos e tudo mais? Porque eu concordo taaaanto.

— Estou apenas falando verdades. — Bruno deixou um beijinho nas costas da minha mão antes de soltá-la. — Foi mal.

— Sério que você tá se desculando por não gostar de mim? — perguntei e nós dois rimos. — Relaxa. De verdade. Eu gosto de *todo mundo*. E meio que ao mesmo tempo. Basta ter uma piroc...

— Opa! Tá bom, tá bom, já entendi.

Apesar de ter levado um fora de Bruno (foi sutil, mas não deixou de ser um fora), não fiquei chateada. Era estranho, mas acho que no fundo eu concordava com ele um pouco. Nós éramos mesmo muito parecidos. E, pensando melhor, Thaís e ele pareciam uma combinação que daria muito certo.

Fiquei surpresa ao me dar conta de que tinha ficado *feliz*. Sobretudo por poder ajudar de alguma maneira. Quero dizer, acho que Tales nem acreditaria quando eu contasse como estava lidando bem com tudo.

Talvez *isso* fosse amadurecer.

Talvez eu enfim estivesse virando uma daquelas mulheres incríveis das comédias românticas.

Tá bom, não era nada disso. A única razão de eu ter ficado tão tranquila era que ainda tinha Heitor em toda a equação. E ele não era de se jogar fora.

Continuamos conversando e, quando nossos cafés acabaram, pedimos outro para dividir. As horas se atropelaram com a mesma facilidade que grãos de areia escapam pelos dedos enquanto conversávamos e eu conhecia um pouco mais sobre ele.

No fim das contas, eu tinha perdido um possível namorado. Mas ganhei algo ainda mais valioso — um amigo. E a verdade é que não tinha como ficar de mau humor diante de tamanha sorte.



A padaria estava um caos quando cheguei do trabalho. Dei um pulinho lá para roubar alguma coisa para comer. Tio Macedo etiquetava uma pilha de bolos que tinha acabado de sair do forno quando entrei. O cheirinho era irresistível. Como não queria atrapalhar, contornei o balcão o mais discretamente possível, indo para a direção oposta à que ele se encontrava.

— Chloe, quanto tempo! — exclamou, quando ergueu os olhos e me flagrou tentando surrupiar uma bandeja de *brownie* para mim.

Seu sorriso foi responsável por uma pontada intensa de culpa. Que tipo de sobrinha horrorosa eu era, quando meu tio estava literalmente dentro da minha casa e nós quase não nos víamos?

Mas, em minha defesa, eu atribuía um pouco da culpa à tia Célia. Tinha aprendido a ficar na defensiva com o passar dos anos, e isso significava evitá-la o máximo que pudesse. O que, infelizmente, acabava incluindo meu tio e minha prima, que nada tinham a ver com a situação.

— Poxa, verdade... — resmunguei, com um sorrisinho envergonhado.

Mas ele não parecia bravo comigo, nem nada do tipo. Pelo contrário, meu tio abandonou a pilha de bolos, assim como o etiquetador, e percorreu a distância entre nós. Antes que eu entendesse o que estava acontecendo, fui esmagada por seus braços e quase morri sufocada naquele abraço de urso. Mas, de uma maneira estranha, era muito bom.

— Faz tempo que pintou o cabelo? — perguntou, pinçando um cachinho com o dedo indicador e polegar.

Alguns músculos retesaram involuntariamente, porque eu odiava que pegassem no meu cabelo sem mais nem menos. No entanto, aquele era meu tio. E era tão engraçado sua semelhança com meu pai (mesmo que eles não tivessem nenhum grau de parentesco) que eu apenas não conseguia nutrir o sentimento ruim por tanto tempo. Ele não estava fazendo por mal, no fim das contas.

— Hum... na verdade faz, sim — respondi e, se era possível, a culpa dobrou de tamanho.

— Ficou ótimo — afirmou, com um sorriso genuíno. Senti tanta afeição por ele naquele momento que quase implorei por outro abraço de urso. Como eu queria que tia Célia pensasse assim. — Acho que essa é sua cor, definitivamente.

Encolhi os ombros, dando o meu sorriso mais bonito para ele.

— Obrigada, tio. Também gostei muito. Dá um pouco de trabalho, mas vale a pena.

— E me diz uma coisa... é verdade que azul é a cor mais quente? — Ele piscou os olhos de maneira exagerada, em uma tentativa de piada que me fez querer morrer.

No fim das contas, nem mesmo ele era perfeito. Seu defeito eram as piadas no nível de *pavê* ou *pacumê*. Ele tinha um repertório interminável e, mesmo assim, já tínhamos ouvido todas um milhão de vezes.

Forcei-me a rir para não o deixar chateado e então aproveitei para pegar o bolo de chocolate que estava me fazendo salivar de vontade.

— Vou levar um desse aqui — avisei, embora a padaria também fosse de papai.

— Daqui a cinco minutos vai sair uma fornada de broa de milho, que você adora. Quer esperar? — perguntou, voltando a pegar a etiquetadora.

— Quem gosta de broa de milho é a Cíntia, tio.

— Ah, é. Eu sempre me confundo... a idade vai chegando e a gente embaralha tudo. — Ele estreitou os olhos, pensativo. — Você gosta de... bomba de chocolate, né?

— Alguém não gosta? — brinquei, e nós dois rimos.

— Deixa eu pegar uma pra você. É uma receita nova que estamos

testando... depois me conta se você aprova.

Abandonei a padaria com o peito quentinho. Encontrar tio Macedo tinha o efeito contrário do que topar com tia Célia. Enquanto ela me arrancava lágrimas de frustração, ele conseguia me tirar sorrisos sinceros. Por que família era uma coisa tão complicada?

Entrei em casa e estranhei o silêncio esmagador. A sala se achava vazia, o que significava que mamãe estava em seu ateliê, trabalhando. Estranhei a ausência de Camille, ela era uma grande fã de reality shows, assim como Tales. Na verdade, sempre que ele nos visitava, ela nos acompanhava nas maratonas de *Discovery Home & Health*. Era engraçado.

Subi as escadas para o segundo andar me arrastando. Queria um banho bem demorado e quentinho e depois um filminho água com açúcar para assistir enquanto devorava o bolo e a bomba de chocolate.

Não que eu tivesse triste por Bruno gostar de Thaís. Não era nada disso. Eu queria ajudar os dois a casarem e serem felizes para sempre, inclusive. O problema era que, querendo ou não, isso significava que era mais um *crush* riscado na lista de possíveis namorados. E era essa parte que me desanimava um pouco. Não deveria ser tão difícil assim.

Quando entrei em meu quarto, levei um susto ao deparar com Camille estirada na cama, como uma lagartixa, o rosto esfiado no celular. Ela nem parecia piscar.

— Minha nossa, você queria me matar, né? — Espalmei o peito, sentindo as batidas frenéticas do coração.

Camille tomou impulso para sentar na cama, rindo da minha reação.

— Foi mal. Tava só te esperando chegar — ela encolheu os ombros. — Que é isso? — perguntou, apontando para minha sacolinha da padaria.

— Um bolo e uma bomba de chocolate. E, não, não vou te dar. A padaria fica na frente de casa.

Minha irmã revirou os olhos, mostrando a língua para mim. E até fazendo careta a garota era linda de morrer. Suprimi um suspiro.

— Chata. Espero que se engasgue.

— E eu espero que você pare de ser preguiçosa! — Sentei na cadeira do computador. — A que devo a honra de sua visita?

Camille olhou para mim e depois mirou em direção ao espelho, contemplando o próprio reflexo enquanto penteava o cabelo liso e comprido com os dedos. Eu não podia julgá-la. Se tivesse aquele rostinho de boneca, provavelmente passaria minha vida toda *me* namorando.

— Ainda não falei pra ninguém... queria contar pra você primeiro.

— Ai, meu Deus. Você perdeu a virgindade? — exclamei, horrorizada

que até minha irmã de quinze anos tinha uma vida sexual mais ativa que a minha.

— Quê? — Ela arregalou os olhos, perplexa. — Não! De onde você tirou isso?

— Sei lá. Meu dia foi puxado, não estou pensando direito. — Massageei as têmporas, recuperando-me do baita susto. — Você tá namorando?

Minha irmã bateu com as mãos nas pernas, sem esconder a impaciência.

— Por que você acha que isso tem a ver com garotos? — perguntou, bem direta.

Crispei os lábios, envergonhada. Lembrei de Tales afirmando que a prioridade dele não era encontrar uma namorada e senti o rosto queimar. Até minha irmã mais nova era mais madura que eu. Que coisa!

— Então me conta logo!

Camille inclinou o tronco para frente, recostando os cotovelos nas pernas.

— Decidi aceitar a oferta. Da agência, quero dizer.

Ficamos nos olhando por um tempo que pareceu durar toda a eternidade. Meu coração perdeu uma batida, porque eu sabia o que aquilo significava. O tamanho da decisão que Camille tinha tomado.

— Você vai passar pela transição? — sussurrei.

Ela assentiu, com os olhos brilhando intensamente.

— Não é bem uma *transição*, na verdade. Eles querem que a primeira campanha seja com o cabelo raspado.

Meu queixo caiu.

Ajoelhei no chão, tomando suas mãos e entrelaçando nossos dedos.

— Caramba. É uma mudança e tanto. Você pensou bastante? Tem certeza que é isso?

— O que você faria em meu lugar?

— Eu aceitaria. Mas só porque sempre achei cabelos crespos lindíssimos. Não faria o contrário, por exemplo. Se alguém me oferecesse uma proposta para alisar o cabelo de novo, eu recusaria. — Encolhi os ombros. — Porque demorei para me encontrar, Camille. E já não me reconheço mais de cabelo liso. Então não faria o menor sentido para mim. Pensa que se for uma mudança muito abrupta pra você, tem a opção de esperar aparecer outra oportunidade.

— Não como essa — resmungou.

— Sempre tem outra oportunidade, gata. Olha só pra esse rostinho. Só aceite se a transição for uma coisa com que, no fundo, você se sente bem. Nada vale a pena se te faz mal. Nem mesmo o emprego dos sonhos. Nossa felicidade precisa vir em primeiro lugar. — Acaricieei sua bochecha com as costas da mão.

Camille fisgou o lábio inferior, unindo as sobrancelhas grossas como as minhas.

— Mas... por outro lado, eu nunca saberia, né? Faz sentido eu me privar de um sonho só por causa de cabelo? Que é uma coisa que cresce e tudo mais? — Senti a cama balançar e, ao olhar para baixo, vi sua perna subindo e descendo sem parar. — Acho que eu posso olhar de duas maneiras pra situação. Olhando com otimismo, é uma chance de me descobrir. Até porque eu lembro que você sofreu quando o cabelo estava crescendo natural e ainda tinha progressiva.

— Sofri — admiti. — Se eu pudesse voltar no tempo, teria raspado de uma vez. Teria sido bem mais fácil não precisar lidar com tudo. As pessoas viam a raiz crescendo e ficavam dando dicas de relaxamento, recomendavam chapinhas, era um inferno... enfim. Você que precisa saber, maninha. Ninguém mais pode tomar essa decisão por você.

Ela esfregou os braços, como se para juntar um pouco mais de coragem.

— Você vai me ajudar? — perguntou, parecendo anos mais jovem.

Sorri para ela, sendo inundada por amor em sua forma mais pura. Eu amava de um tanto aquela menina. Tinha tanto orgulho dela. E agora ela me oferecia a oportunidade de participar ativamente de um dos momentos mais importantes de sua vida. Eu nem precisava pensar para responder.

— Claro que sim! Vou amar participar da sua transição. E acho que você vai ficar ainda mais linda com os cachos.

— Também acho — admitiu, encarando-me com intensidade. — Porque foi o que aconteceu com você.

Sustentei o olhar por poucos segundos antes de puxá-la para um abraço. Ficamos um tempão assim, unidas, nossos corpos balançando para frente e para trás de levinho.

Quando nos soltamos, descobri que ela chorava.

— Nem acredito... — Camille suspirou, com um sorriso. — Mal posso esperar por essa nova fase da minha vida. Deu até um friozinho na barriga.

— Eu vou estar aqui! — Segurei seus ombros com firmeza. — Não precisa ter medo.

Camille ficou comigo um tempão, contando as últimas fofocas de sua escola. Desde que ela foi agenciada, não tivemos mais tempo para jogar conversa fora. Aproveitei e contei para ela do café que tinha ido aquela tarde com Bruno e prometi levá-la junto quando fosse com Tales.

Só depois de várias horas foi que ela abandonou meu quarto, para surrupiar uma bomba de chocolate para ela. Aproveitei para colocar meus planos em prática, imersa num misto de emoções. Era muito louco pensar que eu tinha sido uma inspiração para minha irmã. Logo eu, a decepção da família, de acordo

com Tia Célia.

Nossa...

Eu não queria nem imaginar a reação da minha tia quando minha irmã passasse pela transformação drástica. Anotei mentalmente que precisava prepará-la para os comentários que, com certeza, viriam, quando tive uma epifania.

Sentei na cama, pausando o filme. Meu coração palpitava com a ideia que parecia tão óbvia e me perguntei como pude demorar tanto tempo para descobrir o que eu queria fazer para o resto da vida.

Eu estava certa — não era por meio de faculdades que encontraria minha felicidade. Mas sim, ajudando outras meninas a encontrarem sua autoestima perdida com anos de alisamentos.

Pela primeira vez em toda minha vida, nutri um sonho dentro do coração e, no mesmo instante, enxerguei todo o caminho até ele. Eu queria abrir um salão de beleza especializado em cachos. Mais que isso, queria ser referência. Queria que as pessoas associassem meu nome a cachos e já soubessem quem procurar. Minha nossa, como eu queria que mais gente se sentisse de bem com o espelho, da mesma maneira que eu tinha me sentido.

Joguei as costas para trás, voltando a me deitar. Fiquei observando o teto, com um sorriso que ia de orelha a orelha, ao perceber que o futuro estava muito mais próximo do que eu imaginava. As coisas enfim começariam a acontecer.

10



UM ASSUNTO EXCELENTE PARA A HORA DO CAFÉ



TAMBORILEI OS DEDOS NA MESA, ansiosa para o fim do meu turno. Troquei um olhar significativo com Bruno, do outro lado da sala, e lancei uma piscadela, semelhante a que Tales costumava dar.

Contava uma semana desde que ele tinha me contado sobre Thaís. Desde então, nós tentávamos fazer avanços sutis todos os dias no intervalo. Não tinha sido grande coisa, porque ele continuava agindo de maneira muito estranha quando ela se aproximava. Mas ao menos vinha conseguido sentar na mesma mesa que a nossa, sem fugir na metade do intervalo. O que já era alguma coisa.

Nós dois tínhamos trocado nossos números e, desde então, não passávamos um dia sem trocar mensagens fora do trabalho. E nem sempre sobre Thaís. O que era muito legal, já que Tales ficava cada dia mais inacessível. Milene consumia o meu melhor amigo e, como eu não queria ser o tipo de pessoa chata e ciumenta, fiquei na minha, me contentando com as migalhas de tempo que ele destinava a mim. No entanto, não conseguia fingir que não era doloroso tê-lo cada vez menos em minha vida. Tales fazia falta. Minha amizade com Bruno me distraía, mas jamais seria capaz de substituir o que eu tinha com Tales. E eu nem queria isso, de toda forma.

— Ei — sussurrei, espetando minha caneta na cintura de Thaís. Ela se contorceu, soltando uma risada alta que atraiu alguns olhares. — Você tem compromisso depois do trabalho?

— Tá perguntando se *eu* tenho compromisso? Por favor, né... Minha vida é cheia de vários nadas. — Ela revirou os olhos, e nós duas rimos baixinho.

— Tá a fim de ir naquele café que eu comentei com você?

— Aquele que você foi com o Bruno? — indagou, arqueando uma sobrancelha.

— O que é que tem? O café de lá é delicioso.

— Mas eu vou ficar pensando em vocês se agarrando lá e isso vai destruir minha experiência, Chloe. — *Ah, Thaís, você não faz ideia.*

— Affff, para de ser ridícula. Quer ou não?

— Tá, pode ser. Mas você tá proibida de falar qualquer coisa dele. Minha vida amorosa é ruim o suficiente pra eu me incomodar com a felicidade alheia. E nem me envergonho disso.

Neguei com a cabeça, rindo baixinho. Conferi o horário e descobri que tinha dado a hora. Peguei minha bolsa e afastei a cadeira com os pés, lançando um discreto sinal de positivo para Bruno, que respondeu com um sorriso que ia de orelha a orelha. Gestos pequenos como esse faziam tudo valer a pena. Eu queria só ver a cara dela quando entendesse nosso plano diabólico.

Thaís puxou a caneta e soltou o coque. Parecia um comercial de shampoo em que a modelo fica balançando a cabeça com delicadeza, fazendo ondas infinitas com as madeixas.

— Tô pensando em pintar meu cabelo também... — comentou, pegando uma mecha e olhando com atenção. — Acho tão bonito esse *ombré* azul que você tem no seu.

— Que cor você pintaria?

— Ahn... um rosinha, talvez? Acha que fica bom?

— Tem alguma coisa que fique feio em você?

— Ah, sua mentirosa! — Ela me cutucou com o cotovelo.

— Mas, olha, já vou avisando que vai estragar bastante.

— Mas é pra isso que os cabelos servem, né? — Ela enganchou o braço no meu, enquanto seguíamos pelo corredor. — Pra gente estragar tudo e depois se arrepender.

— Aham. Daí a gente cuida pra estragar tudo de novo — disse, entre risadas.

Entramos no elevador, junto com outras pessoas que também tinham terminado aquele turno. E, quando a porta estava pra fechar, Bruno apareceu, ofegante, parando ao nosso lado.

— Esse elevador é muito lerdo. Se eu não tivesse alcançado, só ia conseguir descer daqui a cinco meses.

Thaís riu, encaixando uma mecha de cabelo atrás da orelha. Aproveitei o momento para colocar o plano em ação:

— Hum... Bruno? — Ele me encarou, com um movimento um pouco dramático demais. Torci para que Thaís não notasse. — Estamos indo lá para o café que você me levou aquele dia. Quer ir com a gente?

Eu devia ganhar um Oscar pela minha excelente atuação.

Estava para nascer alguém com um dom tão inato.

— Ah... — Ele coçou o pescoço, tentando parecer casual. Mas, diferente de mim, Bruno não levava muito jeito. Dava para perceber que tinha alguma coisa errada. — Nossa. Tava mesmo pensando em uma Explosão de cafeína hoje. Obrigado por chamar.

— Acho que hoje quero experimentar outro sabor — falei, olhando para Thaís com um sorriso largo. — Você vai amar os cafés de lá.

Mas ela não falou um *a*. Apenas olhou de mim para ele com um olhar desconfiado. No entanto, sua desconfiança era pelos motivos errados, pois ela cutucou minhas costelas de levinho. Então, quando o elevador parou no térreo, Thaís esperou Bruno sair na frente para sussurrar em meu ouvido:

— Eu me recuso a ficar de vela, sua ridícula.

Quem vai ficar de vela sou eu.

— Fica fria, prometo que vamos nos comportar.

Eu me esquivei das perguntas incessantes de Thaís, sobre o que tinha acontecido entre mim e Bruno, com respostas vagas e repentinas mudanças de assunto. Eu queria que o plano fosse uma surpresa. Ela não podia sonhar que nós dois éramos apenas amigos, ou começaria a desconfiar do motivo real de nossa aproximação.

Meio sem querer, acabei ficando entre os dois enquanto caminhávamos em um compasso meio desajeitado. Era lento demais, de forma que esbarrávamos os ombros uns nos outros a cada dois ou três passos.

Um silêncio desconfortável nos acompanhou na primeira metade do percurso, fazendo parecer que ele tinha o triplo da duração. Era como se estivéssemos caminhando há meia hora, mas não contava nem cinco minutos. Eu conseguia entender. Apesar dos avanços, ainda existia um abismo entre os dois. Porque Bruno era muito tímido mesmo, o que acabava causando a impressão bem errada em Thaís, que, por isso, ficava um pouco na defensiva com ele.

Soltei um suspiro, tentando pensar em um assunto para quebrar o silêncio que ficava mais incômodo a cada segundo. Não vinha nada em mente. Nada parecia natural. Estávamos quase chegando quando me ocorreu uma coisa. Fisguei o lábio inferior, olhando de esguelha para Thaís e depois para Bruno. Ela tinha uma expressão emburrada, claramente arrependida por ter aceitado o convite. Já ele, parecia prestes a desmaiar. O nervosismo exalava por seus poros e me atingia. Sem entender muito bem o porquê, me vi afetada por sua ansiedade.

— Eu e o Tales adoramos brincar de *isso ou aquilo* — minhas palavras pairaram entre nós por um momento e quis morder a língua em arrependimento. A ideia parecia boa na teoria, mas na prática me senti um pouco patética por sugerir um jogo do nada.

— Ahnnn... legal? — Thaís resmungou, as sobrancelhas arqueadas.

— E como é? — Bruno ignorou o comentário dela.

— Basicamente, a gente dá sugestões bizarras e a outra pessoa precisa escolher a menos pior. Tipo... entre mergulhar numa piscina com baratas ou dormir numa cama cheia de cobras, o que você prefere?

Bruno uniu as sobrancelhas, pensativo. E mesmo Thaís, que tentava manter a pose de brava, não resistiu à curiosidade e virou o rosto para encará-lo.

— As cobras são venenosas? Ou são daquelas que nem presas têm?

— Venenosas. — Nem precisei pensar.

— Então prefiro as baratas, né? — E, antes mesmo de ele terminar de falar, Thaís e eu fizemos barulhos altos de nojo. — Elas são inofensivas! — concluiu, um pouco ofendido com nossa reação exagerada.

— Você que pensa — respondeu Thaís, com uma expressão misteriosa. — Eu li uma matéria na internet de pessoas relatando como é a *mordida de uma barata*.

Ficamos em silêncio outra vez. Mas não foi desconfortável. Na verdade, era o silêncio necessário para processarmos a informação.

— Mordida de uma... — murmurei, atônita. — Pera aí. *O quê?*

— Pois é. Eu fiquei desse jeitinho quando descobri. As baratas não têm dentes, mas têm mandíbulas fortes que usam para *roer a nossa pele*. — Ela tinha um sorrisinho diabólico no rosto. — E deixar doenças. Porque, sabe como é, elas não são os bichinhos mais limpos da natureza.

— Nossa, Thaís. Esse é um assunto excelente para conversarmos antes de tomar café — brinquei, batendo com o meu quadril no dela.

Ela soltou uma gargalhada que fez Bruno se retesar todo ao meu lado. Me peguei sorrindo à toa. Eu queria despertar essas coisas em outros caras. Queria que alguém gostasse de pequenos detalhes como o som da minha risada, por exemplo. Se bem que aí já era querer demais. Para gostar da minha risada a pessoa precisava ser masoquista ou algo assim.

— Foi você que começou!

— Ok. Foi mesmo. Sua vez então. De fazer a pergunta, no caso — falei, quando chegamos no café.

Empurrei a porta de vidro, indicando o interior para que eles entrassem. Eu me enrolei um pouquinho mais que o necessário, só para ver como se saíam. Thaís sentou primeiro, e logo depois Bruno fez um esforço tremendo para sentar ao lado dela. Só então me aproximei, segurando-me para não sorrir feito boba.

— Vocês preferem uma pizza com sabor de cocô ou um cocô com sabor de pizza? — perguntou Thaís, com um sorriso largo.

Não aguentei e deixei escapar uma gargalhada. Porque essa era a parte ruim de não saber que estava em um encontro — Thaís não tinha freios na língua. Aposto que ela jamais usaria a palavra cocô se soubesse.

— Uma pizza — falei.

— Um cocô — Bruno falou, ao mesmo tempo.

Nós três caímos na risada enquanto o mesmo rapaz de outro dia nos entregava os cardápios, depois de nos cumprimentar.

— Como assim um cocô? — perguntei, chocada.

— Ué? Tem gosto de pizza!

— Mas é um cocô? — insisti, sem conseguir acreditar naquela escolha duvidosa.

— Olha... sou obrigada a concordar com o Bruno. Porque eu não ia querer comer uma pizza com gosto de cocô.

— Gente? — *Acho que vocês nasceram um para o outro*, foi o que eu quis dizer. Mas em vez disso, o que falei foi: — Vocês são estranhos. E nojentos.

Thaís deu de ombros, sem se importar. Era quem mais estava se divertindo com a brincadeira. Ela virou para Bruno com os olhos brilhando e então apontou o dedo em riste para ele.

— Sua vez.

— Tá bom. Deixa eu ver... vocês preferem beber um copo de suor ou roer as unhas do pé de um desconhecido?

— Meu deus, você é muito perturbado! — Thaís praticamente gritou, entre risadas calorosas.

— Ok, nós fomos longe demais — falei e isso desencadeou mais risadas da minha amiga. — Eu passo essa.

— Não vale! — ele protestou.

— Vale sim. Eu fiz as regras. Eu sou a deusa dessa brincadeira! — Ergui o queixo em desafio, mas ele apenas balançou a cabeça, soltando uma risadinha baixa. — Já escolheram o que vão pedir?

Em questão de segundos, todas as risadas se dissiparam e o silêncio voltou a nos fazer companhia enquanto três cabeças se curvavam para ler o cardápio. Tamborilei os dedos no tampo da mesa, sem conseguir esconder o entusiasmo crescendo em espirais.

Na semana anterior, quando enfim entendi o que queria fazer para o resto da vida, precisei ligar para Tales no mesmo instante. Ficamos horas conversando no telefone, e ele, como era de se esperar, me incentivou muito. Fez várias perguntas de como eu tinha chegado a essa conclusão, como seria o nome do salão, como eu *imaginava* o meu salão (ócios e ofícios de ter um amigo viciado em Irmãos a Obra) e se eu já pensava em como faria a identidade visual nas

redes sociais (muito importante para atrair clientes novos).

Foi então que ele se ofereceu a procurar cursos comigo. E, como era o melhor amigo do mundo, Tales cumpriu a promessa. Começou a me bombardear com links e telefones de cursos de cabeleireiro da cidade. Sempre com observações como “esse é um pouco caro, mas inclui colorimetria”, ou “esse tem uma parte específica para cachos e fica pertinho do seu trabalho!!!”.

Acabei escolhendo o que ficava perto do trabalho e pedi que ele me acompanhasse para conhecer o lugar e fazer a matrícula. O que seria naquela tarde, assim que eu me livrasse de Thaís e Bruno, para ser mais precisa. Conforme os dias passavam, fiz de tudo para dissipar o nervosismo e fingir que não era nada demais. Mas agora *não dava* para ignorar o friozinho na barriga. Impossível. Parecia besteira, mas era a primeira vez *na vida* que eu me sentia tão animada e tão certa de que tinha tomado a decisão certa.

Thaís acabou escolhendo uma Explosão de cafeína, de tanta propaganda nossa. Bruno também pediu esse. Eu fiquei tentada a tomar algo que já tinha provado e sabia que era bom, mas o cardápio era tão variado que eu me sentia mal de não provar os outros sabores. Afinal, existia a chance de acabar encontrando outro favorito. Depois de muita dúvida, acabei decidindo pelo Choco-coco, que tinha uma cara ótima. Foi só depois de o rapaz girar nos calcanhares para se afastar da nossa mesa que eu me dei conta de algo...

— Moço? — chamei, e ele virou outra vez para ficar de frente para mim.
— O meu é pra viagem, por favor.

Thaís estava olhando as próprias unhas quando ouviu minhas palavras e paralisou por um momento. Ela uniu as sobrancelhas, procurando meu olhar. Eu não podia olhar para ela, se não acabaria fraquejando. Sabia que minha amiga poderia até me odiar no começo, mas depois me agradeceria por isso.

Olhei para o meu celular como se dependesse disso para viver, embora o olhar dela continuasse me queimando. Bruno, parecendo perceber a mudança abrupta na atmosfera, pigarreou algumas vezes e começou a batucar na mesa.

— Bom, já que minha pergunta foi descartada, aqui vai outra: vocês escolheriam o poder de voar ou o de ler mentes?

— Ah, agora sim o jogo ficou interessante — provoqueei, com um sorriso travesso. — Acho que voar seria uma boa. Não estou nem um pouco interessada em ler os pensamentos dos outros. Já é difícil gostar das pessoas sem esse martírio.

Minha resposta desarmou Thaís, que deu uma risada gostosa de quem concordava.

— Olha... eu até queria dizer a mesma coisa, mas tenho medo de altura, quase morro pra viajar de avião. Então voar não teria utilidade nenhuma pra

mim.

— Você tem medo de avião? — Bruno perguntou, virando para ela. Senti uma pontada de orgulho. *Nossa, eles crescem tão rápido...* Thaís assentiu, tão surpresa quanto eu. — Eu adoro. Já até cogitei ser comissário de bordo.

— Ah, é? — Ela tinha uma expressão divertida no rosto. — E por que mudou de ideia?

— As companhias não gostam muito de tatuagens. Eu já tinha algumas que até conseguiria esconder... mas achei que não fazia sentido um emprego que eu não podia me manifestar do jeito que sou. — Bruno estava todo sério. — Quero dizer... já estamos em 2019. Era pra ter carros voando, sabe?

Abri a boca para responder, mas fui interrompida pelo atendente com nossas bebidas. Peguei a minha e fui logo levantando, tateando a bolsa para encontrar o cartão de débito.

— O-onde você vai? — Thaís nem tentou esconder o pânico.

— Ah... então, menina. Acabei esquecendo que tenho compromisso com o Tales. Ele tá me esperando. E, você sabe, ele detesta esperar.

— Mas... mas... — Sua voz morreu no ar. Olhei para ela, pedindo desculpas silenciosas, e foi só então que ela entendeu o que estava acontecendo. Thaís se empertigou, deixando o queixo cair.

— Precisamos marcar mais vezes... — disse, me inclinando para dar um beijinho na bochecha dele. — Desculpa precisar sair correndo. Minha memória é uma loucura — concluí com uma risadinha afetada, enquanto me inclinava para me despedir dela.

— Que merda é essa? — Thaís sussurrou no meu ouvido.

— Ele tá caidinho por você. Agarra esse homem flexível e depois me conta tudo — respondi, quase sem emitir som. Então me afastei, com um sorriso inocente. — Até amanhã!

Paguei o café o mais depressa possível, sem nem ousar olhar por cima do ombro. Tinha certeza de que Thaís poderia me matar com o olhar. Então corri para fora, torcendo para que desse tudo certo.

Olhei para o celular e estremeci ao perceber que estava mesmo com o horário apertado. Ia chegar uns minutinhos atrasada no ponto de encontro, mas esperava que Tales tivesse compaixão e não brigasse comigo.

A escola de cursos não ficava longe dali, o que era bom. Acelerei o ritmo, intercalando os passos com golinhos de café. Era delicioso, mas definitivamente não tanto quanto o Explosão de Cafeína. O que era compreensível, afinal era difícil bater aquela que deveria ser a oitava maravilha do mundo.

Virei a esquina, chegando na avenida onde tínhamos marcado de nos

encontrar. No entanto, para meu total espanto, Tales não estava lá. E, em todos aqueles anos de amizade, aquela era a *primeira vez* que ele se atrasava. Eu temia pelo fim do mundo.

Esperei por um momento, olhando para os dois lados como se ele fosse surgir do céu segurando um guarda-chuva, mas isso não aconteceu. Temendo que algum imprevisto tivesse acontecido, apressei-me em digitar uma mensagem para ele:

cadê vc???

Tales não visualizou. Na verdade, ele nem ao menos se encontrava online. Expirei o ar dos pulmões, e decidi comprar uma água no posto de gasolina do outro lado da avenida, enquanto esperava meu amigo chegar. Meu café estava doce demais e minha garganta ardia de sede.

Entrei de cabeça baixa, ponderando se deveria ligar para Tales ou esperar um pouco mais. Ele nunca, em hipótese alguma, se atrasava. Achava que atrasos eram falhas de caráter. Sempre saía de casa bem antes, para nunca correr o risco de chegar depois da hora em seus compromissos. Era por isso que eu estava preocupada. Quero dizer, *alguma coisa* devia ter acontecido.

Com a cabeça imersa em pensamentos, peguei a água mais gelada do refrigerador e rumei para o caixa, distraída. Encarava o celular, como se isso fosse fazer com que Tales respondesse mais depressa.

— Chloe? — Uma voz conhecida me chamou e meu coração acelerou no mesmo instante.

Ergui o olhar, deparando-me com Heitor do outro lado do balcão. Ele só tinha me ligado há uns três dias, quando pensei que não fosse dar em nada, pela demora. Várias hipóteses passaram pela minha cabeça, como, por exemplo: e se ele pediu meu número só para não ficar com peso na consciência? E se ele acabou se arrependendo porque conheceu uma pessoa mais interessante?

Mas, no fim das contas, ele disse que precisou dobrar o turno no trabalho por uns dias para cobrir outro funcionário que estava de atestado, e que isso o deixou quebrado. Desde então, nós trocávamos mensagens todos os dias e começávamos a falar sobre o primeiro encontro.

— Ei! Não sabia que ia te encontrar aqui! — exclamei, com honestidade.

Ele continuava bonito de tirar o fôlego. Os dreads estavam amarrados, igual quando nos conhecemos. Heitor abriu um sorriso torto para mim e pegou a água da minha mão.

— Seeeei. Aposto que andou me *stalkeando* para saber onde eu trabalho — brincou e senti uma pontada de culpa.

Porque, bem, eu tinha *stalkeado* mesmo. Mas não me atentei ao seu trabalho. Fiquei tão impressionada com as fotos sem camisa que nem me importei em saber do resto.

Dei risada, mostrando a língua para ele.

— Ops... você me pegou.

Heitor colocou a água em uma sacolinha e pegou o cartão de débito que eu estendi para ele.

— Estava aqui pensando... você está livre sexta que vem? Conheço um lugar ótimo onde queria muito te levar.

— Hum... — Enrolei o cabelo no dedo, alargando ainda mais o meu sorriso. — Conte-me mais sobre esse lugar.

— Não posso, se não vai perder a graça.

Heitor me deu a maquininha de cartão, e digitei a senha. Decidi perguntar, só por desincargo de consciência:

— Tem música ao vivo?

— Ahn? — Ele sorriu, um pouco confuso. — Não. Por quê? Você gosta?

— Ah, não. Pelo contrário... tenho um pouco de trauma.

Heitor gargalhou, entregando o cartão para mim. Mas, quando tentei puxar, ele segurou mais forte.

— Confia em mim. Você vai gostar. — Seu olhar intenso me desarmou. Senti os joelhos tremerem.

— Tá bom. Se você parece ter tanta certeza, o lugar deve ser mesmo bom. A gente vai se falando, pode ser?

Tomei o cartão e a sacolinha de sua mão, mas, como não tinha ninguém para ser atendido, não consegui sair dali. E nem sabia por que o faria, se podia continuar apreciando seu rostinho lindo.

— Pode ter certeza. — Ele piscou para mim, com uma expressão travessa. Então, como quem não queria nada, deslizou a mão pelo balcão, alcançando meus dedos com a pontinha dos seus. — Você trabalha aqui perto?

— Mais ou menos — respondi, brincando com seus dedos. — Dá uma boa caminhada. Mas tem um curso que quero começar a fazer que fica aqui do lado. Vim visitar e descobrir se é isso mesmo.

— Hum... vou torcer para ser então. Vai ficar bem mais fácil te ver.

Sorri para ele, pronta para responder a paquera, quando meu celular começou a tocar. Tateei o bolso, pescando-o lá de dentro. Era Tales. Apertei o botão vermelho e recusei a chamada.

— Bom, preciso ir. Até sexta!

— Vou contar os dias — sussurrou bem devagar, segurando a ponta do meu indicador por um instante. E só então me deixou sair da loja, com as pernas

molinhas feito gelatina.

O telefone voltou a tocar.

Revirei os olhos. Por que eu não estava surpresa? Ele não desistiria.

Atendi a chamada e levei o telefone à orelha.

— Cadê você? — perguntou do outro lado da linha, com o tom impaciente que sempre usava quando eu me atrasava.

— Você ainda não tinha chegado. Fiquei te esperando uns minutos e daí entrei no posto pra comprar uma água. — Enquanto falava, me ocorreu que ele não tinha o direito de ficar impaciente, quando era ele quem tinha se atrasado. — Aliás, senhor Tales, eu cheguei antes de você. Seria esse o fim do mundo?

— Ah, foi mal. Tudo culpa da Milene, que me atrasou. Fiquei mais de vinte minutos esperando ela decidir a roupa — explicou, risonho. Logo em seguida, uma risada baixa e distante chegou aos meus ouvidos.

Paralisei no meio da faixa de pedestre, sem conseguir acreditar.

Subi o olhar, buscando Tales em nosso ponto de encontro só para me certificar de que eu tinha entendido errado. Que aquela risada era, provavelmente, de outra pessoa. Que Milene devia ter passado na casa dele, por isso o atraso. Ele jamais levaria a namorada para um momento que devia ser só nosso.

Tales estava embaixo da marquise de uma loja. Sorri, aliviada, e retomei o passo. Mas, então, percebi o braço tatuado dela. Milene *estava* lá. Um pouco escondida por ele, de onde eu me encontrava, mas estava lá.

— Er... Chloe?

— Já tô chegando — respondi, encerrando a ligação.

Meu rosto esquentou de raiva. Por que Tales precisava ser tão... tão... argh. Eu nem ao menos sabia o que ele era. Irritante. Sem coração. Inapropriado. Será que ele não tinha a menor noção do quanto aquele curso era importante para mim? Será que ele não sabia o quanto aquele dia mudaria todo o rumo das coisas?

E agora essa lembrança seria manchada pela cara da Milene. Um momento que deveria ser só meu. Tales tinha estragado tudo.

Apertei as mãos em punho, sentindo as unhas enterrarem nas palmas. Marchei em direção a eles, soltando fumaça pelas narinas. Toda a euforia tinha se dissipado e dado lugar à frustração.

Então era isso?

De agora em diante, se eu quisesse passar um tempo com o meu melhor amigo, precisaria aguentar seu chaveirinho junto?

— Olha lá ela! — Milene apontou para mim, mas estava olhando para *ele*. Ela tinha aquela mania irritante de falar de mim como se eu não estivesse

literalmente em sua frente, ouvindo tudo.

— E aí? — meu amigo perguntou, abrindo os braços para mim.

Eu não sabia muito bem o protocolo nessa situação. Se devia abraçá-lo ou não. Quero dizer, ela podia interpretar errado. Mas se eu recusasse, ele ficaria todo irritadinho. Caramba, como era difícil. Essa era uma das poucas situações da vida que não tinha em nenhum episódio de *Friends*. Normalmente eu me refugiava nos episódios da série quando não sabia ao certo como agir.

Como demorei muito para reagir, Tales decidiu por mim e percorreu a distância entre nós, enlaçando-me pelo pescoço. Seu cheiro me deixou momentaneamente desnorteadada. Sempre achei Tales cheiroso, mas de uns tempos para cá, parece que seu perfume ficava cada vez melhor. A cada abraço, eu era envolta pelo cheiro salgado, masculino e de fundo oriental e precisava me segurar para não desmanchar em seu colo.

Lamentei um pouco quando nos afastamos. Meu corpo sentiu falta do seu calor, do seu aperto, dele. *Minha nossa. A que ponto chegamos?* Balancei a cabeça, aproximando-me de Milene para cumprimentá-la. E qual não foi minha surpresa quando ela imitou meu melhor amigo e me abraçou? Correspondi ao gesto, sem querer ser uma *cuzona*. Mas abraçá-la não era como abraçar Tales. Ela não tinha seu cheiro amadeirado. Não tinha seu tamanho. Não sabia o jeito certo de me aprisionar em seu corpo, como ele.

— Foi mal fazer você esperar — ela murmurou, com um sorrisinho sem graça, ao me soltar. — Te atrasei muito?

— Relaxa. — Abanei a mão no ar, tentando ser fofíssima com ela. Mesmo que minha vontade fosse nula. — Não tem horário marcado nem nada assim. Só vou conversar para saber mais sobre o curso... e quem sabe já fazer a matrícula.

— Tá animada? — Foi a vez dele perguntar.

Soltei o ar dos pulmões, incapaz de continuar brava.

Porque apesar de ter levado Milene sem me consultar, ele sabia o quanto era importante para mim. Conseguia entender o que eu estava sentindo.

— É meio bobo... mas tô supernervosa. Mal dormi à noite. — Não contive um sorrisinho. — Nunca me senti assim antes.

Tales apertou meu braço, lançando um olhar significativo. Seus olhos prateados me impossibilitavam de desviar a atenção. Fiquei aprisionada.

— Vai dar tudo certo. Pena que você vai se especializar em cabelos crespos... se não eu ia me oferecer pra ser o primeiro cliente.

— Ia cortar o cabelo comigo? — Espalmei as mãos sobre o peito. E, logo em seguida, percebi o absurdo dessas palavras. — Claro que não! Quem disse que você pode cortar o cabelo?

Ele deu uma risada calorosa, enquanto retomávamos a caminhada em direção à escola de cabelereiros. Pelo canto dos olhos, notei que os dois estavam de mãos dadas. Com os dedos entrelaçados e tudo! Gente, eles estavam mesmo namorando. Só não tinham se dado conta ainda.

— Sou obrigada a concordar com ela. E por falar nisso, obrigada por abrir os olhos dele, Chloe.

— Como assim?

— Não foi você que falou pra ele que o cabelo ficava melhor solto? — Ela abriu um sorriso cheio de cumplicidade para mim.

Foi como ser atingida em cheio por um soco de culpa. Quis sair correndo dali e me esconder em meu quarto, longe de todas as pessoas. Porque eu era um monstro e não podia viver em sociedade. Era uma fura-olho. Estava cobiçando o namorado da garota.

Nossa.

Eu disse cobiçando mesmo?

NÃO estou cobiçando o Tales.

— Nunca entendi direito porque ele ficava com o cabelo preso. Assim ele quase vira gente — brinquei, batendo com o ombro no dele.

Milene riu e aproveitou o momento para ficar na ponta dos pés e deixar um beijo estalado na bochecha dele. Juro por deus que revirei os olhos.

— Fico devendo uma — falou ela, quando voltaram a andar. — Já achava ele bonito antes. Mas agora ficou um homão da porra.

Senti as palmas arderem e só então me dei conta de que tinha voltado a apertar as mãos em punhos. Aquela seria uma longa tarde.

— Vou agradecer se vocês pararem de falar de mim na minha frente. — Apesar do seu pedido, Tales não conseguia esconder que tinha ficado orgulhoso com o teor da conversa. — Grato.

— Nossa, Lelê, sabe do que eu lembrei? — ela perguntou, baixinho, só para ele ouvir. — Daquele episódio de *O Vestido Ideal*.

Não sei o que me matou mais: o apelido de extremo mau gosto ou o fato de que ele assistia *Discovery Home & Health* com ela. Mas, por sorte, tínhamos acabado de chegar na escola e meu ódio se transformou em empolgação outra vez.

Porque as rédeas finalmente estavam em minhas mãos.

Nunca soube muito bem para que direção andar. Sempre me achei diferente do resto do mundo, porque meu destino não estava definido. Pelo contrário, era como se meu caminho fosse envolto por neblina. Mas então, de alguma forma, eu consegui enxergar através da fumaça. E o caminho que tinha visto era incrível. Eu mal podia esperar para percorrê-lo.



SENTADA NA CAMA, INCLINEI O tronco para frente e afivelei as sandálias. Então me levantei para examinar minha imagem no espelho. Usava um vestido de cetim rosa bebê bem soltinho sobre uma camiseta branca. As sandálias de tirinhas eram as mais altas do meu guarda-roupa e não era por menos que eu tinha escolhido aquele par.

Soltei um suspiro pesado, aproximando-me do espelho para arrumar o batom, que tinha borrado um pouco embaixo. Era para eu estar animadíssima com aquele encontro. Heitor era de tirar o fôlego. E a noite prometia ser boa.

Em outras ocasiões semelhantes, eu estaria surtando a uma hora dessas. Andando de um lado para o outro, tentando pensar em como impressionar. No que fazer. Enfim... Estaria pensando nos mínimos detalhes. Provavelmente com o estômago embrulhado de tanto nervosismo.

Mas, naquela noite, eu não consegui focar minhas energias em nada disso. Não dava. A única coisa ocupando meus pensamentos era o curso de

cabeleireiro, que começaria na semana seguinte. A partir de então, minha vida mudaria para sempre. E eu nem me referia a longo prazo ainda.

Na semana seguinte já começaria uma rotina diferente. Para conseguir conciliar o curso com o trabalho, precisei conversar com a minha gerente e trocar de turno. Agora, quando Bruno e Thaís chegassem ao trabalho, eu estaria quase de saída. E então caminharía algumas quadras até o curso, que acabava às oito da noite. Todos os dias. O que significava que eu veria menos Tia Célia. Ou seja: as aulas mal tinham começado e eu só via vantagens.

Embora ainda estivesse um pouco cedo para ficar ansiosa, eu só conseguia pensar nos materiais que ainda precisava comprar. Assim como o uniforme que a escola pedia — camisetas e calças inteiras pretas, para manter o padrão. E, como minha mente era minha pior inimiga, não bastava ficar só empolgada, contando os dias para a semana passar logo. Não. Eu também precisava pensar em todas as coisas que podiam dar errado, só para pirar e ficar horas rolando na cama, sem um pingo de sono, quando era bombardeada por várias questões ridículas.

E se eu não tivesse nenhuma habilidade com a tesoura?

E se eu errasse todos os exercícios?

E se fosse tão ruim que a professora me daria um toque gentil?

E se acabasse machucando alguém?

Mas o pior de todos era: *e se eu descobrisse que também não era aquilo?*

Meu celular vibrou com a chegada de uma mensagem e me despertou para a realidade. Era Heitor.

cheguei ;)

tô descendo

Inspirei fundo, reunindo coragem. Aproveitei para borrifar um pouco mais de perfume (como se as vinte borrifadas anteriores não tivessem servido de nada) e alcançar minha bolsa sobre a cadeira da escrivaninha. Talvez o fato de não ter ficado tão nervosa fosse uma coisa boa, no fim das contas. Talvez precisasse ser sempre assim.

Mamãe estava na sala quando passei, vidrada em um filme qualquer do Tom Cruise correndo sem camisa. Ela não admitia para ninguém, mas tinha uma queda por ele.

Mamãe me olhou dos pés à cabeça, sem nem tentar disfarçar. Senti as bochechas esquentarem.

— Onde você vai bonita assim? — perguntou, com um bom humor

inabalável.

— Gostou? — Alisei a saia do vestido, e ela assentiu, com um sorriso orgulhoso. — Tô saindo pra jantar.

— Com o Tales?

Apesar de mamãe nunca esconder o quanto o considerava um ótimo pretendente (mesmo eu tendo explicado por anos que éramos apenas amigos), a pergunta tinha sido inocente. Afinal de contas, nós vivíamos grudados. Ao menos antes.

Levei alguns segundos para perceber isso e então neguei com a cabeça, sem deixar de sorrir.

— É um cara que conheci na feira de profissões. Sabe aquele filme de heróis que a gente foi ver no cinema? — Eu não parava de falar para todo mundo que ele parecia ter vindo de Wakanda. Só conseguia imaginá-lo todo pintado, pronto para o combate corpo a corpo. Comigo, no caso. — Que o vilão fazia uma cicatriz no peito pra cada pessoa que matava?

Era estranho conversar assim com ela, parecia que eu tinha quinze anos de novo e estava começando a desbravar a vasta selva do amor. Dava um pouco de vergonha. Eu costumava contar essas coisas só para o meu pai.

Fora que mamãe também não era do tipo curiosa, que queria saber tudo o que acontecia na minha vida e na de minhas irmãs. Contanto que estivéssemos bem, ela ficava feliz.

— Ahhh! Aquele bonitão? Que queria virar o rei?

Esqueci por um segundo que papai estava no décimo sono e dei uma gargalhada alta.

— Aham. Esse mesmo. O Heitor é a cara dele. Tem até o cabelo parecido... e também teve um probleminha com faculdades, igual a mim. Acho que vamos nos dar bem.

Mamãe ficou me olhando por um momento que pareceu uma eternidade. Ela mordeu o nó do dedo indicador, sem nem se dar conta, com os pensamentos longe. Heitor me esperava, mas eu não sabia muito bem se já podia sair dali. Aquela era uma situação muito fora do comum para mim.

— Então tá bom. Divirta-se. E boa sorte com o bonitão — falou por fim, mandando um beijinho no ar. Retribuí o beijo, mas antes que pudesse abandonar a sala, fui surpreendida por sua voz. — Chloe?

Virei de frente para mamãe outra vez, começando a ficar um pouco impaciente. Meu celular tinha vibrado outras duas vezes, e eu nem precisava olhar para saber que era Heitor.

Como ela não disse mais nada, encolhi os ombros, sem esconder minha confusão.

— Sim?

— É que... eu só... — Ela levantou, em um rompante, e percorreu a distância entre nós, buscando-me para um abraço. — Muito obrigada.

Fechei os olhos, aproveitando aquele momento, mesmo sem entender. Mamãe tinha cheirinho de lavanda, não importava a hora do dia.

— É... por que exatamente? — perguntei, perto do seu ouvido.

— Por ajudar Camille. Ela tava tão tristonha desde que recebeu a proposta... passou dias sem saber o que fazer. Eu sugeri a ela que conversasse com você. E foi mesmo a melhor coisa.

Mordi o lábio inferior, absorvendo a informação.

— Calma... foi você que falou?

— É, ué. Era uma proposta boa, mas ela tem um xodó pelo cabelo... achei que ia fazer bem conversar com a especialista. — Mamãe se afastou alguns centímetros e deu um sorriso largo que me quebrou por dentro.

Ela nem imaginava o quanto saber daquilo significava para mim.

— Eu disse pra ela fazer o que fizesse sentido. E se decidisse passar pela transição, eu estaria aqui pra ajudar — expliquei, embora desconfiasse que Camille já tivesse contado tudo.

— E deu certo. A postura dela mudou da água para o vinho. Antes parecia que estava indo pra guilhotina... — Mamãe abanou a mão no ar, deixando escapar uma risadinha. — Agora ficou toda animada.

— Que bom! Fico feliz mesmo em ter dado um empurrãozinho.

Mamãe pegou no meu cabelo, enrolando o dedo em uma molinha. Eu não entendia por que as pessoas tinham essa mania de pegar no cabelo dos outros, mas começava a me acostumar. Parecia que o mundo todo tinha decidido fazer isso nos últimos dias, de toda forma.

— E nem é só isso... acho que eu e sua tia temos pegado muito no seu pé, sabe. Eu gostava antes, não nego, mas gosto agora também. E é você que tem que escolher, né. Não somos nós que vamos carregar esse cabelo na cabeça.

— Ah, pronto. Agora vai tentar me fazer chorar antes do encontro, é? — ralhei, de mentirinha, só para tentar dissipar as lágrimas. Ela riu e me puxou para outro abraço.

Fiz toda a força do mundo para não chorar e borrar a maquiagem. Mas, no fundo, fiquei muito emocionada. Tinha passado tanto tempo ouvindo todo mundo implicando comigo e me sentindo o fruto podre da árvore. Por menor que fosse o gesto, foi como um carinho na alma. Depois de tanta coisa dando errado em minha vida, era bom ter um alento. Abraços quentinhos nunca fazem mal, ainda mais quando são abraços de mãe.

— Agora anda logo, ou o menino vai desistir de você.

Dei um beijo na bochecha dela, deixando a marca do batom. E então apertei o passo, temendo que Heitor fosse como Tales e odiasse esperar.

A noite me recebeu com uma brisa fresca deliciosa, que soprou meu cabelo para todas as direções. De dentro do carro, ele se inclinou para abrir a porta para mim.

Entrei e fui recebida pelo forte cheiro de cereja e cigarro de que me lembrava.

— Desculpa te fazer esperar — fui logo dizendo, enquanto me acomodava. — Juro que já tava pronta, mas minha mãe me chamou... e sabe como mães são, né?

— Não tem problema. Foi bom pra aumentar o suspense. — Heitor sorriu, pouco antes de me cumprimentar com um beijo na bochecha.

Ele era do tipo que beijava mesmo. Deixou minha pele úmida, mas não senti nojo. Até porque seria hipocrisia, dado o fato de que eu pretendia trocar saliva com ele muito em breve.

— Você tá muito bonita! — Ele beliscou uma pontinha do vestido e puxou levemente. — Essa cor combina com você.

Tales invadiu meus pensamentos. Meu amigo discordaria de Heitor porque, segundo ele, amarelo, sim, era a minha cor. E eu precisava concordar. Amarelo fazia um contraste muito bonito com a minha pele, e também com o azul do meu cabelo. Mas, ainda assim, gostei de saber que tinha acertado na escolha do vestido.

— Eu dei uma caprichada... — brinquei, aproveitando que ele tinha a atenção voltada para frente.

Heitor soltou uma risada gostosa, ligando a seta e enfim dando partida.

— Já posso saber pra onde vamos?

— Claro. Assim que chegarmos lá. — Seu tom foi petulante.

— Afff, como você é chato! Não se faz isso com uma pessoa curiosa.

Heitor encolheu os ombros, como se pedindo desculpa.

— Mas se eu contar agora não vai ter graça. Quem aguentou até agora, aguenta mais um pouquinho. — Ele apertou meu joelho de levinho. — Posso ligar a música?

Eu me arrepiei inteira.

Tales vivia pegando na minha perna quando queria fisgar minha atenção. Pensei nele fazendo o mesmo com Milene e foi impossível impedir a careta insatisfeita.

Mas não era Tales que estava do meu lado, e sim o próprio *Killmonger*. Eu não podia ficar pensando no meu melhor amigo se queria que as coisas dessem certo. Assenti com a cabeça, sorrindo, e preendi a respiração, com

expectativa. Morrendo de medo da música estar no último volume, ou coisas mais esquisitas. Do jeito que minha vida andava, eu não duvidava de nada.

Para minha surpresa (e alívio), era um hip hop e em um volume baixo, só para deixar o ambiente agradável.

— Se você quiser, tem outras coisas no *pendrive*... — Ele me olhou, com uma carinha linda de preocupação.

Comparando a outros encontros, as coisas já estavam mil vezes melhores. Mas, ainda assim, não queria criar expectativas. Joaquim tinha me provado que as aparências enganavam, e muito.

— Pode deixar. Eu gosto.

Heitor sorriu e voltou a atenção ao trânsito. O resto do percurso foi em um piscar de olhos. Como era meio de semana, as ruas não se achavam tão cheias, como estariam se fosse sábado, por exemplo.

Contei para ele que tinha decidido fazer um curso de cabelereiro que começaria na próxima semana e estava enlouquecendo de tanta ansiedade. Heitor achou superlegal, e nem foi fingido. Deu pra notar que ele se interessou de verdade. Até perguntou como eu tinha chegado à conclusão de que era isso que queria mesmo. Expliquei por cima minha relação com os cachos, e como tinha sido assumi-los em uma família que não curtia cabelos crespos.

— Porra, te entendo muito! — exclamou, pegando-me de surpresa.

E então explicou que tinha sido a mesma coisa em sua casa. A família odiava os dreads, sobretudo o pai. Vivia insistindo que Heitor não conseguiria um emprego sério enquanto não tivesse um *cabelo sério*.

Fiquei chateada por ele. Tia Célia nunca usou palavras tão duras, mas tinha o mesmo pensamento preconceituoso. Na verdade, acho que era o que ela tentava dizer nas entrelinhas.

Ficamos conversando sobre cabelos e nem vi o caminho passar. Em um piscar de olhos, Heitor estacionava em frente a um barzinho que eu ainda não conhecia. Mas as paredes de vidro e a iluminação indireta vinda lá de dentro sugeriam que era um lugar gostoso, e não um desastre como eu temia. Suspirei aliviada.

Ele pegou a carteira e o maço de cigarros do painel do carro e guardou no bolso traseiro do jeans caramelo que usava. Tentei imaginar que roupa Tales estaria usando, se fosse ele no lugar de Heitor. Então balancei a cabeça, repreendendo-me por não parar de pensar nele.

Sem aviso, Heitor passou a mão pelos meus ombros, guiando-me pela entrada. Meu coração foi parar na garganta. Era a terceira vez que ele tocava em mim, como se não fosse nada demais. O cara tinha atitude, isso já era um ponto bem positivo.

Descobri que ele tinha feito reserva e gostei ainda mais dele. Talvez a maldição enfim tivesse ido embora. Talvez *tivesse* a possibilidade de sermos compatíveis e as coisas darem certo.

Tratava-se um lugar muito intimista. Uma escolha certa para um primeiro encontro. A música ambiente quase não se fazia notar. Era um jazz gostoso que não falava de traições em hotéis, nem de baladas incríveis com muitas bocas para beijar. Nada disso, apenas um instrumental envolvente, como sempre deveria ser. Fora que tinha uma arquitetura toda moderninha, igual a ele. Paredes de cimento queimado, luminárias industriais, muito bronze e plantas para todos os lados.

Nossa mesa ficava em um lugar mais reservado e sem nenhuma janela ao redor. O que agradei aos céus. Não suportaria outro bêbado arruinando o clima. Sentei ao lado dele, para facilitar na hora do primeiro beijo. Afinal, era para isso que serviam os primeiros encontros, certo?

— E aí, o lugar tá aprovado? — perguntou, em tom de brincadeira, ao perceber a maneira como eu olhava ao redor.

— Muito! O suspense valeu a pena.

— Isso porque você não viu a comida ainda. Vai me agradecer depois — Heitor sorriu, todo orgulhoso, e acabei rindo dele.

Nossas risadas morreram no ar e um silêncio esquisito pairou sobre nossa mesa. Aquele era o meu maior terror quando se tratava de primeiros encontros. Sobretudo porque, na esperança de acabar com o silêncio, começavam os assuntos de elevador. “*Nossa, esquentou, né?*”, ou “*legal aquela feira em que nos conhecemos, né?*”. Coisa que eu evitaria o quanto pudesse. Por isso coloquei a cabeça para trabalhar, pensando em como podia quebrar aquele silêncio. Mas ele foi mais rápido.

— Você tem mais irmãos, ou só a Camille?

— Temos mais uma irmã. A Cíntia é a mais velha, eu sou a do meio e a Camille é a mais nova.

— Ah, você também sofre a maldição do irmão do meio?

Entreabri os lábios, surpresa por termos tanto em comum e, ao mesmo tempo, com medo de que fosse uma pegadinha. As coisas estavam indo tão bem que dava até um pouco de medo. Não queria me empolgar demais e acabar quebrando a cara, como sempre.

— Nossa, sim!!! Cíntia é advogada, inteligentíssima. A Camille é modelo, dizer que ela é bonita é redundante. E eu... — Ergui os braços no ar e os deixei cair com dramaticidade. — Bem, eu sou eu. Trabalho em um emprego que nem gosto e é isso.

Ele gargalhou, os olhos brilhando com intensidade. Acho que ele também

ficou surpreso com nossas semelhanças. Tinha a mesma mania de Tales, de bater palmas enquanto ria. Mas a risada de Tales era bem mais envolvente. Suas bochechas se projetavam para cima e davam a impressão de que ele fechava os olhos quando sorria. Seu rosto piscou diante dos meus olhos e suprimi um suspiro.

Não conseguia tirar aquele insuportável da cabeça. Nem mesmo assim ele me deixava em paz.

— Você resumiu minha vida. Eu tenho um irmão mais velho. Médico. O desgraçado passou em primeiro lugar no vestibular e nunca pegou uma DP. — Heitor esfregou o rosto, tentando esconder a frustração. — E minha irmã mais nova... nem dá pra acreditar que temos os mesmos genes, sabe? É injusto.

Neguei com a cabeça, rindo dele. Fiquei intrigada e curiosa para conhecê-la. Se ela conseguia ser mais bonita que ele, que já era o maior gato, então a menina devia ser uma mistura de Beyonce com Rihanna.

A garçonete veio nos atender, deixando um cardápio só. Agradei mentalmente pela ajudinha e aproveitei a deixa para me inclinar para perto dele (bem mais que o necessário).

— Quero uma caipirinha — falei, com um sorriso inocente para ele, que deu uma piscadela. E, contra minha vontade, acabei lembrando de outra pessoa. Argh!

— Hum... uma boa pedida. Mas acho que vou de chope mesmo. — Ele olhou para a garçonete, que anotava os pedidos na comanda. — A gente ainda vai escolher alguma coisa pra comer... você pode trazer as bebidas, por favor?

— Claro! — Ela assentiu e girou nos calcanhares, nos deixando sozinhos outra vez.

Usei a desculpa de que precisávamos escolher a comida para continuar pertinho dele. Heitor, ligeiro como era, passou a mão pelo encosto da minha cadeira, praticamente me abraçando. Meus joelhos tremeram com a proximidade.

— Você disse que seus pais pegam muito no seu pé...

— Nossa, e como! — Ele soltou uma risadinha desanimada.

— A minha sorte é que quem mais enche meu saco é minha tia. Ela vai todo dia lá em casa, mas é quase sempre quando tô no trabalho — tagarelei, só para não correr o risco de que o silêncio constrangedor voltasse a nos rondar. — Meu pai é quem mais me apoia. Se não fosse por ele, eu ficaria louquinha.

Heitor se afastou um pouquinho para me olhar nos olhos.

— Lá é o contrário. Meu pai tem o dom de deixar meu dia pior. Eu até evito ficar perto dele. — Ele apertou os lábios em uma linha fina. Sua expressão deixava transparecer o quanto aquele assunto era delicado. O quanto o chateava.

Eu entendia muito bem. Era frustrante ouvir tanta implicância de pessoas tão próximas. Mamãe, por exemplo, era bem menos indelicada do que tia Célia, mas ainda assim conseguia me deixar chateada se me pegasse em um dia ruim.

— Minha mãe é irmã gêmea dessa minha tia que vive me comparando com todo mundo. Então as duas são muito, muito próximas mesmo. Ela acaba indo na onda de tia Célia e falando algumas besteiras pra mim de vez em quando — confessei, sem saber *por que* contava tanto em nosso primeiro encontro. — Por isso acabei ficando bem mais próxima do meu pai. E já percebi que eu sou a filha favorita, o que é bom, só pra variar um pouco. Conto tudo pra ele. Coisas que nem sonho em falar pra mamãe.

Heitor abriu um sorriso bobo e ficou me olhando por alguns segundos, sem dizer uma palavra.

— O que foi? — Dei uma risadinha.

— Sua mãe é gêmea? Sabe o que dizem, né?

— Ah... o negócio de eu poder ter filhos gêmeos também? — Ele assentiu, alargando o sorriso. Abanei a mão no ar, descartando a ideia. — Ouvi isso só a vida inteira. Todo mundo me pergunta se já tô me preparando para ser mãe de gêmeos. Mas, olha, eu tenho mais duas irmãs. Não precisa ser eu. Inclusive, minha irmã mais velha tá grávida. Tô torcendo pra ser ela.

Pestanejei, forjando uma expressão inocente e rimos em uníssono. Heitor soltou um suspiro e seu olhar ficou distante por um momento.

— Na minha família, a única que me entende é minha avó — ele resgatou o assunto. Achei graça que Heitor *também* estivesse contando bastante de sua vida. Claramente partilhávamos de uma conexão incrível. Mas, mesmo assim, eu me recusava a criar expectativas. Confesso que cada vez ficava mais difícil. — Acho que somos igual você e o seu pai. Conto tudo pra ela. Tudo mesmo.

— Que fofo!

Bati com o cotovelo nele, de levinho, e acertei a costela. Trocamos um olhar cheio de significado por um momento e senti a atmosfera mudar. Dava para ver nos olhos dele que tocar ali tinha evocado uma porção de imagens interessantes em sua mente.

O que era muito bom.

Já fazia cinco meses de seca, afinal. E eu pretendia dar um jeito nela ainda aquela noite, se tudo corresse bem.

— Pois é... — Sua voz saiu rouca. — É avó materna. Ela me diz que desde quando nasci senti alguma coisa especial por mim. A gente sempre foi bem grudado, sabe?

Tracei desenhos no tampo da mesa com o indicador, sentindo o rosto

esquentar. Além de todas as qualidades, Heitor era sentimental. A maioria dos homens machistas não ousariam admitir, em um primeiro encontro, que era muito próximos da avó. Senti um friozinho na barriga ao pensar nisso. Estava tudo indo bem demais para ser verdade. Eu tentava não ser pessimista, mas não conseguia parar de pensar que, a qualquer segundo, a cigana apareceria no restaurante gritando “*arráaa*” e rindo da minha cara.

Para de ser boba.

— Que legal! E você contou pra ela que... ia sair comigo hoje? — provoquei, desviando o olhar dele para o cardápio.

Fui salva pela garçonete, que trazia nossas bebidas em uma bandeja. Mal esperei ela colocar a caipirinha na mesa e já aproveitei para dar um gole demorado e tentar dissipar a vergonha de ter agido como aqueles pedreiros que mechem com as mulheres na rua. Mas eu era a versão feminina.

— Já querem fazer o pedido?

— Ahn... na verdade ainda não escolhemos. — Encolhi os ombros, percebendo que não tínhamos sequer tentado. — A gente te chama, pode ser?

Ela sorriu e abandonou a mesa. Senti o olhar de Heitor queimar. Ele ficou me encarando fixamente depois do meu último comentário, mas a minha coragem tinha desaparecido.

— Voltando a sua pergunta... — Seu tom foi um pouco petulante. — Na verdade contei, sim. Quando a gente se conheceu, inclusive. E depois, quando nos encontramos.

Quase engasguei com a minha caipirinha. Com a mão trêmula, descansei o copo na mesa, enfim olhando para ele.

— Mesmo??? — Não consegui esconder a surpresa.

Eu não esperava.

Já tinha sacado que Heitor era direto, mas isso... isso era demais.

Se bem que nós tínhamos nos conhecido do jeito mais clichê das histórias de romance. Quem sabe também não tivesse acontecido outro evento bem clichê, o famigerado *amor à primeira vista*?

Será que ele estava perdidamente apaixonado por mim?

Será que ele já tinha contado para avó dele que eu era a mulher com quem ele se casaria? Futura mãe de seus filhos?

— Aham. Falei pra ela que conheci uma menina muito bonita na mostra de profissões e que não via a hora de sair com ela — Heitor falou, bem devagar, sem desviar os olhos dos meus. Abri um sorriso incrédulo. Meu ventre contraiu, e senti vontade de pular no colo dele ali mesmo. — E, pra ser honesto, ela está na torcida. Adorou você, acha que temos tudo em comum.

Meu sorriso amarelou um pouco.

Como assim me adorou?

— O que você andou contando pra ela? — brinquei, mas no fundo estava mesmo curiosa.

Heitor tinha o rosto escondido por trás do copo de cerveja, mas respondeu assim mesmo.

— Não precisei falar nada. — Ele encolheu os ombros. — Ela ficou encantada com o seu jeitinho. E também te achou linda. Assim como eu.

— Mas...

Minha voz morreu no ar.

Fiz uma varredura pela memória, tentando repassar todas as pessoas que eu conhecia e descobrir se alguma delas poderia ser a avó de Heitor. Mas, não. Não fazia o menor sentido. Se tivéssemos conhecidos em comum, já teríamos nos esbarrado há muito tempo.

Por desencargo de consciência, resolvi perguntar.

— Desculpa, minha memória é ruinzinha. Mas... não tô lembrada dela? A gente se conhece de onde?

Ele deu um sorrisinho sem graça, de quem não estava entendendo muito bem a pergunta. Mas o nó em minha garganta me pedia para insistir e descobrir do que diabos ele estava falando.

— Sua avó. Ela ficou encantada *comigo*? Como ela me conhece?

Sem nem tentar disfarçar, Heitor indicou o cardápio com o dedo.

— Esse salmão ao molho de maracujá é uma delícia. Gosta de peixe grelhado?

Pisquei os olhos algumas vezes, tentando entender que maluquice era aquela. Como ele podia jogar no ar a informação de que sua vó tinha ficado encantada comigo, como se não fosse nada demais, e depois tentar fugir do assunto?

Respirei fundo, tentando focar no que ele tinha falado. Eu teria tempo para tentar arrancar a informação dele. Faria o possível para que ele não recuasse.

— Gosto. — Forcei-me a sorrir, embora essa fosse a coisa que eu menos quisesse fazer no momento. — Vou confiar em você, que já conhece o lugar.

Alheio à minha mudança de estado de espírito, Heitor voltou a chamar a garçonete. Aproveitei para beber mais da minha caipirinha. O alerta interno tinha sido acionado, e eu sabia que só o álcool poderia me preparar para o pior.

Depois de lidar com um tarado de telefones, eu tinha até medo de que tipo de segredo Heitor podia estar escondendo de mim.

Para com isso, Chloe. Que droga!

Deve ser só um mal-entendido.

O cara é incrível e você já tá tentando minar as chances com ele. Eu, hein...

Respirei fundo, tentando agir com racionalidade. Heitor me encarava com uma carinha linda. Era a primeira vez que usava os dreads soltos, e ficava igualmente gato. Ele vestia uma camisa social, com as mangas dobradas até os cotovelos. Um homão da porra.

Eu conhecia Tales bem o suficiente para saber que jamais o veria vestindo uma roupa daquelas. Meu amigo só não ligava muito para isso e pronto. E, por mais bizarro que fosse admitir (ainda mais levando em conta que passei todos aqueles anos pegando no pé dele), tinha começado a *gostar* do seu estilo largadão.

— Você tava falando sobre sua avó, né? — retomei o assunto. Mas, temendo ser incisiva demais, acabei mudando o rumo. — Não tive a chance de conhecer meus avós maternos. Morreram antes de eu nascer. Só a Cíntia conheceu. Meu avô paterno morreu quanto eu ainda era bebê. Só tive contato com minha avó, mas ela já era beeem velhinha. Tinha Alzheimer. — Engoli em seco, mesmo depois de tantos anos, ainda era doloroso lembrar. — Então ela não sabia muito bem quem eu era. Morreu quando eu tinha uns oito anos de idade.

Ah, ótimo.

Agora dei para falar sobre meus parentes mortos com o cara que nem conheço.

— Cara... acho que você tem sorte. É meio horrível falar isso, mas sério. Foi muito foda me despedir dos meus avós. Enterrei três. Um tinha morrido antes de eu nascer também. — Heitor tomou três goles seguidos de cerveja e pareceu ficar um pouco ansioso em relação a segundos atrás. — Mas a morte que mais senti foi a da minha avó materna. Ela morreu há três anos e... nossa! Foi pesado. Fiquei depressivo, na real. Não conseguia aceitar que ela não estava mais ali comigo.

Tadinho...

Por que fui tocar nesse assunto agora?

Estiquei a mão para tomar a dele. Ficamos com os dedos entrelaçados, em um silêncio cheio de significado. Heitor acariciou as costas da minha mão com o polegar e, apesar do pior assunto possível para um primeiro encontro, gostei de saber que ele estava se abrindo comigo.

Era tão raro encontrar caras que não temiam relacionamentos.

Que não temiam expor as fraquezas.

Mas foi então que me ocorreu uma coisa. Um detalhezinho um pouco preocupante.

Ele disse que tinha enterrado três avós, porque um já tinha morrido

quando ele nasceu. Mas... a avó dele... a avó materna...

Oh, não.

— Você não tem mais nenhum avô vivo? — perguntei, bem devagar, morrendo de medo de ouvir sua resposta.

Heitor negou com a cabeça, e tomou mais três goles do chope.

Senti um calafrio descer pela espinha, ao mesmo tempo em que um balde de água fria era jogado na minha cara. *Mas que merda...?*

— Você tem uma avó adotiva? Ou de consideração? — arrisquei, esperançosa.

— É... não... — Sua resposta saiu em um sussurro sem graça.

Pela terceira vez, Heitor levou a caneca aos lábios e sorveu vários goles seguidos. Fiz o mesmo com a minha caipirinha, torcendo para que fosse brincadeira. Eu queria muito que ele caísse na gargalhada e admitisse se tratar de uma brincadeira.

— Hum. Então eu não... entendi — me ouvi dizer. — Se sua avó morreu há três anos. Como...?

— Tá bom. Não fica assustada comigo. Sei que muita gente não acredita, mas eu sou médium. — Heitor disparou as palavras, com certo desespero. — Mais ou menos um mês depois que morreu, ela apareceu pra mim pela primeira vez. Eu tava muito mal, sério. A gente ficou conversando por horas e, desde então, não passo um dia sem ver minha avó.

Meu pai amado...

Entreabri os lábios, olhando bem fundo nos olhos dele pelo que pareceu durar uma eternidade. Expirais de nervoso subiam pelo estômago, me paralisando. Heitor permanecia sério, com uma expressão tensa, como se implorasse, nas entrelinhas, para eu acreditar nele.

Ele *estava* falando sério. Cacete, ele conversava com a avó morta! Era *assim* que ela me conhecia. Fiquei tão perplexa que acabei caindo na risada sem nem entender o porquê. Tomei a cabeça para trás e gargalhei desenfreadamente. Meu riso era desafinado, quase parecia um choro, para ser honesta. Várias pessoas olharam para a nossa mesa, mas eu não consegui parar. Ri tanto que algumas lágrimas escaparam, deixando rastros úmidos nas bochechas.

— Você... tá... me tirando... — resmunguei, com a barriga doendo de tanto rir.

Heitor parecia chateadíssimo com a minha reação. Cruzou as mãos sobre a mesa, entortando as sobrancelhas para baixo.

— Não faz assim... tô falando sério.

— Ah, meu deus! — Gemi, limpando as lágrimas com um guardanapo. — É sério? Tipo, mesmo?

Heitor umedeceu os lábios, desviando o olhar.

— Eu consigo interagir com vários espíritos desencarnados, não só com vovó. Descobri minha mediunidade graças a ela, e... — Heitor soltou um suspiro exaurido. — Você nem tá tentando disfarçar a descrença, Chloe.

Neguei com a cabeça, sentindo-me péssima.

— Desculpa. É só que... nossa. É a primeira vez que conheço um médium? — Precisei morder a bochecha por dentro para não cair na risada outra vez. E nem era por achar engraçado. Queria rir de nervoso.

Um silêncio esquisitíssimo avançou sobre nós. Mas, dessa vez, nem achei ruim. Na verdade, até preferia. Era muito melhor do que avós mortas que continuavam aparecendo e que me achavam encantadora. Que horror.

Heitor bateu com os punhos fechados na mesa, frustradíssimo.

— Você tem o direito de não acreditar. Eu também não sabia de nada disso até ver com meus próprios olhos. Eu só... só quis te contar por que... sei lá. Senti uma conexão muito forte. A gente é bem parecido em várias coisas.

Segurei a base do nariz, tentando pensar no que fazer. Em como agir.

Eu não queria que ele ficasse chateado. Também tinha sentido uma conexão. Mas aquilo era demais para mim. Não dava. Eu jamais conseguiria olhar para Heitor sem lembrar da avó morta. Imagine tentar transar sabendo que um fantasma estava nos espiando? Não. Não ia rolar.

— Quer dizer então que você vê gente morta? O tempo todo? — perguntei, por fim. Ele assentiu, parecendo desconfortável. — E tem gente morta aqui nesse restaurante? Agora?

— Tem, ué.

Heitor deu de ombros, como se não fosse nada demais.

Meu queixo caiu.

— Tem gente morta aqui?!

— Para de falar assim. É ofensivo. São almas desencarnadas.

— Desencarnadas porque morreram — rebati, perplexa. — Tem alguma sentada aqui com a gente?

— Na verdade, tem duas. Aliás, uma tá bem do seu lado.

Meu coração perdeu uma batida. Apertei o guardanapo de tecido com força e, o mais devagar possível, virei o tronco para o outro lado, temendo encontrar alguém ali, inteiro ensanguentado e muito pálido, como em *O Sexto Sentido*.

Caramba, eu me metia em cada uma...

No entanto, encontrei apenas um lugar vago, como já era de se esperar. Mordi o lábio inferior, percorrendo o barzinho com o olhar. E, de repente, tudo me pareceu meio triste. Meio... inadequado.

Eu não *devia* estar ali. Não tinha nada contra o fato de ele ter uma relação com sua avó morta, nada contra suas crenças. Mas eram dele, afinal. E não minhas. Não faziam muito sentido para mim. Não tinha como dar certo desse jeito. Afastei a cadeira bem devagar, sem conseguir olhar para o lado. Era uma pena, porque Heitor *era* um cara legal.

No entanto, o problema era eu. Só eu. Eu precisava parar de tentar projetar coisas que estavam dando errado na minha vida em outras pessoas. Buscar alguém para me completar, para ser o meu salvador.

Porque, no fim das contas, as mocinhas das comédias românticas não precisavam de ninguém. O amor era só algo à parte, para somar. Elas já eram completas sozinhas.

— Foi mal... — Encolhi os ombros, jogando o guardanapo em cima da mesa e levantando. Heitor estava arrasado, os olhos brilhando além do normal. — Eu... só que... tá tudo errado. Tô procurando as coisas erradas, é por isso que nunca acho.

— Calma aí, Chloe. Não vai, por favor. — Ele ameaçou me segurar pelo braço, mas sua mão ficou congelada no ar. — Droga... É por causa do que te falei? Eu... a gente não pode fingir que essa conversa nunca aconteceu? Só por enquanto.

— É e não é. É porque... — Soltei um suspiro exausto. — Minha vida não é uma comédia romântica, Heitor. E eu preciso lidar com isso.

12



UM NOBRE DO SÉCULO PASSADO

ABANDONEI O RESTAURANTE COMO SE estivesse carregando chumbo nas costas. Apesar do encontro esquisitíssimo com aquele que tinha sido o melhor pretendente dos últimos tempos, eu não estava triste. Não como teria ficado poucas semanas atrás. Mas agora, com a cabeça tão ocupada com o curso, assim como todas as promessas de um futuro maravilhoso me espreitando, era difícil sobrar espaço para qualquer outro pensamento.

Eu só me sentia cansada. De perder tempo, de rodar e rodar sem conseguir sair do lugar. Cansada de continuar insistindo em uma coisa que estava acabando comigo. Tudo por pura teimosia. Meti na cabeça que precisava me apaixonar. Que era assim nas comédias românticas. Mas se minha vida fosse um filme de romance, eu não teria acabado de ouvir o cara que deveria ser, muito provavelmente, o mais bonito da cidade, afirmando que mantinha contato com sua avó morta há três anos.

Minha nossa, o que eu estava fazendo com a minha vida? Como tudo foi chegar naquele ponto?

Esfreguei o rosto. Não queria voltar para casa. Não ainda. Não era nem justo. Tinha me arrumado toda, estava com o meu melhor vestido, isso sem contar no cabelo e nas horas gastas para finalizá-lo. Peguei um punhado de cachos e levei ao meu nariz, inspirando profundamente o perfume de coco.

Então me empertiguei inteira ao lembrar de um lugar, não muito longe dali. Na verdade, era perto o bastante para uma caminhada, mesmo naqueles saltos enormes. O Bar Tolomeu costumava ser o lugar favorito, meu e de Tales, antes de ficarmos velhos para essa coisa de virar a noite bebendo. Nunca fomos muito de farrear, mas logo que completamos dezoito anos, parecia um desperdício não aproveitar a facilidade para beber.

Por isso, aquele acabou virando nosso point. O que hoje correspondia à

panquecaria Casa da Vó. Os anos passaram e as prioridades se transformaram. Já contava um bom tempo desde a última vez em que estive lá e, por isso mesmo, pareceu o lugar certo para ir naquela noite.

Àquela altura do campeonato, estava farta de incomodar meu melhor amigo com as minhas desventuras amorosas. Enfiei na cabeça que faria exatamente como ele — só contaria quando fosse um relacionamento relevante. Até lá, não faria mal algum guardar para mim.

Soltei um suspiro de desânimo, enquanto virava a esquina para a avenida onde o Bar Tolomeu ficava. Ajeitei a bolsa no ombro e aproveitei o restinho do trajeto para arrumar o cabelo. Se fosse para entrar no bar e beber até cair pelo relacionamento frustrado antes mesmo de começar, que fosse com classe.

Quando estava prestes a entrar, um gatinho roliço com a pelagem branca e cinza chamou minha atenção. Estava sentado no meio fio, distraído com o movimento da avenida. Seu rostinho acompanhava os carros indo e vindo, como se nada mais o importasse no mundo.

Fisquei o lábio inferior, sendo inundada por uma onda de fofura. Até que não seria má ideia morrer solteirona, em uma casa com vinte gatinhos adoráveis como aquele. Sem pensar muito bem, me aproximei em passos suaves para não o assustar. O gatinho mexeu as orelhas, ouvindo o toc, toc dos meus saltos, pouco antes de torcer o pescoço para me encarar.

— Oi — cumprimentei, com a voz fininha que se usa para falar com bebês e animais. — O que você tá fazendo aqui sozinho?

Um casal passou por mim, em direção ao bar, e não poupou um olhar estranho. Eu parecia aquelas malucas dos gatos, que mal podem ver um que já querem agarrar e encher de beijinhos. Eu parecia a Felícia.

— Sua namoradinha também conversa com a avó morta dela?

Agachei ao lado dele, segurando meus próprios joelhos para me equilibrar.

O gato ficou me encarando, com os olhos alaranjados e, juro por deus, uma expressão de quem me achava uma louca de pedra. Mas não moveu um músculo para sair dali. Tampouco voltou a encarar o trânsito.

— Minha noite foi horrível. Quero dizer... tava indo tudo bem até Heitor começar com aquele papo louco de mediunidade. Gente, eu devo ter um ímã pra caras desajustados. Que coisa, né?

O gato continuou quieto. O que fazia sentido, porque era só um gato, afinal.

Cheguei mesmo ao ponto de desabafar com um animal. Que ótimo.

Soprei o ar dos pulmões pela boca, e estiquei a mão para deixar uma carícia como agradecimento pela companhia. Mas nem tive chance de relar nele.

O gato pulou em mim com tudo, como se quisesse me atacar. Soltei um berro desafinado, morrendo de medo de ele me devorar viva ou algo do tipo. Acabei perdendo o equilíbrio e caindo para trás com tudo. O problema é que estava muito perto do meio fio e, quando minha bunda chocou no chão de concreto da calçada, deslizei um pouquinho para trás e caí de novo, acabando deitada no meio da rua.

— Caralho, viu — resmunguei, o rosto quente de vergonha.

Tomei impulso para levantar e procurei o gato assassino. Ele já estava do outro lado da avenida, sentadinho como quando o encontrei. E me encarava com uma expressão serena, quase parecendo um gato dócil. Pena que caí na dele.

Nem com gato eu tenho sorte.

Pelo jeito vou ser só solteirona mesmo.

Esfreguei o bumbum onde tinha batido, mancando para dentro. O segurança parecia usar todas as forças para não cair na risada. Mas nem tive energia para ficar brava com ele. Eu merecia. Tinha sido patético e bem na frente do Bar Tolomeu.

Olhei ao redor e descobri que o lugar estava lotado. Segui em direção ao balcão do bar, que tinha algumas banquetas vagas. Meu coração apertou até ficar do tamanho de um grãozinho de areia enquanto eu arrastava o banco para sentar. Era tão nostálgico estar ali. As luzes roxas, conferindo um ar todo psicodélico; as paredes pretas repletas de quadros grandes de bandas de rock e luminosos de neon; a estante enorme logo atrás do balcão, que ia do chão até o teto, com bebidas multicoloridas em suas prateleiras de metal.

Apoiei os cotovelos no balcão, sem ligar mais para a classe. Minha dignidade tinha ficado lá fora, com a voadora que o gato me deu. Sem contar que ninguém ali me conhecia. Com sorte, nunca mais esbarraria com nenhuma daquelas pessoas.

Eu merecia um encontro comigo mesma.

Merecia apreciar minha própria companhia, tal como Tales sempre tentava enfiar na minha cabeça.

Fiz um gesto com a mão para chamar o garçom, um homem grisalho e bem charmoso.

— Um uísque sem gelo, por favor.

— Uísque? — perguntou, um pouco cético, e olhou por cima do meu ombro, como se procurasse meu namorado. — Escolha inusitada...

— Ahn?

— Uísque não é bebida de mulher... — comentou, com um sorrisinho petulante, mas notei que estava começando a me servir.

— E existe isso? — perguntei. — Bebida pra cada gênero. Achei que

fosse só pra *beber* e pronto. Não sabia que tinha a ver com genitais?

O barman me entregou meu uísque, o sorriso tinha dobrado de tamanho.

— *Touché*. Acho que me expressei mal. Quis dizer que as mulheres não costumam muito pedir uísque.

— Nem eu. — Dei de ombros, tomando uma golada generosa. Senti impulso de retorcer meu rosto, porque, nossa, era horrível. Não queria dar o braço a torcer. — Mas a ocasião pede.

Ele pegou um pano esquecido no balcão e o torceu distraidamente.

— Dia ruim?

— Já tive piores... *vários* deles. — Suspirei, dando outro gole. — Então isso aqui é meio que o resultado da soma de todos. — Balancei o copo de leve.

Ele sorriu, assentindo com a cabeça. Mas não teve a chance de responder nada, pois alguém o chamou na outra extremidade.

Para ser sincera, eu *odiava* uísque. Achava que tinha gosto de madeira e sempre acabava preferindo outras bebidas. Mas, naquela noite, precisava mesmo de algo forte. Não tinha mentido para o barman. Depois do meu encontro com a cigana, as coisas saíram do controle. Tentei segurar a barra o quanto pude, só que uma hora a conta chegava. A minha tinha chegado naquela noite. E isso antes de ser atacada por um gato demoníaco. O que me lembrava muito um episódio de *Friends* em que *Phoebe Buffay* acreditava que um gatinho de rua era sua avó.

Deus do céu, talvez aquele gato fosse a avó morta de Heitor! Que horror.

De toda forma, lembrava de papai bebendo uísque em casamentos e formaturas (obviamente não as minhas) e o quanto ele ficava alterado rapidinho. Era *disso* que eu precisava.

Balancei o uísque dentro do copo, tentando parecer sabichona. Mas só depois da mulher ao meu lado lançar um olhar esquisito foi que me ocorreu que era com vinho que as pessoas faziam isso. Dei de ombros, levando o copo à boca e tomando um generoso gole. Fiz como remédio e tomei sem respirar, para não sentir o gosto. O que era um pouco ridículo. O barman ficaria decepcionado se soubesse o quanto estava sendo difícil pôr aquela madeira líquida para dentro.

Saquei o celular da bolsa e aproveitei para pegar um elástico de cabelo e amarrar meus cachos para cima, como um pompom azul turquesa. A noite estava abafada e eu suspeitava que a bebida em minhas mãos já estivesse agindo em meu sangue, porque, de repente, pareceu que eu estava prestes a morrer derretida.

Debruçada sobre o balcão, excluí todos os aplicativos de relacionamento do celular. Estava farta. Achei que com Heitor daria certo porque nos conhecemos *naturalmente*, como diria Tales. Mas nem isso. Eu estava fadada a um destino solitário, já tinha aceitado a ideia. Além do mais, cheguei à

conclusão de que Tales estava certo (que ele nunca me ouvisse dizendo isso): eu não encontraria ninguém enquanto continuasse procurando feito doida. Essas coisas não eram assim. O amor devia ser igual quando perdemos as chaves em algum lugar da casa — quanto mais você procura, mais desesperado fica. E quando simplesmente desiste, descobre que elas estavam no bolso da sua jaqueta o tempo todo.

Não que eu fosse encontrar o amor no bolso da jaqueta... enfim. O fato é que eu tinha aprendido minha lição. Ninguém podia dizer que eu não tinha tentado.

Fiz um sinal para chamar o barman. Ele deu um sorrisinho antes de se aproximar. Estava secando um copo quando parou em minha frente, do outro lado do balcão.

— Vê outro desse, por favor? — pedi, empurrando meu copo vazio para frente.

— Pelo jeito foram vários dias ruins mesmo — brincou, tomando meu copo na mão.

— Você nem faz ideia.

— Acredite ou não, mas eu ouço muita coisa no trabalho... — Ele deu de ombros. — Sou quase um terapeuta.

— Um terapeuta de bêbados — murmurei, e ri da minha própria piada. Para minha surpresa, ele também riu.

— Aqui — falou, entregando minha bebida. E um cartão magnético junto. — Tinha esquecido da sua comanda.

Assim que ele se afastou, levei o copo aos lábios imediatamente. Constatei que o uísque ficava bem melhor no segundo copo. Talvez fosse igual cerveja e levasse algum tempo até o paladar se acostumar. Talvez eu até me tornasse uma dessas pessoas que bebe uísque e fuma charuto... era chique.

Imersa em meus próprios pensamentos sobre charutos, quase morri do coração quando mãos se fecharam ao redor da minha cintura. Dei um pulo no lugar, os pensamentos correndo na velocidade da luz. Primeiro achei que fosse Heitor. Depois pensei que podia ser só um cara bêbado sem noção de espaço pessoal. Mas então senti um perfume conhecido e, antes mesmo de girar o tronco para trás, já sabia quem era.

Tales sorriu quando nossos olhares se encontraram. Fui atingida em cheio por um sentimento que nem ao menos soube interpretar. Alívio por ele estar ali, talvez. Mas isso não explicava por que a falta de ar, tampouco o coração disparado. Decidi não pensar mais nisso e escondi o rosto por trás do copo.

— Não esperava te encontrar aqui — comentou, deixando um beijo na minha testa antes de arrastar a banqueta do lado para mais perto de mim e sentar

nela.

— Nem eu... já faz tanto tempo, né?

Tales assentiu, passando a mão pelo cabelo e jogando-o para trás. Os fios escorreram suavemente, parecia um comercial de xampu. Fisguei o lábio inferior, sem conseguir falar uma palavra. Fiquei enfeitiçada. E pensar que ele manteve aquele cabelo lindo preso por tantos anos... que desperdício.

— Não era pra você estar com o Hélio? — perguntou, apoiando o cotovelo sobre o balcão, de frente para mim.

Dei de ombros, sem nem saber por onde começar a explicar.

— Digamos que não deu certo — falei simplesmente, depois de uns minutos de um silêncio esquisito.

Sem pedir, Tales pegou o copo da minha mão e cheirou, abrindo um sorrisinho torto bem desconcertante.

— Nossa, pra ter chegado ao ponto de pedir uísque, deve ter sido foda mesmo.

— O que posso dizer? Minha vida é essa loucura... — brinquei, pegando o copo dele outra vez.

Nossos dedos esbarraram, como em milhões de outras vezes, mas naquela noite, *alguma coisa* aconteceu. Senti todas as terminações nervosas. O sangue se concentrou inteiro lá, ainda que tocar Tales não fosse nenhuma novidade. Eu nem sabia que podia sentir tanta coisa com um roçar de dedos.

Ele fez um gesto para chamar o barman.

— Eu quero um desse, por obséquio — pediu, e seu olhar se perdeu por um momento pela estante enorme atrás do balcão.

Só então percebi que Tales estava diferente. Uma expressão abatida tomava suas feições. Parecia exausto, como há muito eu não via. Quando Tales começou a conciliar trabalho e faculdade, ele vivia com olheiras e a mesma cara de morto de agora. Mas não sei. Não parecia ser um cansaço físico, e sim emocional. Parecido com o que eu sentia.

No entanto, nem tentei investigar a razão. Não agora. O conhecia bem o bastante para saber que estava fazendo o máximo para não deixar transparecer seu humor. Todo cheio de sorrisinhos tímidos e movimentos que faziam nossos braços roçarem um no outro.

— Gosto do seu cabelo assim — falou ele, olhando para o meu pompom sobre a cabeça. — Consigo ver mais o seu rosto.

— Hum... valeu! — Sorri, esticando meu uísque para um brinde.

Apesar da música alta, consegui ouvir o tilintar baixinho quando ele bateu seu copo no meu. Tales deu um longo gole, fechando os olhos por um segundo.

— Por que veio aqui hoje? — perguntei, curiosa.

— Sei lá... é um daqueles dias em que eu precisava de você. Mas não queria incomodar, porque você tava com o Henrique. Daí lembrei desse lugar. E... hum... fez sentido vir aqui.

O meu sorriso era tão grande que minhas bochechas até doeram. Senti uma onda enorme de afeição. Estiquei a mão para alcançar a sua. Novamente, tive consciência de cada centímetro de sua pele tocando a minha.

— Eu também! — exclamei, maravilhada com a nossa conexão. Anos de amizade e Tales ainda me surpreendia. — Você é um copião mesmo, hein?

— Foi mal. — Ele encolheu os ombros, me olhando com uma carinha de cachorro sem dono que me deixou com o coração apertadinho. — Você me deixou mal-acostumado...

— Quê? — perguntei, divertida, com o rosto escondido no copo.

— Fico desorientado sem sua presença.

Tales balançou a cabeça, perdendo o olhar pelo bar de novo. Aproveitei a oportunidade para estudá-lo. Vestia as mesmas roupas de sempre. Mas, ao contrário das outras vezes, não me incomodou em nada. Nem pareceu ridículo, como eu costumava achar. Na verdade, eu não conseguia entender *por que* fiquei tão incomodada por tanto tempo.

Eu nem acreditava que estava pensando isso, mas, nossa, ele estava lindo demais. Tipo, mesmo. Se não nos conhecêssemos, eu provavelmente ficaria a noite inteira lançando olhares sugestivos para ele. E, se isso não fosse o suficiente para que ele tomasse a iniciativa, então eu mesma tomaria.

— E então... vai me contar por que não deu certo com o Hermes? — perguntou, de repente.

Esfreguei meus próprios braços, tentando reunir coragem. O álcool começava a se manifestar. As coisas estavam ficando mais leves, mais fáceis. O ambiente mais agradável. A luz roxa parecia supernatural. Se eu estivesse em uma das comédias românticas que tanto amava, aquele seria o ponto alto da história.

— Juro que não criei expectativas.

Tales tombou a cabeça para trás, gargalhando bem alto e batendo palmas, daquele jeito que só fazia quando a piada era muito boa. Minhas bochechas ficaram quentes, mas fingi não me importar.

— Você? Não criou expectativas? Ah, tá.

— Idiota! — Revirei os olhos, batendo com o meu joelho no dele. E, estranhamente, o mesmo fenômeno da mão aconteceu.

Um calafrio subiu pela perna, e fui obrigada a me remexer para lidar com o calorão que veio de uma só vez.

— Bom... vamos lá... — Tales cruzou as mãos sobre o balcão, encarando-me meio de lado. — Ele não é muito adepto a banhos e você descobriu isso da pior maneira?

Foi minha vez de gargalhar.

Eu adorava aquele jogo.

— Heitor era bem cheiroso, na verdade. — *Mas não tanto quanto você*, quis completar.

— Já sei! O *Hugo* confessou que tem um fetiche bizarro por pés. — Não pude deixar de notar que ele insistiu no nome errado. Ainda mais porque ele deu certa ênfase no erro. — E pediu pra você dar uma sapatilha velha pra ele cheirar — Tales falou, em meio a risadinhas travessas, e então escondeu o rosto por trás do copo de uísque.

Observei seu pomo de adão se movendo enquanto ele bebia e cocei minha própria nuca, sem entender o que estava acontecendo comigo. Nem consegui rir da piada, de tão desconcertada que a imagem me deixou.

— N-nada de pés nem de sapatilhas sujas. E, credo, que nojo!

Ele riu, segurando a base do nariz para pensar.

— Ele é casado e te convidou para um ménage com a esposa dele?

— Afff, essa é típica — eu ri, massageando minhas têmporas para ver se o juízo aparecia —, mas não... ele não tinha nada de esquisito. Era um cara bem legal, na verdade. Até me contar que a avó dele, que morreu há três anos, é sua melhor amiga. E que ela superaprovara o nosso futuro lindo. E que seus amigos mortos estavam sentados com a gente no restaurante — atirei as palavras de uma só vez, e fiquei sem fôlego no final.

Tales entreabriu os lábios, sem esconder a surpresa. Passou as mãos na barbinha rala e permaneceu me encarando, como se esperasse o momento em que eu começaria a rir e confessaria se tratar de uma piada. Mas não era. Por isso, só me restou afundar o rosto no copo e matar seu conteúdo.

Era impressão minha ou as imagens começavam a ficar borradas?

— Isso é sério? — sussurrou.

— Infelizmente, sim. O cara parecia ter vindo de Wakanda, era lindíssimo...

— Então ele realmente era um bom partido — brincou, mas seu sorriso não acompanhou os lábios.

Fiz um gesto para chamar o barman e nem me dei ao trabalho de dizer nada. Apenas balancei o copo vazio no ar. Tales me observou com uma expressão divertida.

— Mas tá tudo bem — murmurei, voltando a me apoiar no balcão. — De verdade. Tô com a cabeça no curso. No futuro. Não preciso disso agora.

Tales negou com a cabeça em um movimento quase imperceptível, os olhos cinzas brilhando com intensidade.

— Você nunca precisou. — A intensidade em suas palavras foi tamanha que senti minhas bochechas queimarem.

— Eu sei... você entendeu.

— Não me leve a mal, mas não entendi, não. Nunca consegui entender, Chloe. Você sempre fez tudo o que queria e quando queria. Seu cabelo é um exemplo... — ele falou com cuidado, como se pisasse em ovos. — E de repente... ficou com essa neura de namorado. Como se só isso pudesse mudar sua vida.

Desviei o olhar porque não aguentei aquelas luas prateadas me encarando de volta. Eu nunca conseguiria explicar para ele, não conseguia explicar nem para mim mesma. Só sabia que fazia sentido. Por alguma razão maluca, agarrei-me à ideia de que isso daria uma guinada em minha vida. E *tinha* dado. Não do jeito que eu queria, mas tinha.

Talvez eu precisasse conhecer a cigana para cair na real. Talvez isso fosse o que realmente importava: minha felicidade não dependia de ninguém. Bom... não sei. Talvez só fosse o uísque me deixando muito otimista, mesmo.

— Sei lá o que deu em mim — admiti por fim. — A crise dos 25 é real. Mas depois de todo esse surto... acho que estou voltando ao normal.

— Que bom. — Tales abriu um sorriso largo que me deixou sem chão. — Tava com saudade da minha amiga.

Ele ergueu o próprio copo outra vez, sugerindo outro brinde. Dei risada e fiz o que ele queria.

— Um brinde aos velhos tempos — falei, pensando no bar que costumávamos ir e também no fato de que tínhamos nos encontrado ali sem querer.

— Aos velhos tempos — ele repetiu e, nesse exato momento, alguns fios de cabelo caíram sobre os olhos.

Tales deu uma jogadinha com a cabeça, tentando afastá-los. Mas não conseguiu. Por isso teve que usar a mão para ajeitar. Suprimi um suspiro, e tentei disfarçar o fato de que estava praticamente babando por ele.

— Adoro seu cabelo — me ouvi dizendo, para o meu terror, sem saber exatamente o motivo.

Talvez tivesse chegando na perigosa fase em que o álcool soltava a língua. O que era uma droga, porque eu não queria acabar falando demais. Não queria admitir aqueles sentimentos inéditos nascendo. Não queria admitir que andava pensando em Tales de um jeito diferente, e bem mais do que eu gostaria.

— Parece aqueles modelos sexys e bem estilosos que desfilam sem

camisa e com cara de bravos — continuei falando, porque claramente não ligava nada para a minha dignidade.

Cobri os lábios com as mãos, querendo morrer de vergonha.

Mas, para o meu alívio, Tales ficou ainda mais mortificado que eu. Suas bochechas ganharam um tom rosado muito fofo enquanto ele tentava disfarçar bebendo um pouco de uísque.

Ele se empertigou e limpou a garganta.

— Sempre me questioneei o porquê da sua preferência por ele solto.

Mordi o lado de dentro da bochecha para não cair na risada. Ele parecia um senhor quando ativava seu lado formal, por alguma razão que me fugia.

— Ah... porque é lindo — admiti. — E também porque parecia que você estava se escondendo. Igual eu me escondia antes... na progressiva. E foi tão libertador assumir quem sou. Queria isso pra você também — Tales me encarava com pura admiração. Ficava anos mais jovem com aquela cara. — Fora que... não sei. Sentia que no fundo você também queria ele solto. Só não tinha coragem.

Ele apoiou os braços nos joelhos e o rosto ficou perigosamente próximo do meu.

— Tá me chamando de covarde na cara dura, é? — Ele abriu um sorriso levado.

— Não. Só tô dizendo que precisava de um empurrãozinho — expliquei. — Você não manteria o cabelo comprido pra viver com ele preso. E não estaria com ele solto até agora... você gosta. Se reconhece assim.

E, como se minha mão tivesse vida própria, estiquei o braço e toquei em seu cabelo, encaixando uma mecha atrás da orelha. O toque era sedoso. O dedo deslizava facilmente pelos fios negros. Eu não queria tirar a mão de lá.

Mas precisava.

Caramba, o que tá acontecendo?

Tá cada vez mais difícil manter minha boca longe da dele.

Com muito esforço, o soltei. Tales desceu as pálpebras, como se também estivesse usando toda sua força para não fazer alguma coisa de que pudesse se arrepender.

Descontei minhas frustrações na minha bebida. Não havia nada melhor que álcool na corrente sanguínea para fugir dos problemas. Esqueci, por um momento, que não se tratava de remédio, pois bebi três goladas fartas.

— Ei, ei, ei! — Tales segurou meu punho, afastando o copo da minha boca com delicadeza. — Vai devagar aí. Não vou cuidar de ninguém depois.

— Nem se eu me vomitar *inteeira*? — Arregalei os olhos, chocada.

Minha fala começava a ficar embolada. Uísque era poderoso mesmo. Ou

talvez eu tivesse herdado de papai a baixa resistência para essa bebida. Além do mais, as coisas mais bobas me davam vontade de rir. E a maioria nem tinha graça.

— *Principalmente* se você se vomitar inteira.

— Você é um *péxiimo* amigo.

Tales riu baixinho, colocando meu copo pela metade sobre o balcão e o empurrando com a ponta dos dedos até estar fora do meu alcance.

— Quer que eu peça uma água? — perguntou, acariciando as costas da minha mão com o polegar. — Ou um suco de laranja?

— Um suco seria... interessante. Pede sem açúcar, por favor?

— Eu sei. Te conheço há um tempinho, lembra? — provocou e, como resposta, mostrei a língua.

Sua mão continuou acariciando minha pele com delicadeza. O polegar ia e voltava, suave, carinhoso. Soltei um suspiro, pensando nele com Milene. E no quanto devia ser cuidadoso em seu beijo, apaixonado, calmo. Pensei em suas mãos enterradas nos cabelos dela, em uma carícia suave e branda. Senti uma pontada intensa no meio das pernas e, no mesmo instante, um caroço gigante se formou em minha garganta.

— Você quer saber o que eu acho...? — perguntei de repente, e me aprumei inteira.

Tales arregalou os olhos, assustado com meu tom um pouco mais alto que o necessário.

— Sobre o quê?

— Ahnn? — indaguei, confusa.

— Você perguntou se quero saber o que você acha. Mas sobre o quê? — explicou, todo paciente.

— Ahhh, sim. — Estiquei o dedo em riste, assentindo. — Foi mal. O que eu acho sobre a Milene. Sabe a Milene? Aquela menina tatuada e moderninha que você namora?

Tales franziu o cenho, formando vincos na testa. Ele cruzou os braços sobre o peito, encarando-me com atenção.

— Ok. Tô com um pouco de medo de perguntar... mas lá vai: o *que* você acha sobre a Milene?

Eu sabia que existia uma chance gigantesca de eu me arrepender daquela conversa no dia seguinte. Mas que mais podia fazer? O álcool é como uma chave para a caixa de pandora. Uma vez que é aberta, não há mais o que fazer. Eu precisava colocar para fora ou acabaria enlouquecendo.

— Tudo bem... vou me *odiaaaaar* por falar isso. E talvez você também. Mas... tô mortinha de ciúmes, Tales. Mor. Ti. Nha — concluí, apoiando um

cotovelo no balcão.

Seu olhar se iluminou. E, mesmo com a visão enturvecida pela bebida, podia jurar que o brilho por trás de seus olhos era pura petulância.

— Hummm... — Ele coçou o pescoço, fingindo pensar a respeito. Mas o sorriso torto o denunciava. — Ciúmes? — Assenti. — Dela? — Assenti de novo. — Por quê? Você me conhece há bem mais tempo. Sabe que ninguém pode tirar isso de nós.

— Por quê?! — Expirei o ar dos pulmões, atordoada com a pergunta que parecia óbvia. — Sei lá... vai ver que é porque eu quase não te vejo mais. E preciso te dividir quando saímos juntos. E você conta da minha vida pra uma desconhecida. E... é... — *Beija essa desconhecida. Abraça. E faz outras coisas mais*, quis concluir, mas me segurei. Isso já seria demais.

— Acho que é isso que namorados fazem, de modo geral.

— Esse é o problema! A Milene é legal e linda. Mas, nossa... — Me odiei um pouco mais por falar igual ao bêbado do bar em que Joaquim me levou, por isso tentei consertar. — Tá bom. *Tuuuudo* bem, vou abrir o jogo com você. Não sei lidar com isso, Tales. Não sei. Parece errado você com outra pessoa. Eu pensava que era porque eu ainda tô solteira, mas não é nada disso. E nem sei apontar o que é.

— Então tenta — ele pediu, com um pouco de urgência.

Fomos interrompidos por um momento quando meu suco de laranja chegou. Brinquei com o canudinho e respirei fundo para me munir de coragem.

— Acho que no fundo só é *muuuito* estranho te ver com outra pessoa. Eu me acostumei a sempre ter você só pra mim. Tento ficar feliz porque você merece e a Milene é uma menina legal... — Massageei as têmporas, tomando um gole do suco. Estava tão azedo que foi impossível não fazer uma careta. — E eu não tenho ninguém. Tento buscar uma relação igual a nossa em outra pessoa. O que é ridículo, porque a gente se conhece há tanto tempo... e construímos isso durante todos esses anos.

Argh, cala a boca, Chloe!

Vai acabar falando demais!

— Olha... eu não sei por que, só sei que me incomoda muito. Vou precisar trabalhar isso, por enquanto não tá sendo fácil... — Mordisquei o lábio inferior com nervosismo. Apesar de minhas palavras serem sérias, elas soavam de uma maneira patética, pois eu embolava a língua o tempo todo. Eu faria o bêbado babaca parecer sóbrio.

Tales permaneceu bem sério. As íris passeando por mim sem me entregarem o teor de seus pensamentos. Ele inspirou fundo, estalando a língua com frustração.

— Tudo bem. Nem precisa esquentar mais com isso.

— Como assim? Por que não?

— A gente terminou. Essa noite. Foi por isso que resolvi vir pra cá.

Ele bateu com as mãos nos próprios joelhos e deu um sorrisinho desanimado. Meu queixo caiu. De uma só vez, fui nocauteada por remorso. Que *timing* péssimo o meu. Tinha falado aquele monte de bobagens quando deveria tê-lo ajudado.

Agora eu entendia a razão de Tales parecer soturno quando chegou.

— *Caraaaamba*. Sinto muito. Como você tá?

— Melhor que ela... — Ele desviou o olhar para os próprios pés. — Fui eu que terminei.

— *Oiii?* — Não consegui segurar. — Aconteceu alguma coisa? Porque se aconteceu, deixa comigo. Eu quebro a cara dela por mexer com o meu melhor amigo.

Tales soltou uma risada baixa, os ombros balançaram de levinho. Mas ele não subiu o olhar para responder.

— Não aconteceu nada, fica tranquila. E só... não *quebra a cara* dela, por favor! — Ele ergueu o rosto e lançou a piscadela que era sua marca registrada. Caímos na risada juntos.

— Mas então por quê...? — Dava para notar que ele não estava muito confortável para tocar no assunto. Não ainda. Mas era mais forte que eu.

Encolhendo os ombros, Tales deixou o olhar se perder pelo bar.

— Só me dei conta de que não gostava dela *assim*... — Meu amigo umedeceu os lábios, provavelmente revivendo as memórias recentes. — Não parecia certo continuar. Ela tinha entrado de cabeça. E... sei lá. A tendência era se entregar cada vez mais. Enfim. Não tô muito a fim de falar sobre isso agora, a gente pode mudar de assunto?

— C-claro — balbuciei, ainda tentando digerir a informação. — Mas você sabe que eu tô aqui, né? Se quiser conversar... *quando* quiser.

— Eu sei.

Tales sorriu e terminou de beber seu uísque. Um silêncio pesado se expandiu entre nós por alguns minutos. Ele abriu a boca para falar quando uma mulher tropeçou nos próprios saltos e se segurou nos ombros dele para não cair, parando com o rosto a pouquíssimos centímetros de distância. Ela levou alguns segundos para conseguir se firmar e só então o soltou. Mas não sem antes engoli-lo com os olhos. E nem tentou disfarçar.

— Ah, oi! — Ela abriu um sorriso cheio de dentes. — Valeu, hein.

— Mhmmm — Tales murmurou algo que não consegui compreender.

— Quê? — Seu sorriso dobrou de tamanho. Ela era do tipo de pessoa que

tem total consciência do quanto é bonita.

— Eu disse que não há de quê — Tales respondeu, assumindo seu tom formal, que só aparecia de vez em quando.

Dava vontade de pedir para ele limpar a baba escorrendo. Seus olhos iam e voltavam do decote farto da garota à sua frente. E ela nem ligava. Na verdade, parecia querer que ele olhasse exatamente lá.

— A gente já se conhece? — perguntou ela, piscando os olhos em uma tentativa de parecer forçar a memória para lembrar.

Afffff.

Essa é velha.

Tales não pode cair nessa.

— Não me recordo... — Ele fispou o lábio inferior, esfregando o braço em movimentos robóticos e tímidos. — Se não estou equivocado, acho que não?

Estreitei os olhos, confusa por ele estar daquele jeito formal.

Isso costumava acontecer comigo, de vez em quando. Normalmente quando nos tocávamos, ou eu pedia a opinião de alguma roupa...

O tempo que ele levou para responder foi o suficiente para que ela pegasse um lápis de olho da bolsa e logo em seguida um guardanapo de papel no balcão. Ela escreveu um número de telefone bem grande, embaixo de Hellen.

— Que coisa. Achei que a gente se conhecia. Mas não tem problema. A gente se conhece agora, então. — Ela piscou para ele. E não foi nem de longe tão sexy quanto a piscadela de Tales.

Hellen esticou o braço e entregou o guardanapo. Quando Tales o pegou, ela se inclinou e roubou um selinho. Foi tudo muito rápido, mas o suficiente para fazer meu sangue ferver.

QUEM ELA PENSA QUE É?!

Antes mesmo que ele pudesse responder, Hellen girou nos calcanhares de uma maneira bem graciosa — como se fizesse isso o tempo todo —, fazendo com o que o vestido e o cabelo voassem no ar. Engoli em seco.

Olhei para Tales, e ele continuava boquiaberto. Claramente não tinha nem conseguido entender o que acontecera. Apenas ficou lá olhando para a frente sem enxergar nada.

— Mulheres que tomam a iniciativa são realmente muito... ahn... desconcertantes. Fiquei intrigado com essa Hellen — murmurou, com a coluna super-reta, como se fosse um nobre do século passado.

Eu ainda estava um pouco ofendida por ela ter roubado um beijo dele na minha frente. E o pior é que tinha ignorado completamente a minha existência. E se eu fosse a namorada dele, ou algo do tipo?

Não era o caso. Mas mesmo assim.

Estalei o dedo em frente ao rosto dele, um pouco emburrada.

— Dava para encher um balde com a sua baba — resmunguei.

— Confesso que ela era muito formosa. E atrevida. Fiquei sem fala.

— Gente, por que você tá falando como se viesse direto do passado? — perguntei, sem paciência. — E ficou todo durão e esquisito.

Tales balançou a cabeça, acordando de um transe. Seus ombros relaxaram. Ele olhou para o guardanapo em suas mãos e depois para mim.

— Acho que foi culpa dela. — Ele deu um sorriso tímido. — Você viu aquela mulher?

— Era impossível não ver, né? Ainda mais com ela grudada na sua cara.

— Sempre fico meio sem jeito com mulheres bonitas e daí começo a agir e falar todo estranho — brincou, roubando meu suco sem nem me pedir. — Acho que não sei bem o que fazer.

Observei o bico que Tales fez para beber o suco pelo canudinho e me imaginei mordendo aqueles lábios finos e corados que ele tinha.

— Sempre fica meio sem jeito... — repeti, deixado as palavras morrerem no ar.

Então me ocorreu uma coisa. Uma ideia surgindo de fininho e se expandindo.

Lembrei de todas as vezes em que Tales agiu assim comigo. Todas as vezes em que ele ficou formal e robótico. Perdi o fôlego.

Ele também gostava de mim!

Calma aí...

Também.

O que significava que *eu* gostava dele?

Ah, minha nossa, eu gostava do meu melhor amigo. Tinha me apaixonado por ele. Como isso foi acontecer? E por que agora?

Quero dizer, já fazia tanto tempo que a gente se conhecia. Eu até entenderia se fosse no começo, quando Tales ainda era novidade. Mas agora? Eu o conhecia como a palma da minha mão.

E talvez fosse exatamente por isso.

Mordi o lábio inferior, com o coração quase saindo pela garganta. De repente, fui assolada por uma profusão de sentimentos. Medo era o maior deles. Gostar de Tales era assustador. Mesmo que agora ele estivesse solteiro. Eu não sabia nem se era prudente gostar do melhor amigo. Depois vinha uma excitação por perceber que ele sentia algo por mim. E, agora que eu tinha parado para pensar nisso, tudo começava a fazer mais sentido. A maneira como, de uns tempos para cá, ele começou a fechar a cara quando eu falava de um *crush*. E como errava de propósito o nome dos caras com quem eu estava saindo.

Meu deus. Meu deus. Meu. Deus.

O que eu vou fazer?

Eu devo fazer alguma coisa?

Tales estava distraído secando a tal de Hellen do outro lado do bar para perceber que o sangue tinha se esvaído do meu rosto. E que eu hiperventilava, prestes a cair dura a qualquer momento.

Olhei para ele com atenção. O maxilar quadrado, o queixo largo. O nariz fino e empinado, conferindo um ar um pouco arrogante para meu melhor amigo. As sobrancelhas retas e espessas. Os olhos enormes e cinzentos, quase transparentes de tão claros. A cicatriz entre o lábio e o nariz um pouco escondida pelo bigode. Tentei lembrar de antes, quando eu não o achava lindo de morrer. Porque agora isso parecia quase impossível.

Eu me perguntava como, *como* não pude perceber a maneira como Tales me arrancava o fôlego. Como não pude perceber os pequenos detalhes bem na minha cara. Suas piscadelas, seguidas pelos sorrisos meio tímidos, meio safados. A maneira como ele passava as mãos pelo cabelo, empurrando-os para trás, só para que depois caíssem em cascatas suaves. Ou o seu perfume delicioso, amadeirado, masculino, com notas orientais. Parecia canela. Não sei. Minha única certeza era de que bastava Tales se aproximar para que eu revisasse os olhos, inspirando profundamente.

Oh, céus.

No que eu fui me meter?

— Que foi? — ele perguntou, de repente, repousando a mão na minha coxa, pouco acima do joelho.

Ao simples gesto, meu coração perdeu uma batida. Meu estômago embrulhou. Um calafrio intenso desceu pela coluna, arrepiando os pelinhos da nuca.

— Que foi o quê?

— Você tá me olhando com uma cara estranha. E faz um tempão. — Tales tinha o cenho franzido. Sua expressão era pura preocupação. — Não vai vomitar em mim, né?

Soltei uma risadinha exasperada.

Se ele soubesse...

— Não. Pelo menos acho que não — falei bem devagar, enquanto tentava bolar uma desculpa para o fato de que tinha sido pega no flagra. — Você tá com uma sujeirinha aqui, ó... — Lambi a ponta do indicador e usei para esfregar a sujeira imaginária de sua bochecha.

— Eca, Chloe! — Ele afastou minha mão, rindo. E então, sem perceber, fechou os dedos ao redor do pulso, acariciando a parte de dentro com o polegar.

— Fazia tempo que eu não te via assim.

— Assim como?

— Bêbada.

— Ah. É bom às vezes — falei, sem conseguir parar de mirar para os lábios corados. — Uma das únicas vantagens de ser adulto, se quer saber minha opinião.

Tales parece ter notado para onde eu mirava, porque, em um segundo, seu corpo enrijeceu todo e ele apertou ainda mais a força nos dedos. Os polegares pararam de se mover pela pele sensível atrás do pulso e lamentei por isso, porque estava muito bom. Ele fisgou o lábio inferior, sem nem se dar conta, e senti uma comichão intensa no final da barriga.

A tensão era quase palpável. Corria pela minha pele, fazendo tudo formigar. Entreabri os lábios, enfeitiçada. Eu só precisava me inclinar um pouquinho e percorrer a distância entre nós. Só um pouquinho. E então saberia qual era o sabor do seu beijo. E teria suas mãos em mim, deixando tudo em brasa por onde passassem.

Eu não sabia apontar o que era tudo aquilo que eu sentia. Só sabia que era muito intenso, muito grande, muito maior do que eu podia comportar. Eu nem ao menos entendia. E, por isso mesmo, fiquei apavorada. Lembrei da cigana, da maldição, e de todas as coisas que tinham dado errado desde então.

Tales significava muito para mim. Muito mais do que uma paixonite. Ele era o meu melhor amigo e eu não podia colocar tudo a perder por um desejo que chegou de fininho. Ainda que esse desejo fosse esmagador e me deixasse em combustão. Ainda que, a cada segundo, fosse mais e mais difícil não cobrir sua boca com a minha. Ainda que eu estivesse louca para arrancar sua camiseta, só para passar os dedos pela tatuagem em seu peito. E depois a língua.

Mas ele não fazia ideia de nada disso. Porque, sem desviar os olhos dos meus, me puxou bem devagarinho para mais perto. Engoli em seco, sentindo o mundo girar. Eu *também* queria. Como queria! Mas precisava pensar com calma. Precisava resolver tudo antes de arriscar perder a pessoa que mais me importava no mundo inteiro.

Minha mão tremia de levinho. Tales soltou um dos punhos para acariciar minha bochecha com as costas da mão. Foi leve, gentil, sem pressa. E, mesmo assim, deixou minha pele fervendo. Era como se ele tivesse o poder de despertar cada terminação nervosa do meu corpo. Eu não sabia lidar com tudo aquilo.

Estava difícil focar nele. O mundo girava muito depressa. Eu estava perdendo o equilíbrio. Só conseguia pensar na cigana. Em nós. Em todos os meus encontros indo por água abaixo.

Tales mirou em minha boca. Estávamos próximos o suficiente para que

sua respiração morna alcançasse minha pele. Ele ia me beijar. Caramba, ele *ia* me beijar. Eu precisava fazer alguma coisa. Mas não conseguia, porque, droga, o mundo tinha virado um borrão.

Senti espasmos fortíssimos e a boca salivou além do normal. Antes que entendesse o que estava acontecendo, virei meu rosto na direção contrária e vomitei.

No meio do bar.

Pela visão periférica, notei o barman me olhando com uma expressão divertida, como se soubesse que isso era só uma questão de tempo.

— Ah, cacete, Chloe. Eu sabia! — Tales gemeu, frustrado, mas já estava se levantando para me amparar. — Vamos, eu te levo pra casa.

Eu nem ao menos consegui sentir vergonha pelo vexame. Não senti nada. A única coisa passando pela minha cabeça era que eu tinha vomitado logo depois de perceber que estava apaixonada por ele. Uma evidência de que, graças à maldição, nossa relação estava fadada ao fracasso a partir de agora.

E isso era uma coisa que eu não podia permitir.

13



NÃO QUERIA ATRAPALHAR



DESCASQUEI O ESMALTE COM NERVOSISMO, encarando o relógio sem parar, louca para sair logo do trabalho e resolver aquela bagunça com Tales. Fazia dois dias que tínhamos nos encontrado no Bar Tolomeu e tudo mudou. Desde então, nós mal trocávamos mensagens um com o outro. E, quando trocávamos, eram esquisitas, como se fôssemos desconhecidos com zero de intimidade.

Em parte, eu culpava isso ao fato de quase termos nos beijado. Quase *mesmo*. Faltou um triz para atravessarmos aquele caminho irreversível. Depois, como se já não fosse o bastante, eu fiz o favor de vomitar. No meio do bar. Não tinha como ficar pior.

Era estranho, mas a vergonha me consumia toda vez que eu lembrava de nossas bocas a pouquíssimos centímetros de distância. Meu rosto queimava intensamente, mas nem fazia sentido. Porque eu continuava sem conseguir parar de pensar em Tales. Não mais como um amigo. Deus, não! Só conseguia pensar naquele cabelo lindo, que eu queria puxar. E naquela boca corada, em que eu queria deixar várias mordidinhas. Depois vinha a tatuagem no peito, as mãos de dedos compridos... Eram muitos detalhes enlouquecedores. Talvez esse fosse o real motivo de eu não conseguir olhar para a cara dele e nem agir com naturalidade — havia um elefante gigantesco entre nós.

Mas, por outro lado, também não queria que as coisas continuassem esquisitas. Não queria que, aos poucos, nos afastássemos por causa do que tinha acontecido. Pelo contrário. Eu não podia *imaginar* ficar longe de Tales. Que droga. No que eu tinha me metido?

Era tudo muito delicado. Eu estava apavorada. Queria ele como jamais quis outra pessoa. Só que o preço era muito alto. Se as coisas não saíssem como o esperado, eu perderia um amigo. Não tinha certeza se estava disposta a colocar nossa amizade em risco.

Esfreguei o rosto, frustrada. E então conferi as horas no relógio mais uma

vez, bem a tempo de flagrar Bruno e Thaís trocando sorrisinhos e piscadelas. Eles nem conseguiam disfarçar o quanto estavam felizes e apaixonados. A cena me roubou um sorriso, ainda que sorrir fosse minha última vontade naquele momento.

Rasguei um pedacinho de papel e rabisquei um bilhete para ela.

*vc's são muito fofinhos
exijo ser madrinha dos filhos lindos que vão ter
(espero que sejam the monios, mas the monios muito bonitos)*

Thaís riu baixinho e depois amassou o papel, para não correr o risco de nosso bilhete ser interceptado outra vez.

— Prometo que você vai ser a madrinha do filho mais velho. E de casamento também. — Ela fez um coração com as mãos e mandou um beijinho no ar. Eu já estava voltando para o meu cubículo quando ela se empertigou de repente. — Ah, me lembra de te falar uma coisa na saída, tá?

— O que vai ser daqui a — olhei para o relógio — dez minutos.

— É que precisa ser depois que o Bruno foi embora — ela sussurrou.

Uni as sobrancelhas, confusa, mas assenti.

Passei o restinho do expediente imaginando qual seria a pauta da nossa conversa. Mas, de todas as coisas que passaram pela minha cabeça, nenhuma chegou perto do que realmente era:

— Calma... o quê? — perguntei, já no ponto de ônibus, sem esconder a surpresa. — Bruno te chamou pra uma apresentação de pole dance?

— Pois é! Eu também tive essa reação. Nunca fui em nenhuma. Mas acho que vai ser legal, né? — Ela torceu uma mexa de cabelo, dando de ombros. — Ele me disse que vai usar só um shortinho bem curto. Mais nada. O que parece beeem interessante, se quer saber minha opinião. — Thaís abriu um sorriso safado.

— Depois me conta. E tenta tirar foto, porque tô muito curiosa. — Thaís arqueou as sobrancelhas. — Não pra ver ele só de shortinho. Tô curiosa com o pole dance, no caso.

Ela bateu com o ombro no meu, revirando os olhos.

— Não vou precisar tirar foto e nem te contar. Queria muito que você fosse comigo. Vai poder ver com os próprios olhos.

— Hummm... quer que eu veja seu crush só de shortinho, é? Todo flexível na barra?

— Quero. Preciso de alguém lá comigo, porque não sei bem como agir. Até conhecer o Bruno, nem sabia que os homens faziam pole dance.

— Nem eu — admiti. — Quando é?

— Sábado que vem. Começa as sete, mas pelo que ele me explicou, é meio longinho. Tava pensando em trazer minhas coisas e me arrumar por aqui mesmo. A gente divide um táxi depois.

— Tá bom, pode ser — respondi, distraída com o celular.

Não parava de olhar as notificações, esperando uma mensagem de Tales, só para ter certeza de que as coisas estavam bem entre nós. Eu odiava não saber como agir com ele, porque, droga, Tales era a pessoa com quem eu mais me sentia à vontade no mundo inteiro.

Suspirei, desanimada, ao descobrir que não havia nenhuma. E eu nem sabia como puxar assunto, já tinha esgotado as tentativas. Depois de comentar sobre o tempo, perguntar da faculdade dele, contar alguma história qualquer do trabalho e perguntar sobre a nova temporada de MasterChef Brasil, eu tinha esgotado as minhas cartas na manga.

Thaís me observava com atenção. Quando nossos olhares se encontraram, ela crispou os lábios. Eu tinha contado tudo para ela. Sobre a cigana, Milene, os *dates* fracassados, meu encontro com Tales no bar. Até mesmo que rolou um clima que foi interrompido quando passei mal. A única parte que preferi omitir foi o fato de que tinha me dado conta de que gostava dele. E não só como amigo. Até porque, amigos não pensavam uns nos outros fazendo coisas que não exigiam roupas. Mas, de toda forma, eu acho que ela era esperta o suficiente para ligar os pontos e tirar suas próprias conclusões.

— Nada? — perguntou, com um tom complacente.

— Não. — Chutei uma pedrinha do asfalto para a rua. — Queria voltar o tempo e ter escolhido outro bar... só para as coisas não ficarem esquisitas entre nós.

— Acho que isso era inevitável... sei lá, pelo jeito que você sempre fala dele e tudo mais. Tenho a impressão de que só faltava vocês dois se darem conta.

— Afff, nada a ver, Thaís. — Cruzei os braços sobre o peito, fugindo do seu olhar. — Foi uma coisa de momento. A gente tava bêbado... acabou pintando um clima. Mas sei lá.

— Aham, sei.

— Enfim. Vou lá agora pra conversar com ele e colocar um ponto final nessa palhaçada. — Avistei o ônibus que ia para a casa de Tales descendo a rua e dei sinal com o braço. — Eita, tenho que ir. Hoje vou naquele.

— Tá bom. Depois me conta tudo. Quero saber o desfecho dessa história, hein? — Thaís abanava a mão no ar, como uma miss. — E, Chloe? Boa sorte.

Entrei com um sorriso no rosto, que só foi desaparecer depois que eu achei um lugar vago no fundão. Passei todo o percurso imaginando como seria nossa conversa. Destruí todo o meu esmalte, de tanto nervosismo. O que era ridículo, porque aquele era Tales, a pessoa que vivia grudada comigo há mais de dez anos. Mas, ao mesmo tempo, eu sabia que tudo estava bem diferente. E não podia ignorar isso.

Pulei do ônibus com os joelhos fracos de adrenalina. A cada passo em direção ao apartamento de Tales, mais vontade eu tinha de virar as costas e sair correndo.

Essa não é uma boa ideia.

Para com isso, Chloe.

Mas ignorei todos os pensamentos e me mantive firme em minha decisão. A falta que ele fazia era maior do que qualquer vergonha ou receio. Eu só queria resolver as coisas para que pudéssemos voltar a implicar um com o outro sem parar e assistir reality shows de gosto duvidoso juntinhos.

Toquei o interfone antes que acabasse mudando de ideia. Foi Vinícius quem atendeu.

— É a Chloe! — Mal terminei de falar e a porta já tinha sido aberta com um estalo alto.

— Pode subir — ele respondeu, em um tom amigável.

É agora ou nunca.

Sequei as mãos na calça. Estavam molhadas de suor, coisa que só acontecia quando eu ficava muito nervosa. Assim que entrei no elevador, lembrei de Tales elogiando o meu cabelo preso e, um pouco sem pensar, juntei os cachos para cima, prendendo-os no topo na cabeça. Meu rosto queimou de vergonha por isso, mas nem liguei. Não tinha problema nenhum em querer que ele me achasse bonita.

Quando desci no andar deles, Vinícius me esperava com a porta aberta. Estava recostado no batente, os braços cruzados sobre o peito nu.

Suspirei, e de repente me senti muito cansada.

Ele me cumprimentou com um beijo na bochecha e abriu espaço para mim.

— Você tá sumida...

Vinícius se atirou no sofá, escorregando no encosto até quase ficar deitado.

— Nem fala. — Dei uma risadinha baixa e esfreguei meu braço. A situação me deixou totalmente sem jeito. — É até por isso que vim meio de surpresa. Queria matar a saudade.

Não era de todo mentira, mas eu não queria aborrecer Vinícius com a

história toda.

— O Tales ainda não chegou. — Ele passou as mãos pelo cabelo. — Mas pode ficar à vontade. Não acho que ele demore.

Perdida, olhei ao redor do apartamento e mordi uma lasca de unha. Não fazia sentido ficar ali com um Vinícius seminu, se o meu propósito era me resolver com o Tales.

Percebendo meu estado de espírito, ele uniu as sobrancelhas, preocupado.

— Tá tudo ok? — perguntou, ao mesmo tempo em que apontava o controle para a televisão e colocava o programa no mudo. Era *Eu não sabia que estava grávida*, a propósito.

— Na verdade, não. Tá tudo uma bagunça. Não sei o que fazer. — Ergui as mãos no ar e as deixei cair ao lado do corpo.

— Uma bagunça...?

Respirei fundo, percorrendo a distância até o sofá e me sentando no braço.

— Com o Tales. Com a minha vida... sei lá. Acho que tô apaixonada por ele, Vinícius. E eu já falei tantas vezes que tava apaixonada antes, que agora parece que não é nada, é só uma coisinha de momento. Mas dessa vez é *de verdade* e eu não sei o que fazer. Porque não posso colocar tudo a perder com ele, entende? Ele é meu melhor amigo. Nossa amizade vale muito. Vou enlouquecer, é isso.

— Eita... — Vinícius tinha os olhos arregalados. Ele assoviou baixinho e foi um pouco para o lado no sofá, batendo com a mão no espaço vago. — Quer... conversar?

Assenti e escorreguei ao lado dele. Mas não consegui encontrar a voz. Meu coração martelava intensamente e as mãos tremiam de levinho. Eu não conseguia entender o meu corpo. Todos aqueles sentimentos eram novidade.

— Ok, vamos por partes. Você... tá a fim do Tales? — Concordei com a cabeça. — E como... como descobriu isso?

Mordi o lábio inferior, dando de ombros.

— Acho... que já sabia há algum tempo. Uma dessas coisas que a gente sabe sem saber, sabe?

Ele gargalhou, como se me achasse uma maluca. E talvez eu fosse mesmo.

— Você falou igual a ele, agora — explicou, quando conseguiu parar de rir. — Enfim... foi mal. Pode continuar.

— A gente se encontrou sem querer no dia em que ele terminou com a Milene. Eu tinha saído com um cara aquela noite e também não deu certo.

Vinícius assentiu, sem nem piscar.

— Eu sei. Ele contou.

— *O que* exatamente ele contou? — Arqueei as sobrancelhas, pensando em nosso quase beijo.

— Hummm... deixa eu ver... — Ele esfregou o rosto. — Disse que você bebeu demais, gorfou e ele precisou te levar pra casa. Só. Ele não é muito de *contar* as coisas.

Soltei o ar dos pulmões, meio rindo. Eu entendia bem. Era difícil arrancar as coisas de Tales. E eu só conseguia porque a) era muito insistente e b) o conhecia como ninguém.

— Bom, não importa. Eu acabei percebendo que gosto dele nessa noite. E acho que ele percebeu isso também. Que gosto dele, no caso — disparei a falar, de modo que as palavras se atropelavam umas nas outras. — Mas fiquei pensando bastante nisso tudo e me dei conta de que eu já *sabia* antes. No subconsciente... sei lá. Foi quando comecei a ficar obcecada em arrumar um namorado. Do nada. Fiquei atirando pra todo lado, me *apaixonando* por uma pessoa diferente a cada semana. E, no fundo, acho que só pra fugir do que tava na minha cara. — Abracei meus próprios joelhos. — Afff... não sei se faz sentido. Que bagunça!

Vinícius ficou algum tempo digerindo tudo. Com as mãos cruzadas em frente ao rosto, seu olhar ficou perdido por um momento até que ele se empertigou, com o cenho franzido.

— Calma. Por que acha que ele sabe? O Tales é meio tapado.

— É porque eu... — Esfreguei a nuca, relutante em admitir. Mas depois de tudo o que já tinha falado, isso parecia fchinha. — A gente quase se beijou.

— Ahhh! — Suas sobrancelhas arquearam. — Eu já suspeitei mesmo que ele fosse a fim de você. Já até perguntei, na real. Ele nega até a morte. — Ele deixou escapar uma risadinha debochada. — Mas então não entendi muito bem qual o problema?

— Como assim?

— Você gosta dele, ele gosta de você. Vocês são amigos há um tempão... se curtem. Acho que tem tudo pra dar certo?

Soltei o ar dos pulmões, frustrada, e massageei as têmporas, decidindo se contava ou não a outra parte da história. Se Vinícius ainda me achava mais ou menos normal, isso mudaria drasticamente depois que eu falasse sobre o que estava me tirando o sono.

— Vinícius... eu não sou louca, tá? — me ouvi dizendo. Ele uniu as sobrancelhas outra vez, sem esconder a dúvida. — É que aconteceu uma coisa. Uma coisa que dificulta bastante tudo. Quero dizer, em uma situação normal, eu já acharia arriscado colocar minha amizade em prova. Mas... eu esbarrei com

uma cigana.

Ele arqueou as sobrancelhas, encarando-me com uma expressão de quem achava que era brincadeira.

— Uma... *cigana*?

— É. E eu fui meio escrotona com ela — ficava cada vez mais difícil continuar contando. A expressão dele era impagável. Parecia prestes a cair na risada. Acho que Vinícius estava convivendo muito com Tales, porque tinha adquirido o dom de ser tão insuportável quanto.

— Hum. E daí ela jogou uma maldição horrorosa em você? Pra você aprender uma lição? Tipo nos contos de fada e tudo mais?

Revirei os olhos, ao mesmo tempo em que mostrava o dedo do meio para ele.

— Vá pro inferno, Vinícius. Tô falando sério, poxa!

— Quê?! — Ele fisgou o lábio, fazendo um esforço notável para não deixar a gargalhada escapar. — Não, por favor, não me diga que foi isso mesmo.

— Foi, tá? Foi isso. — Cruzei os braços sobre o peito, sem esconder o quanto estava ficando brava com sua falta de empatia. — Não tenho culpa. Ela queria ler minha mão, fiquei com medo. Daí ela jogou uma praga. — Vinícius abriu a boca para debochar um pouco mais, mas apontei o dedo em riste para ele e caprichei no olhar ameaçador. — Olha, eu também pensei que era bobeira. Mas daí tudo começou a dar errado. E não foi coincidência. Fui rejeitada até por um gato!!! Tem noção da força dessa praga? Vinícius, eu juro por deus, se você der uma risadinha eu quebro sua cara.

Ele assentiu e então assoprou o ar pela boca, como se não rir fosse a coisa mais difícil do mundo. Levou alguns segundos para sua expressão endurecer e ele ficar todo sério.

— Também não precisa ficar brava.

— Tô aqui abrindo meu coração e você nem tenta acreditar. — Meu tom foi manhoso. Ele abriu um sorriso complacente que me fez sair um pouco da defensiva.

— Ok. Deixa eu ver se entendi... Você tá com medo de se envolver com o Tales porque acha que a maldição vai fazer tudo dar errado? É isso?

Estalei a língua no céu da boca.

Caramba, era difícil ser tão incompreendida. Pelo menos, quando contava as coisas para Thaís, ela não fazia aquela cara cética, como se eu estivesse afirmando que sabia falar com animais, ou algo do tipo.

— Não acho, tenho certeza. Eu vomitei quando a gente tava prestes a se beijar. Foi um aviso! — Puxei uma almofada do sofá, colocando-a sobre o colo e brincando com a costura só para não precisar encarar Vinícius. — Esse é meu

maior medo. Não posso perder o Tales. Prefiro abrir mão de tentar ter algo mais do que acabar sem nada. A amizade dele é muito importante.

— Mas, Chloe... isso é meio injusto — Vinícius colocou a mão sobre a minha. Foi bem rápido. — Ele não devia poder escolher também?

— Eu sei que é injusto... não queria que as coisas ficassem desse jeito, mas aconteceu. A cigana acabou com a minha vida. — Apoiei o queixo nas mãos e fiquei olhando para o nada, pensando em meu futuro obscuro. — E o pior é que nem vou poder adotar vinte gatos e ganhar o estigma de ser a louca dos gatos. Porque *nem os gatos* gostam de mim, Vinícius. A praga funciona até com bichos.

Ficamos em silêncio por alguns minutos, antes de Vinícius estalar os dedos, todo empolgado. Ele ajoelhou no sofá, como se tivesse acabado de fazer a descoberta do ano.

— Chloe, você já tentou conversar com essa mulher de novo?

— Que mulher? — perguntei, distraída demais chafurdando em autopiedade.

— Com a cigana!

Pisquei os olhos, confusa com o rumo da conversa.

— Com a cigana? Pra quê? Pra ela me amaldiçoar mais um pouquinho?

— Não, né. Você disse que foi escrota com ela... e se você tentasse pedir desculpa? E, sei lá, explicar a situação. Diz que aprendeu sua lição. Implora por piedade — ele disparava as palavras bem rápido, sem esconder a empolgação. — Se você realmente acredita nisso tudo, então não vai fazer mal tentar. Ajoelha no chão, beija os pés dela. Chora sem parar...

Segurei o braço dele, perplexa.

— Já entendi. Não acho que precise de tanto, mas... é uma boa ideia. Nem tinha pensado nisso. — Mordi o lábio inferior, com o coração expandindo de esperança. — O problema é que eu só esbarrei nela uma vez, no calçadão. Não sei nada sobre a mulher. Espero achar ela de novo por lá.

Esfreguei o rosto, ainda tentando absorver o fato de que, em uma única tarde, eu tinha:

a) confessado para o colega de apartamento de Tales que eu estava apaixonada pelo meu melhor amigo.

b) afirmado que tinha sido amaldiçoada por uma cigana e por isso meus relacionamentos estavam fadados ao fracasso.

c) abraçado a ideia de tentar pedir desculpa para a cigana em questão e implorar para ela reverter a maldição, para que eu:

d) pudesse beijar Tales sem a menor preocupação. Se ele quisesse, é claro.

Soltei um suspiro bem alto e olhei para Vinícius com um sorrisinho tímido.

— Valeu. Eu precisava colocar tudo isso pra fora ou acabaria explodindo.

Ele fez um gesto de “deixa pra lá” com a mão e me puxou para um abraço. Fiquei um pouco rígida no começo, porque apesar de sempre termos conversado e eu até poder considerá-lo como amigo, aquela era a primeira vez que tínhamos esse tipo de contato.

E o mais engraçado era que, como agora tinha entendido meus sentimentos por Tales, não senti nadinha nos braços de Vinícius. Ele continuava sendo um cara muito gato, mas era só.

Nossa, eu estava tão ferrada. Tanto que talvez até a cigana tivesse dó de mim.

Fiquei tão entretida em meus próprios pensamentos, que nem ouvi a porta abrindo. Só descobri que Tales tinha chegado quando Vinícius me soltou, de uma maneira um pouco abrupta, e o cumprimentou.

— E aí, cara?

O silêncio que sucedeu foi esmagador. Senti um calafrio descer pela espinha, porque conhecia Tales bem o bastante para saber que a falta de resposta não era um bom sinal. Na verdade, era um péssimo sinal. Ele tinha essa mania irritante de ficar calado quando estava bravo.

Engoli em seco, buscando-o com os olhos. E então senti o ar sendo roubado de meus pulmões de uma só vez. Não só pela expressão carrancuda, que só reafirmava seu estado de espírito. Tampouco pelo cenho franzido, formando um vinco profundo na testa. Isso também. Mas o principal era o fato de que ele estava diferente. Mais bonito. Mais... desconcertante.

Estreitei os olhos, tentando descobrir o que era. E demorei alguns segundos para entender que Tales tinha se livrado da pelugem rala que chamava de barba. Era a primeira vez na vida que eu conseguia ver seu rosto sem a barba. E, caramba, como ele era bonito. Eu mal podia acreditar que Tales tinha passado tantos anos escondido por trás de uma pelugem, só por causa da cicatriz fina entre o lábio e o nariz (que era sexy para caramba, por sinal).

Balancei a cabeça, tentando acordar de um transe. Ele tinha cara de poucos amigos. Também percebi os punhos fechados com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. Abri a boca para falar, mas não soube exatamente o que deveria dizer. Porque não entendi muito bem aquela reação.

Quero dizer, tudo bem que Vinícius e eu não éramos muito de nos abraçar e tudo mais. Tudo bem que Tales era taurino, e tinha toda aquela coisa com ciúme. Mas, ainda assim, a situação não podia ser mais distante disso. Estávamos falando dele. E do quanto eu estava encrocada por ter me

apaixonado pelo meu melhor amigo depois de ter sido amaldiçoada por uma cigana doida.

Tales passou a mão no cabelo, jogando-o para trás. Tinha virado sua marca registrada desde que parou de prender. Mordisquei o lábio inferior, tentando entender o nó que se formou em minha garganta. Era tão estranho... tão louco que precisei de tantos anos para enxergar algo que estava bem diante de meus olhos.

— Foi mal — falou seco, cortando o silêncio. — Não queria atrapalhar.

E então marchou em direção ao quarto, batendo a porta.

Demorei alguns segundos para digerir o que tinha acabado de acontecer. Ele tinha ficado bravo comigo. E com Vinícius. Porque... eu nem sabia a razão. Esse era o pior. Olhei para Vinícius, arqueando uma sobrancelha.

— Falei que a maldição era verdade? — sussurrei, um pouco perplexa.

Ele estava branco feito papel. Olhou de mim para a porta fechada algumas vezes antes de assentir, os lábios crispados em uma linha fina.

— Você precisa achar essa mulher — respondeu, no mesmo tom baixo.

Dei de ombros, enquanto levantava e percorria a distância até o quarto de Tales. Fui direto tentando abrir, mas descobri, para o meu pavor, que ele tinha trancado. Bati algumas vezes na madeira, o mais alto possível, esperando que isso fosse o suficiente para fazê-lo ficar com medo de mim. Não adiantou.

Se Tales estivesse do meu lado, esse seria um dos momentos em que eu o fuzilaria com um olhar ameaçador.

— Ei, abre aqui pra mim. Quero conversar com você — pedi, sem esconder a impaciência.

As coisas já estavam horríveis. Só me faltava ele ficar bravo comigo sem nem tentar ouvir o meu lado da história. Isso era tudo o que eu *não* precisava naquele momento.

— Tales? — chamei, esmurrando a porta.

Um pouco porque odiava ser contrariada. Mas, principalmente, porque estava sendo tomada por desespero. Um lembrete do que estava em jogo. Eu não sabia lidar com um futuro onde isso fosse o comum. Eu não conseguia nem mesmo conceber uma vida sem Tales.

— Por favor. Para de ser um turrão e me deixa entrar.

Mas ele não abriu a porta.

Tampouco deu sinal de vida.

Senti lágrimas nos olhos e quis sentar no chão e chorar feito uma criancinha birrenta. Vinícius deve ter percebido um pouco do meu desespero, porque logo senti sua mão pousar com delicadeza em meu ombro.

— Acho que ele precisa de um tempo... O Tales é meio assim.

— Eu sei — respondi, um pouco rude. Porque, no fim das contas, o conhecia muito, muito antes de Vinícius. Ficar em silêncio era a maneira como ele punia as pessoas. Aquele idiota cabeça dura. — Foi mal, é que... argh!

Vinícius esfregou o pescoço, entortando as sobrancelhas para baixo.

— Não tem problema. Vou tentar falar com ele também. Deve ter entendido errado.

— É a cara dele! — Lancei um olhar feio para a porta fechada, como se Tales pudesse ver, do outro lado.

— Se você quiser, posso te dar uma carona para casa. Tô com a sensação de que ele não vai sair daí hoje.

Esfreguei o rosto, frustrada. Se fosse um filme de comédia romântica, esse provavelmente seria o momento em que a protagonista andaria pelo centro da cidade, com uma expressão toda pensativa, enquanto uma música melosa toca, sobre precisar se conhecer melhor e tudo mais. Talvez até estivesse chovendo, só para ficar mais dramático ainda. Mas, como não era, só me restou concordar com a cabeça e seguir Vinícius para fora do apartamento.

Conversamos um pouco mais sobre a cigana pelo percurso. Ele também não sabia sobre o negócio de não negar a mão para uma cigana, e agradeceu pelo toque. Depois disse que ia perguntar para outros conhecidos se alguém já tinha visto a mulher que me amaldiçoou e se poderiam me ajudar.

Parecia tudo muito vago. O tipo de coisa que dizemos da boca para fora, só para fazer a outra pessoa se sentir melhor. Mas agradei mesmo assim, e tamborilei os dedos nas pernas até que Vinícius parou em frente à padaria.

— Não fica assim — disse, antes de eu abrir a porta. — Logo ele percebe que tá sendo meio idiota.

Dei de ombros e saí, dando tchau com a mão até o carro sumir. Estava uma confusão de sentimentos. Por um lado, sentia raiva de Tales. Por que ele precisava ser tão difícil? Por outro, me sentia chateada e perdida. Tinha a sensação de que as coisas estavam caindo ladeira abaixo. Eu tentava fazer o possível para refrear os problemas, mas logo eles estariam rolando descontrolados. Eu não sabia o que fazer depois disso.

Meu celular vibrou com uma notificação, e descobri que era uma mensagem de Tales.

*foi mal
precisava ficar um pouco sozinho*

*eu entendi td errado, cara
td mesmo*

*achei q tava rolando alguma coisa diferente entre nós dois
mas daí... hoje... :/*

enfim

foi culpa minha, não devia ter misturado as coisas

só preciso de um tempo pra encaixar os pensamentos no lugar, tá?

Cerrei os dentes, agradecendo mentalmente por estar a metros de distância dele. Porque, do contrário, o teria matado. Eu queria entender *como* tinha me apaixonado por uma pessoa tão... tão... argh!

Percorri a distância até o meu quarto pisando firme e, antes mesmo de chegar, já tinha começado a digitar a resposta. Atirei-me na cama, espumando de raiva. Tales podia até não ter me deixado falar. Mas que ele ia ouvir, ele ia. Ou ler, no caso.

T ALES, SEU BURROOO!!!!

*I*SSO LÁ É JEITO DE TRATAR SUA MELHOR AMIGA? *F*IQUEI BATENDO NA SUA PORTA IGUAL UMA DOIDA DE PEDRA E VC ME IGNOROU??? *É* ISSO MESMO???

*V*C PERDEU O AMOR À VIDA OU OQ?

E PRA PIORAR AINDA MAIS, VC ME ESPERA CHEGAR EM CASA PRA MANDAR ESSA MENSAGEM? *Q* TIPO DE COVARDE FAZ UMA COISA DESSAS???

*A*FFFF, não vou mais digitar em caps lock pq me dá dor de cabeça, mas é pra vc continuar imaginando q tô gritando, pq é o q eu queria fazer agora

vc é tão irritante e insuportável, sabia? e a pior parte disso td é que não consigo parar de pensar em vc. não consigo parar de pensar no dia que a gente se encontrou lá no bar tolomeu... e no que quase aconteceu um pouquinho antes de eu... vc sabe... gorfar (aliás, foi mal por isso)

vc ficou chateado comigo pq me viu abraçada com o vinícius, foi isso MESMO? aquele showzinho de bater a porta e tudo mais foi por isso? por ciúmes? (depois fala que signos são besteira) ok, td bem, eu até entendo. me colocando no seu lugar, tbm teria achado um pouco estranho. mas daí existe uma coisa linda que inventaram, chamada DIÁLOGO. pq não me perguntou, tales????

se tivesse perguntado, saberia que NÃO tem nada a ver. q droga! só vc pra me deixar morrendo de ódio justo agora. não tem nada rolando entre mim e ele. nadinha. fui lá pra conversar com VC, SEU BESTA! mas como demorou pra chegar, acabei desabafando com ele sobre uma coisa

só isso. a gente se abraçou só como amigos, tá?

vc entendeu tudo errado mesmo. TUDO ERRADO. sabe pq?

não tô a fim dele, tales. gosto pra cacete de outra pessoa. pensei que

*fosse uma pessoa inteligente e que tivesse notado, mas acho que me enganei,
pelo jeito*

enfim

*qdo vc decidir parar de agir igual um trouxão, tô aqui te esperando pra
conversar*



AMARREI O CABELO NO TOPO da cabeça, em um pompom azul turquesa e foi impossível não trazer Tales direto para a memória. Era uma droga que agora tudo lembrasse ele. Justamente quando eu queria me focar nas outras coisas acontecendo em minha vida. E não em um trouxão que tinha parado de falar comigo há mais de três dias por causa de um mal-entendido. Mesmo depois de eu ter mandando a porcaria de uma mensagem explicando tudo. Argh, homens eram tão... desgastantes.

Em vez disso, queria me concentrar no curso de cabelereiro e no quanto estava sendo maravilhoso. Quero dizer, ainda era o comecinho e tudo mais. Não é como se eu já fosse uma cabelereira incrível que soubesse de tudo (e eu acho que nunca viria a ser, porque essas coisas a gente fica aprendendo o resto da vida), mas nossa. Era a primeira vez que eu não levava um choque ao começar algum curso. Era a primeira vez que me pegava contando as horas para as aulas, onde poderia aprender um pouco mais sobre aquele universo.

Fora que todos os meus medos anteriores se mostraram meio ridículos. Não tinha acontecido nenhum acidente envolvendo tesouras, e eu também não era uma negação. Pelo contrário, levava bastante jeito para certas coisas. Para outras, nem tanto, mas era assim mesmo. Estava na mesma média dos outros alunos. Ao todo, éramos dez. Três homens e sete mulheres. E, para minha surpresa, tinha me dado bem com a maioria. Na noite anterior, nós até mesmo fomos em um barzinho depois do curso! Eu estava fazendo amigos, isso era incrível.

Meu sonho de morar em uma casa para chamar a galera para um churrasco estava mais próximo que nunca. O que era um pouco triste, se eu parasse para pensar. Porque, se as coisas continuassem naquele ritmo, Tales não faria parte da galera.

Mordi os lábios, pensando nele pela vigésima vez na última hora. Meu curso tinha começado e eu nem tive chance de contar para ele como foi. Nem tive chance de dizer que tudo estava indo muito melhor do que imaginei. As coisas finalmente se encaminhavam em minha vida, e eu nem tinha mais um melhor amigo para quem contar tudo. Aquela era uma grande piada de mau gosto, isso sim.

Como se não bastasse tudo isso, ainda tinha o fato de que eu não estava tendo muita sorte com a cigana. Como meu curso ficava perto do centro, eu aproveitava e passava no calçadão toda tarde, sempre antes das aulas, só para tentar esbarrar na mulher outra vez. Até arrisquei perguntar para alguns lojistas se eles já a tinham visto por ali, mas ninguém parecia saber da existência da cigana, além de mim. *É que é muita gente*, eles me diziam, abanando as mãos como se não fosse nada demais.

Mas, caramba, *era* algo demais. Era importantíssimo! Eu precisava encontrá-la e implorar por perdão, antes que fosse tarde. Tales estava fazendo muita falta. E eu nem queria entrar no mérito de estar totalmente a fim dele. Era nossa amizade que deixava um buraco imenso no peito. Nossa convivência. As idas em restaurantes em que já sabíamos o pedido um do outro, as maratonas de *Acumuladores* com Tales imitando as vozes dos narradores nos comerciais. Droga, eu não sabia o que faria se não conseguisse achar aquela mulher. Mas precisava pensar em alternativas, porque abrir mão daquele insuportável estava fora de questão.

Coloquei os brincos e procurei um batom na nécessaire, sem nenhuma pressa. Aquele era o grande dia da apresentação de pole dance de Bruno. Ele tinha pedido folga para ajudar a organização da escola em que fazia as aulas. Thaís e eu combinamos de levar nossas coisas para o trabalho e nos arrumarmos lá. E, como agora meu turno acabava muito antes do dela, estava me arrumando com calma para não precisar tomar um chá de cadeira.

Quando Thaís irrompeu pela porta do banheiro com outras funcionárias que saíam naquele turno, horas depois, eu estava prontíssima. Depois da apresentação, pretendíamos passar em algum lugar para jantar. E, se por um lado eu estava um pouco chateada em precisar segurar vela, por outro ficava orgulhosíssima de mim mesma por ter unido aquele casalzão.

— Eita, tá gata, hein? — exclamou, quando me viu sentada no banco de madeira em frente ao espelho.

— Não que eu tenha me esforçado muito... — Dei de ombros, brincando. E ela riu de mim, enquanto tirava a camiseta que vestia sem o menor pudor.

— Preciso voar. A apresentação começa daqui a meia hora e ele é um dos primeiros. É por ordem alfabética.

— Então apressa aí, porque não posso perder o namorado da minha amiga dançando só de sunguinha — provoqueei e, como resposta, ela revirou os olhos.

— Não somos namorados — pontuou, enquanto descia o vestido pelo pescoço. — *Ainda*. Mas vou resolver isso em breve.

O comentário ganhou minha atenção.

— Hummm.... conte-me mais sobre isso.

— Tô pensando em pedir ele em namoro — ela atropelou as palavras, e o rosto ficou inteiro ruborizado.

Precisei de um tempo para organizar as ideias. Nunca, em toda minha vida, considerei fazer isso. E só agora me dava conta de como fui boba. Era tão incrível que ela estivesse pronta para tomar a iniciativa. Espalmei o peito, toda emocionada.

— Ai, caramba. Tô vendo que o lance de ser madrinha de casamento e da primeira pestinha vai acontecer mesmo.

— Pestinha, é? — Ela me cutucou nas costelas e soltei uma gargalhada. Uma menina que tinha acabado de entrar no banheiro nos lançou um olhar esquisito. — Então você tá superferrada porque todo mundo sabe que são as madrinhas que ficam com a criança se os pais morrem.

Entreabri os lábios, chocada. Thaís riu em deleite, puxando a caneta do coque e soltando o cabelo.

— Que horror! Você mal pediu o cara em namoro e já está falando em morte e crianças órfãs... — murmurei, levantando. — Não é à toa que preferem cocô com gosto de pizza.

Nossas risadas ocuparam todo o banheiro. Thaís era muito mais rápida para se arrumar do que eu imaginava e, com isso, pouco mais de vinte minutos depois, estávamos do lado de fora do prédio, esperando nosso táxi.

A apresentação seria no Teatro Matarazzo. Era uma estrutura enorme e muito bonita. Toda acabada em madeira, com assentos azuis e um palco imenso, cheio de luzes e, naquela noite em especial, com duas barras de pole dance posicionadas de maneira simétrica.

Para a minha surpresa, estava lotado. Foi até difícil encontrar lugares vagos tão perto do início do espetáculo. Precisamos nos apertar entre uma senhora com uma expressão ranzinza e uma família que estava lá em peso para ver uma menina chamada Ísis.

Como chegamos em cima da hora, não demorou para que as luzes se apagassem e as apresentações comesçassem. Nosso lugar era longe do palco e, além do mais, muito para a esquerda. Como se não bastasse isso, havia algumas pessoas muito altas na minha frente. Nem mesmo o declive natural dos assentos

conseguia compensar as cabeças bloqueando minha visão. Mas, ainda assim, era impossível não ficar impressionada. A iluminação era toda em tons de roxo e azul. E a música vibrava pelo auditório, envolvendo e criando toda uma atmosfera diferente.

Nunca estive em uma apresentação de Pole Dance antes e, talvez por isso mesmo, tenha ficado tão impressionada. Eu nem sabia o que esperar. O que foi muito bom, porque cada coreografia daquela noite me deixou de queixo caído. Todos os dançarinos tinham tanta desenvoltura ao rodopiarem na barra, suspensos no ar, que até faziam parecer fácil.

Havia muito mais mulheres que homens, naturalmente, mas eles não ficaram atrás. O estilo de dança era um pouco diferente. As mulheres faziam movimentos mais voláteis e, ao mesmo tempo, suaves. Parecia que não faziam esforço algum.

Já os homens... ah, nossa. Thaís que me perdoasse, mas foi impossível não olhar para o corpo malhado e tatuado de Bruno e não me sentir minimamente afetada. Ainda mais com os músculos retesados para se esticar em posições que desafiavam a gravidade.

— Você é uma sortuda da porra — cochichei, pertinho do ouvido dela, em dado momento.

Ela riu, mas sem tirar os olhos dele.

— Sou, né? Olha só pra ele...

— Mas ele também é um sortudo da porra — afirmei, porque era a mais pura verdade.

Thaís me deu um beijo na bochecha. E então se demorou por um momento me encarando.

— E as coisas com o Tales... tudo na mesma? — perguntou, e, se não estava ficando louca, tive a sensação de ver a sombra de um sorriso em seus lábios.

Soltei o ar dos pulmões, massageando as têmporas para aliviar a tensão. Toda vez que pensava nele, era assolada por um mar de frustração. Era tão triste que estivéssemos passando por tudo isso. Logo agora que outro sentimento tão bonito tinha nascido entre nós.

— Ele não me respondeu mais depois que mandei o textão. Visualizou, mas não fala nada. É um cuzão.

Ela riu baixinho, voltando a olhar para frente. Mais precisamente para Bruno, que se equilibrava de ponta cabeça, sustentando-se apenas com os braços.

— Não acho o Tales um cuzão — falou ela, por fim. — Só cabeça dura. Do tipo que sabe que tá errado, mas não quer admitir.

— Ele é taurino, né? Você queria o quê?

Nossas risadas arrancaram olhares feios de quem estava ao redor. Principalmente da senhora ranzinza que, indo contra ao que eu imaginava, estava adorando as apresentações.

Continuamos cochichando bobagens e segurando risadinhas, enquanto assistíamos aos outros dançarinos. E foi só depois de todos terem se apresentado que Thaís segurou minha mão, com um pouco mais de força que o normal.

As enormes cortinas vermelhas do palco tinham sido fechadas e, ao nosso redor, todo mundo se levantava e rumava em direção às saídas. Como se fosse uma competição para ver quem conseguia sair primeiro. Eu mesma estava tomando impulso para levantar e só parei por causa de Thaís. Olhei para seus dedos ao redor do meu braço e procurei seu olhar, sem esconder a confusão.

— Tudo bem? — indaguei, unindo as sobrancelhas.

— T-tá... é que... — Ela umedeceu os lábios. Era estranho vê-la toda nervosa e falando sério, porque, no geral, Thaís vivia fazendo brincadeiras. Ela sorria tanto que causava certo estranhamento quando ficava com o rosto fechado. — Eu tô procurando um lugar pra morar. Passei a semana em sites de imobiliárias... tentando achar um apartamento no centro que não seja tão caro.

Umedeci os lábios, atônita.

— Hmmm, que... massa?

Ela ignorou minha confusão e prosseguiu:

— Acho que é a hora de sair da casa dos meus pais. Quero muito isso. Só que, cara, a gente ganha bem, mas não o suficiente pra eu conseguir bancar tudo sozinha. Andei pesquisando preços de mercado, energia, água... e todo o gasto de gente adulta — ela deu uma risadinha pela escolha de palavras e me peguei rindo junto. Afinal, Thaís era mais nova que eu. — Me dei conta de que vou precisar dividir com alguém.

Inspirei o ar demoradamente, sem entender muito bem onde ela queria chegar. Ou talvez, sem *querer* entender. Olhei de novo para sua mão, que continuava me segurando. Com exceção de nós duas, o teatro já se encontrava vazio.

— Olha... tem um grupo no Facebook, chama Bazar Presidente Prudente, se não me engano. Acho que lá você deve encontrar alguém. E também tem um chamado Moradia Presidente Prudente, que...

— Não, sua burra! — Thaís bradou, me interrompendo. Fiquei tão chocada que nem consegui responder. — Tô tentando te chamar pra morar comigo!

Pisquei algumas vezes.

Ela quase parecia brava, com o cenho franzido e as bochechas coradas.

— Quê? — Foi só o que consegui perguntar.

— Meu Deus, Chloe. E depois você fala do Tales... — Ela suspirou de um jeito muito dramático. — Você vive me falando que quer morar sozinha. Sair da casa dos seus pais... eu também quero. A gente trabalha juntas, podemos escolher um lugar que seja perto da CarreTel... — Ela segurou meus ombros, ficando totalmente de frente para mim. — Não quero dividir minha casa com uma desconhecida. Quero dividir com uma amiga. Com você.

— Mas... — Fisguei o lábio inferior, começando a formular uma lista de desculpa.

Ah, não tenho condições. (era mentira)

Ah, não estou preparada. (também era mentira)

Ah, não vou suportar ouvir certos sons vindos do seu quarto quando Bruno for nos visitar (essa era verdade).

Então me dei conta de que nenhuma daquelas desculpas era plausível. Meus pais nunca me deixaram ajudar nas despesas de casa. E como comecei a trabalhar bem novinha, papai me deu a ideia de economizar um pouquinho por mês, para projetos futuros. Eu torrava a maior parte comigo, mas separava uma porcentagem e mandava para a poupança todo mês, sem exceção. E, como Thaís já tinha pontuado, nosso salário era bom o suficiente para dividirmos as contas.

Mas então por que o medo subia em espirais, me paralisando?

Por que eu amarelava antes mesmo de tentar, quando aquele era um dos maiores sonhos da minha vida?

Quero dizer, se eu fosse uma das protagonistas de comédias românticas, daquelas que tomam café Starbucks e andam de saltos finos no meio da calçada de paralelepípedos, tenho certeza de que não hesitaria um único segundo.

— Não precisa responder agora — Thaís quebrou o silêncio, sentindo minha hesitação. Suas mãos deslizaram pelos meus braços até alcançarem as minhas. Ela afagou as costas com os polegares, seu olhar era complacente. — E nem precisa concordar, se não quiser. Só quis... te chamar. Porque de todas as pessoas do mundo, eu realmente quero morar com você.

— Ai, para. Vai me fazer chorar — resmunguei, arrancando risadas dela.

— Tô falando sério, Chloe. Não acho que nada nessa vida é por acaso, e ter entrado nessa empresa também não foi. Conheci você. E, cara, não sei se é o caso... se você tá com medo. Mas se for, eu também tô, viu? Morrendo de medo, na verdade — Thaís umedeceu os lábios. — Mas acho que é assim mesmo, né? Sempre que temos que abandonar nossa zona de conforto, dá um friozinho na barriga. Mas se a gente não abandona, como é que evoluímos?

— Poxa vida, Thaís... — Eu a puxei para um abraço, afundando meu rosto na curva do seu pescoço. Ela até podia ser mais nova que eu, mas dava um show de maturidade. Era o tipo de pessoa que eu queria ter por perto. —

Prometo que vou pensar com carinho. Você sabe o quanto eu quero. Ainda mais com você. Mas, olha, caso a resposta seja sim, a gente vai precisar colocar alguns limites envolvendo os boys.

— Justíssimo — respondeu meio rindo.

Permanecemos abraçadas até que a voz de Bruno nos surpreendeu:

— Gente, eu perdi alguma coisa?

Minha visão tinha ficado embargada por algum motivo meio bizarro. Balancei a cabeça, tentando recobrar o juízo. E, quando voltei a olhar para Thaís, percebi que ela também tinha os olhos marejados.

Cada coisa...

— É que ficamos muito emocionadas com as apresentações — brinquei, me levantando.

— Nossa, nem fala — ela entrou na brincadeira. E, ao parar ao lado dele, esticou a mão para que entrelaçassem os dedos. — Principalmente aquela parte que você ficou com os músculos todo retraídos... ai, ai. Foi mesmo *emocionante*.

Bruno negou com a cabeça, sem se afetar com nossas brincadeiras. Mas não aguentou se manter indiferente por muito tempo, pois, quando enfim abandonamos o teatro, ele perguntou:

— E aí? Curtiram? Mande bem?

Thaís soltou um suspiro longo antes de responder:

— E como... me deu várias ideias para mais tarde — sussurrou, em um tom meio sacana. Senti meu rosto corar.

— Ei, ei, ei. Vamos parar com sacanagem perto da coleguinha — ralhei, apontando o dedo em riste para os dois. — Vocês prometeram que iam se comportar. Lembram?

— Foi mal. — Ele esfregou o braço, envergonhado. E então abaixou o tom, dirigindo-se só para Thaís. — Vou querer saber mais disso depois, tá?

— Gente! — exclamei, revirando os olhos, e caímos os três na gargalhada.

Bruno conhecia um bar a poucas quadras do teatro e acabamos concordando em ir caminhando para economizar dinheiro. Durante o percurso, comentamos todas as apresentações, sem poupar elogios a ele.

— Você arrasou, amor. A sua foi a melhor.

— Foi a melhor! Assim: disparado — falei, toda séria, só para arrancar um sorriso dele.

Bruno arregalava os olhos verdes quando sorria, o que o deixava com uma baita cara de maluco. Parecia que tinha tomado café demais e ficado hiperativo. Eu nunca o vi tão animado assim. Era notável o quanto gostava do pole dance.

Fiquei tão imersa na conversa que, quando dei por mim, tínhamos chegado no bar. Não se tratava de um lugar muito grande, nem muito ajeitado, para ser honesta, mas estava apinhado de gente.

Como se lendo meus pensamentos, Bruno se adiantou em explicar:

— A cerveja é muito barata. Esse lugar bomba.

— Dá pra ver — comentei, olhando ao redor.

Meu primeiro impulso foi de sacar o celular e contar para Tales. Mas então lembrei que estávamos sem nos falar e que seria muito estranho mandar uma mensagem aleatória sobre um barzinho qualquer. Suspirei com desânimo. Eu nem poderia contar sobre o pole dance para ele. O buraco que aquele idiota deixava na minha vida era quase tão insuportável quanto ele.

Precisamos esperar alguns minutos até liberar uma mesa. Eu agradei aos céus, porque os dois estavam cada vez mais à vontade. O que me deixava cada vez menos, em uma medida proporcional. Se eu não estava maluca nem nada, podia jurar que vi Thaís lambendo a orelha de Bruno. Céus, aquela seria uma longuíssima noite. E nem tinha começado direito.

Apesar dos meus protestos, Thaís sentou ao lado dele. O que, nas entrelinhas, queria dizer que se pegariam muito. Sério, ela era uma péssima amiga. Como gratidão ao fato de eu ter unido o casal, devia, pelo menos, não me deixar de vela. Mas Thaís não conseguia se segurar. Parecia mais forte que ela.

Um garçom vestindo uma camisa estampada com flores havaianas veio nos atender. Acabamos decidindo por uma cerveja enquanto escolhíamos o que comer. Enquanto esperávamos, Thaís e Bruno voltaram a se acariciar de um jeito nem um pouco discreto.

— Gente, é sério. Vocês tão me deixando sem graça — falei, emburrada. — Se eu vir mais uma lambida na orelha, juro por deus, vou separar os dois em uma distância segura.

— Foi mal. — Ela encolheu os ombros, com as bochechas coradas de vergonha. É que o Bruno tava muito... ahn... — Ela fisgou o lábio inferior, desviando o olhar do meu. — Ah, desculpa, vai. Mas tava muito *gostoso*. Você vai ter que concordar comigo. Daí tá um pouco difícil ficar longe.

— Imagina só se a gente for morar juntas, o tipo de coisa que vou ter que aguentar. Que horror! — Esfreguei o rosto com dramaticidade. Thaís soltou uma gargalhada, envergonhada, ao passo que Bruno pareceu maravilhado.

— Você conversou com ela? — perguntou, dirigindo-se para Thaís.

— Aham. Era por isso que a gente tava abraçada quando você chegou.

— E aí? — Ele olhou pra mim, parecendo ansioso.

— Preciso pensar um tiquinho mais. — Sorri, fugindo do olhar cheio de expectativa dos dois e mirando em minhas mãos cruzadas sobre a mesa.

Graças ao universo, o silêncio esquisito não durou muito tempo, pois logo o garçom voltou com a nossa cerveja. Ele nos serviu e Thaís sugeriu um brinde, erguendo sua tulipa no ar.

Ela pigarreou, parecendo um pouco nervosa. Depois mordiscou os lábios, empertigando-se no lugar. Uni as sobrancelhas, sem entender sua mudança súbita.

— Hoje eu queria brindar à Chloe — falou, olhando para mim. — Graças a você as coisas entre a gente... — ela apontou o indicador para Bruno e depois para si mesma — aconteceram. E tem sido tão incrível... tão mágico. Bru... eu tô curtindo muito ficar com você. Muito mesmo. Por isso queria te perguntar u-uma coisa.

Ele assentiu com um movimento quase imperceptível de cabeça, os olhos vidrados nos dela. Por alguma razão, meu coração acelerou.

Ela estava mesmo prestes a fazer o que eu imaginava?

E eu testemunharia tudo?

Uau!

— Você quer... qu-quer namorar comigo?

Era como se a alma de Bruno tivesse abandonado seu corpo e estivéssemos de frente a uma carcaça vazia e congelada naquela expressão que era uma mistura de espanto e êxtase.

Depois do que pareceu uma eternidade (uma eternidade muito tensa, diga-se de passagem), ele acordou do transe e deixou o copo sobre a mesa, esticando as mãos para tomar as dela.

Soltei a respiração que nem sabia ter prendido. Aquela era a coisa mais romântica que eu já tive a sorte de presenciar em toda a vida. E, por isso mesmo, me fingi de morta, sem ousar mexer um músculo para não arruinar o clima.

— Também tô te curtindo demais — sussurrou, umedecendo os lábios. Notei o brilho intenso em seus olhos que logo, logo se transformaria em lágrimas. — Tô tão feliz de ter te conhecido. Tão feliz de como eu sou com você, Tha. Já sou seu.

Ele a puxou para um beijo. Espalmei o peito, maravilhada. Dessa vez, não teve nem como ficar brava. Meus olhos estavam marejados, assim como os deles.

Era como assistir a uma comédia romântica da vida real. E de pensar que no primeiro encontro os dois estavam falando sobre comer cocô com gosto de pizza... ai, ai. Como eram lindos!

O beijo se aprofundou mais do que eu gostaria e, para o meu terror, Bruno começou a gemer de um jeito meio explícito. No entanto, nem precisei me dar ao trabalho de pigarrear para interrompê-los, nem nada do tipo, pois o

celular de Thaís começou a tocar.

Eles se desvencilharam, trocando um olhar esquisito logo depois que ela conferiu o visor e atendeu a chamada.

— Oiii. Ah, sim. Não, chegamos agora há pouco. Tá bom — Ela olhou ao redor, toda séria. — É que tá meio cheio aqui dentro. Beleza, aguenta aí.

Thaís desligou e bebeu um longo gole de cerveja, fugindo do meu olhar.

— Hum... Chloe? — chamou, raspando o indicador na mesa.

— Sim?

— Convidei uma amiga minha para beber com a gente hoje. Ela acabou de chegar, tá lá fora. Será que... ahn... você pode ir lá buscar ela?

Bruno tinha assumido a mesma postura esquisita de Thaís. Era como se fizesse de tudo para não me encarar.

— Quê? — Balancei a cabeça de um lado para o outro, sem entender nada. — Quem é ela?

— Mariana — respondeu, rápido demais. — Você não conhece.

E, como se tentasse suavizar o clima, Thaís abanou a mão no ar, soltando uma risadinha nervosa.

Abri e fechei os lábios duas vezes antes de responder.

— E você quer que *eu* busque ela? Por que não vai lá?

— É...

Thaís olhou para Bruno por um momento, com cara de pânico, e só depois para mim.

— É... que eu queria falar uma coisa com ele! E você... não ia ficar confortável. É uma coisa beeem sacana. Bem pornográfica. Bem explícita mesmo.

Arqueei as sobrancelhas, sem nem saber o que responder.

Minha nossa, tá cada vez mais esquisito.

— Mas... — comecei, e ela me interrompeu:

— Anda, por favor. O tempo que você tá discutindo, já tinha ido e voltado. A menina tá lá esperando.

De tão estupefata, fiz o que Thaís pediu sem discutir. Estava na cara que ela não mudaria de ideia, ainda que eu achasse bem injusto. Ela bem podia ir em meu lugar, mas eu entendia que quisesse ficar um pouco a sós com Bruno. Eles eram namorados agora, afinal de contas. Soltei um suspiro e andei pelo bar lotado, agradecendo mentalmente por não precisar mais ficar segurando vela sozinha, para o caso de eles voltarem a se beijar loucamente, como há poucos segundos. O lado bom é que ao menos eu teria uma companhia.

Foi só a poucos metros da saída que me dei conta de que não fazia a menor ideia de *como* era a tal Mariana que deveria encontrar. *Que ótimo.*

Maravilha. Aquela noite ficava cada vez melhor, só que não.

Passei pela cortina de vento da entrada e fui recebida pela noite estrelada. O céu estava tão lindo que me fazia perder o fôlego. Distraí-me por um momento, aprisionada no céu enigmático, na lua cheia muito brilhante e nas pouquíssimas nuvens salpicando o horizonte. Parecia a noite de uma pintura.

O lado de fora também estava cheio de gente. Alguns fumando, outros fazendo companhia. E também tinha gente chegando o tempo todo. Era impossível permanecer plantada na entrada, como eu estava, por isso acabei levando algumas cotoveladas até voltar para a realidade. Abandonei a porta e andei sem rumo, olhando ao redor em busca de quem quer que fosse Mariana. Podia ser qualquer uma.

Enquanto estudava todas as mulheres, tentando escolher uma por eliminatória, meus olhos foram atraídos para um vulto à minha esquerda. Olhei por cima dos ombros, bem rápido, e meu corpo congelou inteiro.

O homem que me olhava de volta era um gato do cacete. Usava uma camiseta preta sem estampa, calça jeans surradas e um Vans sem cadarço. Tinha as mãos nos bolsos, e os cabelos longos e negros ao vento. Os olhos cinza-prateados congelados em mim, intensos, desconcertantes. E tinha aquela cicatriz... senhor. Como uma simples cicatriz podia ser tão... obscena? Eu queria passar minha língua nela.

Tales esfregou o braço esquerdo, encolhendo os ombros como se pedisse minha autorização para se aproximar. Meu coração estava tão acelerado que eu temia desmaiar. Nunca achei que só o fato de o encontrar poderia desencadear algo assim. Mas desencadeava. Ainda que uma parte bem grande de mim estivesse morrendo de raiva por ele ser tão orgulhoso, a outra parte sentia muita falta dele. E estava ansiosa para reencontrá-lo.

Demorei um pouquinho para me dar conta de que não havia Mariana nenhuma. Meus joelhos amoleceram. Thaís, aquela... *diabinha*. Ela sabia. Ela tinha confabulado com ele. Engoli em seco, ainda sustentando o olhar penetrante de Tales, e assenti com um movimento quase imperceptível.

Seus olhos se iluminaram.

15



FADADOS AO FRACASSO

T
ALES SE APROXIMOU EM PASSOS TRANQUILOS.

Era como se sua proximidade causasse pequenos choques que me impediam de permanecer quietinha no lugar. Mudei o peso do corpo de uma perna para a outra, percebendo que estava apavorada. Não fazia a menor ideia do que seria dali para frente. Não fazia a menor ideia do que ele queria me dizer. Mas podia supor, e... nossa. Isso me deixava ainda mais amedrontada. O friozinho na barriga era crescente.

Tales parou a pouquíssimos centímetros. As pontas dos nossos pés se tocaram e senti como se a força das minhas pernas tivesse se dissipado com o simples contato. Que loucura. Como ele conseguia fazer isso comigo? Como que, de uma hora para outra, virei uma pessoa incapaz de parar de pensar nele? De desejá-lo? Estava tudo uma bagunça. Uma bagunça deliciosa.

O silêncio me deixou maluca. Ele ficou apenas parado, passeando os olhos por mim, a sombra de um sorriso rasgando os lábios corados e lindos. E, de repente, senti a necessidade de explicar para ele outra vez que tinha entendido tudo errado. Embora ainda estivesse um pouco brava, o desejo por ele falava mais alto. A vontade de resolver tudo para ver no que ia dar estava me cegando. Eu só queria ele.

— Tales, olha, eu... — comecei a falar, mas ele cobriu minha boca com o dedo indicador. Seu dedo esmagou meus lábios, fazendo-os formigar. Senti o ar ser roubado dos meus pulmões.

— Shhhh. Não fala nada, por favor — foi quase um sussurro. Uni as sobrancelhas, confusa. Se ele não estava ali para conversar, para que então? — Vem cá.

E nem me esperou dizer nada. Suas mãos vieram parar na minha cintura e me apertaram com força. Tales começou a andar de costas, nos afastando das

outras pessoas. Eu parecia prestes a vomitar meu coração. *Não, chega de vômitos.* Segurei nos ombros dele, tentando combinar meus passos com os seus, mesmo sem entender.

Dobramos a esquina daquele jeito todo atrapalhado. Não ousei desviar a atenção de seus olhos, que me acorrentavam de uma maneira inexplicável. Ficava me perguntando o tempo todo como pude conviver com ele tantos anos e nunca me dar conta de quão profundos eram? Como nunca percebi sua beleza meio selvagem que deixava os pelinhos da nuca arrepiados e me fazia remexer os dedos dos pés em excitação? Caramba, como fui cega. Como fui boba.

Na rua em que viramos, não tinha vivalma. Tales se recostou na parede e me puxou para mais perto ainda de seu corpo, mais especificamente para o meio de suas pernas. Minha barriga colou na dele. Seu rosto a pouquíssimos milímetros, de forma que o vento soprava alguns fios do seu cabelo para o meu rosto e pescoço, causando arrepios. O sorrisinho dele se alargou, um pouco tímido e um pouco safado. Eu estava tão desacreditada que só esperei. Ele poderia ter feito qualquer coisa comigo, e eu só teria esperado.

Tales soltou minha cintura e segurou meu rosto com as duas mãos. Os polegares acariciaram minhas bochechas em gestos carinhosos, sem pressa alguma. Como se ele tivesse imaginado tanto esse momento que atropelar as coisas fosse quase um pecado.

— Desculpa — pediu, quase sem mexer a boca. A palavra saiu em um sopro que se misturou à brisa assoviando ao nosso redor.

Abri a boca para tentar responder, mas nada saiu. Ele tinha roubado minha fala. Em vez disso, cobri suas mãos com as minhas.

— Fui meio idiota — continuou, daquele jeito que quase não emitia som algum. O que me obrigou a aproximar ainda mais o meu rosto. — Na verdade, fui *bem* idiota. Cheguei em casa aquele dia e... entendi tudo errado. Devia ter te ouvido primeiro.

— Tales... — Reuni forças para chamar.

Ele negou com a cabeça, deslizando o polegar sobre meus lábios sedentos por ele. Foi como se nenhuma outra parte do meu corpo existisse. Só os lábios e seu dedo roçando por eles sem muito cuidado. Cada pedacinho de pele formigava e queimava.

— Deixa eu falar, por favor — pediu e então me encaixou ainda mais no meio de suas pernas.

Engoli em seco e estremei ao perceber uma coisa que não estava ali há um segundo atrás. Uma coisa rija e bem interessante, aliás. Uma coisa que parecia bem maior do que eu imaginava. Minhas pernas bambearam. Minha visão ficou desfocada de tanto desejo. Eu só queria entender quando exatamente

ele passou a ter tanto poder sobre o meu corpo. E queria entender também todos aqueles sentimentos inéditos. Eles sempre estiveram lá? Caramba.

Assenti, obediente. Não me restava forças para mais nada.

— Queria ter me aproximado antes... principalmente depois da sua mensagem — Tales fechou os olhos, como se as lembranças o infligissem dor. — Mas fiquei com vergonha. De ter sido um babaca. Não sabia o que fazer... precisei de uma ajudinha.

— N-não tem problema — respondi, debilmente.

Ele segurou meu rosto com mais força, os polegares traçando círculos intermináveis nas maçãs. Sua boca estava tão perto da minha que eu podia *sentir* suas palavras.

— Chloe... se você tivesse ideia... se você sonhasse com o quanto... eu... — ele umedeceu o lábio inferior — o quanto eu gosto de você. É muito. Me assusta.

— Também fico assustada... — Minhas palavras saíram em um fiapo de voz. — Nunca imaginei... nós dois... assim. — fiquei soprando palavras desconexas, até que minha voz morreu no ar.

Tales deu uma risada baixa, de uma nota. Só deu tempo de soprar o hálito quente contra meu rosto e arrancar o que restava da minha sanidade.

— Eu já — falou, com as íris ardendo, e abriu um sorriso largo. Tentei lembrar de como se respirava. — Foi o que mais fiz nos últimos meses...

Tales afundou uma das mãos nos meus cachos, acariciando minha nuca de uma maneira tão deliciosa que precisei me apoiar nele para não escorregar e cair no chão. Ele roçou a ponta do nariz no meu. Os movimentos suaves, brandos.

E então, antes que eu pudesse conceber o que estava acontecendo, senti seus lábios nos meus. Juro por deus, meu coração estava na garganta. Parecia que, se eu soluçasse, ele escaparia pela boca. Seus dedos se fecharam em um punhado de cabelo e puxaram com firmeza, arrancando um arquejo de mim.

Desnorteada, fechei os olhos, tentando me equilibrar em meio ao tornado de sensações que tinha me engolido. Tales inspirou fundo e invadiu minha boca com o seu sabor. O beijo tinha gostinho de maracujá e me peguei rindo, porque fazia todo sentido do mundo. Mesmo sem nunca ter pensado a respeito, acho que no fundo já sabia que seria assim.

Minhas mãos tremiam. Não pouco, mas como se eu estivesse prestes a ter um ataque, ou algo do tipo. O que era bizarro e maravilhoso, na mesma medida. Era tudo novo e intenso. Jamais um beijo me deixou com aquela sensação de queda livre. Jamais um beijo me fez temer não suportar o peso do corpo. Mas o beijo do Tales fazia. Ele entrelaçou a língua na minha, preguiçosamente, como se

tivéssemos todo o tempo do mundo para nos descobrirmos.

Tales me puxou ainda mais contra o seu corpo e me abraçou pela cintura, como se para me impedir de me afastar um centímetro que fosse. Gostei disso. Gostei de saber que cada pedacinho do meu corpo, dos pés até o peito, tocava o dele. Tales voltou a respirar fundo. A cada arfada que ele dava, nosso beijo ficava um pouco mais intenso. Era como se ele tentasse me devorar, me engolir, me consumir. Como se, quanto mais me provasse, mais quisesse. Como se eu fosse viciante. Como se ele quisesse ter uma overdose de mim.

Era como se ele tivesse esperado tanto por isso que agora mal conseguisse acreditar. Como se precisasse se entregar cada vez mais, só para ter certeza de que não estava sonhando.

Eu sabia porque era exatamente o que estava sentindo.

Usei minhas mãos para explorar seu corpo, que eu conhecia sem conhecer. Já tinha visto Tales sem camisa um milhão de vezes, mas agora que meus dedos passeavam por dentro da camiseta e tocavam na pele morna e macia, eu sentia meu corpo desvanecendo e virando só sensações. Tudo pulsava, tudo tremia, tudo me lembrava do quanto eu estava viva e como era bom.

— Gosto demais de você, Chloe... — repetiu, com os lábios ainda colados nos meus. — Nem consigo acreditar... que... finalmente... — ele intercalava as palavras com beijinhos.

— Também gosto muito de você — me ouvi divagando. Ele continuava dando vários beijinhos nos meus lábios, o que só confirmava minha teoria de que estava viciado na minha boca. No meu beijo. E eu não tinha nenhuma objeção quanto a isso. — Só demorei pra me tocar. Era uma dessas coisas que a gente sabe sem saber. — Sorri.

Tales gemeu baixinho, apertando-me ainda mais contra o seu corpo. Eu mais senti do que ouvi, e mesmo assim, cada pelinho do meu corpo eriçou com aquele som e com as imagens que ele evocou.

Ele esfregou a ponta do nariz no meu, como tinha feito antes. E depois deslizou para a bochecha e orelha, onde inspirou profundamente. Eu me remexi em seus braços.

— Tá com frio? — perguntou, no meu ouvido. Senti cada movimento dos seus lábios. Neguei com a cabeça, mortificada com a respiração acariciando a pele. — Você não para de tremer.

— É por sua causa — admiti, de olhos fechados, enquanto ele deslizava os lábios pela minha mandíbula.

Tales soltou outro gemido baixo, que mais parecia um rosnado. E então me empurrou para trás com os quadris e nos girou. Ele apoiou as duas mãos na parede atrás de mim, olhando no fundo dos meus olhos, com uma expressão

tão... apaixonada. Nossa! Quando imaginei alguém me olhando daquele jeito? Ainda mais Tales!

Eu nem conseguia organizar os pensamentos. Eram muitos, e frenéticos. Meu estômago dava cambalhotas. Sem dizer mais nada, Tales dobrou os cotovelos e alcançou minha boca de novo. Dessa vez, deixou-se brincar mais no beijo. Sua língua tocava a minha e, quando eu estava prestes a retribuir, ele se afastava. Deixava mordidinhas no lábio inferior, seguida por beijinhos. Senti uma comichão no ventre, ao mesmo tempo em que o corpo inteiro pegava fogo.

Entrelacei os braços ao redor do seu pescoço e o puxei contra mim, beijando-o de maneira quase obscena. Porque só agora eu conseguia compreender o tamanho do sentimento que vinha escondendo de mim mesma. O quanto vinha me enganando.

Beijamo-nos devagar e depois rápido, e então diminuímos o ritmo de novo. Enterrei as mãos nos cabelos sedosos e os puxei, só para ouvi-lo arquejar daquele jeito gostoso. Perdi a noção de tempo e esqueci por completo que estávamos na esquina de um barzinho. Que maluquice. Parecia que eu tinha voltado a ser adolescente, esgueirando-me em becos para beijar na boca. A única coisa que me buscou para a realidade de novo foi o celular que começou a tocar. Era Thaís.

Tales continuou me cercando com os braços, o que agradei mentalmente porque, dessa forma, o calor do seu corpo e seu perfume continuavam me atingindo. Ele era muito cheiroso. Cheiroso demais. Tratava-se de um aroma que me fazia *imaginar* coisas. Muitas delas.

— Tá viva?

— Mais ou menos — respondi, ofegante. — Obrigada por... você sabe... — Sorri para Tales e ele deu uma de suas piscadelas que me atingiu em cheio.

— Só retribuí o favor. Sua bolsa tá aqui dentro. Só para o caso de você querer ir embora pra casa. Não esquece.

— Aham — falei sem prestar atenção, porque Tales tinha começado a beijar meu ombro de um jeito não muito apropriado para se fazer no meio da rua. E então desliguei o celular.

— Eu queria *tanto* ficar com você a noite inteira... — lamentou, ainda me beijando —, mas tô bem ferrado com uma prova. Se eu não tirar oitenta, vou rodar na matéria.

Eu o puxei pelo colarinho, incapaz de encontrar palavras para responder.

Beijamo-nos mais um pouco. Tales me segurou pelo quadril e me ajeitou entre suas pernas, só para me mostrar como estava. O que foi um jogo muito baixo, porque, afinal, tinha toda a questão dos meses na seca e tudo mais. Eu estava quase arrancando a calça dele ali mesmo.

— Quem precisa de faculdade? — brinquei, no meio do beijo. — Quem precisa de um futuro? Fica aqui comigo, tá muito bom.

— Não faz assim... — Ele segurou meu queixo, afastando meu rosto para me encarar. — Eu quero ficar muito mais que você. Mas preciso mesmo ir pra casa. Já devia estar estudando, na verdade.

— Como você vem aqui e me dá um beijo justo num dia que não pode? — choraminguei, passando as mãos pelo seu abdômen e descendo até o cós da calça. Queria persuadi-lo.

— Eu teria feito muito antes, Chloe. Se tivesse... percebido. Você nunca me notou.

Sorri para ele, envergonhada.

— É que eu só me toquei na noite que a gente se encontrou lá no Bar Tolomeu — expliquei, brincando com a barra da camiseta dele.

Tales acariciou meus cabelos, encostando a testa na minha e fechando os olhos.

— Mas parecia que... sei lá. Tava fugindo de mim.

— Eu tava — murmurei, baixinho. — Tava com medo. Ainda tô.

— Não precisa ter medo de mim... de nós. — Ele deslizou as mãos pelos meus braços, até encontrar as minhas. Então entrelaçou os dedos nos meus. — Acho que já provamos pra nós mesmos que não vivemos longe um do outro, né?

Por alguma razão, senti um calafrio intenso com suas palavras. Mordi o lábio inferior.

— Mas é que... a cigana. Sei que você acha besteira, mas eu acredito, Tales — desatei a falar, sem nem respirar entre as palavras. — E eu não quero te perder. Não posso. Prefiro não arriscar, porque assim pelo menos não corria o risco de você sair da minha vida.

Ele voltou a segurar meu queixo e me puxou para um beijo suave, quase preguiçoso. Soltei um suspiro em sua boca, sentindo-me tão leve que parecia ser feita de gás hélio.

— Acha mesmo que vai se livrar de mim, Chloe? — perguntou, sorrindo, ainda com a testa colada na minha. — Não tem chance nenhuma disso acontecer.

— Mas a maldição...

— Nenhuma maldição vai acabar com a amizade que a gente construiu por tanto tempo. Para de ser boba.

Soltei um suspiro, crispando os lábios. Ele era tão teimoso, tão taurino. E ainda tinha coragem de afirmar que nada disso era verdade. Que era só uma pseudociência. O que era a coisa mais taurina que uma pessoa poderia dizer.

— Mesmo assim... quero tentar achar essa cigana de novo. E tentar reverter tudo.

— Como? — Ele arqueou as sobrancelhas, divertido.

Nossa, como ele era insuportável! Como fui me apaixonar por aquele chato?

— Vou pedir desculpa — murmurei, envergonhada, e arranquei uma risada calorosa dele. — Ué, não custa tentar! Vou dizer que já aprendi minha lição. Tales, *por favor*, me leva a sério. Não vou conseguir me perdoar se deixar as coisas entre nós irem por água abaixo.

Ele cobriu minhas orelhas com as duas mãos e desceu as pálpebras. Sua expressão era de entrega, como se ainda não tivesse caído a ficha. A minha ainda não tinha. Eu ficaria rolando a noite toda de um lado para o outro na cama e relembrando a maneira como ele me tocou... Nossa.

— Não vou deixar nada ir por água abaixo, tá? Não vou desistir de você, Chloe.

Estalei a língua no céu da boca, ficando impaciente.

— Na noite que percebi que gostava de você e a gente tava quase se beijando... acabei vomitando...

— Porque bebeu demais — resmungou, mas ignorei.

— E depois nós brigamos e ficamos sem nos falar pela primeira vez na vida.

— Porque eu sou um trouxa! — ele soltou o ar dos pulmões e deixou um beijinho no meu nariz, antes de se afastar para conferir as horas no celular. — Ahn... eu... preciso mesmo ir. Foi mal. A gente conversa melhor sobre isso depois. Quer carona pra casa ou vai ficar com a Thaís?

Esfreguei os braços, olhando para ele. O vento empurrava mechas de cabelo sobre os olhos, fazendo com que Tales jogasse tudo para trás com as mãos a cada dois segundos. Era de matar.

Logo agora que a gente tinha conseguido cruzar a barreira e eu sabia o gosto do seu beijo... a última coisa que eu queria era me desvencilhar dele. Pelo contrário, queria mais. Muito mais. Queria... entender o que era aquele aperto esmagador no peito. Ou o friozinho na barriga. E também tinha o fato de que as mãos não paravam de tremer. Eu parecia uma menininha apaixonada pela primeira vez. E essa era a coisa mais deliciosa do mundo. Só então me dei conta de que eu *nunca* tinha sentido antes.

— Vou com você — me ouvi dizer.

Ao menos poderíamos ficar mais um pouquinho juntos. Eu tinha passado os últimos 10 anos grudada com ele, e agora não conseguia imaginar o fato de que precisaria esperar até o dia seguinte para ter mais dele. Gente, como essa coisa de gostar de alguém era maluca.

Tales ficou me esperando do lado de fora enquanto eu entrava para

buscar minha bolsa e pagar minha parte da conta. Ele não quis admitir, mas eu sabia que estava morrendo de vergonha de Thaís.

— E aí?? — perguntou ela, toda empolgada. Bruno se limitou a abrir um sorriso largo para mim e erguer as sobrancelhas de maneira sugestiva.

— Tô apaixonada — sussurrei, sentindo o rosto queimar.

— Isso não é novidade — ela abanou a mão no ar, com uma expressão debochada.

— Na verdade é sim. — Fisguei o lábio inferior. — Pela primeira vez é de verdade.

Tales estava distraído com o celular quando saí outra vez. Respirei fundo, sem conseguir desgrudar os olhos dele. As sobrancelhas grossas e negras, que evidenciavam ainda mais o cinza claríssimo dos olhos. O nariz comprido e fino, um pouco arrebitado no final. E tinha aquele jeito que ele parava, com a coluna relaxada... como se nada pudesse tirá-lo do sério.

Ele subiu o olhar e me flagrou o engolindo com os olhos. Sorri para ele, enrolando uma molinha de cabelo no dedo.

— Você tá muito bonito — disse, enquanto ele me guiava pela cintura para o carro, do outro lado da avenida.

— Olha só... taí uma coisa que a Chloe do passado jamais diria.

Dei risada, porque era verdade.

— Adoro sua risada, sabia? — sussurrou, deixando um beijinho no canto da minha boca.

— Essa é a maior mentira que você já me falou!

— Ahn? Claro que não. Por quê?

— Por quê? — exclamei, chocada. — Tales, eu pareço uma hiena resfriada rindo. É um barulho que fere os tímpanos das outras pessoas.

— Nunca ouvi uma hiena resfriada pra saber como é — ele deu de ombros, enquanto abria o carro — e sua risada nunca feriu meus tímpanos, também. Na verdade, me dá mais vontade de rir.

— Sua risada faz a mesma coisa comigo — falei, e então entrei no carro só para fugir do seu olhar.

Passei o cinto ao redor do tronco e olhei de esguelha para Tales. Descobri que ele me encarava fixamente. Meu rosto pegou fogo.

— Ei! — Ele pousou a mão sobre o meu joelho. Instantaneamente, esse pedacinho de pele ficou em brasa. — Tá com vergonha de mim?

— Não — respondi, rápido demais. — Sim. Um pouco. É estranho. — E, então, percebendo o que tinha acabado de dizer, me apressei para corrigir: — Não nós dois. É só que...

— Eu sei — ele me interrompeu. — Eu entendo. De verdade. Queria

dizer que você não precisa ficar assim, mas eu mesmo tô com o coração acelerado. Acho que tô suando frio, também... — Tales esfregou os próprios braços, de um jeito meio esquisito.

Soltei uma risadinha e olhei para ele, tomada por afeição. Ele abriu um sorriso largo para mim, que retribuí com outro.

— Não tive a oportunidade de falar isso antes... mas adorei o novo visual — e, um pouco sem pensar, me aproximei dele, passando o polegar pela cicatriz da fissura labial.

Tales estremeceu, mas não fez nada para impedir. Apenas fechou os olhos, aceitando a carícia. E então, quando eu menos esperava, ele roubou um beijinho de mim, com um sorriso torto.

— Gostou, é?

— Ficou o maior gato! — Coloquei uma mecha de cabelo atrás de sua orelha. — Você mantém a barba desde que te conheci... por que resolveu mudar de ideia agora?

— Foi por sua causa.

— Ah, é? — Estreitei os olhos, confusa. Apesar de odiar a barbinha rala dele, nunca falei para Tales o que pensava. Ou será que sim? Meu estômago ficou gelado de medo.

— Você tava certa sobre o cabelo... eu precisava de um empurrãozinho pra deixar de me esconder. Meu jeito de esconder era prendendo. — Tales pigarreou, e seus dedos apertaram minha perna com um pouquinho mais de força. — E foi legal me libertar disso. Daí percebi que só mantinha a barba para esconder a cicatriz... e achei que tava na hora de me livrar dessa barreira. Porque a cicatriz... hum... faz parte de quem eu sou.

— Ai, Tales, seu trouxa. Você não sabia mesmo que cicatriz é a coisa mais sexy do mundo? — Revirei os olhos, arrancando uma gargalhada dele. — Uma pena que a gente tenha passado tanto tempo escondendo uma parte de nós, né?

— Não vejo assim... — Tales enfim me soltou e girou o tronco para frente, ligando o carro. — Pelo menos a gente percebeu isso e fez alguma coisa a respeito. Acho que deve ser muito pior passar a vida se escondendo.

Assenti, absorvendo suas palavras.

Passei o percurso inteiro contando para Tales sobre a apresentação de Pole Dance e tentando convencê-lo a fazer junto com Bruno para ficar com os músculos esculpidos. E também aproveitei para contar da oferta de Thaís.

— Uau! — Ele me fitou com os olhos brilhando. — Caramba, isso é... uau. O que você decidiu?

— Acha que esse é o momento certo? Eu até tenho um dinheirinho

guardado na poupança e ganho um salário razoável lá na empresa. Dá tempo de me estabilizar enquanto faço o curso com calma. Sei lá. Meu coração diz que sim, que já é a hora. Mas eu morro de medo de dar um passo maior que a perna, sabe?

— Você precisa parar de se subestimar, Chloe.

Sua voz continuou repercutindo pelo carro enquanto ele estacionava em frente à padaria já fechada àquela hora.

— Por que subestimar?

— Você já percebeu como se cobra? Como é a primeira pessoa a fazer torcida negativa?

— Mas... eu preciso ser realista. Preciso fazer as coisas direito.

— Você acabou de dizer que esse é o momento certo! — Tales girou no banco para ficar de frente para mim. — E eu sei que você quer muito isso. E não é de hoje. Então... por que não?

— Porque eu acabei de começar o curso de cabelereiros, e...

— E daí?

— Sei lá. Não tem uma regra que as pessoas devem tomar uma decisão importante de cada vez, ou algo do tipo? — Encolhi os ombros, soltando o cinto de segurança para ficar de frente para ele também.

Tales fisgou o lábio e deixou uma risadinha baixa escapar.

— Não tem regra nenhuma. Você faz as regras.

— Mas e se não der certo? — perguntei, descansando o esmalte só para fugir do olhar intenso dele.

— Só tem um jeito de saber se vai dar ou não... eu também fiquei com medo quando saí de casa. Mas medo faz parte. Por exemplo, tô com medo agora, assim como você. Mas isso não vai me impedir de tentar fazer dar certo. De jeito nenhum.

— Ah, Tales... — Suspirei, sem encontrar nenhuma outra resposta.

Queria ter frases prontas e incríveis, como nos filmes. Mas a verdade era que, na vida real, as palavras simplesmente evaporavam em momentos como aquele.

— Chloe... — Ele colocou os dedos embaixo do meu queixo e ergueu meu rosto. — Se não ser certo, e veja que *não* tô falando que não vai dar, tô dizendo *se*. Se não der certo, não é o fim do mundo. Ainda tem a casa dos seus pais. Ou a minha mansão incrível, lembra?

Dei risada, mas ele não acompanhou. Tales fitava meus lábios, sem nem tentar disfarçar. Os olhos miravam minha boca como se fosse a coisa que ele mais tivesse desejado na vida. E me senti a mulher mais bonita do mundo inteiro só com aquele olhar. Algo dentro de mim incendiou.

Não esperei por ele. Não conseguiria, mesmo se tentasse. Em vez disso, inclinei meu tronco e cobri sua boca com a minha. Tales suspirou e suas mãos logo vieram parar na minha cintura.

A princípio, foi um beijo manso, devagar. Mas então, conforme o tempo passava em uma velocidade diferente dentro do carro, mais o ar ficava rarefeito. Mais nossos corpos ficavam inquietos. Sua língua buscava a minha com mais urgência.

Tales soltou o banco em que estava sentado e o empurrou para trás ao máximo, deitando-o em seguida. Suas mãos vieram parar em minhas pernas, quando ele me puxou desajeitadamente para o seu colo. Com uma perna de cada lado, pude sentir muito bem seu desejo. Eu me encaixei em seu colo e soltamos um gemido em uníssono.

Ele beijou meu pescoço, passeando as mãos pela minha cintura e costas, sempre tranquilo, sempre calmo, sempre aproveitando os segundos. Nós estávamos em frente de casa. Camille ou mamãe poderiam olhar pela janela a qualquer momento e nos pegar no flagra. Ou então a polícia. Eu tinha quase certeza de que aquilo era fora da lei. Mas, nossa, era difícil pensar racionalmente quando Tales me beijava daquele jeito apaixonado. O quadril subindo e descendo, bem devagarzinho, como uma prévia do que vinha em seguida. Eu já não conseguia mais me segurar. Queria ele por inteiro.

Sem pensar direito, puxei sua camiseta para fora do corpo. Tales ergueu as mãos, do jeito que podia, e voltou a passear os lábios pela minha pele, que queimava. Passei a mão pela tatuagem, depois as unhas. Ele rosnou, baixinho, afastando-se poucos centímetros para me encarar.

Inclinei o tronco para frente e lambi o desenho de asas mecânicas, deixando mordidinhas aqui ou ali. Parecia um desperdício não fazer nada com aquela tatuagem no peito.

Tales soltou um gemido sôfrego, fechando os olhos. Sua mão subiu e desceu pela minha coxa, bem devagarzinho, enquanto ele parecia tentar recobrar a consciência.

— Cada segundo que passa fica mais difícil falar tchau. — Gemeu, com a voz rouca.

— Então não fala. Fica comigo! — Fiz beicinho, acariciando seus ombros e peito sem nenhuma pressa.

— Não posso. Quero tanto quanto você... mas tô ferrado mesmo. Vou ter que virar a noite.

— Isso é tão errado... — Choraminguei de mentira. — Agora vou passar a madrugada inteira em claro também... dando um jeito no que você não deu.

Tales fechou os olhos por um momento, engolindo em seco como se

estivesse usando todas as forças para se manter firme.

— T-também vou passar a noite inteira pensando em nós. E tô vendo que vou ter que refazer cada conta umas cinco vezes porque vou ficar muito distraído...

Escondi o rosto em seu pescoço, inspirando profundamente o seu cheiro marcante. Tales passou os braços ao redor da minha cintura, me esmagando em um abraço. Seu queixo foi parar no topo da minha cabeça.

— Fiquei pensando no que você falou... sobre a cigana. A maldição e tudo mais.

— Hum... o que é que tem? — perguntei, esfregando o nariz de um lado para o outro em seu pescoço.

— A maldição é sobre o que exatamente? Quais palavras ela usou?

Pensei por um momento, forçando a memória.

— Não lembro muito bem... falou que ia tirar uma coisa que eu queria muito, ou algo assim. Enquanto eu não enxergasse o que importa de verdade. Mas não me disse *o que* era isso.

— E o que você queria muito? — Ele se afastou, passeando as costas da mão pela minha bochecha.

— Um namorado. — Meu rosto queimou de vergonha.

Tales ergueu uma sobrancelha.

— De todas as coisas... *isso* é o que você queria mais? — Ele pareceu um pouco indignado.

— Para de me julgar. Eu tava passando por um momento complicado. Enfim... não importa. Por que você tá perguntando?

— Porque, pelo que você diz, sempre que um alguém aparece, as coisas começam a dar errado. Você não consegue se envolver afetivamente com ninguém, é isso?

Apesar do tom meio cético e da expressão de quem não acreditava minimamente nisso, gostei de saber que ele estava levando a sério. Por mim. Eu acreditava, e por isso ele se importava.

— É! — Assenti, para reforçar.

— Então a gente meio que já tá fadado ao fracasso, né? Desde o dia que você vomitou?

Bati com as mãos nas pernas, indignada.

— É o que vim tentando te falar o tempo todo, Tales! — atirei, sem nem esconder o quanto fiquei ofendida.

— Tá, tá. Calma. Eu sei. — Ele sorriu, segurando meus pulsos e os juntando em frente ao rosto. Depois, deu um beijinho em cada mão. Precisei me esforçar muito para manter a pose de durona depois disso. — Mas você não vê

como isso é bom?

— Ahn??? Como assim?

— Se a gente já tá fadado ao fracasso... se isso é o pior que pode acontecer... porque não continuamos só pra ver onde vai dar?

— Eu... não sei se tô entendendo...

— Vem cá, deixa eu explicar — disse, pouco antes de me buscar para outro beijo.

E me desmanchei em seu colo.

Sua respiração pesada acariciava minha pele, suas mãos se enterravam em meus cachos. Nossa, eu não queria fazer mais nada da vida que não fosse beijar Tales.

— Agora que sei como é te beijar... agora que sei como me sinto com você, Chloe, não quero e nem consigo me afastar.

Engoli em seco.

— N-nem eu.

— Então vamos só continuar. Porque, no fim das contas, se vai dar errado de qualquer jeito, pelo menos a gente aproveitou enquanto dava, né?

Assenti, ainda embargada pelo beijo.

— É um bom jeito de ver as coisas.

16



PROGRAMAÇÃO OFICIAL



DESCI DO ÔNIBUS COM A cabeça no curso de cabelereiro. Desde que descobri que era isso que eu queria fazer para o resto da vida, fui assolada por um medo terrível de, mais uma vez, ser um alarme falso. De, mais uma vez, precisar desistir no meio do caminho para não perder tempo. Eu nem podia imaginar a cara da minha família quando eu contasse. Não saberia lidar com a vergonha e a frustração por não conseguir nem mesmo *me* encontrar.

Mas as coisas estavam sendo bem diferentes. Conforme os dias passavam, mais eu me via empolgada. Já tínhamos terminado o módulo de cortes curtos e começávamos o de cabelos médios e longos. Nossa prova prática foi cortar cabelo de voluntárias. Na véspera da prova, passei a noite em claro, temendo um desastre. Meu maior medo era fazer alguma coisa errada e acabar arruinando o cabelo de uma pessoa. Como a mente é um terreno fértil para incertezas, logo meus medos se transformaram em um filme de terror que ficou passando sem parar diante dos meus olhos, no qual eu deixava a cliente parecendo uma Barbie com o cabelo “transformado” por uma criança com zero coordenação motora. A cliente se olharia no espelho e começaria a chorar, chamando atenção de todo mundo. No final, começaria a fazer um escândalo, gritando sobre o quanto era inadmissível uma pessoa como eu manuseando tesouras.

Quando nossas voluntárias chegaram, eu tremia tanto que a tesoura mal parava nos dedos. Lavei os cabelos da mulher que atendi rezando para o universo me ajudar. Mas, para minha surpresa, quando chegou a hora do vamos ver, o nervosismo deu lugar a uma coisa bem maior. Uma mistura de empolgação com pertencimento. Era como se eu tivesse passado a vida inteira caminhando para chegar ali e, agora que havia chegado, tudo parecia tão fácil, tão certo. Era inexplicável. Mas o melhor foi quando a moça se encarou no

espelho para examinar o corte. Pelo reflexo, vi seus olhos brilhando com intensidade e o sorriso largo que surgiu nos lábios. Era *isso* que eu queria para o resto da vida.

Do mesmo jeito que Juba, do canal Delírios de Juba abriu os meus olhos para procurar pela minha verdadeira essência, eu queria ajudar outras pessoas. Queria que todas experimentassem a mesma sensação que tive ao me olhar no espelho pela primeira vez depois do *big chope*^[1]. Queria que todas se encontrassem, e que eu fosse um degrau importante nessa escada que é o amor próprio. Esse era o meu propósito. Pela primeira vez na vida, eu tinha certeza.

No fim das contas, a noite em claro foi em vão. Eu não só fui muito bem, obrigada, como tirei a nota mais alta naquele módulo. Nossa professora passou uns cinco minutos me elogiando para a turma inteira. Eu queria ser o tipo de pessoa que fica envergonhado com elogios e diz *não é nada, para com isso*; mas não foi o caso. Fiquei extasiada, sorrindo até as bochechas doerem. E isso ficaria para sempre em um cantinho especial do meu coração.

Leve como uma pluma, desci a minha rua convicta de que nada poderia afetar meu estado de espírito. Mas mudei de ideia tão logo atravessei o portão de casa e a discussão acalorada me alcançou. Senti o rosto arder e olhei por cima dos ombros, só para me certificar de que não dava para ouvir nada na padaria.

A voz que mais se sobressaía era a de tia Célia. Fina e cortante como uma agulha. Expirei o ar dos pulmões, diminuindo a velocidade dos passos para prolongar ao máximo o restinho de felicidade. Com o curso acabando a noite, eu quase nunca topava com ela lá em casa. O que por um lado era bom, mas péssimo por outro. Eu já tinha me desacostumado com as ofensas.

Quando estiquei a mão para segurar a maçaneta da sala, senti um nó na garganta ao ouvir a voz de papai. Naquela hora, ele devia estar no décimo sono. Jamais ficava acordado até tão tarde. O que só podia significar... problema.

— Gente do céu, era um cabelão tão lindo... não consigo *entender*. O que deu em você, menina? E o trabalho de modelo? O que vão falar disso?

Abri a porta silenciosamente e me esgueirei para dentro, vislumbrando a cena que se desenrolava. Mamãe e tia Célia sentadas no sofá maior, papai largado no menor, com uma cara de morte. E Camille recostada no batente da porta que dava para a copa, parecendo prestes a cair no choro. Eu nem precisei perguntar para saber. Ela fizera a grande transformação na tarde anterior, e agora seu cabelo estava raspado na máquina dois, bem curtinho mesmo. Se era possível, ficou ainda mais gata. Eu não tinha estruturas para lidar com a beleza da minha irmã mais nova.

O que dava mais raiva na situação toda era que ela havia ficado tão animada, tão cheia de vida. Doou o cabelão para uma instituição que fazia

perucas para mulheres escalpeladas e já estava cheia de viagens marcadas para São Paulo, onde fotografaria a primeira campanha com a marca. Tudo isso para chegar nossa tia sem noção e fazer um monte de comentários escrotos?

Senti um nó enorme na garganta, ao mesmo tempo em que um calorão desenfreado subia pelas entranhas.

— Foi por causa do trabalho que ela mudou o visual, Cé — mamãe explicou, repousando a mão em seu joelho. — É uma coisa grande. Queriam uma modelo de cabelo crespo, mas se apaixonaram pela Camille...

— Não foi só por causa do trabalho — rebateu Camille, cruzando os braços sobre o peito como se fosse um escudo de proteção. — Foi porque eu quis, tia Célia. E olha, tô me amando assim. E vou me amar ainda mais quando os cachos começarem a crescer. Ah, oi, Chloe.

Todos os olhares se voltaram para mim. Fiz um gesto com a mão para tia Célia, sem a menor vontade de abraçá-la. Às vezes eu queria não ter tanto rancor por ela, mas anos sendo o bode expiatório me fizeram criar um ranço difícil de contornar. Ela até podia fazer sem maldade, mas não deixava de machucar por isso.

— Boa noite — resmunguei, por fim.

— Ah, aí está você. Viu só a *atrocidade* que sua irmã fez com aquele cabelão lindo?

Por trás de seu ombro, vi o olhar suplicante de mamãe para eu não comprar a briga. Foi por isso que dei de ombros, caminhando até o sofá onde papai estava em um estado vegetativo (tinha quase certeza de que ele dormia de olhos abertos e só despertava em momentos cruciais) e me sentei no braço, de frente para elas.

— Acho mais bonito assim. E a marca que contratou também, que é o que importa.

Mamãe engoliu em seco. Mas tia Célia nem se abalou.

— Aposto que essa decisão da Camille tem um dedinho seu, né? — perguntou, num tom ofendido, como se tudo isso a afetasse de maneira direta. — Ainda mais agora fazendo aquele seu *cursinho* de cabelereiro. Mas vamos ver quanto tempo dura... você não para quieta! — Ela deu aquela risada aguda que eu detestava.

Cerrei os dentes, soltando a bolsa no chão para não correr o risco de atirar na cara da minha tia.

— Acho que a Chloe finalmente se encontrou, Cé. Tá toda animada com o curso, só fala disso. Vai ser uma cabelereira referência em cabelos cacheados. — Mamãe lançou uma piscadela para mim, e lembrei de Tales no mesmo instante.

Eu me senti feliz por ela ter me defendido, ainda que de maneira sutil. No passado, ela costumava pegar no meu pé *com* tia Célia.

— Pfff... cabelos cacheados! — Minha tia abanou a mão no ar, descartando a ideia. — Tá todo mundo pagando pra *alisar* e você nadando contra a corrente.

— Célia, eu gosto — papai falou, com uma voz enrolada de sono. — Olha só pra Chloe, por exemplo. Combinou bem mais, você não pode negar. — Ele ergueu as mãos no ar. — Mas nossa opinião não importa. Elas fazem o que têm vontade.

— Como não importa, Júlio? Família é pra isso! A gente tá aqui pra aconselhar e não deixar os filhos da gente cometerem esses erros malucos da adolescência. Daqui uns dias bate um arrependimento na menina, por ter ido na onda da Chloe, e daí já viu... imagina o drama pra voltar ao cabelo de antes.

Abaixei a cabeça, sentindo os olhos marejarem. Mamãe percebeu, porque segurou o ombro de tia Célia com uma expressão meio dura. Era tão engraçado observá-las lado a lado... eram idênticas (quem era de fora nunca conseguia distinguir) e, ao mesmo tempo, muito diferentes.

— Você tá sendo muito dura, Cé... Eu estranhei o cabelo da Chloe no começo, mas acho que foi porque precisava me acostumar. Agora concordo com o Júlio, até prefiro assim. A mesma coisa com a Camille. — Mamãe tinha um tom todo dócil de falar com tia Célia. — Pra ser sincera, tô pensando em passar por essa transição capilar também. Queria ver como é meu cabelo, nem lembro mais. A Chloe vai me ajudar. Né, filha?

Sorri, erguendo o rosto para fitá-la. Senti uma afeição tão grande pela minha mãe que quis sair correndo e pular em seu colo, como fazia quando criança. Mas, em vez disso, ergui o queixo para responder:

— Com todo o prazer. Vocês serão minhas primeiras clientes.

— Nossa, Cleide! Não acredito! Você *não pode* estar falando sério.

— Pois estou, ué! — Mamãe fez tom de ofendida. — Por quê?

— Eu até entendo a Camille fazer besteira na onda da Chloe, que é meio maluca das ideias, mas você? — Tia Célia bateu as mãos nos joelhos, levantando-se do sofá em um impulso, como se não suportasse ficar ao lado de mamãe depois disso. — Você já tá velha pra isso.

Abri a boca para responder sobre todas as coisas erradas naquela frase, mas então ouvi um suspiro cansado de Camille e busquei, por cima do ombro, o seu rosto. Ela tinha uma expressão tão derrotada que me partiu o coração. Aproveitei que mamãe e tia Célia discutiam sobre ser ou não velha o suficiente para mudar o visual e levantei do sofá, logo depois de alcançar minha bolsa no chão.

Pé ante pé, percorri a distância até minha irmã e agarrei sua mão.

— Vem cá — sussurrei, baixinho.

Ela apenas assentiu e me seguiu em silêncio. Subimos as escadas sem trocar uma palavra, mas vez ou outra eu a ouvia suspirar. Parecia usar toda a energia para não cair no choro. Eu sabia como era o sentimento. Já tinha cansado de subir aqueles degraus segurando as lágrimas por causa de algum comentário de tia Célia, mas Camille não. Para ela era novidade. Eu sabia quão doloroso era.

Fechei a porta atrás de nós quando ela passou e marchou direto para a cama, onde se atirou. Camille abraçou o travesseiro com força, como se ele fosse criar braços e retribuir o carinho. Ver aquilo acabou comigo, porque eu mesma já tinha feito isso várias e várias vezes.

— Não liga pra ela. Sério — falei, pouco mais alto que um sussurro, enquanto sentava na ponta da cama. Estiquei o braço para tocar sua canela. Camille soltou o travesseiro e ergueu o rosto para me encarar. — Mamãe já me disse que ela faz isso porque ama a gente, não por mal. E eu acho que não mesmo. Ela só é... sem noção.

Camille deu uma risadinha sem vontade, mas ao menos as lágrimas não escaparam de seus olhos.

— Como você aguenta isso? Porque tipo... ela sempre pega no seu pé.

— Aham. Sou a decepção da família, né? — brinquei, mas minha irmã torceu a cara como se sentisse dor.

— Nada a ver. Não fala assim.

— Pra ela eu sou... todo mundo é melhor. Bem-sucedido. Exemplar. Eu sou só eu. Queria poder te falar que não dou a mínima... mas às vezes me atinge, sim. Tem dias que encontrar tia Célia é um pesadelo, mas a gente vai aprendendo a ignorar. — Segurei a base do nariz, fechando os olhos para organizar melhor os pensamentos. — Não só a família, mas o mundo. Se posso te dar um conselho pra vida, é esse, Ca. Nem sempre vão aparecer pessoas agradáveis no nosso caminho. Na maior parte do tempo é o contrário, na verdade. Mas a gente tem que aprender a ir driblando esses comentários e desviando a atenção para as outras pessoas, as legais. Tem muita gente que te acha linda de todo jeito, e que tá torcendo por essa fase nova da sua vida. Eu, inclusive. Foca nelas, tá?

Camille assentiu, os olhos voltando a brilhar além do normal. Ela brincou com os próprios dedos, para fugir do meu olhar. Um silêncio confortável se expandiu pelo quarto e só foi quebrado, por ela, minutos depois.

— Eu tava amando a mudança. Achei que ia pirar, mas foi o contrário: me senti tão bem... e agora tô cheia de incertezas.

Sorri, rastejando na cama para deitar ao seu lado. Camille endireitou a postura, ficando de barriga para cima.

— Às vezes as pessoas dizem mentiras sobre nós, mas ouvimos e tomamos como verdade. Aprendi isso com aquela youtuber que me fez passar pela transição. Se você se sentiu bem, se tava amando... é isso que importa. E daí se a tia Célia, alguma outra menina da sua agência ou o próprio papa odiarem? Não são eles que vão viver em sua pele, ora.

Ela fisgou o lábio inferior e seus olhos percorreram meu rosto com calma.

— Você faz parecer fácil...

— *Não é fácil. Mas é necessário.* Amor próprio não é você estar bem todos os dias, superconfiante e segura de si... mas você lutar por você. Conhecer seus defeitos e entender que eles são pequenos perto do resto. — Respirei fundo e, sem pensar muito, estiquei a mão para tocar na cabeça raspada da minha irmã. Tinha um toque macio e delicioso. Como ela não reclamou, passei a mão com calma. — Vou dar um exemplo: você me ama, né? E a Cíntia. A mamãe, o papai. E até a tia Célia. Mas nenhum de nós é perfeito. E você nos ama *mesmo* assim. Do jeitinho que somos. Aprende a lidar com as coisas que não gosta tanto e segue em frente. Amor próprio é isso, Ca. E é bizarro que eu esteja te ensinando isso e não o contrário?

— Como assim? — perguntou ela, rindo baixinho.

Segurei seu queixo e balancei seu rosto de levinho.

— Olha só pra esse rostinho. Eu estaria com a vida resolvida se fosse tão bonita assim.

Dessa vez, Camille gargalhou com gosto.

— Para de ser ridícula. Nós somos bem parecidas. Os genes de mamãe e tia Célia são fortes.

— São. Mas você é meio que uma versão melhorada da gente. Somos a versão beta, você é a final.

Caímos na risada juntas. Foi bom ver qualquer resquício de tristeza se dissipar do seu rosto. Eu sabia que tia Célia continuaria pegando em seu pé, mas aos poucos Camille aprenderia a deixar entrar por um ouvido e sair por outro, como eu fazia e quase sempre dava certo. Além do mais, no fundo, eu sabia que tia Célia de fato falava pelo *nosso bem*. Era problemático, mas era porque ela ainda não tinha aprendido a enxergar seu cabelo natural sem as mentiras que haviam contado para ela. Eu esperava que um dia ela conseguisse aprender a ver beleza em suas raízes, assim como nós.

Três toquinhos na porta nos fizeram cessar a risada. Só pela batida já dava para saber quem era — mamãe nunca avisava sua chegada. Ela só ia entrando. E como Camille estava comigo, restava apenas uma pessoa...

— Pode entrar, pai! — Mal terminei de falar e ele já tinha aberto a porta.

Ele nos estudou com um brilho de satisfação nos olhos azuis e logo os lábios finos se torceram em um sorrisinho. Papai sentou ao pé da cama, e demorou alguns minutos antes de quebrar o silêncio confortável.

— Tô vendo que já superaram os comentários da tia de vocês.

— A gente tava tentando — brinquei, encolhendo os ombros.

Papai soltou um suspiro longo, exausto, que eu conhecia muito bem. Essa situação já tinha se repetido muitas vezes antes. Ele me procurava depois de uma visita de tia Célia para reparar os danos. E sempre conseguia. Papai tinha esse dom de me arrancar sorrisos. A única diferença era que, dessa vez, Camille estava presente.

Como se lendo meus pensamentos, ele esfregou a canela dela para chamar sua atenção. Seus olhos estavam injetados de sono, mas ainda assim ele tentava esconder o fato de que estaria ferrado no dia seguinte. Não queria que nos preocupássemos. Esse era o nosso pai.

— Camille, você... pode nos dar licença, faz favor? Preciso trocar uma palavrinha com a sua irmã — pediu, com cautela. — Depois vou lá conversar com você.

Ela assentiu, sem dizer uma palavra, e então deixou um beijo no topo da minha cabeça. Seu olhar grato dispensava palavras. E só aquilo já me deixou com o coração quentinho de felicidade. Quando eu saísse de casa, seria muito mais difícil ajudar a suportar a barra, por isso queria aproveitar enquanto ainda podia fazer a diferença para ela.

— Fecha a porta, tá? — papai pediu, quando ela passou por ele. Camille obedeceu, ainda sem dizer nada.

Ele se endireitou, a fim de ficarmos de frente. Aproveitei para tomar impulso e me sentar, ficando mais perto dele. Os segundos se transformaram em minutos enquanto sustentávamos um silêncio cheio de significado. Por mim, ele não precisaria gastar saliva dizendo nada, só o fato de continuar me procurando para se certificar de que eu estava bem já significava *demais*.

Ele segurou a base do nariz, fechando os olhos por um momento, como se de todas as coisas que o deixassem exaurido, aquela fosse, de longe, a principal.

— Sua tia é difícil... — murmurou por fim.

Deixei uma risada escapar. Aquela deveria ser a melhor definição.

— Mas ela me ama. Eu sei — completei, para facilitar a sua vida.

— Ela ama mesmo. Bastante. E nem sempre a gente faz o certo por quem amamos... tenta relevar a cabeça dura dela — suas sobrancelhas arquearam tanto que quase tocaram a raiz do cabelo. — E a língua solta demais, pro meu gosto. E o fato de ela achar que a opinião precisa ser dita, independente do que os outros

vão pensar...

Ri feito uma hiena louca e isso o fez rir também. Logo, meu quarto todo foi ocupado pelo arranjo confortável que nossas risadas compunham.

— Sabe o que é mais engraçado disso? — perguntei, por fim. Ele negou com a cabeça. — Tudo que eu disse hoje pra Camille foram coisas que ouvi você dizendo pra mim, do jeitinho que estamos agora.

Papai abriu um sorriso tão largo que evidenciou várias linhas ao redor dos olhos. Estiquei a mão, pegando a sua.

— Obrigada mesmo por sempre ficar do meu lado — completei.

— Só precisava dar em empurrãozinho. Você é forte e sempre soube se virar sozinha. — Ele usou o polegar para traçar círculos em minha pele. — Querida, e-eu só... — Sua voz ficou embargada e ele precisou pigarrear para prosseguir. — Só quero que você saiba que eu tenho muito orgulho de você, tá? E nunca duvidei do seu potencial. Você é... meu maior tesouro. Não deixa ninguém te fazer duvidar dessa mulher incrível que se tornou. Nem mesmo se for alguém da família.

Fisquei o lábio inferior, tentando evitar as lágrimas, mas foi em vão. Elas vieram de uma vez e, quando dei por mim, chorava feito um bebê. Inclinei o tronco para abraçá-lo. Papai passou um braço ao redor do meu pescoço e ficamos assim pelo que pareceu uma eternidade. Cada vez que ele fungava, eu deixava escapar um novo soluço e meu choro se intensificava. Levou um tempo considerável até nos acalmarmos.

Meus braços formigavam quando nos desvencilhamos. Com o coração grande demais para caber no peito, decidi que aquela era a hora de contar minha decisão para ele. Papai merecia ser o primeiro a saber. Usei as costas da mão para secar meu rosto, aproveitando para juntar toda a coragem necessária.

— Eu já sei de tudo isso, pai. Graças a você. E agora você tem a missão de fazer o mesmo pela Camille. Ainda mais quando eu estiver longe... — atirei tudo de uma vez. Achei que seria melhor se fosse como um *band-aid*.

Papai uniu as sobrancelhas, sem esconder a confusão.

— Como assim? Pra onde você vai?

Abri a boca para responder, mas não encontrei minha voz. Por isso, só me restou apertar os lábios, torcendo para ele encontrar a resposta no silêncio.

E foi o que aconteceu.

Seus olhos percorreram meu rosto e logo depois o quarto. Ele olhou ao redor, colocando as engrenagens do cérebro para trabalhar. E então, quando voltou a me encarar, tinha os olhos arregalados e uma expressão que misturava choque e felicidade.

— Tá brincando que essa hora já chegou? Tá muito cedo. Ainda nem me

recuperei da Cíntia... meu deus. — Ele passou as mãos pelo cabelo, evidenciando as entradas. — Não tô preparado pra isso, filha. Quero ficar feliz por você, e tô. Mas... nossa.

Senti vontade de chorar outra vez. Mas, em vez disso, sorri. Um sorriso tão largo que deixou as bochechas doloridas.

— Já tenho vinte e cinco, pai. A Cíntia saiu bem mais nova.

— Você é uma *criança*. — Ele negou com a cabeça, como se fosse difícil demais processar a informação.

— Você acabou de me chamar de mulher, pai! Aliás, você sempre *me trata* como adulta. É *super de boa* com isso. O que tá acontecendo? — Apesar de tentar parecer brava, eu continuava sorrindo.

— Isso é diferente. Não vou mais te ver todo dia. Não conta pras suas irmãs, muito menos pra sua mãe, mas você é minha filha de 25 anos favorita. O que vai ser de mim agora?

— Eu sei que sou. Você também é meu pai favorito. E achei que não existisse isso de favorito para os pais? — Apontei o dedo em riste para ele.

Papai ergueu as mãos no ar, em defensiva.

— Amo as três incondicionalmente. Mais do que tudo. Dou minha vida por qualquer uma em um piscar de olhos. Mas você é minha melhor amiga, filha. Isso ganha pontos extras. Tem que entender meu lado, poxa.

Meus ombros chacoalharam quando ri em deleite. Bati com o braço no dele.

— Tá bom, não conto pra ninguém. Mas só porque você também é meu melhor amigo.

Ele enrolou uma molinha do meu cabelo no dedo indicador, enquanto soltava o ar dos pulmões.

— É o seu sonho, né?

— O maior deles.

— Como chegou a essa decisão?

— Sabe a Thaís, do meu trabalho? — perguntei, e ele assentiu sem nem piscar. — Ela me convidou pra dividir um apartamento ali no centro. Fica fácil para as duas. E, olha... acho que ela é a melhor pessoa do mundo para morar comigo. É maluquinha igual a mim.

Papai riu baixinho e apertou meu nariz.

— Que coisa... quando vocês eram bebês, todo mundo falava pra aproveitar porque passava rápido. Mas eu não achei que fosse *tão* rápido assim. Ainda lembro de você desse tamanho aqui — ele estendeu a mão no ar, um pouquinho acima da cama —, riscando as paredes com canetinha e roubando os tecidos da sua mãe para enrolar nas bonecas.

Seus olhos ficaram distantes. Eu sabia que nada do que ele via se encontrava ali, no presente. Peguei-me sorrindo feito boba, não pelo que ele dizia, mas *como* dizia.

— Você ainda tem uma filha morando aqui para curtir, pai.

— Ah, não por muito tempo. — Ele abanou a mão no ar. — Quase certeza de que agora a carreira dela decola e ela vai de mala e cuia para São Paulo. Tenho que me conformar. Tentei me preparar para esse dia, mas no meu coração torcia para que nunca chegasse.

— Você torcia pra gente nunca sair de casa? — perguntei, atônita. Ele meneou a cabeça, todo sério. — Meu deus, pai, que maluquice! Imagina só nós três aqui, na faixa dos quarenta... e vocês só querendo curtir a velhice em paz e fazer coisas que pais fazem, mas que os filhos ignoram para o bem da saúde mental.

Papai tombou a cabeça para trás, gargalhando. Parecia prestes a desmontar, de tão cansado.

— Tá bom, concordo. As vantagens de vocês irem embora é que vamos poder voltar a andar pelados pela casa.

— Quê? — perguntei, de olhos arregalados. — Ai, nossa... — Massageei as têmporas, tentando varrer a imagem que se formou em minha mente. — Vou ter pesadelos com isso.

Rindo outra vez, ele me puxou para um abraço apertado.

— Tava só brincando.

— Hum... sei. Não adianta mais, pai. Agora você já arruinou tudo.

— Para de ser boba e me escuta — ele sussurrava, com a voz cheia de emoção. — Tô muito feliz que você vai realizar esse sonho. Uma parte de mim está quebrada porque não vou mais ter o privilégio de morar com você, mas a outra está muito orgulhosa. Tenho certeza de que vai se sair muito bem.

— Por favor, sério, não me faça chorar de novo. Não vou mais conseguir parar — pedi, em tom de brincadeira, mas era verdade. Papai ignorou, pois continuou falando:

— A gente vai estar sempre aqui. Pra tudo o que você precisar. Vamos ajudar a procurar imóveis, vamos ser seus fiadores, vamos encaixotar as coisas com você. Basta pedir, meu amor. Mas, por favor, prometa que *vai* pedir se precisar.

— Eu prometo — respondi, confusa com o rumo da conversa.

Ele segurou meus ombros e me afastou o suficiente para que pudesse me encarar nos olhos. Sua expressão tinha certa urgência.

— Às vezes as coisas não saem como a gente espera, e não tem problema nenhum. Se por acaso algo sair do controle... por favor, nos deixe saber. Eu sei

que as vezes dá medo, receio, vergonha... a gente fica preocupado com o que os outros vão pensar. Mas não vale abrir mão da felicidade temendo o julgamento dos outros, querida. Porque eles virão mesmo assim.

Meu coração tinha ido parar na garganta. Por alguma razão, falar sobre esse tipo de coisa me frustrava um pouco. Eu sempre tinha tanto medo de tudo dar errado, e com razão — várias coisas saíram diferentes de como imaginei. Ainda que eu me sentisse feliz com o rumo de minha vida e tivesse a certeza absoluta de que faria tudo igual, só para chegar naquele ponto exato no qual me encontrava, não podia negar o medo de que os novos planos fossem por água abaixo, independentemente do que me esperasse depois. Isso era algo que eu ainda precisaria trabalhar em mim aos poucos.

Como fiquei em silêncio, papai aproveitou a deixa para concluir:

— Às vezes parece o fim da linha perceber que alguma coisa não é pra gente. Igual quando você desistiu das faculdades... foi doloroso, eu sei — ele umedeceu os lábios, como se tentasse procurar as palavras certas —, mas também foi um ato de muita coragem, Chloe. E tudo isso te preparou para que você acabasse descobrindo o que amava de verdade. Nenhuma experiência é em vão. Não precisa ter vergonha de recorrer a sua família. Eu me asseguro de não deixar a tia Célia abrir o bico, tá?

Dei risada, esfregando os olhos para afastar a vontade de cair no choro outra vez.

— Obrigada, pai. Te amo muito.

— Eu amo mais! — Ele deixou um beijinho em cada lado do meu rosto.
— Mas agora preciso conversar com sua irmã pra tentar dormir mais um pouquinho.

— Vai lá. Você tá parecendo um morto vivo.

Ele piscou para mim e levantou, saindo do quarto e me deixando sozinha com todos aqueles sentimentos intensos e conflitantes. Era bom realizar meu sonho e enfim sair de casa. Mas também era bizarro pensar em como a vida mudaria a partir dali. E em como eu sentiria falta de coisas tão pequenas, como, por exemplo, acordar de manhã com o cheirinho de padaria e saber que papai estava preparando as fornadas de pão.

Fui desperta dos meus pensamentos quando meu celular vibrou sobre a escrivaninha. Era uma notificação no *Facebook*. Sorri ao descobrir de quem era.

Tales Gentil convidou você para o evento dele.

Abri o evento, sem conseguir parar de sorrir. E, enquanto a página carregava, sentei na cama. Meu sorriso alargou ainda mais quando meus olhos começaram a correr pelas informações.

PRIMEIRO ENCONTRO OFICIAL

Evento privado | Organizado por *Tales Gentil*

Domingo, dia 14 às 19 horas

Daqui a 2 dias.

Descrição: anota aí a programação oficial:

pra começar, te busco as 19h pra te levar ao cinema, pq vc comentou comigo que queria assistir a adaptação de rei leão (mas cá entre nós: todo esse esforço é só pq tô louco de vontade de te levar pra cama, então espero, de verdade, não prestar atenção em uma cena sequer do filme. afinal, todo mundo sabe que filmes são só uma desculpa pra pegação).

depois, tava pensando na casa da vó. vc ama a panqueca de camarão e gema de um jeito delicioso quando come alguma coisa muito gostosa. até podemos começar com alguns drinks lá. mas nada de uísque, tá? tô um pouco traumatizado. e não quero nada atrapalhando a gente outra vez. nessa segunda parada, espero conseguir pelo menos chegar na segunda base. é justo, né? ;)

por último, não tem como não passar no bar tolomeu, por motivos bem óbvios. a gente se encontrou lá aquela noite... e desde então tudo mudou.

essa é a última parada antes da minha casa, onde espero que vc tenha misericórdia dessa pobre alma que fez de tudo para tentar resolver um certo problema sobre secas de cinco meses que vc andou me contando um tempo atrás, hahaha.

ah, só pra constar: isso não é um convite. tô te convocando.

Comparecerão: (1)

Tales Gentil

Convidados: (1)

Chloe Tavares

() não sei () não comparecerei () comparecerei

Terminei de ler a mensagem com o coração acelerado. Minhas bochechas doíam de tanto sorrir. Fisguei o lábio inferior, num misto de sensações. O fato de Tales provocar sentimentos tão intensos e deliciosos em mim me deixava extasiada e ansiosa para o nosso encontro. Para que ele cumprisse todas as promessas da programação oficial... se já tinha causado calafrios só com palavras, eu mal podia esperar para o que faria ao vivo. Mas, acima de tudo, fiquei apavorada. Era muito inédito enxergar Tales desse jeito. E mais ainda o

fato de que estávamos prestes a sair para o nosso primeiro encontro. Meu Deus!

Balancei a cabeça para afastar todos os pensamentos e mirei no celular. Então, varrendo todo o medo de lado, fiz o que meu corpo inteiro clamava:

☐ não sei ☐ não comparecerei ☒ comparecerei

17



A ÚNICA COISA QUE FALTAVA



QUANDO A CAMPAINHA TOCOU, QUASE tive uma síncope. Nenhum dos outros mil encontros que fui na vida me prepararam para aquele momento. Pelo contrário, eu estava aterrorizada. O que era uma besteira, porque, caramba, era só Tales. A pessoa que eu mais conhecia na vida. E com quem passei quase todos os meus dias nos últimos dez anos. Aquele seria só mais um programa como vários outros que já havíamos feito antes.

Com a diferença de que... hum... se tudo corresse bem, acabaríamos na cama dele. Sem roupas, totalmente suados e com as respirações ofegantes. O que, com certeza, arruinaria nossa relação fraternal. Mas seria o começo de algo muito mais bonito, que eu estava ansiosa para compartilhar com ele.

Meu estômago revirava de nervosismo e precisei andar de um lado para o outro algumas vezes para tentar me acalmar. Esperava que Tales começasse a me ligar ou mandasse mensagens para me apressar. Mas, em vez disso, ouvi uma batida leve na porta. O coração foi parar na boca. Quase vomitei no tapete do meu próprio quarto. Deus do céu, eu tinha virado uma adolescente. Era isso.

— Po-pode entrar. — Minha voz saiu em um fiapo ridículo. Endireitei a postura, alisando a saia do vestido mais do que era necessário.

Para minha surpresa e alívio, não era Tales do outro lado, e sim mamãe. Era a primeira vez na vida que ela batia na porta. Fiquei tão perplexa que não encontrei nada para falar.

Seus olhos me examinaram com calma antes de ela dar um sorrisinho satisfeito, de quem sabia das coisas. Senti o rosto arder de vergonha, no entanto não ousei dizer uma palavra. Esperei para saber o que ela queria.

— O Tales tá lá embaixo te esperando.

— Ahn... ele entrou? — perguntei, sem pensar, porque já fazia um tempo que ele tinha parado de entrar, sem que fosse para jantar em casa ou alguma

outra coisa do tipo.

— Sim? — Mamãe arqueou as sobrancelhas, rindo baixinho. — E tá todo bonitão, filha. Pra onde vocês vão?

Lembrei da descrição do evento que ele criou e senti o rosto queimar pela segunda vez. *Para a cama dele, se tudo der certo*, foi o que pensei. Mas, claro, não foi o que respondi.

— Assistir a um filme. E depois jantar — respondi, enterrando os dedos no cabelo para tentar parecer casual.

— Vocês fazem um casal muito bonito. O Tales é um rapaz tão bom... — Ela suspirou, com o olhar distante. — Torci muito pra que vocês vissem logo o que estava na cara dos dois.

Se eu continuasse ali mais um segundo, era capaz de morrer de vergonha. Se é que isso era possível. Eu não queria ficar para ver. Era muito bizarro falar de homens, no geral, com mamãe. Sobre Tales, então, era quase uma tortura. Eu queria sumir.

— Ai, mãe. Para. A gente só vai... — um nó se formou na garganta, porque eu não queria mentir — ver no que vai dar.

— Eu já tenho meus palpites.

Apontei o dedo em riste.

— Não. Ouse.

Ela tombou a cabeça para trás, gargalhando. Dava para ver de quem eu tinha puxado minha risada feia.

— Anda logo. Não deixa ele te esperando, sabe como ele é todo apressadinho. E boa sorte! — Ela me deu um beijo na testa quando passei ao seu lado e saí do quarto.

Desci as escadas me sentindo em um daqueles filmes em que todo mundo vira para olhar a protagonista. Mas acabei perdendo o equilíbrio e tive que me segurar firme para não quebrar uma perna. Por sorte, Tales assistia tevê com Camille e nem notou.

— Imagina só ir no banheiro com dor de barriga, e daí quando você olha pra privada, tem um *bebê* lá! — Camille arquejou, espalmando o peito com as mãos.

— Eu sei!! — Tales assentiu, fazendo os cabelos balançarem com suavidade. — Caralho, o pior filme de terror. *O pior*.

Deixei uma risada escapar e ganhei a atenção dos dois.

— Sério que vocês ficam sozinhos por cinco minutos e já estão assistindo Discovery Home & Health?

Camille só sorriu, como se não tivesse desculpas para isso.

Mas foi para Tales que minha atenção se voltou. Ele ficou inteiro rígido e

pude ver direitinho seus olhos percorrendo as curvas do meu corpo, para logo em seguida engolir em seco. O pomo de adão de moveu de um jeito quase obsceno. De repente, me vi sem fôlego.

— Já não era sem tempo — ele murmurou, tentando fazer uma piada. Mas o lorde de outro século já tinha se apossado dele. — Mais um pouco e eu pretendia subir, para te buscar.

Soltei uma risada, mas ela não saiu natural. Também não era forçada, nem nada do tipo. Mas era como se eu estivesse atuando uma Chloe tranquila. Porque, por dentro, não podia estar mais distante disso.

Meu corpo parecia estranho. Era como se tivesse alguma coisa errada, eu só não sabia apontar o quê. Incomodada com o silêncio esquisito que dominou a sala (ainda mais com minha irmã mais nova de testemunha), me vi dizendo a primeira coisa que passou pela cabeça:

— Vamos? O filme começa em — olhei para o celular mais que depressa — vinte minutos.

Ele assentiu, batendo com as mãos na perna e levantando logo em seguida. Então olhou para a minha irmã, indicando a televisão com o ombro.

— Depois me conta se o bebê teve alguma sequela.

— Conto! — Ela riu. — Bom filme pra vocês.

— Valeu — dissemos juntos.

Caminhamos lado a lado até o carro de Vinícius, porque eu não fazia ideia de qual era o protocolo ali. Deveríamos dar as mãos? Nos pegar loucamente quando entrássemos no carro? De repente, tudo o que aprendi ao longo dos anos se dissipou da minha cabeça e só restaram dúvidas e desespero.

Tales abriu a porta para mim pela primeira vez na vida, o que só contribuiu para o tremor intenso nas extremidades do corpo. Tentei controlar a respiração enquanto ele dava a volta para entrar, mas o carro tinha seu cheiro de madeira e canela. E só inspirar aquele perfume provocou uma fisgada intensa no meio das pernas.

A noite mal tinha começado e eu já estava fora de mim.

A porta fez um barulho alto quando Tales nos fechou lá dentro. Ele apoiou o braço no encosto do meu banco, meio que me abraçando. E, como em um passe de mágica, senti o corpo inteiro retesar. Músculo a músculo.

Fiz uma força sobre-humana para conseguir encará-lo nos olhos.

— Já falei que... — começou, mas eu o interrompi.

— Fico bonita de amarelo? — completei, e ele abriu um sorriso largo. — Ou melhor, *formosa*? Já. E não foi por menos que escolhi esse pra usar hoje.

— Garota esperta! — Ele acariciou minha bochecha e inclinou o tronco para me dar um beijo.

Foi bem rápido. Só deu tempo de me lembrar do seu gosto e reacender o desejo. E então, antes que eu pudesse aprofundar, ele se afastou. O sorriso era diabólico e me desmanchei no banco.

— Bom, nós temos um cronograma para cumprir, né? — E, ao terminar, lançou aquela piscadela de matar, seguida por um sorriso maroto.

Só consegui suspirar, toda afetada.

Como não enxerguei aquele homem antes? Minha nossa, ele estava bem na minha frente o tempo todo. Acho que mamãe e Thaís tinham razão. Só faltava olhar com atenção.

Ele ligou o carro e deu partida, repousando a mão sobre minha perna logo em seguida. Era como se Tales detivesse algum controle especial sobre mim, porque bastou sua pele entrar em contato com a minha para tudo formigar e ferver.

Tentei me manter quieta no lugar, mas, céus, era muito difícil.

— Tá nervosa? — perguntou, de repente.

— Sim. Um pouco — admiti, olhando fixamente para o caminho, para o caso de ele buscar meu olhar.

— Eu também tô um pouquinho.

— Acho que é normal? A gente foi amigo por tanto tempo. E... agora...

Tales riu e, pela visão periférica, notei que negava com a cabeça.

— Ah, não. Meu nervosismo não tem nada a ver com isso.

— É mesmo? — Não consegui esconder a surpresa.

— Hum, hum. Meu nervosismo é porque tô levando uma garota gata pra cacete pra sair. E tô a fim dela tem um tempão... Porra, nem consigo acreditar na minha sorte.

Dei um tapa no braço dele, cedendo a vontade de rir.

— Besta!

— Tô falando sério, ué.

— Para de me bajular só pra conseguir transar depois. — Mostrei a língua, só pra provocá-lo.

Mas Tales nem ligou. Tinha um brilho diferente no olhar.

— Tô bajulando porque gosto. E não preciso de nada disso pra conseguir o que quero.

— Nossa, Tales! — exclamei, sorrindo feito boba. — Quando foi que você ficou tão convencido assim?

— Você me ajudou um pouco... — Ele encolheu os ombros, dando seta para entrar no estacionamento do shopping. — Com o tapa no visual e tudo mais.

— *Tapa no visual* — tirei sarro, e acabei caindo na risada sem conseguir

evitar. — Você é muito engraçado quando fala desse jeito.

— Eu nunca tinha notado até você comentar, sabia? Mas não consigo evitar... acho que esse meu lado lorde vem sem eu perceber.

Revirei os olhos, mas Tales não viu, pois estava concentrado em estacionar. Mal esperei o carro parar e fui logo soltando o cinto de segurança. Estava para abrir a porta quando Tales me surpreendeu com outro beijo.

Dessa vez, enfiei os dedos por entre seu cabelo, com medo de que ele se afastasse cedo demais. Eu duvidava que, àquela altura do campeonato, tivesse sobrado algum resquício de batom para contar história. Mas nem me importava. Se soubesse que Tales beijava tão gostoso, jamais teria esperado tanto tempo para provar.

Ele arfou contra minha boca, afastando-se com dificuldade, como se precisasse usar toda a força do corpo para não me puxar sobre o seu colo outra vez. Eu entendia muito bem. Por mim, nem precisaríamos de todos aqueles passos. Eu queria ir logo para a etapa final do encontro. Aquela que envolvia o apartamento dele. Mais precisamente, a cama.

— Caramba. Você me deixou duro. Assim vai ficar muito difícil levar o cronograma a sério.

Respirei fundo, fingindo que a comichão entre as pernas não foi nada demais.

— Bom, na minha opinião, eu acho q...

— Shhhh! — Ele me calou com um selinho. — Sua opinião não vale. Você tá há cinco meses sem sexo. Tá desesperada.

Tombei a cabeça para trás, gargalhando alto com minha risada de hiena louca.

— Na verdade, agora são seis meses. — Encolhi os ombros.

— Ah, merda! — Tales esfregou o rosto. — E fica cada vez mais difícil...

E então, me pegou de surpresa ao pular para fora do carro o mais rápido possível. Soltei o ar dos pulmões, frustrada. Queria mesmo que ele tivesse cedido. Tales estava desconcertante naquela noite. Eu não sabia quanto tempo aguentaria.

— Não adianta jogar baixo, Chloe. Eu te conheço — avisou, com o dedo em riste e um olhar ameaçador. — E eu pensei em tudo com carinho. Então não vamos pular nenhuma parte.

Quis bater boca (porque, afinal, nós éramos assim), mas suas palavras me desarmaram. Apertei os lábios, só para não continuar sorrindo sem parar. Então, com o coração aquecido, tomei a iniciativa e puxei a mão dele, entrelaçando nossos dedos.

Sua mão era quentinha e tinha um aperto firme. Era engraçado. Vivíamos

nos cutucando, nos estapeando, abraçando e ele até mesmo colocava a mão sobre minha perna às vezes, mas aquela era a primeira vez que andávamos de mãos dadas. Tales olhou para baixo e sorriu. Foi um sorriso genuíno, que deixava transparecer o quanto aquele gesto pequeno significava para ele. A verdade é que significava muito para mim também. Nunca achei que, depois de adulta, fosse ligar para esse tipo de coisa. A paixão deixa as pessoas um pouco ridículas...

Não consegui prestar atenção no percurso até o cinema. Não dava. Era tão besta que eu estivesse afetadíssima com nossas mãos juntas, ainda mais tendo em vista que estávamos dando um amasso há poucos minutos. Mas sei lá. O coração era assim mesmo, meio sem lógica. Cada vez que Tales usava nossas mãos para indicar alguma vitrine, eu quase desfalecia.

Olhei para ele pelo canto dos olhos, lembrando de suas palavras no carro. Sobre ter muita sorte por que ia sair comigo. *Comigo!*

— Tá pensando em quê? — perguntou, na fila do guichê do cinema.

— Hum? — Busquei seus olhos, distraída. — Em nada. Por quê?

— Sei lá. Ficou quieta de repente.

— Acho que... ainda não caiu a ficha.

— Do quê? — Ele me puxou para mais perto e me aprisionou em um abraço. Nem me importei com as outras pessoas ao nosso redor.

Muito menos com o fato de que mal tínhamos começado a ficar e já éramos o casal mais insuportável do mundo, do tipo que não consegue ficar longe um do outro.

— Da gente — admiti. — Olha só pra gente, Tales...

Ele fispou o lábio, parecendo deliciado. A fila andou um pouco e, por isso, tivemos que nos desvencilhar. Lamentei por isso.

— O que é que tem? — insisti, como se não visse nada demais.

— Tá tudo tão mágico... tão incrível. Tô sonhando?

Tales negou com a cabeça, rindo. E então apertou meu nariz.

— Para de ser besta. É só a gente. Você nunca parou pra pensar que a única coisa que faltava para sermos namorados era... — Ele arqueou as sobrancelhas.

Entreabri os lábios, chocada ao constatar isso.

— Caramba.

— Pois é.

Paramos para comprar nossos ingressos. E, como já era supernatural sair com Tales, apenas saquei a carteira na bolsa. Ele me lançou um olhar ofendido, como se eu tivesse ido contra a conduta de primeiros encontros.

— Que foi? — indaguei, entregando minha parte para a balconista. — As coisas não vão mudar logo agora.

Ele entregou a parte dele, sem dizer uma palavra. Só respondeu quando nos distanciamos do guichê.

— Não é justo. Isso é um primeiro encontro.

— Afff, quem tá sendo besta agora?

Ele riu e me puxou para longe da bomboniere.

— Nada de pipoca. A gente vai jantar depois.

Dei de ombros e assenti. Seguimos trocando brincadeirinhas até a sala de cinema. Estava lotada. Foi uma dificuldade enorme chegar às nossas poltronas, tendo que desviar de todas aquelas pernas pelo caminho.

— Tava pensando no que você disse... — falei, quando sentamos. — E eu sempre tentava buscar uma relação igual a nossa nos outros. Acho que por isso nunca deu certo.

— Sempre soube que você me amava desse jeito.

Ele se esticou na poltrona, fazendo o encosto deitar um pouco. Seus olhos claros tinham um brilho diferente, malicioso. Ele esticou a mão para acariciar meu rosto em um gesto cálido. Fechei os olhos por um momento, concentrando-me em *sentir*.

Tales se aproximou e fui acorrentada pelo seu perfume. Ele encostou a boca no meu ouvido para sussurrar:

— Lembra que a gente veio aqui no começo do ano?

— Aham — respondi, também em um sussurro. E me concentrei no arrepio descendo pela espinha.

— Foi quando percebi a primeira vez que estava apaixonado por você, Chloe.

Meu coração perdeu uma batida.

Me retraí no lugar, apertando as mãos nos encostos de braço.

Não esperava por aquilo.

Alheio as minhas emoções desgovernadas, ele prosseguiu.

— O filme nem era tão bom assim. Tava quase dormindo quando você encostou a cabeça no meu ombro. — Tales respirou fundo e seu hálito morno ricocheteou contra minha pele. — Você fazia isso o tempo todo, mas sei lá. Foi diferente. Senti o cheiro do seu cabelo e... nossa. Pensei em tantas coisas, *tantas* coisas. Você nem imagina.

— Ah, Tales... — Minha voz saiu trêmula.

Ele roçou o nariz na minha nuca e, juro por deus, minha vontade foi de ligar o *foda-se* e subir no colo dele. Era como se meu corpo todo fosse feito de carvão, e ele estivesse ateando fogo sem parar.

— Depois desse dia, cada vez que você deitava a cabeça no meu ombro era uma tortura. Cacete... você é muito cheirosa, sabia? Devia ser proibido fazer

isso com as pessoas. — Tales deixou uma mordidinha no lóbulo da orelha. Apertei os dedos do pé, tentando aliviar a tensão de algum jeito. — Enfim. É por isso que a gente veio aqui primeiro.

Meneei a cabeça outra vez, girando bem devagar para ficar de frente para ele. Nossos narizes tocaram na ponta. No escuro do cinema, as pupilas de Tales ficaram dilatadas. Seus olhos pareciam negros.

— Também tô apaixonada por você — sussurrei. Foi tão baixinho que quase não saiu som. Mas ele deve ler lido meus lábios, porque sorriu. — Me apaixonei pelo meu melhor amigo, socorro!

Dei uma risadinha nervosa e ele revirou os olhos, alargando o sorriso.

— Para de agir como se fosse a pior coisa do mundo.

— Nunca disse isso — retruquei, tentando roubar um beijo dele. Mas Tales se afastava conforme eu me aproximava.

— A gente vai continuar sendo amigos. É assim que deve ser, né?

— Eu sei. Agora fica quieto e me beija, por favor — pedi, toda séria.

— Ah, como sonhei em ouvir isso — ele brincou, antes de atender ao meu pedido.

Desnecessário dizer que, depois disso, quase não prestei atenção no filme. As pessoas ao nosso redor pigarreavam de vez em quando e nos lançavam olhares feios. Mas nem me importei. Beijar Tales era tão bom que parecia errado parar. Meus lábios formigavam de vontade quando ele se afastava para recuperar o fôlego. O gostinho de maracujá do seu beijo, graças as balas que ele sempre levava no bolso, era meu novo sabor favorito. Mas não era só isso...

Tales era um safado. Eu nunca imaginei isso, porque, bem, éramos só amigos. Mas agora, ele me surpreendia com mordidas sorrateiras e lambidas demoradas. Sua mão subia até chegar bem perto do meu peito, para depois descer. Estava só me provocando, instigando. E, claro, eu aproveitava para fazer o mesmo. Porque se tinha uma coisa que amava era provocar aquele insuportável.

Quando abandonamos a sala, duas horas depois, minha boca estava toda inchada. Ele também estava um caos. Os cabelos bagunçados, os lábios mais corados que nunca. E um sorriso que ia de orelha a orelha.

— Gostei do filme — brincou, rompendo o silêncio cheio de tensão.

— Eu também. Quero ver mais vezes. — Pisquei para ele.

Tales soltou minha mão e me enganchou pelo pescoço, puxando-me para mais perto.

— Você não acha as coisas bem mais interessantes agora?

Cutuquei as costelas dele e rimos em uníssono.

— Acho que vão ficar ainda mais quando a gente...

— Shhhhh! — Ele esmagou meus lábios com o polegar, calando-me pela segunda vez na noite. — Cacete, Chloe! Você precisa me ajudar. Se continuar me provocando assim, não vou conseguir mesmo fazer tudo como planejei. — Ele uniu as sobrancelhas, forjando uma expressão brava. — Olha, tô me esforçando pra te impressionar. Colabora comigo, vai.

Ergui as mãos no ar, em rendição.

— Tá bom. Tudo bem. Mas só porque fiquei curiosa com o resto.

O caminho até a panquecaria Casa da Vó foi silencioso. Passei todo o percurso vislumbrando a cidade passar em um borrão pela janela do carro.

Meu coração parecia grande demais para caber no peito, e eu estava com aquela vontade irritante de sorrir para o nada o tempo todo. Tudo aquilo era muito esquisito e bizarro. Ao mesmo tempo em que as coisas continuavam iguais entre nós, eram também bem diferentes. Porque, caramba, antigamente Tales não me deixava com o estômago dando cambalhotas e os dedos formigando de expectativa.

Então estar apaixonada era *assim*. Banalizei a palavra por tanto tempo que agora não parecia justo usá-la. Porque paixão era uma coisa muito mais intensa do que eu imaginava. Mexia com o corpo todo, desgovernava. Eu já não era mais dona de mim. Tales tinha bagunçado tudo de uma maneira deliciosa.

— Parece que tô doente — deixei escapar, distraída com o trânsito, quando estávamos quase chegando.

— Hum? — Tales me encarou, de sobrancelhas unidas.

— Esse lance de ficar apaixonada... parece que tô doente. Mas de um jeito bom.

Ele riu, e os olhos fecharam um pouco. Suprimi um suspiro.

— Eu até queria ficar ofendido... mas, pra falar a verdade, você tá mesmo.

— Doente? — perguntei, chocada.

— Paixão, do ponto de vista do cérebro, é um estado hipermotivacional de demência temporária, e tem como característica estresse, compulsão e obsessão. Uma das vantagens de assistir *Discovery Home & Health* é que eu *aprendo* coisas.

Seu tom era todo pomposo, como se Tales fosse um especialista no assunto. Pisquei algumas vezes, absorvendo a informação.

— Isso é sério? Tipo, de verdade?

— É. — Ele deu de ombros, divertido. — É por isso que só dura alguns meses.

— Nossa... que coisa louca. Literalmente louca.

Voltamos a ficar em silêncio enquanto Tales estacionava do outro lado da

rua da panquecaria. No entanto, quando descemos do carro, não consegui me segurar e acabei perguntando:

— Você já se apaixonou por outra pessoa?

Ele fisgou o lábio inferior, com uma expressão esquisita. Como se esse fosse um assunto muito delicado.

— Tive a impressão de que sim — começou, fugindo do meu olhar. Sua mão apertou a minha com um pouco mais de força. Já tinha adotado a postura formal de quando ficava nervoso. — *Quis* me apaixonar, pra ser franco. Mas... quem decide esses assuntos é o coração. Percebi que estava só me iludindo. E magoando outras pessoas. Enfim.

Algo em seu olhar me fez pensar em Milene.

E então estremeci. Se o que ele tinha falado no cinema era verdade... ele já estava apaixonado por mim quando a conheceu. Talvez, assim como eu, estivesse só tentando fugir de uma coisa inevitável. Quero dizer, passei muito tempo me apaixonando de mentira por outros caras só para fugir do fato de que estava apaixonada de verdade pelo meu melhor amigo.

Entramos no restaurante em um climão pesado. Descobri que Tales tinha feito uma reserva e foi tão fofo que achei revoltante nunca ter percebido esse tipo de coisa antes. Eu sempre busquei Tales em outros caras, mas era porque, no fundo, era ele que eu queria. Como fui burra. E lerda.

Sentamos lado a lado, e nem precisei de desculpa para arrastar a cadeira para mais perto dele. A parte boa de ter tanta intimidade com Tales é que nós já tínhamos passado dessa fase há muito tempo. Além de que ele não me surpreenderia com nenhuma revelação assustadora. Eu sabia que Tales não era um tarado, nem falava com a avó morta. E também sabia que ele não estava a fim da minha amiga do trabalho. Tudo era bem mais fácil. Ou deveria ser, na prática. Isso se eu não ficasse o tempo inteiro surtando com cada coisinha.

— Eu nunca me apaixonei por ninguém — falei, de repente, só para me livrar da atmosfera pesada nos rondando.

Seus olhos cinzas brilharam com intensidade.

Ele cruzou as mãos em frente ao rosto, o rosto rígido feito pedra.

— Aham. Sei.

— É verdade! — protestei, ofendida. Tales se limitou a revirar os olhos. — Eu caí na real e percebi que... sei lá. *Queria* me apaixonar. Mas me enganei esse tempo todo. Igual a você. Tava tudo na minha cara, mas eu me recusava a enxergar.

Ele abriu um sorriso tímido, enquanto balançava a cabeça em negativa. E então pegou minha mão sobre a mesa, fazendo um sanduíche com as suas.

— Por que somos tão burros, hein? — Seu polegar traçava círculos na

minha pele. — Por que ficamos sofrendo tanto tempo à toa?

— Porque somos teimosos — respondi, rindo baixinho. — E burros, como você já observou. Burros muito teimosos. Mas ainda bem que a gente acabou cedendo, né?

— Ainda bem — sussurrou, me encarando de uma maneira desconcertante. — Agora, se não me falha a memória, temos um cronograma a cumprir.

— Nossa, lá vem você com essa história de cronograma. Eu hein!? Acho que tem fetiche.

Tales deu uma de suas gargalhadas envolventes, com direito a palmas e tudo. Foi irresistível rir também. Massageei as têmporas, quando minha respiração voltou ao normal, tentando me recompor.

O que tá acontecendo comigo???

Tô ficando louca.

Louquíssima.

Fomos interrompidos pelo garçom. Como não queria beber demais para acabar com nosso encontro, pedi um suco e deixei as bebidas para a última parte do encontro, no Bar Tolomeu. Por mim, iríamos direto dali para o seu apartamento. Mas, pelo jeito, toda essa história de cronograma era importante para ele. E por isso não ousei tocar no assunto.

Tagarelamos sobre meu curso de cabeleireiro e sobre a faculdade dele enquanto nossas panquecas não ficavam prontas. Diferente de mim, Tales estava bebendo um chope e, por isso, quando se inclinou para roubar um beijo meu, seu gosto era de cerveja.

Ele me segurou pela nuca e estremei inteira, aconchegando-me ainda mais em seu corpo. Quanto mais ficávamos juntos, mais dele eu queria. E mais difícil era me controlar.

Mas me obriguei a afastá-lo, empurrando-o de levinho pelos ombros. Ou acabaríamos sendo expulsos do restaurante. E isso não seria tão legal assim.

— Tem algum motivo especial para essa ser a segunda parada? — perguntei, olhando ao redor. — Quero dizer, fora a parte de você tentar ganhar uns peitinhos depois, né.

Tales gargalhou, jogando os cabelos para trás.

— Ah, tem. E a parte dos peitinhos era brincadeira. Se tiver peitinho agora, o cronograma vai pro pau.

Cutuquei suas costelas.

— Para de ser bobo e me conta logo.

— Lembra daquela minha fase infernal?

Meu coração disparou antes mesmo dele continuar.

No meio do ano, Tales comprovou o ditado de que os problemas vêm todos de uma vez. A mãe caiu enquanto limpava a casa e precisou operar o joelho. Tudo isso enquanto o pai, caminhoneiro, viajava a trabalho. Tales deixou o trabalho e a faculdade de lado sem pensar duas vezes. Mas o chefe não foi tão compreensível assim. Pelo contrário, depois disso, vinha pegando no pé de Tales incessantemente, sem esconder que fazia de tudo para que ele pedisse as contas. E, na faculdade, Tales colhia as consequências disso até agora. Na noite em que ficamos a primeira vez, ele precisou estudar para uma das matérias em que estava com problemas.

Mesmo depois do pai voltar, ele continuou ajudando o quanto pôde com a mãe, até porque ela precisou ficar dois longos meses sem movimentar o joelho. E, apesar do pai dele ter tirado uma licença no trabalho, não dava conta de tudo sozinho.

Tales sempre foi durão para expressar o que estava sentindo. Ele tentou o quanto pode se mostrar firme por fora, mas, na noite em que descobriu que tinha reprovado por falta em uma matéria semestral e que o professor não ia aliviar para o lado dele, Tales me ligou e pediu pra eu sair do trabalho e ir pra sua casa e que era urgente.

Lembro certinho de passar o percurso inteiro com o coração na mão. E também lembro de como fiquei atordoada quando ele começou a chorar no meio do nosso abraço.

Foi por isso que decidi dar um jeito na situação e tentar animá-lo um pouquinho.

— Tá com fome? — perguntei, limpando as lágrimas dele com as costas da mão.

Tales deu de ombros, parecendo desconcertado.

— Acho que sim, sei lá.

— A noite de hoje tá pedindo uma panqueca de camarão. E um mousse de maracujá de sobremesa.

Ele abriu um sorriso desanimado, mas assentiu.

— Tá bom. Mas tem uma condição.

Suas sobrancelhas quase tocaram a raiz do cabelo.

— Como assim?

— Tem uma condição, ué! — Fiz pouco caso, apesar da vontade de rir.
— Se quiser comer, vai precisar fazer uma coisa antes.

— Nossa, e isso era pra me animar? — Ele tentou parecer emburrado, mas já dava para perceber que a curiosidade falava mais alto.

— Você vai usar esse vestido aqui. E eu vou usar alguma roupa sua. Você que escolhe.

Tales olhou para mim como se eu tivesse ficado louca. E então esfregou o rosto, murmurando por trás das mãos:

— Cala a boca, Chloe. Não tô com cabeça pra isso.

— Não tô perguntando se você tá com cabeça. Anda logo. Pega uma roupa pra mim.

— Eu não vou colocar um vestido pra ir num restaurante, pelo amor de deus — disse, erguendo as mãos no ar e soltando em seguida, sem esconder a frustração.

— Poxa, tô tentando te animar e você nem considera.

— Alguém precisa te falar que você é péssima nisso. É horrível. Sério. Você tem que me prometer que não vai mais tentar animar ninguém.

Apesar do tom duro, ele tinha a sombra de um sorriso no rosto que entregava a provocação. Mostrei a língua, ao mesmo tempo em que dava um tapa em seu braço.

— Vai se ferrar, Tales. O problema é o vestido?

Ele soltou o ar dos pulmões, atordoado. Os olhos, já grandes, estavam esbugalhados em perplexidade.

— É claro??? O que tá acontecendo com você?

Ignorei sua pergunta com outra:

— Sua masculinidade é tão frágil assim?

Sustentamos o olhar por um segundo que pareceu durar uma eternidade. Porque se tinha uma coisa a que Tales não resistia era um desafio.

— Chata do cacete — resmungou, rindo. — Anda logo, arranca essa porcaria. Você vai ver só a roupa que vou escolher pra você. Tá fodida.

Como o vestido ficou muito curto, deixei ele usar uma calça jeans por baixo. Mas Tales não facilitou para mim, e escolheu as piores peças do seu guarda-roupa. E foi assim que tive uma das noites mais engraçadas da minha vida. A gente era meio louco juntos, isso eu não podia negar. Mas era assim que as coisas funcionavam entre nós, afinal.

Não sei como não fomos expulsos de lá. A única coisa que sei é que ele voltou para o apartamento dez quilos mais leve e com um sorriso que ia de orelha a orelha. Era esse tipo de coisa que me fazia enlouquecer ao considerar uma vida sem Tales, quando estávamos brigados. Quem mais aceitaria entrar nessas maluquices comigo e, mais que isso, quem mais se divertiria assim?

Assenti com a cabeça, voltando para o presente. Para o Tales de cabelo solto e sem barbinha rala escondendo o rosto. O Tales do presente era ainda mais interessante que o da lembrança.

— Foi uma noite especial — falei, por fim. Minha voz saiu fraca.

— Foi — ele respondeu, erguendo minha mão para deixar mordidinhas

nas costas dela. Fechei os olhos, mas não consegui me livrar do sorriso.

E só essa resposta já teria bastado para aquecer meu coração, mas Tales continuou:

— Nessa noite eu percebi que a vida com você nunca seria monótona. E que eu nunca ia conseguir viver sem esse tipo de coisa.

— Sem usar vestido? — Não resisti à piada.

— Você me pegou! — Ele alargou o sorriso, sem parar de me encarar.

— A gente é meio louco, né?

— Aham.

— E é por isso que é tão bom, né?

— Aham. — Ele piscou para mim, antes de se inclinar para me beijar.

18



**E O QUE ISSO TEM A VER
COM O VÔMITO?**

O BAR TOLOMEU SE ENCONTRAVA vazio para um domingo, o que achei ótimo. Deixava as coisas um pouco mais intimistas. Aquela não seria minha primeira escolha para um primeiro encontro, mas Tales tinha feito todo o cronograma com significado, então quem era eu para dar um pio?

Assim que passamos pela porta de entrada, quis morrer de vergonha. O barman que me atendeu no dia do vômito secava um copo com um pano meio encardido. Ele não chegou a nos ver, mas só a lembrança me deu vontade de virar as costas e sair correndo.

As coisas que faço por Tales...

Ele parecia bem atento às minhas reações, pois seu olhar também estava voltado para o homem no bar, a poucos metros de distância. Um sorrisinho petulante rasgou seus lábios e ele me puxou para mais perto de si, como se tentasse dizer, por meio de gestos, que estava tudo bem.

Escolhemos uma mesa mais reservada, onde a iluminação roxa não nos alcançava muito bem e, por isso, deixava a mesa um pouco sombria. Mas de um jeito romântico, se é que isso fazia sentido.

Dessa vez, sentei de frente para ele. Um pouco porque tinha comido a porcaria de uma panqueca de camarão e fiquei com medo de o meu hálito estar cheirando a frutos do mar. Mas o motivo principal era que eu não estava mais conseguindo me aguentar. No sentido mais literal da palavra. Pensei que aquele desejo maluco por Tales fosse diminuir de intensidade quando a gente ficasse. Que eu apagaria o fogo, ou sei lá. Mas tinha sido bem o contrário. Era como se tivesse virado um galão de gasolina nas chamas. Eu queria mais. Queria logo. Não tinha mais a ver com os seis meses na seca, e sim com o fato de que Tales era um gostoso. E tinha muita pegada. E, meu deus, sabia o que fazer para me deixar louquinha.

Seu sorriso aumentou um pouquinho. Às vezes eu me perguntava se ele podia ler meus pensamentos, como fazia parecer. Tales cruzou as mãos de dedos compridos sobre a mesa, percorrendo meu rosto com o olhar. Foi rápido, coisa de poucos segundos. Mas me deu tempo de prestar atenção em suas íris enormes e no contorno mais escuro que tinham. Também reparei na pinta discreta na pontinha do nariz empinado. Era bizarro, eu o conhecia há anos. Já tinha visto todos esses detalhes um milhão de vezes, e mesmo assim, parecia que os descobria só agora. Talvez por isso ele também estivesse me queimando com o olhar.

Pedi um drink de morango e vinho e Tales escolheu um com *Curaçau Blue*.

— Não faz mal um pouquinho de álcool agora, né? — perguntei, envergonhada com as memórias recentes envolvendo jatos de vômito.

— Não foi por menos que paramos aqui — brincou, curvando os ombros para frente e relaxando a postura. — Uma ajudinha com o lance da vergonha e tudo mais.

Fisquei o lábio inferior, tentando não rir. Foi em vão. Uma risada escapou, envolvendo-nos.

— Tales... vai por mim, a vergonha passou assim, ó! — E, para me fazer entender, estalei os dedos. — Passei o jantar inteiro pensando no seu pau. Desculpa, mas... é.

Ele tombou a cabeça para trás, gargalhando com prazer (e batendo palmas, claro). Sua expressão era um reflexo de como eu me sentia — em chamas. Morrendo de vontade de pular para a parte em que arrancávamos as roupas. Minhas pernas davam nó, de tanto que eu cruzava uma na outra para tentar aliviar os calafrios descendo pelo ventre. Devia ser um teste de sobrevivência, porque olha...

Nossas bebidas vinham em taças enormes e foi impossível não ficar um pouco preocupada. A última coisa que eu queria era passar mal de novo. Ainda mais com a tensão entre nós, que estalava. Mas nem tive tempo de prolongar a neura, pois Tales ergueu seu drink no ar, sugerindo um brinde.

Bati minha taça na dele e dei um gole em minha bebida. Era docinha e, por esse motivo, um pouco perigosa. Ficou um pouco de espuma sobre minha boca e precisei usar a língua para limpar.

Tales me encarava com a mesma expressão que um cachorro seca um pedaço de carne bem suculenta. Senti as bochechas esquentarem.

— Que foi? — perguntei, dando outro gole só para sujar a boca um pouquinho mais. — Gostou disso? — E então lambi bem devagarzinho a espuma.

— Ah, cacete... — Tales esfregou o rosto, empertigando-se inteiro. — Imaginei sua língua em um lugar... e agora... esse lugar tá latejando.

Passei a mão no rosto dele, de brincadeira.

— Safado.

— Eu, né? Você fica me provocando e agora tô aqui desconfortável.

Encolhi os ombros, tentando fazer minha expressão mais inocente.

— Bom... a gente podia deixar essas bebidas aqui e resolver esse problema.

Tales se inclinou, apoiando-se nos cotovelos, e me roubou um beijo. Foi um pouco desajeitado, mas tinha o gostinho de sua bebida e por isso só me restou fechar os olhos e me entregar. Mesmo que estivéssemos parecendo dois loucos se beijando por cima da mesa.

— Logo, logo — sussurrou contra meus lábios, sem abrir os olhos. — E então não vamos sair da cama tão cedo.

— Humm... tá ficando interessante.

Ele se endireitou na cadeira, afastando a gola da camiseta como se estivesse sufocando. As bochechas estavam coradas, assim como os lábios. Um pouco sem notar, Tales passou o polegar de levinho pela cicatriz da fenda labial.

— Não é muito *gentil* da sua parte ficar demorando assim de propósito, sabia? — brinquei, tentando fazer piada com o seu sobrenome Gentil.

Tales cobriu os olhos com as mãos, balançando de levinho a cabeça.

— Chloe... quero te dar um conselho pro resto da vida: quando você pensar em fazer piada com o nome de alguém, não faça! — Ri dele, afastando sua mão de frente do rosto para poder fitá-lo. — Sério. Eu já ouvi todo tipo de piada possível. Sei de todas. Então nunca tem graça. Só é chato mesmo.

— Poxa vida! — Cruzei as mãos sobre o queixo. — E eu achando que estava sendo original, mas enfim. Não querendo te apressar nem nada...

— Duvido — brincou.

— Tô curiosa pra saber o porquê dessa última parada aqui. Foi por que nos encontramos aqui aquela noite?

Ele passou as mãos pelo cabelo, jogando-o para trás. O olhar brilhava com intensidade.

— Sim e não. Foi por causa de uma coisa que aconteceu naquela noite.

— Hum... vamos ver. Porque a gente quase se beijou? — perguntei, convicta de que seria a resposta. Mas ele apenas negou com a cabeça. — Porque você terminou com a Milene?

Tales estalou a língua, com uma expressão superior que dizia, com todas as letras, que eu não adivinharia nunca.

— Última chance.

— Porque eu vomitei e isso foi muuuito romântico? — debochei, mas sua expressão surpresa me fez perceber que era a resposta certa. — Quê?! Sério?

— Claro que não pelo vômito em si. Entrei aqui e te vi no bar, bebendo sozinha... na noite em que eu mais precisava de você. Foi como se... sei lá. Foi como se o destino esfregasse na minha cara que era pra ser.

— E o que isso tem a ver com o vômito?

— Nada, ué.

— Mas você fez uma cara estranha quando eu falei do vômito! — insisti, ainda mais porque o sorriso dele ia de orelha a orelha.

Tales fez um gesto de deixa para lá com a mão e então se inclinou para frente, me chamando com o indicador. Não precisei nem pensar para inclinar o tronco em sua direção. Pensei que ele fosse me beijar de novo, mas, em vez disso, Tales sussurrou no meu ouvido:

— É que quando você vomitou no meu tênis novinho e eu não consegui ficar com raiva, percebi que era pra sempre. Que é esse tipo de coisa que me deixa maluco por você.

— Nossa, você é muito esquisito... gosta de usar vestidos e de meninas que vomitam no tênis novo, que, aliás, nem sei qual é.

Seus dedos foram parar embaixo do meu queixo e me forçaram a erguer o rosto. Nossos narizes quase se tocaram quando ele virou o rosto para me encarar nos olhos.

— Não, Chloe. Não é nada disso. Gosto de *você* — sibilou, sem emitir som algum.



Empurrei Tales na parede metálica do elevador, prensando meu corpo contra o seu. Ele soltou um suspiro pesado e apertou meu bumbum com as duas mãos.

— Se alguém entrar... — tentou falar, enquanto eu arranhava seus ombros por baixo da camiseta.

— Não importa — retruquei, sem parar de beijá-lo. — Não consigo mais esperar.

Ele deixou uma mordida no meu queixo quando o elevador parou e tentou nos guiar pelo percurso, sem que precisássemos nos desvencilhar um do outro. Demoramos o dobro de tempo, mas a parte boa é que pelo menos

passamos esse tempo nos beijando.

— E o Vinícius? — perguntei baixinho, enquanto Tales lutava para enfiar a chave na fechadura.

— Viajando.

E, ao dizer isso, me puxou para dentro pela cintura.

— Hum... sempre achei aquele sofá um bom lugar pra...

Mas não pude terminar de falar, porque Tales me engolia outra vez.

Como ele estava de costas, fui eu quem o guiei para o seu quarto. Trombamos com as quinas e com a estante, que fez a televisão balançar de um jeito meio perigoso. Nem mesmo isso nos parou. Pelo contrário, aproveitei o trajeto para arrancar sua camiseta, como no dia do carro. Tales ergueu os braços e, quando passei o tecido por eles, agarrou a camiseta e atirou para longe.

Percorri sua pele febril com os dedos. Sem nenhuma delicadeza. Enterrei as unhas na carne, só para ouvi-lo rosnando baixinho, com aquela expressão sôfrega e entregue.

Quando enfim alcançamos seu quarto, girei nossos corpos, empurrando-o contra a porta fechada. Suas costas provocaram um baque surdo. Seu peito subiu e desceu pesadamente. Tales apenas ficou ali me encarando com urgência, os cabelos soltos sobre o ombro, desgrenhados, deixando-o ainda mais selvagem e gostoso. E era todo meu. Inteirinho meu.

Entreabrindo a boca, ele deixou a respiração escapar por ali. Eu entendia, o ar estava rarefeito. Era quase impossível encontrar o fôlego. Percorri os lábios pelo seu pescoço. Seu gosto era salgado, masculino. Tales enterrou as mãos nos meus quadris, tombando a cabeça para trás para deixar o pescoço ainda mais à mostra. Lambi seu pomo de adão, arrancando uma risadinha fraca dele.

— Tava morrendo de vontade de fazer isso — sussurrei. Ele gemeu, fechando os olhos.

— E do que mais? — perguntou, também em um sussurro.

Preferi responder com gestos. Mordi seu pescoço e deixei alguns chupões, porque era do tipo de pessoa que achava sensual um pescoço marcado. Contornei seu maxilar com mordidinhas sem nenhuma pressa.

Então fui para as clavículas sobressaltadas. Rocei a ponta do nariz nelas, antes de atacá-las. Outra vez, ele soltou um som que era uma mistura de risada com gemido, que me deixava louca.

Antes que eu pudesse alcançar o pecado que era sua tatuagem, Tales subiu as mãos pela minha cintura, trazendo meu vestido com elas. Ele se atrapalhou um pouco com o fecho do sutiã, mas compensou abocanhando meus seios logo em seguida. Fui pega de surpresa e, por isso, quase cedi ao peso das pernas. Engoli em seco, conforme ele traçava círculos com a ponta da língua,

bem devagarzinho, para logo depois deixar mordidinhas sem nenhum cuidado, que faziam tudo arder e queimar de uma maneira desconcertante de tão boa.

— E eu tava morrendo de vontade de fazer isso — murmurou, contra minha pele, e as palavras vieram abafadas.

Senti uma guinada intensa entre as pernas e engoli um gemido, com a visão turva de tanto tesão. Forcei seus ombros para que ele voltasse a se recostar na porta. Tales não ofereceu nenhuma resistência. Ao endireitar sua postura, deixou o peito projetado para frente, evidenciando a tatuagem de asas mecânicas que despertava *coisas* em mim. Coisas interessantíssimas.

Como já tinha imaginado um milhão de vezes, tracei os contornos do desenho com a pontinha da língua. E mordi quando deu vontade. Para logo depois beijar. E repetir o ciclo desde o começo. A respiração de Tales ficava mais pesada à medida que eu o provava.

Ainda de olhos fechados, ele guiou minha mão para dentro de sua calça, sobre sua ereção, deixando a sua por cima. E então me fez acariciá-lo. Para cima e depois para baixo. Lentamente. No mesmo ritmo em que seu peito enchia e depois esvaziava de ar. Era quase preguiçoso.

— Não sabia que... hummm... você gostava tanto da minha tatuagem... — ele soprou as palavras, como se falar demandasse mais energia do que ele tinha naquele momento.

— Ah, você não faz ideia...

Desci os beijos por sua barriga e, a essa altura, foi necessário me ajoelhar no chão. Tales passou as costas da mão pela minha bochecha e encaixou os dedos embaixo do queixo, erguendo meu rosto para que eu o olhasse. Sua expressão ávida era de matar. Fazia meu ventre se retorcer.

Passei a mão pela sua barriga e pelos gominhos discretos aparecendo. Tales era o tipo de magro que não precisava fazer nada para ter os músculos definidos. Ele fisgou o lábio inferior, sem desviar o olhar. Desci o dedo pelo seu umbigo, onde um caminho ralo de pelos negros apontava para o cócs da calça jeans. Engoli em seco. Eu queria tanto Tales... meu corpo implorava por ele. Lambi sua barriga enquanto abria, um pouco atrapalhada, o botão de sua calça. E logo depois o zíper.

Tales suspirou, puxando meu cabelo para cima, do jeito que eu sabia que gostava. Deslizei sua calça para baixo e, apesar da vontade estalando pelo meu corpo, fui o mais devagar possível, só para ver seus olhos brilhando com intensidade. Um sorriso petulante surgiu em seus lábios, torcendo-o para a direita.

— Então vai me provocar, é? — perguntou, divertido, quando terminei de arrancar sua calça.

— É assim que as coisas funcionam entre nós... — Dei de ombros, piscando para ele. E algo em sua expressão me disse que ele jogaria na mesma moeda. O que só me deixou ainda mais deliciada.

Quando puxei a cueca para baixo, foi impossível não arquejar em surpresa. Em dez anos de amizade e eu nunca tinha ponderado se Tales era bem-dotado. Se eu soubesse como... hum... ele era, teria investido muito antes.

— Ah, Tales... por que você escondeu isso de mim por tanto tempo?

Sua risada ocupou o quarto inteiro, mas tinha um quê de timidez que me deixou louca. Fitando-me de cima, ele era uma visão de encher os olhos. Alguns fios de cabelo caíam sobre o rosto. A cicatriz sobre os lábios corados entreabertos em busca de ar. O peito tatuado subindo e descendo em uma cadência agitada.

Sem desviar o olhar dele, usei minha língua para, primeiro, fazer o que sabia de melhor — provocá-lo ainda mais. Contornei suas formas, deliciando-me com a textura macia de sua pele febril. Tales gemeu, ameaçando descer as pálpebras, mas resistindo ao impulso. Seus olhos ficaram distantes, pesados.

Fingi que o abocanharia e raspei os dentes de levinho pelo seu comprimento, descendo até o final e voltando, ainda com os dentes, só para ouvi-lo rosnar. Apertei uma perna na outra, embriagada pelo desejo. Era uma delícia saber que, com tão pouco, eu o deixava à beira do descontrole. E era mais desconcertante ainda que só o fato de ver Tales assim me proporcionasse prazer.

Ele buscou minha mão e segurou meu pulso com firmeza, num pedido silencioso de que eu fosse adiante. Mas, nossa, fiquei viciada em sua cara de prazer. Viciada na respiração superficial e alta. Brinquei um pouco mais com ele. Passei os lábios em seu desejo e, a essa altura, os olhos de Tales eram apenas uma fresta. Desci para a pele macia do seu saco e me delicieei com o gosto salgado da sua pele. Os sons que saíam do fundo de sua garganta me fizeram gemer também. A essa altura, eu estava encharcada. Louca por ele. Mas ainda não. Ainda queria mais gemidos como esse. Precisava de mais.

Em um rompante, o engoli. Fechei os lábios ao redor de sua ereção, sendo inundada pelo seu sabor viril. A princípio, fui vagarosamente. Porque assim eu não perdia nenhum detalhe de como seu corpo reagia. Os músculos tencionando e relaxando, os pelos eriçando, a respiração ficando inconstante. Tales latejava em minha boca e isso só servia de combustível. Suguei com força, fazendo-o tremelicar de leve. Os olhos acabaram por fechar e, como não mais me acorrentavam, fechei os meus também.

Seus gemidos guturais me deixaram desnorteada. A cada segundo, ficava mais difícil prolongar a vontade de me atirar em seu colo e senti-lo em mim. Minha fome dele só aumentava. Eu queria devorá-lo. E queria ser devorada.

Queria que matássemos nossas fomes um do outro sem nenhum controle, sem nenhuma ressalva. Minha nossa, eu só queria o Tales.

Aumentei o ritmo e descii a mão, massageando-o sem muito cuidado. Tales movia o quadril, entrando e saindo da minha boca. Gemi nele, arranhando sua barriga com a mão livre. Suas coxas retesaram e a barriga contraiu.

Tales apertou meu braço com força, cravando as unhas na pele. Subi as pálpebras para encará-lo e o encontrei com os olhos em brasa voltados para mim. As sobrancelhas grossas unidas, o cenho franzido. Os lábios avermelhados e úmidos. Eu só queria beijá-lo o resto da noite. Não me cansava do seu beijo. Tudo nele era delicioso.

Ele convulsionou pouco antes de preencher minha boca com o seu sabor, soltando um gemido que me acertou em cheio. E, na ânsia de ouvir outro igual, tracei desenhos com a língua em seu desejo inchado e pulsante. Tales riu baixinho, meio desconcertado, e me puxou para cima pelos punhos.

— Você tá tão ferrada... — falou baixinho, segurando meu rosto com as duas mãos para me beijar.

Sua língua tinha pressa, urgência. Ele a entrelaçou a minha, enquanto me guiava pelo quarto. Quando dei por mim, suas mãos vieram parar nas minhas pernas. Tales me sentou na escrivania, sem se importar com as coisas sobre ela. Algumas canetas caíram no chão, nos fazendo rir. Achei aquilo muito sexy e, num impulso de tesão, tirei a calcinha e abri as pernas, piscando para ele.

— Sua vez — sussurrei, baixinho.

— Nossa, você é muito gostosa! — Ele gemeu, me beijando com mais vontade ainda. Parecia tentar me engolir pela boca. Era quase obsceno o jeito como sugava minha língua e lambia meus lábios, enquanto suas mãos brincavam com meus seios. — Imaginei tantas vezes você aqui nessa mesa desse jeitinho.

Fechei os olhos, soltando um gemido.

Com um sorriso lavado, Tales se ajoelhou no chão, pronto para dar o troco. Eu mal podia esperar por isso.

Segurando meu pé direito, ele beijou meu tornozelo bem devagarzinho. Me contorci sobre a mesa, porque Tales era um desgraçado que sabia muito bem como usar a língua. Eu só conseguia pensar em quando ele alcançasse o meio de minhas pernas e no quanto eu queria isso.

— Adoro suas pernas... adoro essas curvas que elas fazem... — e, ao dizer isso, ele contornou o lado interno do joelho com o dedo indicador.

Juro por deus, seu dedo deixou um rastro de fogo. Tomei a cabeça para trás, com a visão turva e fui surpreendida por uma mordida, não tão leve, no ossinho do tornozelo.

— Nada disso. Quero você olhando pra mim. Bem nos meus olhos.

— Ai, Tales... — Arquejei e, com dificuldade, o obedeci.

— Não sabe quantas vezes imaginei seu rosto assim... todo contorcido de prazer... — ele sussurrou contra minha panturrilha, intercalando as palavras com beijinhos. — Não quero perder isso por nada.

Putá merda!

Respirei fundo, assentindo com a cabeça, porque, naquele instante, não teria forças para falar mesmo se quisesse.

Ele subiu pela perna sem pressa nenhuma. Suas mãos o ajudavam em seu trabalho de me enlouquecer. Os dedos roçavam tão suavemente na pele que faziam cócegas. Ele roçou a ponta do nariz pela parte interna da coxa, fechando os olhos só por alguns segundos, como se estar ali fosse bom demais para acreditar. Eu me contorci ainda mais quando ele raspou os dentes na pele sensível e macia, da mesma maneira que eu havia feito com ele. Seus olhos brilhavam com intensidade.

Tales se demorou na coxa e, só para me deixar ainda mais desconcertada, me penetrou com um dedo, tirando-o logo em seguida.

Prendi a respiração.

— Ah... olha só pra você...

Tales encaixou meus joelhos em seus ombros. Os cabelos tinham coberto um dos olhos. Sua respiração ricocheteou no ponto mais sensível do meu corpo antes que sua língua o alcançasse.

Eu não estava preparada para a maneira quase devota com que ele roçou a língua em minha pele. Com cuidado, e depois sem nenhum. Devagar, e depois bem rápido. Raspando os dentes bem de levinho, para depois sugar até me fazer revirar os olhos. Segurei com força nos cantos da mesa, certa de que ia desfalecer a qualquer segundo, desmanchar. Perder a força dos músculos e cair em seus braços, imersa naquele mar intenso de sensações. Tales despertava partes de mim que eu nem ao menos conhecia. Era insano o quanto ele me afetava.

Cada vez que eu fechava os olhos, entregue ao momento, ele me lembrava de que essa *não era* uma opção. Se afastava poucos centímetros, soprando a pele febril, em provocação.

— Por favor... — eu resmungava, na maioria das vezes, sentindo a visão enturvecer de vontade.

— Olha pra mim, vai... — ele respondia e, quando eu abria os olhos, o encontrava com um sorriso safado que provocava guinadas fortes no ventre.

Quando comecei a tremer de levinho e a respirar de maneira ruidosa, ele voltou a introduzir o dedo em mim, no mesmo ritmo de sua língua. Comecei a ver estrelas. Meus joelhos enfraqueceram e, numa tentativa de me firmar,

enterrei os dedos em seus cabelos, agarrando-os com força. Tales gemeu junto comigo.

Senti os espasmos, ao passo em que minha mente esvaziava. Fiz todo o esforço do mundo para manter os olhos abertos, porque não suportaria se ele parasse logo agora. Tales me encarava, metade do rosto escondido entre minhas pernas, e essa imagem por si só já era o suficiente para me deixar em êxtase.

— Ah, Tales... — Gemi, caindo em queda livre naquele abismo de prazer.

Ele me deu um segundo para deleitar todas as sensações. E eram mesmo muitas. As mãos suavam frio. As bochechas formigavam de leve. Os olhos ardiam, cheios de lágrimas. O pulmão queimava, sem ar, como se eu estivesse ficado por tempo demais debaixo d'água.

Mas então, antes que eu pudesse entender o que estava acontecendo, ele voltou a deslizar a língua em mim. Tentei apertar as coxas uma na outra, mas ele as segurou com mais força e deu um sorriso malicioso.

— Não foi isso que você fez comigo? — sussurrou, e senti cada palavra em minha pele pulsante.

— Não, não, não... — repeti baixinho, como um mantra, sentindo que uma bomba prestes a explodir.

Ele me torturou mais um pouco. Fiquei cega. Meu corpo inteiro tremia com intensidade. Eu não tinha forças para mais nada, porque, céus, era bom demais. Tão, tão bom que eu não sabia se aguentaria. Quando cheguei a um passo de entrar em vertigem, ele tirou minhas pernas de seus ombros e levantou. Demorei um segundo para perceber que me pegava no colo. Ele nos girou em direção a cama e caiu por cima de mim, um pouco desajeitado.

O colchão era de mola e, por isso, balançamos uns segundos, enquanto ríamos em uníssono. Tales acariciou meu rosto, os olhos percorrendo meus traços bem devagarzinho, como se quisesse eternizar aquele momento. Aproveitei para fazer o mesmo. E então estiquei o pescoço para roubar um beijo. Tinha gosto agriado.

Ele se apoiou pelos cotovelos, friccionando sua ereção em mim de um jeito delicioso. E então, quando pareceu não se aguentar mais, inclinou o tronco para alcançar uma camisinha no criado-mudo. Esperei que ele colocasse, sem desviar os olhos de suas mãos descendo pelo seu comprimento.

— Você é perfeito — falei por fim, com a cabeça turva.

Tales respondeu com outro beijo. Foi lento, preguiçoso. Sua respiração pesada soprava alguns fios do meu cabelo, fazendo-os balançar suavemente no ombro. Estremeci e, sem parar o beijo, me inclinei para cima, invertendo nossas posições. Ele apenas gemeu, acariciando minha perna naquele ritmo calmo,

gostoso. Deixou um apertão no bumbum que fez tudo arder, incendiando-me outra vez. Seus olhos queimavam quando Tales subiu as pálpebras.

Espalmei seu peito, deliciada. Quanto mais olhava sua tatuagem, mais pensamentos obscenos passavam pela minha cabeça. Sem muito cuidado, o empurrei para trás, fazendo-o deitar. Seus cabelos se espalharam para todos os lados. Aquela era a imagem que eu queria ver pro resto da vida... Tales descabelado, o peito de fora, o rosto contorcido em tesão.

Passei a perna por ele e o encaixei em mim. Suas mãos foram parar na minha cintura no mesmo instante, apertando-me com firmeza.

— Ah, Chloe... — ele engoliu em seco, sem se dar conta de que a demora era proposital. — Você me deixa maluco.

Sorri e, em um movimento muito lento, deslizei para baixo, sentindo-o me preencher. Seis meses sem transar e parecia mesmo que eu tinha voltado a ser virgem. Apertei os olhos, com o coração disparado. Tales emitiu um som desconcertante, uma mistura de rosnado com gemido.

— Deliciosa... você é deliciosa! — Ele ameaçou mexer o quadril, mas não deixei.

Inclinei o tronco para roçar o nariz no dele. Tales parecia ter prendido a respiração.

— Eu que mando hoje — brinquei e ele abriu um sorriso largo. Aproveitei o momento e deixei uma lambida em sua cicatriz. O senti estremecer embaixo de mim.

Como resposta, Tales me soltou por alguns minutos, levando as duas mãos à própria cabeça, em rendição.

— Vá em frente — respondeu, ainda sorrindo, e me beijou. Suas mãos voltaram a me segurar.

Eu tinha planejado devolver toda a provocação de antes. O tanto que ele demorou beijando minha perna e me deixando à beira do descontrole. Mas, com ele dentro de mim, rijo, quente, pulsante... a única coisa que quis foi me entregar por completo.

Rebolei em seu colo, espalmando os músculos de sua barriga e me deleitando com seu rosto que era puro anseio. Tales acabou largando minha cintura e fechando as duas mãos em meus seios. Com o indicador e o polegar, esfregou os biquinhos de uma maneira dolorosamente gostosa.

Apoiei uma das mãos na cabeceira da cama, arrancando uma risada meio desconcertada dele.

— Seis meses na seca, lembra? — falei, ofegante, e ele respondeu com um movimento forte de quadril que me desarmou.

Foi então que começamos a nos movimentar juntos. Descobri que Tales

também estava à beira do descontrole. A vontade corria em suas veias. Era um desejo que vínhamos nutrindo há muito tempo e, quanto mais tínhamos um do outro, quanto mais experimentávamos, mais queríamos.

Ele se sentou e me arrumou em seu colo. Enterrei a cabeça em seu pescoço quase no mesmo instante. Tales enroscou os braços ao redor da minha cintura, forçando-me ainda mais contra seu corpo. Usei sua pele para abafar um grito de prazer.

— Que gostoso... ouvir... — Mas ele não completou a frase. Em vez disso, seus gemidos se uniram com os meus.

Meu corpo era feito de areia. A cada segundo, menos de mim restava. Eu desvanecia. E, caramba, como era bom. Como era bom sentir sua pele suada na minha. Seu cabelo contra meu rosto. Suas mãos enterradas em mim.

Voltamos a nos beijar. Mordi seu lábio e suguei sua língua. Tales gemeu, antes de me lamber daquele jeito meio obsceno e muito gostoso. Nossas línguas entrelaçaram com mansidão, ao contrário de nossos corpos que chocavam com violência. Era muito bom amar Tales. Muito boa a maneira como cada pedacinho de mim correspondia.

Ele começou a contrair as pernas outra vez e encerrou o beijo com vários selinhos. E então, com uma das mãos, segurou o meu queixo para me encarar. A outra, ele desceu entre nossas barrigas, até alcançar o meu desejo.

— Tales... — *Não vou aguentar*, quis completar, mas fiquei em silêncio.

— A gente vai junto, Chloe... — Ele deixou um beijinho na ponta do meu nariz, e percebi que estava se segurando.

Se não fosse por mim, ele já teria gozado. Já teria se perdido no mar de prazer. Mas ele me queria junto. E aquilo... nossa. Aquilo foi demais para aguentar. Mergulhei nas íris prateadas, sentindo as chamas se expandirem do ventre para todo o resto.

— Tales... — repeti, começando a convulsionar.

— Chloe... — Ele gemeu junto, beijando a pontinha do meu nariz de novo. — Eu amo você. Demais.

Ele entrou e saiu com força. E continuou. Seu polegar me castigando. Seus olhos me paralisando. Tudo em mim em brasa.

Então desvaneci.

Ele veio logo em seguida.

Saltei em queda livre, sentindo o vento correr por cada pedacinho de pele. Não havia som, não havia nada. Só o prazer subindo em espirais, cercando meu corpo, deixando os pensamentos cheios de fumaça.

Era bom demais.

Bom demais amar Tales.

Empurrei seu corpo para frente e, pela segunda vez na noite, caímos deitados e as molas nos arrancaram risadas fracas. Era difícil rir com a respiração entrecortada, mas rir sempre foi uma de nossas especialidades. Seus olhos fechavam um pouco quando ele ria e essa era uma das minhas imagens prediletas no mundo todo.

— Hum... que foi que você falou? — perguntei, bem pertinho do seu ouvido, quando consegui recuperar o fôlego.

Tales girou o rosto para o lado, encostando a testa na minha. Ele brincava com meus cachos, juntando-os acima da cabeça em um pompom e logo depois soltando, só para vê-los se espalharem pela cama.

— Que eu te amo? — perguntou, despreocupado. Assenti, maravilhada demais para conseguir responder. — Mas você *já sabe* disso. Eu te amo. Você é a pessoa mais importante da minha vida. A novidade aqui é que estou apaixonado. Louco por você, Chloe. Você faz eu me sentir vivo. — E, para se fazer entender, puxou uma de minhas mãos e a pousou sobre seu peito, de modo que pude sentir seus batimentos acelerados.

Desci as pálpebras por um momento, embalada pelo seu cheiro e por suas palavras.

— Fala só mais uma vez — pedi, e, imaginando sua cara debochada, me adiantei em explicar. — É diferente ouvir isso da sua boca agora.

Tales afastou meu cabelo para cima e se inclinou para alcançar minha orelha. Ele traçou as linhas com a língua, reacendendo algo dentro de mim. Mais precisamente, algo no baixo ventre. Engoli em seco.

— Te amo, sua idiota! — sussurrou por fim, arrancando uma gargalhada de hiena de mim.

— Idiota é você! Seu babaca gostoso e... hummm... alguém acordou. — Senti sua ereção em minha coxa e, juro, não sobrou pelo no lugar para contar história. — Te amo, seu taurino teimoso do caralho.

— Me fala uma coisa que eu não sei — ele disse, girando nossos corpos para ficar por cima.

Ri com prazer e acabei o fazendo rir de mim. Esfreguei a ponta do nariz no dele, enquanto ele se endireitava sobre mim.

— Você é tão insuportável, sabia?

Tales umedeceu os lábios, deixando-os mais corados que nunca. Ele parecia maravilhado em me ter ali, entre seus braços. Eu sabia porque me sentia da mesma maneira. Era desconcertante vê-lo em cima de mim, com o cabelo negro caindo sobre o meu rosto. Desconcertante seu peito pressionando o meu, cada vez que respirava.

— Aham, sabia. É por isso que você se apaixonou por mim, Chloe.

Porque te tiro do sério.

Soprei seus lábios, diminuindo a distância até roubar um selinho. E depois outro. Que se transformou em um beijo longo e delicioso. Tales balançou o quadril, lembrando-me de que estava pronto para mais. E que honraria sua promessa de não sair da cama tão cedo. Ah, como eu tinha sonhado com isso.

— Tá errado, Tales. Você me tira do sério porque eu te amo. Se é que isso faz algum sentido.

Ele assentiu, sem dizer nada, e esticou o braço para pegar outra camisinha. Respirei fundo, sentindo como se milhares de choques se espalhassem pelos meus membros, em expectativa.

Ainda quieto, ele se encaixou entre minhas pernas e, sem dizer palavra alguma, deslizou para dentro. Arquejei, arranhando suas costas para exprimir o que sentia.

— Fala de novo — pediu, e quase não deu para ouvir, de tão baixo.

— Ahn? — Reuni forças para perguntar, enquanto ele se movimentava carinhosamente dentro de mim. Pra fora, e depois para dentro. Bem devagar.

— Repete que me ama.

— Achei que já soubes... hummm... — Parei de falar quando ele fez um movimento brusco que me deixou com as pernas trêmulas.

— É diferente ouvir isso da sua boca agora — ofegante, ele repetiu minhas palavras de antes. Seu olhar era pura petulância. Tínhamos voltado para o nosso jogo. Eu adorava.

Puxei seu cabelo, forçando-o a afastar a cabeça para me olhar nos olhos. Abracei Tales com as pernas, trazendo-o para mais fundo. Gememos juntos.

— Te amo, seu idiota!

Ele rosnou, fechando os olhos por um momento e enfiou uma mão por baixo das minhas costas, colando nossos corpos.

— Isso mesmo. *Seu* idiota.

19



EFEITO PLACEBO



— FALTAM QUANTOS? — THAÍS PERGUNTOU, com a voz arrastada de cansaço, enquanto eu me concentrava em procurar a chave certa para abrir a porta.

— Acho que três. O que significa que já foram...

— Dez — ela completou a frase comigo.

Trocamos um olhar complacente. Aquele tinha sido um dia exaustivo. Depois de passarmos dias procurando imóveis na internet que atingissem as expectativas das duas, separamos nossos preferidos para visitar pessoalmente.

Acabamos descobrindo que, na vida real, as coisas eram muito diferentes do que nas fotos tendenciosas dos anúncios. A maioria parecia muito maior, ou muito mais ajeitado. Sempre tinha algum detalhezinho aqui ou ali para nos fazer descartar o apartamento. Em um, os tacos de madeira soltos juntavam muito pó e atacavam a rinite alérgica de Thaís. Em outro, várias paredes com infiltração. Em um deles, tinha uma pintura enorme de um diabo vermelho na parede da sala (muito tosco, por sinal), mas foi o suficiente para que ela saísse correndo e descartasse a ideia de imediato, mesmo depois de eu assegurar que uma boa pintura cobriria tudo.

— É questão de energia, Chloe — explicou, toda séria, enquanto descíamos de elevador. — Não vou me sentir bem.

Quando parecia perfeito, a localização era péssima. Quando era bem localizado, tinha alguma outra coisa para atrapalhar. Às vezes nem se tratava de nenhum defeito assim tão gritante, só não era o lugar para nós. Enfim. Seria nosso primeiro lar. Nosso primeiro passo para a vida adulta. Para todo o sempre, lembráramos dessa época com carinho. Por isso queríamos algo perfeito, na medida do possível.

O problema era que, como nenhuma de nós tinha carro, o que mais fizemos foi caminhar de um lado para o outro pelo centro, debaixo de um sol

escaldante e abafado, típico de Presidente Prudente. Meus tornozelos ficaram inchados e o tênis começava a machucar a pele sensível atrás da canela, de modo que tinha começado a mancar. Thaís não estava muito melhor, para ser honesta. Seu cabelo grudou no suor da testa, e as bochechas adquiriram um tom rosado permanente.

Mas o principal de tudo era que não conseguíamos disfarçar o desânimo. Depois de dez apartamentos, começávamos a achar que não encontraríamos nada naquela tarde. Tales tinha me alertado que isso podia acontecer. E até me falou que era *muito provável* que acontecesse.

— É meio difícil essa arte de achar onde morar. Mas existe tanto lugar por aí que é impossível não ter um perfeito pra vocês... — Ele deu de ombros. Tales era cheio dessas filosofias bizarras. — Só precisam ter paciência.

Abri a porta devagar, para aumentar o suspense. Thaís foi logo entrando e escancarando as janelas, para que pudéssemos enxergar, pois estava um breu danado. Em silêncio, cada uma foi para uma direção, observando tudo.

Não era ruim. Era bem fiel às fotos, inclusive. Eu não amava aquela cozinha com azulejos superestampados que deveriam vir direto dos anos cinquenta, mas até o momento, tinha sido a melhorzinha.

— E aí? — ela perguntou, quando nos cruzamos no corredor. Eu ia em direção aos quartos, ela ia para a cozinha.

— Não é ruim — admiti, soltando o ar dos pulmões. — Mas... sei lá. Ainda não é isso.

— Ah, que bom. Tava com medo de você gostar. — Thaís encolheu os ombros, abrindo um sorriso envergonhado. — Ou de ficar brava de tanto andar.

— A gente já chegou tão longe... só faltam três, de toda forma. — Recostei-me na parede, cruzando os braços sobre o peito. — E vai que o apartamento dos nossos sonhos é um desses, né?

Thaís esfregou as mãos em frente ao rosto, assumindo uma expressão de quem aprontava.

— Olha, não querendo criar esperanças, mas já criando: tô com um pressentimento fortíssimo de que é o próximo. Aquele na rua de trás da CarreTel, que é um tico mais caro.

— Pressentimento, é? — perguntei, cutucando ela com o cotovelo.

Na verdade, ela só falava daquele apartamento desde que nos encontramos pela manhã. Eu estava um pouco relutante porque, de fato, ficaria bem salgado. Mas, depois de ver o nível dos apartamentos mais em conta, comecei a me acostumar com a ideia de que talvez fosse a única saída.

— Nunca te contei, mas sou um pouco médium, tá?

— Affff! — Tampei os ouvidos de maneira teatral. — Tenho trauma

dessa palavra.

Ela bateu com o quadril no meu.

— Vamos logo, ainda temos que entregar as chaves para as imobiliárias e já são quase... — Ela pescou o celular do bolso do shorts. — Quatro. Temos duas horas.

Abandonamos o prédio parecendo tartarugas. Cacei a chave do próximo em meio aos inúmeros molhos espalhados pela bolsa e chacoalhei no ar, lançando uma piscadela para ela.

Thaís fisgou os lábios, tentando segurar o sorriso. Mas foi impossível. Seus lábios se esticaram de orelha a orelha, estava na cara que ela depositava toda a expectativa naquele apartamento. Até pensei em alertá-la de que não era uma boa ideia ficar tão esperançosa, mas não tive coragem de cortar seu barato. Só me restou torcer para que estivesse certa.

Abandonamos o prédio e, quando eu estava prestes a guardar o molho de chaves na bolsa outra vez, me ocorreu de conferir o endereço escrito no chaveiro. Passei os olhos depressa e estreitei as sobrancelhas, confusa.

— O apartamento era em qual andar mesmo?

— Décimo terceiro.

Ela parou em minha frente, obrigando-me a parar de andar também. Subi o olhar até encontrar o dela.

— Que estranho... esse aqui é o oitavo. — Mudei o peso do corpo de uma perna para a outra, quando me ocorreu uma coisa. — A rua atrás da CarreTel é a Joaquim Nabuco, né? — perguntei, só para confirmar.

— Não! — respondeu Thaís, de prontidão. — Lá é a Siqueira Campos, essa fica perto do seu curso. — Ela coçou a cabeça. — A gente não tinha nenhum apê pra ver na Joaquim Nabuco.

E então, antes que eu pudesse fazer algo a respeito, Thaís tomou o chaveiro da minha mão, colocando-o perto do rosto para ler. Seus lábios se entreabriram, ao passo em que o cenho franziu.

— Argh, que merda! — Ela balançou as chaves no ar com certa agressividade, fazendo-as tilintarem umas nas outras. — Devem ter trocado na hora de pegar. E agora?

Com as mãos na cintura, respirei fundo, soprando algumas mechas para cima. O sol estava ardido e, além do mais, fazia um dia muito abafado. O que eu menos queria era ficar andando feito uma barata tonta naquele calor... mas já estávamos lá, de toda forma. Por que não?

— Vamos dar uma olhada. É aqui perto, mesmo. Vai que a gente acaba se surpreendendo?

— Que azaaar — resmungou, enquanto assentia com a cabeça. — Tudo

culpa sua! A urucubaca é tão grande que espantou até o apartamento perfeito.

— Vai se ferrar, Thaís! — Revirei os olhos, mas não resisti a uma risada. — A gente nem sabe se era perfeito mesmo. Dá pra visitar outro dia, também. E, de todo jeito, a praga é só para machos.

— Como assim, *machos*? — perguntou, divertida.

— É que não se resume a humanos. — Esfreguei a nuca e retomei a caminhada. — Anda, tô curiosa pra ver como é esse apê.

A localização era, de longe, a melhor dentre todas. Ficava perto do nosso trabalho, do meu curso e de tudo, para resumir bastante. Sem contar que tinha um ponto de ônibus bem em frente ao prédio, se quiséssemos ir para outros lugares.

Meu coração disparou enquanto passávamos pelo saguão de entrada. Em parte, porque era muito bonito. Mas sei lá. Se eu tivesse sexto sentido, como mamãe costumava falar, poderia jurar que era um sinal. Uma mensagem vinda do além. Mas como não acreditava muito nessas coisas, só tentei não ficar tão ansiosa.

Acho que Thaís partilhava da mesma excitação que eu, pois não trocamos uma palavra no elevador. Pelo contrário, conforme subíamos para o oitavo andar, mais densa a atmosfera entre nós se tornava. E eu até conseguia entender meu medo (e talvez o dela também) de colocar toda a expectativa em palavras. Depois de onze apartamentos terem dado errado, dava até um friozinho na barriga de pensar que talvez aquele pudesse ser o certo. Nenhuma de nós queria estragar as coisas.

— Bom, vamos lá... — sussurrei, enfiando a chave na fechadura em um movimento lento e dramático demais.

Demorei além do necessário para abrir e Thaís nem pareceu se dar conta, tamanho nervosismo. Em vez disso, se aprumou atrás de mim, segurando em meus ombros como se precisasse disso para se firmar.

Empurrei a porta de leve, tentando antever qual seria o defeito terrível que nos faria desistir do apartamento. Mas fui surpreendida com uma vista razoável. O piso de madeira corrida clara era novinho e muito bonito. E as paredes cinza claro evidenciavam o gesso branquinho do teto (e lembravam a cor dos olhos de Tales, confesso).

Engoli em seco, com uma ideia boa de qual seria o grande defeito.

— Puta merda, imagina a facada que deve ser o aluguel — Thaís verbalizou meus pensamentos, enquanto entrávamos devagarinho, prolongando ao máximo o suspense.

A cozinha já tinha os móveis planejados (o que era ótimo, pois não precisaríamos providenciar tudo) que pareciam ter sido recém-colocados.

Caminhei até a lavanderia, abrindo a janela para deixar o ar circular e dissipar o cheiro forte de tinta.

— Acabaram de reformar, né? — pensei em voz alta, e Thaís se limitou a assentir.

Seguimos juntas para os quartos e banheiro. Tratava-se de um imóvel bem pequeno, mas muito ajeitadinho. Do jeito que queríamos. Eu já podia imaginar as paredes cobertas de quadrinhos, as janelas com persianas clarinhas, o banheiro com um milhão de cosméticos espalhados pela janela e ninguém para reclamar.

Suspirei, apaixonada com o filminho passando em minha cabeça.

— É perfeito! — disse e, no mesmo instante, ouvi Thaís suspirar.

Ao procurar seu olhar, deparei com a mesma cara abobalhada que eu.

— Muito. Pena que deve custar o nosso rim. — Ela esfregou o rosto, como se tentasse voltar para a realidade.

— É perto do meu curso, do calçadão, do nosso trabalho... tem comércio em volta. O ponto de ônibus ali na frente. Foi recém-reformado... — enumerei tudo nos dedos. — Qualquer apartamento que visitarmos depois desse vai ser a treva. Ele minou nossas chances.

— Afff, que raiva! — exclamou Thaís, escorregando as costas na parede do corredor até sentar no chão. — Jogamos esse dia inteiro no lixo. Tô muito morta.

— Nem fala. Tales me disse que era difícil, mas não achei que fosse tanto — respondi, sentando ao seu lado, enquanto pescava o celular do bolso.

Ela me olhou com curiosidade.

— Tá fazendo o quê?

— Quero ver se acho esse apartamento no site da imobiliária, só pra gente descobrir se é mesmo tão caro.

— Claro que é! Olha só pra isso.

— Não custa olhar. — Dei de ombros e comecei a rolar a página da busca.

Apesar de tentar se mostrar indiferente, Thaís inclinou o tronco para mais perto, de modo que pudesse acompanhar os resultados comigo. E, quando conseguimos encontrar o apartamento, alguns minutos depois, arquejamos em uníssono.

Porque, juro por deus, era aquele!

Era perfeito.

Era para ser nosso. Eu estava sentindo.

Não estávamos erradas em achar que ele seria um pouco mais caro que a média dos apartamentos que visitamos ao longo do dia, mas também não

chegava a ser tão caro quanto o que Thaís tinha se apaixonado.

— Ah, caramba! Nem acredito! — falei, sem conseguir parar de sorrir.

E, quando dei por mim, estávamos abraçadas de um jeito esquisito, meio de lado, balançando o corpo para frente e para trás e chorando uma no ombro da outra. Se Thaís não era a pessoa perfeita para dividir uma casa comigo, eu não sabia quem era.

— Ah, Chloe. Tô tão feliz! Superconsigo imaginar nossa vidinha aqui. Vai ser lindo.

— Vai — concordei, limpando as lágrimas com os dedos. — Nem sei como agradecer por ter me chamado pra morar com você. Eu tava precisando de um empurrãozinho desse pra sair da zona de conforto, sabia?

Ela sorriu, balançando a cabeça.

— Minha mãe sempre fala uma coisa... e é verdade. As coisas nunca acontecem antes ou depois da hora. Elas acontecem no tempo certo, Chloe.

Recostei a cabeça no ombro dela, relaxando o corpo.

— Você tá com medo? — perguntei, porque, apesar de feliz, eu também estava apavorada.

— Pra caralho.

— Meu pai me disse que as melhores coisas da vida vêm depois que a gente enfrenta o medo... — Abracei meus próprios joelhos, imersa em uma onda enorme de afeição. Por papai, por Thaís, pela vida. — Por que pais sabem tanto?

Ela se limitou a dar de ombros. E, poucos segundos depois, se empertigou inteira ao conferir as horas no visor do celular.

— Ai, droga. A gente precisa correr ou não vai dar tempo.

Concordei com a cabeça, abrindo a bolsa e despejando todas as chaves no chão, entre nós duas.

— Vamos separar pra facilitar — falei, mas Thaís já estava fazendo isso.

— Acho que compensa passar primeiro na imobiliária Privilégio, que é ali no calçadão. É a que tem mais também, olha. Cinco.

— Vamos! — exclamei, tomando impulso para levantar.

Juntamos os molhos do chão, guardando-os em bolsos separados para não misturar tudo de novo. Todo o cansaço de antes tinha se dissipado, dando lugar a uma sensação muito melhor. Era uma mistura de euforia com satisfação. Justo o apartamento que veio errado tinha dado certo.

Mesmo sem dizer uma palavra, dava para ver que ela partilhava dessas sensações. Eu sentia no ar. A gente não parava de sorrir uma para a outra e trocar olhares significativos. Eu conseguia vislumbrar um futuro cheio de possibilidades ali e era maravilhoso.

Tinha passado tanto tempo desejando sair da casa dos meus pais que

acabou virando algo utópico. Eu gostava de imaginar uma casa com churrasqueira toda decorada, do mesmo jeito que gostava de me imaginar casando com o Ryan Gosling, ou sei lá. Era tudo muito improvável.

Mas então, eis que a vida aconteceu. Se eu podia tirar algum aprendizado de todos os acontecimentos recentes, era esse — as coisas acontecem quando menos esperamos. Quando paramos de procurar feito loucos e insistir em caminhos que não dão certo. Isso porque a vida tem seus próprios caminhos a percorrer, e sempre nos alcança quando estamos prontos para isso.

Dobramos a esquina para entrar no calçadão. Meu celular vibrou no bolso do shorts quase no mesmo instante. Era uma mensagem de Tales. Sorri só de ver sua foto de perfil. Os cabelos soltos, os olhos cinzas enormes, a cicatriz acima do lábio. Nossa. Só pensar nele evocava uma profusão de lembranças deliciosas.

e aí?

acharam o apê dos sonhos????

ACHAMOS!!!!

depois te conto tudo

preciso correr pra devolver as chaves

*tá bom, só me responde uma coisa primeiro:
tem sacada?*

tem, pq?

*pq precisamos providenciar uma churrasqueira
pra vc convidar a galera pra um churrasco*

lembra?

hahahahaha

*acho que prefiro casa da vó mesmo
e acompanhada do taurino viciado em
discovery home & health que eu gosto ;)*

hummm

acho que tbm prefiro <3

prefere sair com o taurino que vc gosta???

ha ha chloe vc é tão hilária ¬¬

— Ai, ai. Toda apaixonadinha, hein!? — Thaís debochou, cutucando minhas costelas.

Dei risada e guardei meu celular no bolso outra vez. Foi então que senti o peso do olhar de alguém me acompanhar e, sem pensar duas vezes, ergui o rosto para descobrir quem era.

No momento em que meus olhos pousaram sobre ela, cada músculo do meu corpo retesou. Parei no lugar, chocada demais para reagir. O coração disparou e a respiração ficou superficial. Fisguei o lábio inferior com um pouco de força.

A cigana.

Eu mal conseguia acreditar no que meus olhos me mostravam. Eu tinha procurado essa mulher feito uma maluca.

Todos. Os. Dias.

Alguns dias, inclusive, mais de uma vez. Passava de manhã, antes de entrar para o trabalho. De tarde, quando saía, e de noite, depois do curso.

Até perguntei para alguns lojistas e ninguém (ninguém mesmo) parecia ter visto a cigana. Era como se ela não existisse. Mas então ali estava ela, recostada em um poste com os braços cruzados sobre o peito. O olhar sereno me acompanhando e, se eu não tinha enlouquecido, um sorrisinho torto nos lábios.

— Chloe? — Thaís perguntou, percebendo meu estado catatônico. — Ela tentou acompanhar meu olhar para descobrir o que tinha me deixado assim, mas desistiu depois de alguns segundos. — Aconteceu alguma coisa? Você tá bem?

— E-eu... — Massageei as têmporas, tentando colocar os pensamentos no lugar.

Foquei tanto a atenção em *encontrar* a cigana que não parei para pensar direito no que faria *depois*. Não planejei direito o que falar. Só sabia que estava morrendo de vergonha dela e, sobretudo, medo. Porque, caramba, e se ela ficasse com mais raiva ainda de mim? Eu não estava pronta para mais coisas dando errado.

— Thaís, você... hum... quer ir na frente? Preciso resolver uma coisa. Te encontro lá.

— Você... ahn?? — Thaís se aproximou, sem esconder a preocupação de suas feições. — Como assim?

Ela voltou a olhar na direção em que eu mirava, de sobrancelhas unidas.

— Sabe a cigana que eu tava procurando? Que me rogou uma praga e tudo mais? — Ela assentiu, voltando a me encarar nos olhos.

— Sei. Claro que sei.

— Acabei de achar. Preciso tentar reverter isso.

O queixo de Thaís caiu. Ela enfim pareceu enxergar a mesma pessoa que eu, pois se empertigou no lugar, espalmando o peito.

— É aquela moça ali?

— É — respondi, com o coração a mil por hora. — Cara, me deseje sorte. Tô com muito medo de ferrar as coisas ainda mais.

— Para com isso, Chloe. — Ela me puxou para um abraço apertado. Demorei alguns segundos para reagir, porque não estava esperando. — Vai dar tudo certo. Tô com um bom pressentimento.

— Tomara.

— Bom, vou apertar o passo pra dar tempo. Aliás, me dá aqui suas chaves. Eu entrego sozinha.

Pisquei os olhos algumas vezes.

— Quê? Sêrio?

— Anda logo, isso é importante. Antes que você perca a cigana de vista. Eu me viro sozinha.

Sorri para ela, sentindo uma onda de gratidão. Mais que depressa, juntei os molhos e entreguei para Thaís, que guardou em sua bolsa.

— Fico te devendo essa.

— Só me conta tudo depois, tá? — respondeu ela, enquanto se afastava em passos ligeiros em direção à imobiliária.

Apertei as mãos em punhos, respirando fundo para reunir coragem. Meus joelhos ficaram fracos de medo, mas segui em frente mesmo assim, ou acabaria mudando de ideia.

A cigana não olhava mais para mim, porém continuava na mesma posição de antes. Como se me esperasse.

Fica calma.

É só não ser escrota.

O pior que pode acontecer é ela falar não e você morrer solteira e azarada. Mas tá tudo bem. Podia ser pior.

Parei a alguns centímetros de distância, com medo de aborrecê-la. E então, como ela nem fez menção em subir o olhar, pigarreei.

— Li-licença — grasnei, torcendo a barra da camiseta com nervosismo.

— N-não sei se você lembra de mim, mas...

— Ah, eu lembro, meu bem — ela me interrompeu e pulei de susto no lugar. — Nunca esqueço o rosto de uma pessoa.

Só então a cigana desviou a atenção para mim e me perdi por uns segundos em seu olhar. A íris, de um ocre claríssimo, lembrava uísque. Seus olhos eram enigmáticos e atraíam como um ímã. Os pelinhos da minha nuca eriçaram um a um.

— É a menina que não me deixou ler a mão.

— Sou — admiti, esfregando o braço sem jeito. — Olha, eu vim aqui te procurar por que... preciso pedir desculpa.

A cigana apenas assentiu, aprumando a postura como se esperasse pelo que eu tinha a falar.

Então, por alguma razão, sua expressão evocou algum sentimento muito primitivo dentro de mim. Fiquei apavorada com a perspectiva de ela não me libertar. Eu não podia continuar vendo tudo dar errado. Não podia perder Tales. Não agora que finalmente o tinha enxergado.

Motivada pelo medo, desatei a falar, com a voz tremida de quem estava prestes a cair no choro.

— Droga, eu fui tão escrota! Eu... não sabia. O lance da mão e tudo mais. Eu só... — Antes que pudesse evitar, comecei a chorar. Não queria nem pensar na impressão que estava causando nela. — Me desculpa. Por favor, me desculpa. Não é da boca pra fora, tô muito arrependida.

Num impulso, estiquei a mão para segurar seu braço. A mulher nem piscou, continuou com a mesma expressão inabalável de antes.

— Olha, eu aprendi minha lição. De verdade. Eu tava fazendo tudo errado. Procurando minha felicidade em outras pessoas. Achei que arrumar um namorado fosse resolver todos os meus problemas. Eu só queria *namorar*, não importava quem. E... caramba, isso é triste — eu cuspi as palavras tão rápido que era até difícil de entender. Mas precisava colocar tudo para fora. Precisava tentar, ou nunca me perdoaria. — Andei pensando sobre isso e acho que no fundo você tava mais que certa. Eu precisava enxergar o que tava na minha frente. Não só o Tales, mas minha vida, no geral. Nesse meio tempo finalmente descobri a minha profissão e vou até mudar da casa dos meus pais! Dá pra acreditar?

— Er... eu... — Ela tentou se desvencilhar de mim, desfazendo-se da expressão meio arrogante e dando lugar à confusão. — Acho...

— Não, por favor. Deixa só eu me explicar! — supliquei, segurando o braço dela com mais força. — Eu *preciso* do seu perdão. Sério, por favor, me liberta dessa praga. Me dá outra chance. Porque eu descobri que tô apaixonada

pelo meu melhor amigo. Acho que eu já sabia disso, só não queria admitir. E tava bem na minha frente. Mas eu ficava fingindo que não gostava das roupas dele, ou então do cabelo... coisas que *não importavam*, como você falou. Só que tudo começou a dar errado antes mesmo de dar certo. E eu tô *amando* a gente juntos. Como meu coração fica perto dele. Como a gente dá certo sem fazer o menor esforço.

Respirei fundo, segurando a base do nariz para tentar me acalmar. As lágrimas não paravam de escorrer. E o pior é que meu rímel nem era a prova d'água. Eu nem queria imaginar minha aparência.

— Eu não posso perder o Tales. Ele é meu melhor amigo. Tá ao meu lado há mais de dez anos. Eu sei que não *preciso* dele pra ser feliz. Mas, na verdade, preciso sim. Isso faz algum sentido? — Passei as mãos pelo cabelo. — Tá bom, não faz. Vou tentar explicar melhor. Eu amo o Tales. Eu amo demais esse insuportável. Não dá mais pra imaginar minha vida sem ele. Isso não tem nada a ver com o fato de eu estar apaixonada. Tem a ver com o Tales ser a pessoa mais carinhosa do mundo. E se preocupar comigo. Saber todos os meus pratos favoritos de todos os meus restaurantes favoritos. Torcer por mim... enfim. — Umedeci os lábios, com a garganta arranhando de tanto falar. — Por favor, moça. Tenha piedade de mim. Eu ajoelho se você quiser. Imploro. Mas me deixa ser feliz com ele. Não tira ele de mim. Eu já aprendi minha lição. Juro juradinho.

Sem dizer uma palavra, a cigana se limitou a segurar meus ombros com firmeza, como se fosse me chacoalhar. Ela ficou me fitando com seus olhos enigmáticos por um momento. Aproveitei para fazer uma prece em meus pensamentos.

— Juro por deus... não faço a menor ideia do que você tá falando.

Dei uma risadinha nervosa e continuei olhando para ela, esperando. Mas como ela não disse nada, resolvi arriscar.

— Você jogou uma maldição em mim, lembra? Disse que eu precisava enxergar o que importava ou morreria solteira.

— E você acreditou??? — Ela riu, balançando a cabeça em negativa, como se estivesse incrédula com a minha inocência. — Não vai me dizer que ainda acredita em coelho da páscoa também?

Meu queixo caiu.

Ela só pode estar tirando com a minha cara.

— Eu não acreditei no começo! Mas daí tudo começou a dar errado. No mesmo dia levei um fora. Depois saí com um tarado que se masturbava pelo telefone. — A cigana arregalou os olhos, chocada. — Então conheci um cara que parecia incrível, mas era melhor amigo da avó morta. Sem falar do gatinho que me deu uma rasteira. Um gato, mesmo, não um cara bonitinho, um felino! Daí

vomitei no Tales... — Enumerei nos dedos, como se estivesse falando com uma criança. — Enfim. *Muita coisa* deu errado. Não tem como você vir me dizer que não teve praga porque teve praga sim, tá? Impossível minha vida ser tão cagada sem nenhum empurrãozinho.

— Meu bem, você já ouviu falar em *coincidência*? — ela perguntou e, por incrível que pareça, seu tom foi bondoso.

Cerrei os dentes, porque me lembrei de Tales no mesmo instante. Ele já tinha feito a mesma pergunta. Com as mesmas palavras. Como se eu fosse uma boba supersticiosa. Eu tinha motivos *muito sólidos* para acreditar na maldição.

— Não foi coincidência! *Não foi*. Começou logo depois que eu cruzei com você. Levei o fora minutos depois de ser amaldiçoada. E no dia que eu descobri que tava a fim do Tales, vomitei nele. Na mesma hora! A gente tava pra se beijar.

— Mas pelo que entendi vocês se beijaram depois, né? — Ela arqueou as sobrancelhas, em desafio.

— S-sim. E fizemos outras coisas mais... — *Socorro, Chloe, cala a boca!*
A cigana ignorou meu último comentário.

— E ainda estão juntos?

Fisquei o lábio inferior, sem querer dar o braço a torcer.

— Vai saber por quanto tempo! — exclamei, com certa urgência.

Pela primeira vez, ela pareceu indignada. Solto meus ombros e bateu com os braços nas pernas.

— Então se der errado a culpa vai ser minha?

— É claro?

— Isso é injusto. E imaturo. É muito fácil você jogar a culpa pra cima de terceiros e se isentar da responsabilidade.

Seu tom foi duro, quase ameaçador.

Abracei meu próprio tronco, criando uma barreira entre nós.

— Mas... você... a praga... — murmurei, sem conseguir acreditar que fosse tudo coisa da minha cabeça.

— Olha, eu falei aquilo só pra te assustar. Só pra você se sentir mal pelo jeito como me tratou. Acho que você sofreu um efeito placebo.

Fiquei boquiaberta. Não conseguia e nem sabia se queria acreditar no que ela afirmava. Era mais fácil ser uma pegadinha.

— Quê?

— Efeito placebo é quando você... — começou, mas a interrompi.

— Eu sei o que é efeito placebo! Mas é que... sem chance. — Esfreguei o rosto, tentando retomar todos os acontecimentos e decidir se existia a possibilidade, mesmo que mínima, de ela estar falando a verdade. — *Não*

imaginei nada disso. Eu era a pessoa que mais queria que as coisas dessem certo. O Joaquim era um deus nórdico. O Heitor veio direto de Wakanda. Por que eu faria isso comigo mesma?

A cigana encolheu os ombros, com um olhar complacente no rosto.

— Você acabou de me dizer... foi porque no fundo já tinha se dado conta de que gostava do seu amigo.

— Eu... ahn...

Tentei buscar outros argumentos, no entanto foi impossível. Minha cabeça virou um caos. Parte de mim não queria arredar o pé. Não podia ser ilusão. Eram coincidências demais e sorte de menos.

No entanto, a outra parte estava tentada a agarrar as palavras da cigana com força. Porque, se não existia maldição, se era tudo fruto da minha imaginação... então não havia nenhum risco de perder Tales. As coisas estavam em nossas mãos e só nelas.

— Não tem maldição nenhuma, meu bem — ela falou, em um tom gentil, como se tivesse lido meus pensamentos. — Desculpa ter te assustado. Não sabia que você levaria tão a sério.

— Tem certeza?

Ela assentiu de levinho, tomando minha mão entre as suas. Quando despertei do transe, dei por mim que ela estava lendo minha mão. Fui pega de surpresa, mas não fiquei exasperada como na primeira vez. Na verdade, confesso que fiquei até curiosa para descobrir o que ela via.

Seu dedo indicador contornou as linhas da palma, fazendo cosquinha. Foi bem rápido. Coisa de segundos. Então ela fechou minha mão em punho, sem soltá-la.

— Vai ser feliz, boba.

E foi exatamente o que fiz.

Sem pensar duas vezes, corri para o ponto e peguei o ônibus que me levaria para o apartamento de Tales. Meus ouvidos zumbiam. Eu estava atordoada. Levaria algum tempo até conseguir processar tudo. Aquela conversa e o fato de que tudo não passou de um mal-entendido.

Mas, naquele momento, isso podia esperar um pouco. Tinha um assunto pendente bem mais importante. Eu precisava contar para o Tales. Ainda que ele fosse tirar sarro da minha cara e me olhar com uma expressão insuportável de *eu avisei*. Eu não dava a mínima.

Batuquei os dedos nas pernas durante todo o trajeto, planejando o quealaria para ele. Como contaria sobre o encontro com a cigana. Mas, de tão ansiosa, não consegui pensar em nada. Talvez ele nem mesmo fosse ficar tão feliz quanto eu, porque no fundo não acreditava na maldição. Bom, nada disso

importava. Eu só queria beijar aquela boca linda sem o peso enorme de achar que a qualquer hora as coisas dariam errado. Que a qualquer hora seria nossa última brincadeira juntos, antes de alguma coisa dar muito errado.

Como se o universo tirasse sarro da minha cara, o ônibus acabou levando o dobro de tempo para fazer o percurso de sempre. Eu não podia culpar o motorista, pois o trânsito estava mesmo caótico. O problema era que, naquele horário, tinha gente demais amontoadada. Muito mais do que o veículo comportava. Eu nem precisava me dar ao trabalho de tentar segurar nas barras, não tinha chance nenhuma de cair. Senti a roupa colando nas costas e uma fina camada de suor se formou sobre a pele.

Para fechar tudo com chave de ouro, uma mulher desmaiou pouco antes do meu ponto. Se era possível, a situação ficou ainda pior. Todo mundo se amontou na tentativa de abrir espaço para ela. E, nessa, virei um sanduíche no meio de desconhecidos. Andar de ônibus às seis da tarde era um pouco constrangedor. Mirei em meus sapatos para não precisar fazer contato visual com as pessoas quase abraçadas comigo.

Quando desci do ônibus, minutos depois, tinha as costas empapadas de suor. Enquanto andava em passos apressados para o prédio de Tales, conferi discretamente se meu desodorante ainda estava ok. Não muito, mas intimidade servia para isso. Se ele tinha suportado um vômito (e até tido uma epifania com isso), um cecê leve não seria assim tão ruim.

Foi Vinícius quem atendeu o interfone.

— Oi, é a Chloe. O Tales não chegou? — fui logo perguntando, com urgência.

— Ainda não. Deve estar cheg...

— Chloe? — Uma voz conhecida veio de trás. Bastou reconhecê-la para meu estômago revirar com intensidade.

— Deixa pra lá — lembrei de responder Vinícius, antes de girar nos calcanhares para ficar de frente para Tales.

Ao me ver, ele arregalou os olhos e entreabriu os lábios, preocupado.

— Ei, o que aconteceu com você? — perguntou, antes de eliminar a distância entre nós e me segurar pela cintura. — Tá tudo bem?

Uma das mãos veio parar no meu rosto, acariciando minha bochecha com suavidade. Estremeci e, sem conseguir segurar, deixei meu sorriso mais bonito florescer.

Tales ficou ainda mais perplexo.

— Não podia estar melhor — respondi, segurando seu rosto com as duas mãos. — Tales... eu...

— Você...?

Mirei em seus olhos por um momento e percebi que eu não fazia a menor ideia de como dar a notícia. E, na falta de palavras, só me restou puxá-lo para um beijo. Na calçada, em frente ao seu prédio. Eu estava fedida, com rímel no rosto inteiro, e ele tinha acabado de voltar do trabalho. Tinha gente andando na rua.

Nem de longe como nas comédias românticas e, ainda assim, não podia ser melhor. Porque era a gente. Era imperfeito e, por isso mesmo, real. Apertei meu corpo no dele e suspirei baixinho quando seus braços me apertaram com urgência, aprisionando-me.

— Uau... — ele suspirou, sorrindo, com a testa encostada na minha. — Que recepção, hein? Se eu soubesse que você tava me esperando, teria vindo correndo.

Ri dele e, pela primeira vez, não achei minha risada tão feia assim. Sobretudo porque era impossível alguma coisa feia despertar um brilho tão bonito no olhar de outra pessoa.

— Quer me contar alguma coisa? — perguntou, em um sussurro.

— Adivinha.

— Hummm... se não te conhecesse tão bem, diria que é por causa do apartamento. Mas algo me diz que não? — Ele deu um sorriso torto desconcertante. — Será que tem algo a ver com a cigana?

Afff, esse... insuportável.

Fisquei o lábio inferior para evitar o sorriso insistente.

— Tá morno — falei por fim, só para prolongar a brincadeira que era tão nossa.

Tales roçou o nariz no meu, bem de levinho, fechando os olhos por um momento.

— Ela te perdoou? Desfez a maldição? — Sua pergunta saiu em um sussurro e, mesmo assim, consegui captar a ansiedade em cada palavra.

Tales abriu os olhos e me queimou com as luvas prateadas. Engoli em seco, assentindo com um movimento quase imperceptível.

— Mais ou menos... depois te explico. Mas... é. Não tem maldição nenhuma. Só a gente, Tales.

Eu não estava preparada para o sorriso maravilhoso que ele abriu.

Perdi o fôlego e precisei me segurar em seus ombros para não despencar com o impacto.

— Então agora você é minha pra sempre? — ele perguntou bem pertinho da minha boca, e consegui sentir cada palavra soprada contra meus lábios.

— Eu já era. Só não sabia.

Ele riu baixinho, balançando a cabeça em negativa.

— Ou não queria saber.

Tales me puxou para outro beijo, sem nem ligar se eu parecia ter saído de um filme de terror com as bochechas manchadas de rímel. Tampouco ligou para o meu desodorante (talvez) um pouco vencido. Do mesmo jeito que eu não me importava com o fato de ele ser a pessoa mais irritante do mundo e, ainda assim, eu ter me apaixonado por ele.

Meu único pensamento, ali, em seus braços, no meio de um beijo delicioso com gostinho de maracujá era que, se minha vida fosse uma comédia romântica, aquele seria o momento em que apareceria um enorme FIM na tela, logo antes dos créditos subirem ao som de uma música romântica.

EPÍLOGO



— A GENTE PRECISA MESMO levar ela? — perguntei, com os ombros pesados como chumbo, e lancei um olhar de súplica para mamãe, que dirigia.

Mas ela nem se deu ao trabalho de olhar para o lado. Só conseguiu encolher os ombros, mirando para o retrovisor como se estivesse superocupada com o trânsito. Desculpa que seria plausível, caso não fôssemos o único carro naquela rua.

— Ela ficou toda animada, Chloe. Quer muito te ajudar a escolher as coisinhas da casa nova.

— *Aham*. Ela deve estar louca pra criticar tudo, isso sim. — Cruzei os braços, sem conseguir disfarçar o quanto estava emburrada. — Poxa, mãe. Era pra ser um daqueles momentos emocionantes entre mãe e filha, igual nos filmes. Quando as coisas deram certo... uma cena gostosinha só pra descontrair, sabe? — Gesticulei, tentando me fazer entender. — Daí você vai e estraga tudo chamando a *tia Célia*? Quer me castigar ou o quê?

— Que horror, filha! — Ela enfim me encarou, com um olhar todo sério. — Para de falar assim da sua tia. Sei que ela é meio bocuda às vezes, mas precisamos ter paciência. Uma hora a Célia aprende.

— Ah, tá. Mais fácil um raio cair na minha cabeça agora mesmo.

Mamãe revirou os olhos, dando seta para estacionar o carro em frente à casa dos meus tios. Ela deu dois toquinhos na buzina e então relaxou a postura, ficando com o corpo inclinado em minha direção.

— Eu tô aprendendo, não tô?

Fisquei o lábio inferior, assentindo. Era verdade. Tá bom que mamãe nunca foi tão insuportável como minha tia, mas ela costumava implicar bem mais comigo. Sobre tudo com o lance do cabelo. E pensar que agora começava a transição capilar... uau. Era incrível saber que, mesmo sem querer, eu tinha

plantado uma sementinha nela. E que essa sementinha germinou e foi crescendo um pouquinho mais a cada dia, até fazer a diferença.

Ouvimos o toc-toc do saltinho de tia Célia batendo no chão do quintal. Os cabelos lisos terminavam na altura dos ombros. Ela alisava todo mês para não deixar a raiz aparecer em hipótese alguma. Isso sem contar em todo o resto... como, por exemplo, o horror à chuva e à umidade. E, com isso, não entrava em piscina, mesmo se fizesse muito calor. Tantas coisas das quais ela se privava. Seria mesmo incrível se a sementinha dela acabasse germinando. Mas eu sentia que a casca de tia Célia era mais grossa. Levaria mais tempo.

— Mas precisava mesmo ser logo hoje? — insisti, observando-a abrir o portão e sair, toda animada.

Minha mãe desferiu um tapa em meu braço, enquanto estalava a língua com impaciência.

— Chega disso. Vai ser legal. Eu não vou deixar ela falar nada pra te chatear, fica fria.

— Quero só ver... — sussurrei, no exato momento em que tia Célia abriu a porta de trás e entrou no carro.

Seu perfume doce se espalhou, irritando meu nariz. Não era um perfume ruim, o problema era a quantidade. Dava a sensação de que tia Célia usava um frasco inteiro de uma vez.

— Achei que vocês tinham me esquecido! — foi logo dizendo, antes mesmo de nos cumprimentar. — Deram uma atrasadinha, né?

Lancei um olhar para mamãe que dizia *eu avisei* com todas as letras. Mas ela tinha voltado a encarar o retrovisor com muito interesse. Safadinha.

— Ah, que nada. Só dez minutinhos.

— Ué, a Camille não ia junto? — perguntou tia Célia, ignorando mamãe.

— Ela precisou adiantar a viagem pra São Paulo. Tá toda eufórica. Aliás, você viu as fotos novas dela que eu te marquei no *Facebook*?

Pelo retrovisor, observei Tia Célia espalmar o peito em um movimento para lá de dramático. Mamãe também fazia aquilo de vez em quando, por isso era bem engraçado de ver minha tia reproduzindo.

— Estava vendo agorinha, Cleide! Nossa, olha, essa menina vai longe ainda. Vai ser a nova Gisele Bündchen. Anota o que estou dizendo.

Mamãe e eu rimos baixinho. A gente sabia que esse era um caminho concorrido e muito difícil, e que muitas meninas desistiam. Mesmo assim, todo mundo lá em casa tinha *certeza absoluta* de que Camille ainda alçaria voos longos e brilhantes. Tudo bem que estávamos sendo um pouco tendenciosos, mas era para isso que servia a família, né? Alguém precisava acreditar na gente. Se bem que, como irmã do meio, nunca tive tanta sorte assim com esse lance de

apoio. As coisas estavam começando a mudar só agora.

As duas continuaram tagarelando por todo o percurso sobre como Camille era bonita e talentosa e ainda conquistaria o mundo inteiro. Tia Célia deixava escapar uma ou outra ofensa disfarçada de elogio (“*a campanha ficou a coisa mais linda, né? Imagina se ela não tivesse raspado a cabeça, então*” ou “*tomara que ela não resolva ir na da Chloe e pintar o cabelo com uma cor maluca, ela fica bem mais bonita morena*”...), mas resolvi ignorar todas. Aquele era o meu dia. Nada poderia estragar o friozinho na barriga e a excitação que me perseguiam desde o momento em que Thaís e eu assinamos o contrato do nosso apartamento e pegamos as chaves, na manhã do dia anterior. Ainda era bizarro pensar que aquele seria meu lar muitíssimo em breve. Não tinha caído a ficha.

Levou pouco mais de uma semana para arrumarmos a papelada. Como era preciso dois fiadores para assinarem o contrato, tivemos que pedir aos meus tios, pois os pais de Thaís não tinham imóveis. O que, na minha opinião, foi a pior coisa que poderia ter acontecido em toda a minha vida. Não pelo meu tio, mas por causa de tia Célia. Implorei para o meu pai falar direto com o meu tio e evitar qualquer tipo de alarde, mas era de se esperar que ela ficasse sabendo em algum momento, afinal eles eram casados.

Assim como no dia em que ela descobriu que minha irmã tinha raspado o cabelo, fez o maior chique. Disse que eu não estava pronta, que nem tinha um emprego decente, e que tipo de pessoa saía da casa dos pais para morar com uma amiga? Tinha que ser direto para a casa do marido. Enfim, um saco. Confesso que acabei chorando um pouquinho, abraçada no travesseiro, mas, dessa vez, foi a família inteira me confortar. E, no fim das contas, ela acabou aceitando, apesar de tudo. O que comprovava minha teoria de que tia Célia só gostava mesmo era de implicar. Não importava o motivo.

Por isso não tive cara de impedir mamãe de convidá-la para aquela tarde. Fiz todo o drama possível, mas no fundo sabia que seria um pouco babaca da minha parte negar que ela fizesse parte das primeiras comprinhas da casa quando ela foi uma das razões de aquilo ser possível.

A ideia tinha sido de mamãe, para minha total surpresa. Quando cheguei do curso, à noite, ela me esperava no sofá e mal conseguia esconder a empolgação.

— Tava aqui pensando... amanhã é sua folga, né?

— Ahaaam. — Uni as sobrancelhas, confusa, e me sentei ao lado dela.

— Por quê?

— É... se você não tiver nenhum compromisso com o Tales... q-que tal se a gente fosse no centro comprar as primeiras coisinhas pra sua casa nova?

Fiquei tão chocada com o fato de ela ter ficado nervosa que demorei

alguns segundos para conceber o que ela tinha acabado de falar. Sobre tudo depois de ter pronunciado *Tales*. Meu corpo ficava uma loucura só de ouvir falar nele.

Não pude evitar as lágrimas.

Fiquei emocionada porque, no geral, podia esperar esse tipo de coisa do meu pai e não dela.

— As primeiras... coisas? — repeti, só para me certificar de que tinha ouvido direito. Mas mamãe interpretou errado, pois arregalou os olhos e se adiantou em explicar.

— Essas coisinhas que normalmente a gente não pensa direito quando começa a morar sozinho... pregador de roupa, varal, lixeiras, panos de prato... — Ela segurou minha mão com um pouco mais de força que o necessário. Seus olhos também estavam marejados. — Olha, seu pai me mata se descobrir que eu contei antes da hora. A gente quer dar algum móvel de presente. Vocês escolhem o quê. E a televisão do quarto também é de vocês. Mas amanhã eu tava pensando nas coisinhas pequenas, mesmo.

— Vocês... a tevê... um móvel... — resmunguei palavras desconexas, tentando absorver tudo. — Deus do céu, isso é sério, mãe??

Mamãe assentiu, limpando uma lágrima da minha bochecha com o polegar. Ficamos em silêncio por um momento. Pensei na televisão dos meus pais na parede da sala, passando *Discovery Home & Health*. E talvez um sofá fosse um bom presente. Um bem grande, que coubesse Thaís e Bruno, Tales e eu.

— E então, o que você acha? — perguntou por fim, parecendo um pouco ansiosa.

Pisquei algumas vezes. Tinha ficado tão distraída com as imagens piscando diante dos meus olhos que até esqueci de responder seu convite.

— Vou adorar, mamãe! — exclamei, puxando-a para um abraço. — Obrigada mesmo. Tá sendo muito importante pra mim.

Ela deixou um beijo em minha têmpora direita.

— A gente tá muito feliz por você, querida.

Sua mão subiu e desceu pelas minhas costas em um movimento manso e reconfortante. Mas então, como se tivesse lhe ocorrido uma coisa superimportante, mamãe se empertigou inteira e se desvencilhou de mim.

Seu rosto fez soar um alarme interno e por isso fisguei o lábio, esperando pelo pior.

— Ah, eu esqueci de comentar, mas a tia Célia também vai, tá?

— QUÊ?!

Balancei a cabeça, voltando ao presente. Mamãe estacionava o carro,

contando, toda empolgada, sobre a novidade de Cíntia, minha irmã mais velha.

— São gêmeos!!! — disse, toda cheia de si. Ela e tia Célia viviam fazendo aposta de qual das duas seria avó de gêmeos. Era um lance esquisito que tinham. — Dois meninos. Você precisa ver ela e o Ricardão. Tão radiantes. E com um pouco de medo também, né. Mas faz parte.

— Tá brincando? Gêmeos? — Tia Célia cobriu a boca com as mãos, toda boba. — Que notícia maravilhosaaaa!

Eu me peguei sorrindo, porque de fato era maravilhoso. Eu morria de medo de ser a sorteada para ter gêmeos. Sabe como é, filha do meio. Sempre leva a bronca. Mas, dessa vez, me vi livre do susto. Era um pensamento meio egoísta, eu sabia, ainda mais pela cara de estupefato que meu cunhado fez quando recebeu a notícia.

Descemos do carro. Apesar do clima começar a ficar ameno, ainda fazia bastante calor. E por isso eu usava um dos vestidos mais recentes que mamãe fizera para mim. Tia Célia desceu o olhar para a saia rodada e deu um sorriso esquisito.

— Tá bonita! — Ela alisou minha saia. — Se fosse um tiquinho mais comprido ia ficar melhor, né? — E então olhou para minha mãe. — Errou a mão, Cleide?

Tales costumava dizer que minha tia adorava fazer *elofensa*. Aparentemente elogios, mas por dentro ofensas. Eu já estava até acostumada com esse jeitão dela.

— Não erreí porcaria nenhuma — mamãe falou, em tom de brincadeira. — Chloe tem esses pernões bonitos, tem mesmo é que mostrar.

Tia Célia se limitou a dar uma risadinha afetada e muito aguda. E, para afastar o climão que pairou sobre nós, perguntou:

— E os gêmeos... a Cíntia já escolheu os nomes?

— Já. Ela escolheu um e o Ricardão o outro. Benjamin e Nicolás.

— Hummm... Nicolás é bem bonito. Já o outro... aposto que foi o Ricardão.

Revirei os olhos e tentei preparar meu psicológico para passar uma tarde inteira ouvindo comentários como aquele. Não sei se sobreviveria para usar as coisas que compraríamos.

Mamãe lançou um olhar bem feio para a irmã e, por isso, falei a primeira coisa que me veio em mente.

— Mãe, tem uma loja de bebê bem fofa no calçadão. Vamos passar lá pra escolher alguma lembrança pra Cíntia?

— Ahhh, vamos sim! Eu queria te mostrar um molde que achei na internet. É a coisa mais fofa. São roupinhas de ursinho. Quero fazer com calma.

— Nossa, preciso ver alguma coisa pra ela também — Tia Célia exclamou. — Vou aproveitar pra acabar não dando nada repetido...

Enlacei o braço no dela, usando-a como escudo e mantendo minha tia o mais distante possível. As duas falavam sobre o preço das fraldas e sobre os móveis para o quartinho quando entramos no calçadão.

Como era de se esperar, encontrava-se apinhado de gente. Pessoas saindo e entrando em lojas. Andando de um lado para o outro. Olhando vitrines e conversando alto.

Meus olhos recaíram para a loja de armarinhos a poucos metros de nós. Por ser costureira, mamãe não podia ver uma loja de tecido ou de armarinhos e não entrar. Era *biologicamente* impossível para ela. Como se ignorar o impulso de entrar pudesse resultar em sua morte, ou sei lá.

Bati meu ombro no dela de levinho para ganhar sua atenção.

— Vai querer passar lá primeiro, mãe? — indiquei a loja com o queixo.

— Sim ou com certeza? — brincou, e nós três rimos em uníssono.

— Eita, Chloe. Suas coisas vão ter que ficar pra outro dia, não vai ser hoje que a Cleide sai de lá.

Mamãe tombou a cabeça para trás, gargalhando com prazer. Porque, dessa vez, não se tratava de implicância de tia Célia. Era a mais pura verdade.

— Sorte que a gente chegou cedo — resmunguei, de mentirinha, e levei uma cotovelada nas costelas — Ei!

— Bom, vou só comprar uma água antes e já encontro vocês lá — Tia Celia falou, focada em procurar alguma coisa dentro da bolsa. — Querem alguma coisa da lanchonete?

— Traz uma bala, tia?

— Que sabor?

— Melancia? Não prefere menta, Chloe?

Revirei os olhos e fiz uma careta. — Tá bom, tá bom. Já volto.

Mamãe e eu seguimos de braços dados para a loja. Ela parecia uma criança, os olhos chegavam a brilhar. Dava prazer de ver o quanto ela amava o que fazia. Perguntei-me se eu também ficava com aquela cara quando estava no curso.

Perambulei pela loja enquanto ela monopolizava a única vendedora, que até já a conhecia. Tinha uma lista mental de itens para repor. E esse era um fato engraçado sobre ela — não importava quantas vezes fôssemos ao centro da cidade, ela sempre tinha coisas para comprar. Sempre.

Depois de um tempo considerável, fiquei entediada de ver botões, carretéis, zíperes e toda sorte de coisas que não me importavam nadinha. E foi então que me ocorreu que tia Célia estava demorando demais para comprar uma

água e uma bala. Olhei por cima do ombro, à procura de mamãe, e cheguei à conclusão de que talvez minha tia não tivesse exagerado tanto assim ao dizer que ficaríamos o dia todo ali. Minha mãe estava inclinada sobre o balcão, comparando o desenho de três rendas que, de longe, pareciam ser idênticas.

Soltei um suspiro, me odiando pelo que estava prestes a dizer:

— Mãe, vou procurar a tia, tá? Já venho.

— Tá bom — respondeu sem desviar a atenção das rendas.

Saí da loja e meus olhos protestaram com a claridade do lado de fora. Enquanto piscava, tentando acostumar a visão, ouvi gritos exasperados que pareciam muito com os de tia Célia.

Senti um calafrio descer pela espinha.

Ah, não.

Mamãe costumava dizer que minha tia era muito barraqueira na juventude. Eu nunca tinha presenciado, por isso era difícil de imaginar. Mas, ali, que só dava para ouvir sua voz aguda, não restavam dúvidas de sua veia treteira.

Tinha um amontoado de pessoas em frente à padaria. Engoli em seco, sem saber se devia chamar mamãe ou apartar a briga.

— QUEM VOCÊ PENSA QUE É? — tia Célia berrava. — NÃO VAI LER MINHA MÃO PORCARIA NENHUMA!!! EU PEDI, POR ACASO?

Arregalei os olhos e, sem pensar duas vezes, corri para o fervo e me enfiei entre os curiosos, usando os ombros para abrir espaço. Algumas pessoas me olharam feio, mas nem liguei. Era por um bem maior.

Quando consegui alcançar o miolo e vi, com meus próprios olhos, aquilo que eu já sabia, mas não queria admitir, quase cedi ao peso do próprio corpo.

Era a cigana.

Merda, já vi esse filme antes.

— Tia! — exclamei, tentando ganhar a atenção dela. — O que você tá fazendo?

Lancei um olhar suplicante para a cigana, mas ela nem parecia me enxergar. Tinha as sobrancelhas franzidas, formando uma única linha. Os olhos estreitos davam bastante medo, sobretudo porque tinham certo desprezo. As mãos estavam encaixadas na cintura e o pé batia no chão sem parar, em um tique nervoso.

Nossa, tia Célia está tão fodida.

— Chloe, essa mulher... essa... argh! Ela agarrou minha mão e tava tentando fazer essas bruxarias ocultistas de cigano.

Fechei os olhos por um momento, o coração perdendo uma batida.

Ouvir aquilo me doeu. Eu lembrava do meu encontro com a cigana, do meu próprio preconceito. E, principalmente, de algo que ela me disse sobre não

esperar preconceito logo de mim, que vivia na pele.

— Não tem nada de bruxaria — saí em defesa da mulher. — Tia, você não sabe que não se nega a mão para uma cigana?

Só então ganhei sua atenção.

Seu rosto suavizou um bocado ao me olhar e, para minha surpresa, seus lábios se torceram com sutileza em um sorriso. Não foi preciso dizer uma palavra para que eu soubesse que tinha passado no teste. Tinha aprendido minha lição. Ela até podia ter afirmado que não foi uma maldição de verdade, mas sei lá. Eu tinha minhas dúvidas.

— Como assim? Eu nego o que eu quiser, pra quem eu quiser! — Ela apontou o dedo em riste para a mulher. — Tá achando o quê? Que vai tomar meu dinheiro assim tão fácil? Cria vergonha na cara.

Meu queixo caiu. Desacreditada que tudo aquilo estivesse acontecendo diante dos meus olhos, enlacei o braço ao redor da minha tia, tentando tirá-la de lá.

— Mil desculpas. Ela é assim mesmo, fala as coisas sem pensar. Nossa, que vergonha, moça. Não liga pra minha tia. Desculpa — atirei as palavras, sem esconder o nervosismo.

A cigana nem pareceu ouvir. Estava rígida como uma estátua de mármore. Eu só conseguia repetir os pedidos de desculpa, enquanto ouvia o zumbido de várias pessoas cochichando. Meu rosto pegava fogo de vergonha. E isso que nem era eu que estava sendo escrota.

— Seu coração tá mesmo tão amargo assim, Célia? — a cigana perguntou, pouco mais alto que um sussurro.

E algo em suas palavras deixou minha tia boquiaberta, porque ela abriu e fechou a boca três vezes antes de conseguir responder.

— Eu não te falei meu nome! Como você... *quem é você?*

Olhei de uma para a outra, confusa.

Eu também não tinha falado o nome da minha tia.

O que me lembrava de uma coisa...

Ela sabia que minha avó tinha se estranhado com uma cigana no passado. Ela até mencionou isso no nosso primeiro encontro.

E isso significava que...

Minha nossa, preciso tentar safar minha tia dessa.

— Tia. Pede desculpa pra ela — pedi, puxando seu braço sem parar. — Por favorrr.

A urucubaca era real.

Tudo o que eu passei foi real.

Ela podia até ter dito que não, mas eu duvidava.

E mal podia imaginar o castigo da minha tia... Céus.

Tia Célia me encarou como se eu tivesse perdido o juízo.

— Ahn? Tá louca, menina? Ela que tem que me pedir desculpa!

— Não adianta, meu bem. Ela precisa aprender sozinha — a cigana falou, dando um passo à frente. Minha tia estremeceu. — Esse preconceito vem de sangue. Mas não é só isso. Ela precisa aprender que as pessoas têm sentimentos. E que toda ação tem uma reação. Começando agora.

— Oi??? — Tia Célia piscou, atônita. — Tá me ameaçando, é?

— De jeito nenhum. Fazendo uma promessa. E tenho certeza de que você ainda vai voltar correndo — ao dizer isso, ela me olhou rapidamente. Um calafrio desceu pela espinha. — Cada vez que jogar seu veneno no ar, ele vai voltar para você. Tantas vezes quanto for preciso pra você aprender.

— Aprender o quê? — perguntei, desesperada.

— A enxergar com os olhos das outras pessoas. É *empatia* que chama. — Ela deu uma piscadela, e os lábios se abriram em um sorriso que não acompanhou os olhos.

Então, antes que minha tia pudesse revidar, aproveitei seu momento de perplexidade e consegui arrastá-la da multidão.

— Vamos. Mamãe tá esperando a gente — menti, puxando-a com um pouquinho mais de força.

Tia Célia pareceu acordar de um transe. Olhou por cima do ombro, buscando a cigana, e então me encarou, ultrajada.

— Me solta, Chloe! Que coisa! Por que você ficou do lado daquela mulher?

Seu tom foi rude. E, ao dizer isso, ela puxou o braço com força para se desvencilhar de mim. Quase caí no chão. Alguns curiosos, que continuavam nos encarando, arquejaram.

Abri a boca para responder, mas nem foi preciso.

Honrando a promessa da cigana, o universo devolveu o veneno de tia Célia da maneira mais literal. Ela tropeçou em um desnível no chão e tentou se firmar em mim, mas acabou perdendo o equilíbrio e caindo de quatro no meio do calçadão.

Ouvi risadas ao nosso redor e senti o coração apertar.

— Droga, droga, droga — murmurei baixinho, ajoelhando-me ao seu lado. — Tá tudo bem, tia Célia? Machucou?

Mas ela nem respondeu.

Em vez disso, me encarou de olhos arregalados e uma expressão apavorada de quem tinha acabado de se dar conta. Fisguei o lábio inferior, sentindo um pouco de pena. Apesar de saber que ela precisava muito de empatia,

eu estremecia só de lembrar todas as coisas que tinha passado depois de cruzar com a cigana.

É, tia Célia...

Vai ser uma longa, uma longuíssima jornada...

agradecimentos



NUNCA ESCONDI DE NINGUÉM QUE os livros me salvaram (e continuam salvando). Sobretudo quando me fazem rir. É por isso que torço, do fundo do meu coração, para que vocês tenham se divertido com a Chloe e o Tales como eu me diverti. E, mesmo que por algumas horas, esquecido de todo o resto e mergulhado de cabeça nessa história que não é uma comédia romântica.

Como um livro nunca se escreve sozinho, tenho aqui algumas pessoas que gostaria de agradecer pela existência desse:

Alba Milena, minha agente, por me ajudar a lapidar tudo o que escrevo e transformar minhas histórias em diamantes. Já não consigo mais fazer nem mesmo uma lista de compra sem te consultar primeiro.

Às meninas do grupo de maratona de escrita da Increasy, que me acompanharam, me inspiraram e incentivaram a escrever esse livro em praticamente dois meses. Vocês são incríveis e já deixo registrado que preciso desse grupo na minha vida para todo o sempre.

Charles, obrigada por ser tão ativo em minhas histórias. Obrigada por levar meus personagens a sério e nunca se cansar de me ouvir falando sobre eles. Sempre tem um pouquinho de você em tudo o que escrevo. Te amo <3

Às minhas primeiras leitoras: Ana Oro e Larissa Santos, um muito obrigada para lá de especial. Adoro os comentários e as reações ao longo da história, como, por exemplo “ESSES DOIS SÃO MUITO BURROS, NÃO É POSSÍVEL”, ou “SE PEGUEM LOGO, PELO AMOR DE DEUSSSS” e também “O TALES É MUITO SAFADO KKKK ADORO”.

Por fim, MUITO OBRIGADA a vocês que me acompanham e me possibilitam continuar contando histórias e fazendo o que mais amo. Ter esse apoio é o que me dá gás para continuar. Nem consigo MENSURAR o quanto sou grata. Jamais vou cansar de dizer: nada disso faria o menor sentido sem vocês. Obrigada demais!

Júpiter em Sol



Capítulo 1

DIANA ESPEROU O CLIENTE ABANDONAR a loja e então girou nos calcanhares com cara de pouquíssimos amigos. Marchou até o caixa e se escorou no balcão, soltando um suspiro cansado.

— Eu juro, se ouvir outro *tô só olhando*, vou chorar na cara do cliente. De ódio — resmungou, baixinho, enquanto Rafael se dirigia ao casal que tinha acabado de entrar na loja. — Não consigo mais sorrir. Foi mal.

Mordi a bolinha do piercing na língua, puxando-a de leve enquanto observava sua postura. Diana tinha a idade da minha irmã mais nova, Vênus, essa era a única coisa que deviam ter em comum. As duas não podiam ser mais diferentes uma da outra. Enquanto minha irmã era retraída e mal conseguia encarar outras pessoas nos olhos, Diana tinha uma postura atrevida, cheia de confiança. Era a minha melhor vendedora, sobretudo porque não tinha medo dos clientes. Na verdade, ela costumava erguer o queixo quase como se os desafiasse sair da loja sem comprar nada.

— É só você lembrar que tem uma meta pra bater e o sorriso vem rapidinho — brinquei, olhando-a de soslaio. — E não esquece que todo mundo é um cliente em potencial. Podem até não levar nada hoje, mas, numa próxima vez, lembrar do seu *ótimo atendimento* e comprar a loja toda.

Balançando a cabeça em negativa, Diana deixou uma risadinha escapar.

— Viu, só? Precisamos *desse sorriso* para os próximos clientes — pontuei e fingi não notar suas bochechas corarem.

Rafael voltou ao balcão com os lábios comprimidos, sem conseguir esconder o descontentamento por ter rodado a vez sem conseguir vender nada.

— Hoje tá foda — soltou, baixinho.

— Nem fala — respondeu Diana, andando alguns passos a frente, a fim de se aproximar da entrada. Sua postura mudou em relação a poucos segundos. Postando-se com a coluna ereta, ela cruzou as mãos atrás das costas e jogou a cabeça para o lado, fazendo os cabelos caírem em cascatas. Um charme que ela não hesitava em usar. — Vendi dois porta-retratos até agora. *Dois*.

Cocei a nuca, perdendo o olhar para fora da loja, nos corredores abarrotados de adolescentes andando de um lado para o outro, em meio a risadinhas histéricas.

Eu entendia sua frustração. Até partilhava dela, para ser honesto. Como gerente, precisava que meus funcionários batessem suas metas pessoais para que eu batesse a minha. No entanto, embora o fluxo de pessoas fosse bom, não eram o nosso público alvo. Só faziam volume e nada mais.

— Vocês sabem por que o shopping tá assim? — perguntei, distraído com meninas parecidas com Vênus passando a todo momento. Os cabelos cacheados ostentados com orgulho. Ela gostaria de estar ali no meio.

— Vai ter um evento com uma *blogueirinha* — Rafael explicou, desinteressado, enquanto analisava as próprias unhas.

— Blogueirinha? — estreitei as sobrancelhas.

— É, uma youtuber. Faz vídeos pra internet sobre moda e maquiagem — Diana falou, ainda esperando alguém entrar. — Mas você não vai saber, né? — Ela arqueou as sobrancelhas, referindo-se ao fato de eu ter desabilitado todas as redes sociais há alguns anos. Com exceção do *WhatsApp*, afinal, era a maneira mais fácil de me comunicar com todo mundo. — Parece um idoso. Até fala como um. Se bem que até o meu avô tem redes sociais...

Dei de ombros, divertido.

— Hum... e o *que* exatamente estou perdendo?

— Memes? Pessoas metendo o bedelho em tudo o que você faz? Blogueirinhas que deixam a gente deprimida com a nossa vida? — Diana lançou um sorriso torto e rimos os três em uníssono.

— É... não muita coisa — Rafael concluiu, com deboche.

— Bom, vou dar uma volta pra descobrir mais — Contornei o balcão, caminhando em direção à saída. No entanto, antes de abandonar a loja, virei de frente para os dois. — Agora, sério, não entendi por que vocês não estão fazendo nada?

— Ahn...

— Hum... é que...

Diana ficou da cor de um pimentão, ao passo em que Rafael esfregou os braços, desconcertado.

— Hora que eu voltar, quero ver as sessões limpas — aponte o dedo em riste para eles, e depois para as inúmeras prateleiras abarrotadas de itens de decoração. — E, ah, vou conferir a vitrine pra ver se tem algum produto sem preço. Pelo jeito que estão tranquilos, deve estar tudo em dia, né? — Diana alcançou um espanador antes mesmo de eu sair da loja.

Eu já tinha estado no lugar deles. Comecei a trabalhar na *Criativa* como estoquista. Na época, Seu Augusto me deu a oportunidade de dobrar o turno para ganhar uns trocados a mais no fim do mês. Acabei ficando todos os dias e conquistando sua confiança e empatia. Não precisei de muito tempo para ser transferido para as vendas, onde eu podia fazer um dinheiro melhor e ajudar minha família com as despesas — motivo pelo qual precisei começar a trabalhar tão cedo.

Eu precisava me esforçar para ser firme com eles e me lembrar sempre de que minha função como gerente era cuidar de tudo quando Seu Augusto não estivesse presente, porque minha tendência era facilitar as coisas para os vendedores, justamente por saber que nem sempre era fácil.

Logo no primeiro corredor em que virei, precisei desviar de um grupo de garotas com a idade do meu irmão mais novo, Saturno. Estavam todas de braços dados, de modo que quase bloqueavam o corredor. Enterrei as mãos no cabelo, confuso. Depois de tantos anos trabalhando no shopping, dava para contar nos dedos quantas vezes já tinha visto tanto movimento quanto naquela tarde. Ainda mais levando em conta de que não era nenhuma data comemorativa.

Em passos despreocupados, dei a volta pelo andar, a procura da loja que estava atraindo toda aquela multidão. Movido mais pela curiosidade a respeito da tal *Youtuber* do que qualquer outra coisa, segui o fluxo até chegar ao centro do furacão. Parecia humanamente impossível entrar naquela loja que claramente comportava mais gente do que podia, por isso me contentei em ficar do lado de fora. Estiquei o pescoço, tentando identificar a celebridade daquelas meninas, mas tudo o que consegui vislumbrar eram balões perolados pendurados em todos os cantos para onde olhava, além de garçons apressados e vendedoras atordoadas.

Perdi alguns minutos ali, um pouco incrédulo e um pouco maravilhado. Era estranho estar diante de uma mobilização daquele nível para uma pessoa que eu não fazia a mais remota ideia de quem fosse.

Talvez eu devesse virar youtuber também.

Sorri com a ideia, girando nos calcanhares em direção ao banheiro. Embora cada passo nos últimos dois anos tivesse sido com o objetivo único de fazer a faculdade que sempre sonhei, ainda assim era convidativo me perder com imagens de vidas que eu poderia ter caso o passado tivesse sido diferente. Se

meu pai não tivesse sido assassinado. Se eu não precisasse cuidar da minha família... Era besteira, eu sabia. As coisas não funcionavam desse jeito. Mas, ainda assim, era gostoso imaginar.

Me peguei pensando em pessoas lotando um shopping para me conhecer e entrei no banheiro com o sorriso ainda mais largo. Pensei naquelas mesmas meninas enlouquecidas quando eu entrasse na loja de roupas, fazendo fila para me abraçarem e não consegui segurar a risada. Era tão distante da minha realidade que eu não conseguia nem conceber. Fora que... de que eu falaria? Minha vida era casa, cursinho, trabalho. Casa, cursinho, trabalho. Nada de muito interessante.

Exceto por mim, o banheiro se encontrava vazio. Segui para os mictórios, ainda imerso em pensamentos rápidos demais para acompanhar. Fiz mil planos na minha cabeça para o canal imaginário, ainda que não tivesse a menor ideia de como colocar em prática. E, ainda que soubesse, não faria do mesmo jeito. Esse não era eu. Mesmo assim, me permiti pensar em vídeos na praia, nas minhas folgas. Ou então com a participação da minha mãe super de humanas, ensinando meus inscritos a fazer artesanato.

Abri o zíper da calça, apoiei uma mão na parede fria de azulejos pretos e suspirei de alívio. Não tinha me dado conta do quanto estava apurado até aquele momento.

Ouvi a porta do banheiro abrindo e passos apressados se aproximando. Um perfume feminino me alcançou. Tinha notas florais e era muito doce. Franzi o cenho, o pensamento demorando além do normal para conceber que aquele cheiro não deveria estar ali. Um som abafado me fez prender a respiração — um grito exasperado que parecia ter ficado preso na garganta da pessoa. Foi um grito curto, rápido e me deixou perplexo. Ainda mais por perceber que era de uma *mulher*.

Olhei por cima do ombro, por desencargo de consciência, só para me certificar de que eu tinha entendido mal. Com certeza o barulho era lá de fora. Bom, eu tentava me iludir com essa ideia. Mas me surpreendi ao deparar com a garota de imensos olhos castanhos avermelhados e cabelos crespos muito cheios que me encarava de volta.

Sem pensar muito no que estava fazendo, virei em um pulo em direção a porta. Não só o pescoço ou o tronco, mas a droga do corpo todo. Pois é. Percebi tarde demais que era uma ideia de merda. Para ser mais preciso, só quando os olhos dela desceram sem hesitação para o meu... *Porra!*

O que é isso...?

Paralisei. Senti os músculos contraindo um a um. Mas, por alguma razão, não consegui me mover dali. Quero dizer, a razão estava de frente para mim,

com as bochechas coradas e o olhar vidrado. Ela estava quase salivando, para ser honesto. E meu corpo resolveu me sabotar naquele exato momento, porque fiquei duro. A situação era bizarra como um todo — eu estava lisonjeado e assustado na mesma medida —, e mesmo assim meu corpo reagia daquela maneira? Qual é?!

Mas... sei lá. Essas coisas são biológicas. E por mais que tudo tenha sido em um piscar de olhos, foi também em câmera lenta. Como um enorme paradoxo temporal. Tive tempo o suficiente para dar uma boa conferida nela e constatar que era gata para cacete.

Um pouco... moralmente errada, tudo bem. Mas gata. E safada.

Meu Deus.

Preciso de ajuda.

Senti uma gota de suor escorrer pela testa ao mesmo tempo em que ela parecia voltar a si. Seu rosto ficou da cor de um tomate bem maduro e, em passinhos desajeitados, ela correu para longe dali antes mesmo que eu pudesse falar uma palavra.

Se bem que eu não sabia se *queria* ter dito alguma coisa. Não naquelas circunstâncias. Não era bem daquele jeito que eu ansiava conhecer alguém.

Com as mãos trêmulas, fechei o zíper da calça, antes que outra pessoa entrasse e também acabasse topando com o meu pau. Balancei a cabeça em negativa, sem entender muito bem o que tinha acabado de acontecer. Caminhei até a pia mais próxima e me escorei nela, observando meu reflexo pelo espelho. Estava um pouco pálido, como quando minha pressão caía.

Juntei um punhado de água com as mãos em concha e atirei no rosto, lutando para colocar os pensamentos no lugar outra vez. Fisguei o lábio inferior e voltei a morder a bolinha do *piercing*, certo de que não conseguiria tirar a garota da cabeça tão cedo.

Abandonei o banheiro decidido a encontrá-la. Afrouxei o colarinho, ainda atordoado, enquanto marchava pelo andar. Eu sabia que se topasse com ela, a reconheceria, porque de modo geral era bom em guardar feições, mas não fazia ideia de qual era sua roupa. Passei de novo em frente à loja, que estava mais tumultuada que nunca.

Talvez ela também tenha vindo para conhecer a blogueira.

Não dava mais para ver o que acontecia do lado de dentro. A massa de pessoas tinha virado um emaranhado difícil de interpretar. Dei de ombros e segui adiante, na esperança de topar com ela em uma situação menos constrangedora.

Dei uma volta por todos os andares do shopping e acabei desistindo, um pouco chateado por saber que as chances de nos esbarrarmos de novo era ínfima. Deslizei as mãos para dentro dos bolsos da calça e voltei para a loja, sem nem

imaginar o quanto estava enganado.

Capítulo 2

ESTACIONEI EM FRENTE AO SHOPPING onde Vênus trabalhava. Como gerente, eu não tinha horário fixo na teoria, mas, na prática, acabava fazendo o turno da noite para conciliar com o cursinho. O que coincidia com o horário de trabalho da minha irmã, e por isso eu fazia um desvio no percurso para buscá-la. Apesar dos seus 19 anos, Vênus era toda quietinha e delicada, eu morria de medo quando ela insistia em voltar de ônibus sozinha.

Tirei o capacete, mas permaneci na moto, observando o fluxo de pessoas abandonando o shopping como uma verdadeira tourada. Esfreguei o rosto e tamborilei os dedos no guidão, esperando minha irmã aparecer, abraçando o próprio tronco com uma expressão desanimada, como em todos os dias.

Fazia pouco mais de dois anos que ela tinha começado a trabalhar ali, em uma das maiores livrarias da cidade. E, embora adorasse ler, Vênus era a timidez em pessoa. Ela quase nunca conseguia bater a meta de vendas, por mais que eu tentasse ajudá-la com meus melhores conselhos. Infelizmente ser um bom vendedor era proporcional a confiança de uma pessoa, e minha irmã ainda não tinha chegado lá. Eu não entendia muito bem por que ela insistia em um emprego que nitidamente detestava, mas ela quem decidia o que fazer, no fim das contas. Fora que, graças ao seu salário para ajudar com as contas de casa, agora eu podia correr atrás do tempo perdido. Era graças a ela que eu tinha voltado a estudar e terminado a escola no supletivo. Cada vez mais a faculdade deixava de ser um sonho para se tornar realidade.

A brisa da noite despenteou os meus cabelos, levando-os sobre os olhos. Joguei a cabeça para trás, no mesmo instante em que Vênus cruzou a porta de vidro. Dava para ver em cada centímetro do seu rosto o quanto estava exausta, porém foi só seu olhar cruzar com o meu para um sorriso largo surgir. Ela praticamente correu em minha direção e me peguei sorrindo também.

Eu era próximo da minha família de um modo geral. Já éramos antes do meu pai morrer, mas depois... foi necessário nos juntarmos ainda mais. Só assim conseguimos sobreviver ao buraco cheio de dor que ele deixou para trás. No entanto, Vênus era minha melhor amiga. Eu também amava Saturno, é claro, mas estava longe de ter a mesma conexão. Vênus e eu nos entendíamos muito bem, éramos muito próximos mesmo. E o mais bizarro era que, mesmo seis anos mais nova, ela era muito madura. As vezes até mais que eu.

— E aí? — Enlacei seu pescoço, deixando um beijo no topo de sua cabeça. — Vendeu muitos livros hoje?

— Ah, tá... — Vênus revirou os olhos, mas não deixou de sorrir.

Ela cutucou minhas costelas, esperando em pé ao lado da moto enquanto eu levantava para pegar seu capacete no baú dentro do banco.

— Tão ruim assim? — perguntei, estendendo o capacete para ela.

— Acho que deve ter alguma coisa errada comigo — suspirou, como se só pensar a respeito sugasse todas as suas energias. — Todo mundo consegue. *Todo mundo*, Jú.

— Os clientes são como cachorros, Vê. Eles farejam o medo — encolhi os ombros, deslizando a perna direita por cima da moto. — Mas você sabe que não é obrigada a trabalhar na livraria... tem tanto emprego por aí.

Senti a moto balançar sob seu peso, enquanto ela se ajeitava atrás de mim. Logo seus braços vieram parar em minha cintura, em um abraço leve.

— Não pra quem tem dezenove anos e nenhuma experiência.

— Você *tem* experiência — olhei por cima do ombro, buscando seu olhar. — De dois anos, por sinal.

— Uma péssima experiência — lamentou. — Deixa pra lá. Pelo menos conheço todo mundo e já estou familiarizada com o trabalho. Seria pior ainda recomeçar do zero.

Soltei um suspiro cansado e desisti persistir no assunto.

Nós já tínhamos conversado sobre isso um milhão de vezes. Se ela achava que estava tudo bem, então por mim também estava. Eu só... não me sentia bem sabendo que Vênus era tão infeliz na livraria. Ainda mais porque sabia do potencial dela. E ela ainda ia longe, bastava acreditar nisso.

Dei partida na moto e o ronco alto do motor nos envolveu.

Acelerei um pouco mais que o necessário, só para provocá-la um pouquinho. Afinal, que graça teria ser o irmão mais velho se eu não pudesse torturá-los um pouco?

— JÚPITER! — berrou ela, e me abraçou com mais força. — Você quer morrer e me matar junto?

— Morrer tá fora de questão. Mas te matar de medo é uma boa — respondi, tão alto quanto ela.

— Idiota — Vênus resmungou, dando um tapa no meu ombro esquerdo.

Aproveitei a deixa e diminuí a velocidade para o limite da avenida.

— Se isso faz você se sentir melhor: as vendas também foram bem fracas lá na loja.

— Sério?

— Aham — parei no sinal vermelho, apoiando o pé esquerdo no asfalto. Então virei o tronco para encará-la. — Culpa de uma blogueira que arrastou todas as adolescentes de Floripa pra lá. Só entravam pra olhar e tirar tudo do

lugar.

Um carro passou ao nosso lado a toda velocidade, furando o sinal e deixando para trás as batidas eletrônicas altíssimas que ficaram ecoando por mais alguns segundos.

— *Qual* blogueira? — Seu tom tinha um pouco de urgência.

Dei de ombros, voltando a atenção para frente.

— Sei lá. Não conheço.

Minha irmã gargalhou com deboche.

— É mais fácil perguntar qual blogueira você conhece, né?

— Não tenho culpa de escolher bem as minhas prioridades — retruquei, voltando a acelerar.

— Affff... lá vem o chato.

Mesmo sem olhar para ela, tinha quase certeza de que estava revirando os olhos e precisei me segurar para não rir. Dei seta para a esquerda, entrando na nossa rua. Vênus me soltou e relaxou a postura.

Quando parei em frente a nossa casa, ela pulou da moto e se adiantou em abrir o portão para mim. Estacionei logo atrás do trailer de mamãe. Em tempos antigos, quando meu pai estava vivo, costumávamos viajar nas férias sem um destino definido. Apenas nós e o velho trailer, uma casa de quatro rodas. Agora, no entanto, era o *food truck vegano* de mamãe e, por isso, ostentava as palavras *Recanto Vegano* nas laterais.

Alcancei Vênus, tirando o capacete e tentando arrumar o cabelo com os dedos.

— Agora, falando sério, já te ofereci antes e vou oferecer de novo: você podia trabalhar lá comigo. Ia ser até mais fácil te ensinar o que sei. E tem a Diana, que tem a sua idade, e...

— Júpiter — ela me interrompeu, massageando as têmporas. — Sei que é com a melhor das intenções, mas... sério mesmo, mesmo? Quem, em sã consciência, aceitaria trabalhar com o mala do irmão? Ainda mais com ele mandando em tudo? Eu hein...

Ri em deleite e estiquei a mão para bagunçar os cachos negros dela. Vênus me lançou um olhar mortal, mas apenas se esquivou e contornou nossa casa em direção a entrada da cozinha, que ficava nos fundos.

— Eu sou mala até você precisar de mim, né? — ela assentiu, pestanejando com inocência. — Sua interesseira.

Vênus encolheu os ombros e seguiu em direção ao seu quarto. A música alta do quarto de Saturno invadia a casa toda, que tinha um forte cheiro de incenso. Comecei a desabotoar a camisa social, expirando o ar dos pulmões com pesar.

Eu sonhava com o dia em que chegaria do trabalho para a minha própria casa. Amava os detalhes característicos do nosso lar, como os artesanatos de mamãe por toda parte, ou o fato de que ela tentava fazer uma versão orgânica de tudo. Tudo mesmo. Pasta de dente, desodorantes e o que mais sua imaginação permitisse. Mas, sei lá. Também queria construir meus próprios detalhes. Minhas manias, meus cheiros, meus hábitos. Sem precisar pensar em nada além de mim.

Sonhava em poder arrancar as roupas pelo caminho e andar pelado se quisesse. Em levar alguém para casa, sem me preocupar com o fato da minha família inteira estar lá.

Só... não pense nisso.

Esse dia vai chegar.

Aguenta um pouco mais.

Terminei de desabotoar a camisa e fui até a lavanderia, atirando-a no cesto. Então, quando estava me virando em direção ao banheiro, fui surpreendido por um abraço suave com cheiro de canela.

— Mamãe — sorri, retribuindo o abraço.

— Poxa, te vejo cada dia menos — sussurrou perto do meu ouvido, no tom tranquilo e doce que ela tinha. — Tava com saudade.

— Eu também — acariciei sua bochecha, quando nos afastamos.

Vênus e Saturno eram parecidos com mamãe, enquanto eu era a cópia exata do meu pai. Minha mãe tinha a minha altura. A pele leitosa era bem diferente da minha, bronzeada. Os olhos escuros combinavam com os cabelos negros, de cachos bem abertos que terminavam pouco abaixo dos seios, com dois *dreads* perto da nuca, que ela gostava de deixar para frente dos ombros. Mamãe tinha o ar jovial que a fazia parecer anos mais jovem. Vestia uma saia com estampa indiana e os pés estavam descalços.

— Deixei a janta pronta pra vocês. Saturno e eu já comemos — ela acariciou meu braço, fitando-me com atenção. — Fiz o escondidinho de berinjela que você ama.

— A-ahhh, olha só — *Que horror* — Que delícia, hein. — Abri um sorriso amarelo.

Mamãe não sabia, mas desde os dezesseis anos de idade eu não era mais vegetariano, como o resto da família. Fui corrompido pelo meu chefe e nunca mais consegui deixar de comer carne.

No entanto, nunca cogitei contar a ela. Preferia manter segredo por saber que isso a deixaria arrasada. Mamãe levava tudo isso muito a sério. E eu respeitava, só não fazia mais tanto sentido para mim.

— Vou só tomar um banho e já sento pra comer — *ou talvez peça comida depois que todos estiverem dormindo.*

Ela assentiu, com um sorriso largo no rosto, e se recostou na parede da lavanderia, cruzando os braços sobre o peito.

— Como foi seu dia?

Crispei os lábios, sendo tomado por *flashes* do dia todo. Mas só um captou minha atenção — o incidente do banheiro.

— Foi... hum... — cruzei os braços atrás da nuca. — Estranho. Aliás, é normal uma mulher entrar no banheiro masculino, espiar seu... *momento íntimo*, e depois só sair correndo?

Minha mãe piscou três vezes antes de cair na gargalhada. Seus olhos quase fecharam enquanto ela ria com tamanha leveza.

— O quê?

— Pois é. — Encolhi os ombros. — *Esse* foi o meu dia.

— E o que ela falou?

— Nada? — Arregalei os olhos. — Mas a coisa toda já foi estranha o suficiente sem trocarmos uma palavra.

Mamãe sorriu, puxando-me pelos ombros para segui-la para a varanda. Meu peito inundou de afeição. Durante a infância, nós passávamos horas e horas dividindo a rede, enquanto ela me mostrava as estrelas e constelações. Minha mãe sempre foi apaixonada pelo universo. E era por isso que meus irmãos e eu tínhamos nomes tão diferentes.

Como se ouvindo meus pensamentos, ela sentou e me encarou com expectativa. A rede não era grande o bastante para nós dois como antes, mas mesmo assim me acomodei desajeitadamente ao seu lado, com um sorriso bobo no rosto.

— Meu lugar favorito — murmurei, num misto de sensações.

Estar ali era bom e melancólico na mesma medida.

Trazia à tona todas as lembranças de um passado tão distante que parecia outra vida. As lembranças sempre me afogavam quando eu pisava em casa, mas ali era pior. Eu quase podia vê-lo, sentado na mesa de madeira de demolição, fumando um cigarro.

— Eu sei — ela encolheu os ombros, chamando-me para a realidade. — Você não saía daqui. As vezes até dormia na rede... eu precisava te tirar com o maior cuidado do mundo pra você não acordar.

Ri baixinho, esfregando os olhos para afastar o cansaço.

— Duvido você conseguir me levar no colo agora — brinquei, arrancando uma risada dela.

— Impossível. Você ficou maior que... — *seu pai*, ela estava prestes a dizer. Mas, como em todas as vezes em que um de nós estava prestes a mencioná-lo, uma barreira invisível nos impedia. Era um assunto proibido lá em

casa. O que talvez não fosse uma coisa muito boa, porque assim não conseguíamos colocar a dor para fora. E, mesmo depois de tantos anos, continuava incomodando. — Maior que eu esperava — concluiu, em um fiapo de voz. — E o Saturno vai ficar maior ainda. Devo ter colocado fermento na comida de vocês.

— Tudo culpa dessas coisas naturebas que a gente come — tamborilei os dedos nas coxas, observando o céu sobre nós.

Sem nenhuma nuvem, as estrelas brilhavam como luzes de natal. Meus olhos passavam de uma para a outra, enquanto eu tentava me lembrar de tudo que mamãe já tinha me ensinado antes. No entanto, me dei conta de que coisas corriqueiras como essa tinham dado lugar a outras preocupações, como as compras do mês, ou a gasolina da moto.

— Onde fica a constelação de peixes, mesmo? — perguntei, distraído.

Ela se inclinou para trás, olhando para o alto por um momento. Sob a luz do luar, sua pele ficou ainda mais pálida. Quase iridescente.

— Ali — mamãe apontou, traçando linhas imaginárias com o indicador.

Acompanhei o desenho do seu dedo, reconhecendo a constelação. Um sorriso me escapou. Apoiei os cotovelos nos joelhos, sem conseguir desviar a atenção do céu. E, apesar de estar acompanhado de minha mãe, em uma casa com outras duas pessoas, nunca me senti tão solitário. Tão desamparado.

Um vazio imenso me dominou, paralisando-me. Senti falta. Falta de coisas que eu nunca vivi, e ainda assim deixavam um buraco muito presente. Falta de sair com os amigos e ficar bêbado sem precisar me preocupar com a hora. Falta de gastar o meu dinheiro com futilidades aqui ou ali, sem ter tudo contado. Falta de poder me envolver com alguém, dar atenção para essa pessoa, esquecer o mundo com ela.

Cruzei os dedos com força, soltando o ar dos pulmões. Lidar com sentimentos nunca tinha sido um problema para mim. Me envolver, me apaixonar. Eu gostava de descobrir outras pessoas e *me* descobrir nelas. O problema era que não tinha espaço para mais ninguém em minha vida. Não tinha espaço nem para mim mesmo. Eu precisava cuidar da minha família. Precisava porque, se não o fizesse, quem faria?

Fora que... sei lá. Quanto mais o tempo passava, mais frustrante era levar uma namorada para lá. Não ter privacidade. Mais que frustrante, era sufocante. Eu queria mais. Queria tudo o que tinha direito. Mas me sentia um babaca por isso. Mamãe, Vênus e Saturno não tinham culpa, assim como eu também não. Mas, mesmo assim, *eu* precisava fazer algo, ou continuaríamos descendo e descendo até atingir o fundo do poço.

Horas depois, já deitado em minha cama, rolei de um lado para o outro,

sem conseguir pregar os olhos. Me agarrei a ideia de que tudo mudaria. As coisas estavam caminhando para isso. Logo eu entraria para a faculdade e teria um emprego que me possibilitasse sair de casa, sem parar de ajudar com as despesas. Eu só precisava esperar um pouco mais. Já tinha esperado nove anos, o que viesse pela frente seria fichinha.

Aos poucos, o sono me embalou. E, em um estado entre a consciência e a inconsciência, lembrei outra vez da cena do banheiro. Sorri sozinho, pensando que daria tudo para encontrar aquela maluca de novo. Só mais uma vez. Só para descobrir o que ela estava fazendo no banheiro masculino e por quê.

Sorri de novo, finalmente me entregando para o sono.

Capítulo 3

BATI A PONTA DA CANETA NA *escrivaninha*, enquanto lançava as vendas do dia anterior no sistema. Diana estava na frente, como quase em todos os meses. Faltava pouquíssimo para conseguir bater sua meta e até mesmo ultrapassá-la. Anotei em um bloco de notas a média de cada vendedor e coloquei no bolso da camisa.

Brincando com a bolinha do *piercing*, afastei a cadeira com os pés e foi impossível não pensar em Vênus. Eu entendia sua frustração em não atingir seus objetivos — seu salário ficava sempre no piso. O que a deixava desmotivada e, por estar desmotivada, dificultava ainda mais suas vendas, em um ciclo sem fim.

Abandonei a gerência e apaguei a luz. Conferi as horas no relógio de pulso e decidi que era um bom momento para tirar meu intervalo. O expediente estava quase terminando e eu ainda não tinha saído.

Rafael estava esperando sua vez, enquanto Diana atendia uma senhora de idade. Era satisfatório observá-la vendendo. Sua lábia era perigosa até para mim, que tinha trabalhado com vendas por tantos anos. Eu me via um pouco nela, para ser honesto. Era até um pouco agressivo nos meus atendimentos. Porque era isso ou não ter dinheiro para pagar as contas de casa, então eu *precisava* ser. Eu tinha minha própria meta a cumprir: não deixava nenhum cliente sair de mãos vazias. Quase sempre conseguia cumprir.

— E aí? — me dirigi a Rafael, sobressaltando-o. — Vendendo bem?

Ele abriu um sorriso e se aproximou.

— Mais uma caneca e eu bato a meta diária.

— Humm... assim que eu gosto. Estou mesmo precisando de um celular novo, o meu logo vai morrer — provoquei, esfregando as mãos uma na outra.

— Assim é fácil, né? — ele entrou na brincadeira, rindo.

— Fácil nada, já tive que bater muita cota pra chegar aqui — sorri pra ele, abandonando o balcão. Dei um tapa em seu ombro e o entreguei o papel em que tinha escrito seus objetivos para o resto do mês. — Tá quase lá.

— Eita porra, tô é fodido — Rafael arregalou os olhos, concentrado no pequeno pedaço de papel. — Pra quê estragar minha felicidade assim?

Ri dele, balançando a cabeça em negativa.

— De grão em grão a galinha enche o papo. Continue focando na meta diária. — encolhi os ombros. — Bom, vou sair pra tirar meu intervalo. Estou com o celular, se tiverem alguma emergência.

— Belê — ele deu um sorriso desanimado.

Diana vinha em passos rápidos em nossa direção. A senhora perambulava

pela loja distraidamente.

— Vendeu o quê? — sussurrei quando ela passou por mim.

— Uma luminária — seu sorriso não escondia o quanto ela estava animada. Não era por menos. As luminárias eram os itens mais caros da loja. — Vou pegar lá no estoque.

— Calma aí — pedi, pegando seu bilhete em meu bolso.

Ela tomou de minha mão, roçando os dedos nos meus de propósito. Diana tentava disfarçar, mas de vez em quando deixava transparecer sinais aqui ou ali de que nutria alguma esperança. O que era uma coisa que eu nem cogitava. Primeiro porque jamais faria isso com Seu Augusto. Depois porque ela tinha a idade de Vênus, era um pouco estranho.

Seus olhos se iluminaram quando ela descobriu quão próxima estava de bater a meta.

— Parabéns — falei, lançando uma piscadela antes de girar nos calcanhares para sair dali.

Contornei o andar para chegar a escada rolante. Eu estava louco para comer qualquer coisa com muita carne. Não era sempre que podia me dar luxos como esse, mas se ouvisse a palavra *berinjela* pelo próximo ano, acabaria ficando louco.

Meus olhos passearam pelo caminho sem realmente enxergar.

Em momentos como aquele, em que não era preciso assumir a postura de gerente, de irmão mais velho ou de estudante, eu era apenas Júpiter. Era fácil. Quase me sentia as demais pessoas. Me permiti parar em uma loja ou outra e observar a vitrine, fingindo que minha realidade era diferente. Não era culpa de ninguém, mas ainda assim eu sempre ficava por último na lista de prioridades. Acabava passando meus irmãos na frente sem nem pestanejar. Eu sempre atendia suas necessidades primeiro e só então pensava nas minhas. Estralei os pulsos, observando os tênis casuais em uma loja de *skatista*.

Diana e Rafael moravam com os pais e trabalhavam para ter seu próprio dinheiro, assim como Vênus. Bom, na teoria. Na prática, minha irmã insistia em ajudar com uma parte das despesas. Eu fui contra, queria que ela fosse uma garota normal, sem precisar pagar pelos erros do nosso pai. Eu queria ser o único a lidar com os problemas, fazia o possível para não envolver meus irmãos em nada disso. Mas Vênus sabia como ser teimosa, até mais que eu, e acabou me vencendo no cansaço.

Eu pensava muito nisso... como devia ser trabalhar sem de fato precisar. Como devia ser viver sem que dinheiro fosse uma grande questão. A verdade é que eu tinha sido forçado a amadurecer muito cedo, e esse buraco em minha vida cobrava um preço. Na maior parte do tempo eu só seguia em frente, focado no

futuro e nos meus planos. Mas às vezes dava um passo em falso e me pegava preso em uma torrente de sentimentos esmagadores.

Ah, cara... para com isso.

Faça o dia bom.

Só hoje.

Assenti para mim mesmo, tocando a vitrine da loja com a ponta dos dedos. Eu *ainda* não tinha chegado onde queria, mas tinha a porcaria da vida inteira. Não ia ficar choramingando, em vez disso, preferia usar as cartas que tinha em mãos. Um dia, eu olharia para o passado — para esse dia em especial —, e ficaria satisfeito em constatar quanta coisa já tinha mudado.

Só faça o dia bom.

Retomei os passos, enfiando as mãos nos bolsos. Como era domingo, o shopping se encontrava apinhado de pessoas, que perambulavam de um lado para o outro em grupos. Fazia tanto tempo que eu trabalhava ali que era quase como um segundo lar. Eu conhecia o shopping como a palma da mão. Poderia chegar em qualquer lugar com os olhos vendados. Isso me trazia conforto. Meu emprego, embora estivesse longe de ser o que eu almejava, refletia meu esforço. Era uma conquista pela qual eu tinha bons sentimentos. Foi preciso muito suor até que eu virasse gerente.

Passei por um quiosque de café e inspirei profundamente, sorvendo o aroma gostoso e anotando mentalmente que passaria ali depois de comer. E então, depois de andar mais alguns passos, senti outro cheiro que me fez parar no lugar. Era floral e doce, lembrava alguma coisa. Eu só não sabia o quê...

Em uma fração de segundo, tentei buscar na memória de onde vinha. Parecia tão recente. Mas, caramba, que perfume era aquele? De onde eu o conhecia?

Uni as sobrancelhas, tentando forçar a memória, mas foi em vão. No modo automático, girei o corpo no lugar, buscando com os olhos de onde vinha aquele cheiro.

Demorei alguns minutos até focar a visão na garota curvada sobre uma das mesinhas do café, tomando uma bebida em uma taça enorme enquanto mexia no celular como se nada mais existisse no mundo. Os cabelos dourados e crespos emolduravam o rosto delicado. As sobrancelhas grossas estavam unidas e os lábios em formato de coração entreabertos.

Um a um, meus músculos retesaram.

Não acredito... É ela, porra!

A maluca do banheiro.

Permaneci parado, contemplando-a de longe. Tínhamos dividido o mesmo espaço por pouquíssimos minutos, mas eu tinha certeza que era ela.

Certeza absoluta.

Esfreguei as palmas das mãos na calça e, de repente, me vi sem saber o que fazer. Parecia errado simplesmente abordá-la, sem mais nem menos, levando em conta a maneira, hum... *nada convencional* como nos conhecemos. Mas eu também não queria perder a chance. Quem sabe se acabaríamos topando um com o outro de novo?

Dei um passo à frente, tentando bolar uma forma de puxar assunto sem assustá-la. Imerso em meus próprios pensamentos, fui surpreendido quando, em um rompante, ela ergueu o rosto e o olhar veio parar direto no meu. Como se o tempo tivesse ficado mais devagar, consegui medir cada uma de suas reações. As sobrancelhas arquearam levemente e os olhos ficaram redondos como moedas.

Engolindo em seco, ela começou a abaixar a taça em câmera lenta, sem desviar o olhar do meu. Sua expressão era uma mistura engraçada de choque e vergonha. Como se esperasse não me encontrar nunca mais na vida. Eu também não achava que nos esbarraríamos de novo, ainda mais em um intervalo de tempo tão pequeno. Mas a vida tinha dessas coisas.

Ainda sustentando o olhar, percebi que ela começava a empurrar a cadeira com os pés. Em movimentos sutis, de quem fazia o possível para não deixar transparecer o pânico. Me senti em um filme de ação, onde dois personagens precisam correr para alcançar uma arma. Mas não tinha arma nenhuma. Era só eu e ela. E eu nem tinha feito nada para ela estar assim. Na verdade, eu é quem deveria sair correndo. Isso se não fosse o fato de que cada pedacinho de mim queria seguir adiante e percorrer a distância entre nós.

E foi exatamente o que fiz.

Sem pensar muito, comecei a andar em sua direção, movido pelo pressentimento de que ela estava se preparando para fugir. A cor se esvaiu de seu rosto e ela parou de tentar disfarçar, confirmando minhas suspeitas quando praticamente pulou para fora da cadeira e desatou a correr.

Como assim...?

Segui seus passos, decidido a não deixá-la escapar uma segunda vez. Não sabia ao certo o porquê, mas queria pelo menos saber seu nome, ou sei lá. Ainda não tinha parado para refletir direito.

Pela direção em que se dirigia, deduzi que pretendia usar os elevadores. A cada dois passos, a maluca olhava por cima do ombro, me procurando. Mas, como eu conhecia o shopping bem o bastante, peguei um atalho, ficando fora do seu campo de visão.

Ela esmurrou o botão, como se eu fosse o próprio Jason correndo atrás dela com um machado. Esperei o elevador chegar, para que ela não tivesse chance de escapar pelas escadas de emergência. Assim que entrou, apertei o

passo e consegui colocar o braço na estreita fenda que faltava para a porta metálica fechar completamente. Ela travou e recuou, revelando a garota, que se apertava contra a parede oposta, como se esperasse ser engolida e desaparecer.

Dei um passo adentro, assentindo com alívio. Soltei um suspiro, sem desviar o olhar das íris marrons que me encaravam com pavor. Eu tinha conseguido por pouco. Observei com certo prazer suas bochechas coradas de vergonha e pensei que estávamos quites, já que eu também não tinha me sentindo tão confortável assim em nosso breve encontro. Além do mais, o rubor a deixava ainda mais bonita. E eu não podia negar o quanto gostava de provocar as pessoas.

— Ninguém te ensinou que é falta de educação sair correndo depois de espiar uma pessoa no banheiro? Você precisa, pelo menos, dizer um olá, sabe? É de bom tom. — me ouvi dizendo, mais petulante do que tinha planejado.

A garota pestanejou, perplexa, e abriu a boca para responder. Ela parecia do tipo que responderia na lata, e eu estava ansioso por isso. Mas antes que pudesse ser agraciado por sua voz, a luz do elevador apagou, fazendo-a arquejar sonoramente.

Oh, merda. Essa era a razão pela qual eu nunca usava os elevadores — quebravam quase toda semana. Desde que comecei a trabalhar ali, já tinha ouvido várias histórias de pessoas que ficaram presas por horas. E como eu não almejava ser o próximo, acabava recorrendo as escadas rolantes.

Como resposta aos meus pensamentos, o elevador deu um solavanco e parou no lugar. Antes que eu entendesse o que estava acontecendo, senti unhas cravando no meu antebraço com força e fisguei o lábio inferior para não rir da ironia.

Quero dizer, o universo claramente estava brincando com a gente. Primeiro a maluca me flagrava no banheiro e agora isso?

Bom, eu não sabia ela, mas eu certamente me importaria nem um pouquinho em ficar preso ali pelas próximas horas.

Esse é um conto exclusivo de “Sol em Júpiter”. Compre [aqui](#) e conheça o restante da história.



Sinopse: Sol Leão tem uma vida invejável.

Bonita e autoconfiante, ela mora em um apartamento de frente para a praia e seu canal no YouTube, Delírios de Juba, acabou de atingir a marca de 6 milhões de inscritos. Para completar, acaba de ser pedida em casamento pelo homem dos seus sonhos. Mas será que seus dias são tão perfeitos quanto parecem ser nos vídeos e nas fotos do Instagram?

Em um momento catastrófico, Sol conhece Júpiter, um rapaz de sorriso fácil e olhos incrivelmente azuis. Com o coração balançado, ela começa a questionar a vida que tem levado até agora e a imagem que se sente obrigada a manter para seus fãs. Quando, durante uma transmissão ao vivo para milhares de pessoas, Sol faz uma terrível descoberta, ela vê a muralha que tinha construído ao seu redor desmoronar e é obrigada a encarar medos e inseguranças do passado. Ainda bem que Júpiter está ali, com suas covinhas irresistíveis, para ajudá-la a encontrar forças dentro de si e dar a volta por cima, mostrando que a vida pode, sim, ser leve, mesmo quando o universo parece querer provar o contrário.

Sobre a autora



LOLA SALGADO ACREDITA FERVOROSAMENTE QUE o sushi foi a melhor invenção da humanidade. Paranaense, ela gosta dos dias mais frescos, de café amargo e de histórias que mexem com seus sentimentos. Está em um relacionamento sério com os livros desde que se entende por gente e escreve porque alguém certa vez lhe disse que é assim que se faz magia.

Escorpiana nascida em novembro de 1993, Lola publicou seus primeiros livros na plataforma Wattpad, onde ganhou o prêmio internacional Wattys com uma de suas obras. Na Amazon, seus livros ultrapassam 10 milhões de leituras.



Me acompanhe nas redes sociais:

[Instagram](#), [Facebook](#), [Twitter](#).

Conheça meus outros trabalhos:

[Amazon](#).

Não se esqueça de escrever uma avaliação, ela é muito importante para mim!

^[1] Big Chope é uma expressão em inglês que significa “grande corte”. É a parte da transição capilar em que a parte alisada do cabelo é cortada, restando apenas o cabelo sem química.

Table of Contents

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Júpiter em Sol \(um conto exclusivo de Sol em Júpiter\)](#)

[Sobre a Autora](#)